GARCIA DE ORTA

COLLOQUIOS

DA INDIA

53925

53925

1872

Δ 53925

53925-

COLLOQUIOS DA INDIA

POR

GARCIA DE ORTA

«Etenim multarum plantarum meminit (G. de Horta vir sanè doctissimus) quæ à veteribus haud quaquam descriptæ sunt; atque etiam de iis aromatibus agit, quæ veteribus quidem descripta, at non satis perspecta fuere.»

C. Clusius.

COLLOQUIOS

dos

Simples e drogas

e

COUSAS MEDICINAES DA INDIA

E ASSI DE ALGUMAS FRUCTAS ACHADAS NELLA

(Varias cultivadas hoje no Brazil)

COMPOSTOS

PELO

Doutor Garcia de Orta

Physico d'ElRei D. João 3.º

2.ª EDIÇÃO

Feita, proximamente pagina por pagina, pela primeira, impressa em Goa por João de Endem no anno de 1563

LISBOA: NA IMPRENSA NACIONAL

1872

Á ACADEMIA IMPERIAL DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

SENHORES:

O haver-me sido generosamente emprestado pela direcção da Bibliotheca Imperial d'esta Côrte um exemplar que ella possue do famoso livro de Garcia d'Orta, dado á luz em Goa em 1563, e do qual hoje talvez se não encontrem por todo o orbe uma duzia de exemplares, me permittiu entregar-me com vagar ao seu estudo, e me deu a idéa de preparar esta edição.

Se por ella suspira ha tanto tempo Portugal, com maior rasão será ella apreciada pelos paizes entretropicos que têem por propria a lingua portugueza, e muito principalmente pelo Brazil, em cujo litoral são tão conhecidas não só as mangueiras,os coqueiros, e as jaqueiras, como a arvore da canella, do cravo, das carambolas, dos jambos, dos tamarindos, e até a planta trepadeira que produz a pi-

menta negra, ainda por alguns denominada impropriamente *do reino*.

A circumstancia de haver sido o autor d'este livro mui protegido por um dos primeiros donatarios do Brazil, Martim Affonso de Sousa, e ao mesmo tempo a lembrança dos serviços que essa corporação tem prestado, e a idéa de que os seus socios poderão aquilatar devidamente os meritos d'este livro, me inspirou o pensamento de vol-o dedicar, como faço, pedindo, senhores, para elle todo o favor e boa acolhida, e para o editor toda a vossa indulgencia.

F. Ad. de Varnhagen.

PROLOGO D'ESTA EDIÇÃO

É o livro de Garcia d'Orta, que hoje reproduzimos, tão conhecido que fôra quasi um attentado, contra a reputação de que já gosa, qualquer projecto de elogial-o. A primeira edição delle foi publicada em Goa em 1563, com o titulo seguinte, que transcrevemos fielmente:

¶ Coloquios dos ſimples, e drogas he couſas mediçinais da India, e aſsi dalgũas frutas achadas nella onde ſe tratam algũas couſas tocantes amediçina, pratica, e outras couſas boas, pera ſaber cõpoſtos pello Doutor garçia dorta: fiſico del Rey noſſo ſenhor, viſtos pello muyto Reuerendo ſenhor, ho liçençiado Alexos diaz: falcam deſenbargador da caſa da supricaçã inquiſidor neſtas partes.

¶ Com priuilegio do Conde viſo Rey.

Impreſſo em Goa, por Ioannes de endem as x. dias de Abril de 1563. annos.

Quatro annos depois de publicado o mesmo livro, em 1567, appareceu delle em Antuerpia um methodico[1] resumo em latim, que fez logo o nome e obra do autor conhecidos por toda a Europa. O redactor desse resumo Carlos de l'Écluse (mais conhecido sob o nome de Clusius) recommendou-o nestas poucas palavras: «Scripsit Doctor Garcia ab Orta... medicus, librum de iis plantis et aromatibus quæ *longa cura* et diligenti studio apud Indos (ubi triginta amplius annis medicinam fecit) observavit».

Essa edição se repetiu por vezes, nesse mesmo seculo, em 1574, e mais acrescentada em 1579, 1582, 1584, 1593 e 1595, e veiu depois a fazer parte da grande collecção *Exoticorum* publicada, in folio, pelo mesmo Clusio em Anvers no anno de 1605 com muitas estampas.

Do latim a passou ao italiano Annibal de Briganti (de Chieti) em 1576, tendo esta traducção, pouco depois, novas edições em 1582, 1589 e 1616.

Seguiu-se a compilação que, tendo presentes os trabalhos de Clusio, della publicou em lingua castelhana em 1578 (em Burgos) o celebrado dr. Christovão da Costa, mais conhecido por Christobal Acosta, segundo elle proprio se denomina, como se vê do seguinte titulo do livro, fielmente copiado:

[1] «In Epitomem contraxi, paulò forsitan commodiore ordine singula disponens, quam antè fuerant; atque nonnulla etiam rejiciens quæ non multum ad rem facere vi debantur. Nam cùm singulis ferè simplicibus suum dialogum adscripserit, & ordinem alphabeticum sequutus sit noster auctor; multa illum suo loco haud aptè reponere, & pleraque repetere necesse fuit, ut ferè in dialogis contingere solet.

CLUSIO.

T R A C T A D O

De las Drogas, y medicinas de las Indias Orientales, con ſus Plantas debuxadas al biuo por Chriſtoual A coſta medico y cirujano que las vio ocularmente

En el qual se verifica mucho de lo que eſcriuio el Doctor Garcia de Orta

Dirigido a la muy noble y muy mas leal ciudad de Burgos cabeça de Caſtilla y camara de ſu Magestad.

EN BVRGOS

Por Martin de Victoria impreſſor de ſu Magestad

M. D. LXXVIII.

Con Priuilegio

Tem ao todo XXIV — 448 — 38 (indice) paginas, (sendo a XVI[a] occupada pelo retrato do autor) e mais uma com o seguinte colophão:

EN BVRGOS

Por Martin de Victoria impreſſor de ſu Magestad

M. D. LXXVIII.

Na propria India portugueza havia este autor rectificado algumas duvidas de Orta, e viu pessoalmente varias plantas, cujos desenhos[1] em numero de quarenta e tantos, publicou na sua compilação, e foram reproduzidos em uma traducção latina que logo publicou em 1579 da mesma compilação

1 Canella, pimenta negra, cravo, noz moscada, macer, pavate, galanga, tamarindo, banana, páo da China, datura, faufel, ber, aloe, arvore triste, dita dos duriões, herva viva, dita mimosa, carambola, açafrão, gengibre, jaca, jambos, negundos, nimbo, ambares, spodio, pinhões de Maluco, manga, charameis, cajús, herva de Maluco, pao de cobra, moringa, ananases, sargaço, carcapuli, bangue, calamo aromatico.

o dito Clusio, e que foi reimpressa em 1582, 1593 e 1597; e tambem n'outra italiana, que da mesma compilação publicou em Veneza, em 1585, Franc. Ziletti, em um bello volume in 4.º com as mesmas estampas.

Esta compilação foi tambem comprehendida pelo dito Clusio na mencionada collecção *Exoticorum* em 1605, e d'ahi a quatro annos, em 1609, a publicou em francez, pelo texto de Clusio (com algumas estampas mais), o boticario Antonio Colin, fazendo segunda edição dez annos depois[1].

Em todas estas compilações foi abandonada a ordem alfabetica e o methodo dialogal, que, para alguns, haverá desrecommendado o livro de Orta, apezar de ser o dialogo tão bem dirigido.

Das idéas de Orta se aproveitou ainda, em 1572, João Fragoso[2]; e no seculo immediato (1642) publicou acerca do seu livro Jacob Boncio algumas observações em latim.

Estas compilações mais ou menos methodicas e correctas, em tantas edições e em varias linguas explicam mais que sufficientemente um facto, a que muitos até agora não podiam attingir: — a principal razão por que não se fez urgente a reproducção do original de Garcia d'Orta. — Não deixariam porém tambem de haver concorrido á falta de novas edições as difficuldades materiaes para as realisar (ainda sem contar a da escacez dos exemplares existentes), difficuldades que palpámos sensivelmente depois que nos lançámos á empreza desta edição.

Com effeito: nenhum caixista se atreveria a lançar-se á composição tendo por original a edição antiga, sem orthographia e sem pontuação, e com vinte paginas *compactas* de erratas, depois das quaes *por*

[1] *Traicté de Christophe de la Coste*, Lyon, 1619, 8.º pequeno.
[2] Publicado em latim por Israel Spach, Strasburgo, 1600.

quebra accrescenta o auctor: «*Outros muytos erros* ha n'este livro, que ho Autor aqui na (sic) poem, porque por estes se tiraram os outros». Seria pois impossivel a qualquer livreiro o fazer uma tal edição, sem o auxilio do estudo previo e trabalhos preparatorios de algum editor, mais ou menos intelligente. Era essencial começar por corrigir as erratas confessadas; copiar o livro todo; cotejal-o; e por fim lêl-o de novo, e estudal-o, para o regularisar na orthographia e na pontuação, e para o expurgar das erratas não confessadas. Tudo isto não podia ser obra de um especulador leigo, senão de um editor de consciencia, e munido de muita paciencia, preparando-se com algum estudo d'esta especialidade, e das obras dos antigos.

O publico ajuizará se desempenhámos bem ou mal a tarefa que, á falta de melhor obreiro, tomámos a nosso cargo. Para mais lhe facilitar o cotejo com a antiga edição é a nossa reproducção feita de modo que, por via de regra, corresponde pagina por pagina com a edição antiga.

Não espere que lhe offereçâmos com o livro muitas notas recheadas de erudição. Nem a temos nós sufficiente das cousas da Asia, nem das da medicina asiatica; nem cremos que taes notas se requerem em um livro, cujas doutrinas, verdadeiras e erradas, são muito conhecidas pelos textos resumidos que d'elle se publicaram em varias linguas.

Facil nos fôra entretanto reproduzir algumas do compilador Christovão da Costa, ou do traductor Clusio que até o anno de 1609 em que falleceu, com mais de 83 annos de idade, não deixou de proseguir aperfeiçoando e corrigindo a primeira publicação.

Podéramos tambem facilmente juntar ás plantas os seus nomes botanicos; valermo-nos dos auxilios

da Flora de João de Loureiro e outros, e declarar em notas os erros do auctor quando, v. gr., pensava que o diamante não podia ser atacado pelo fogo, etc. Entendemos que taes notas, além de menos essenciaes, só podiam ser devidamente emprehendidas por quem se houvesse dedicado especialmente ao conhecimento das plantas e productos da Asia, e de tudo quanto hoje a tal respeito se tem escripto.

Contentámo-nos pois com os mais essenciaes estudos preparatorios para a edição, os quaes nos obrigaram entretanto a colleccionar e fazer o conhecimento, não só das traducções de Clusio, Briganti e Acosta acima mencionadas, como até das obras de Galeno, Avicena, Serapio, Mesue, Mathioli, Ruellio, Guainerio, Matheus Silvatico, André Laguna e outras, para verificar muitas referencias do nosso auctor. Eram todas obras para nós novas, mas não nos pêza haver feito o conhecimento de algumas. Tanto é certo que não ha livro de auctor de merito, de cuja leitura não resulte sempre algum beneficio.

Se bem que, até certo ponto, esta obra póde considerar-se, na parte que respeita ás plantas exoticas cultivadas no Brazil, como um complemento da de Gabriel Soares, a que votámos tão particular estudo, não temos nenhuma idéa de que ella vá servir ao progresso das sciencias, mas unicamente á sua historia, e ainda mais á da litteratura da nossa lingua. Assim nem sequer pediremos venia para o auctor, quando á maneira dos antigos, adopta para os medicamentos a classificação, que melhor se encontra explicada em Mathioli, ainda no seu tempo admittida nas universidades, não só de Salamanca e de Lisboa (logo de Coimbra), mas de toda a Europa, de medicamentos seccos ou humidos, quentes em tal ou tal grau, etc.

Concentrámos porém o nosso maior cuidado a reproduzir, tão fielmente como podémos, o livro de Garcia d'Orta, apresentando uma edição mais correcta, e com orthographia e pontuação regular. Os erros da primeira edição são tantos, que se podia suspeitar que o auctor entregára aos caixistas o seu manuscripto, sem rever nenhumas provas.

E com effeito as erratas confessadas, nas vinte mencionadas paginas compactas, não são nem metade das que se notam no livro; mas ás vezes servem, como diz o auctor, a guiar o editor para as correcções. Assim v. gr. se encontra no livro mais de vinte vezes a palavra *tamarinhos* por *tamarindos,* mas por duas vezes que o auctor manda na fé de erratas substituir esta palavra áquella, se vê que elle a preferia; á vista do que se corrige em todos os outros logares; bem que *tamarinhos* se devia dizer em Goa, á vista do nome *tamarinheiro* (que ainda hoje conservamos) dado á arvore que de lá nos veiu.— Da mesma maneira o dizer o auctor algumas vezes *triaga* fez-nos adoptar esta palavra em vez de *tiriaca* e *triaca;* e o encontrarmos varias vezes como feminina a palavra *arvore,* nos deve fazer crer que o apparecer ella outras vezes como masculina se deve antes attribuir a descuido e impericia do typographo noviço, ou do proprio auctor, que havendo estudado em Salamanca e Alcalá se acostumaria a fazel-a masculina, como em castelhano. Aproveitando-nos das vezes que o auctor chama *Serapio* ao traductor de Dioscorides, assim o escrevemos sempre, e não Sarapio, Sarapião, Serapião, etc. E assim outros nomes mais. Não se estenderam porém estas nossas pequenas liberdades a tocar no que era constante da parte do auctor; e assim dizemos sempre como elle *diamam*

e não *diamante*, como ora dizemos; mas não julgamos essencial escrever *Espanha, esprital, estamago* e quejandos.

Além de muitos erros typographicos (tantos que, pela rasão que dá o licenciado Dimas Bosque, talvez desde a invenção da imprensa não haja saido dos prelos livro que proporcionalmente os conte em maior numero) tem a primeira edição outro grande defeito. As paginas são compactas, e os dialogos não vão separados, e começam ás vezes em linha seguida; o que causa ao leitor confusão e cansaço. Este defeito não se encontrará n'esta segunda edição; e foi para conseguil-o que, em certas paginas, algumas palavras passam para a precedente ou á seguinte, afastando-nos da edição original.

Obedecendo á propria recommendação do auctor, collocamos na competente ordem alphabetica o capitulo do *Betre* (ou *Béthle*), que por descuido ficára na primeira edição fóra d'ella. Como n'essa primeira edição salta-se do colloquio 54 *(Do Thure)* ao 56 *(Da Tutia)*, poderamos talvez ter chamado 11.º a esse colloquio *do Betre*, alterando a ordem dos colloquios seguintes até o dito 56; mas como isso envolvia uma modificação notavel no livro, por ventura em prejuizo da busca de alguma citação já a elle feita, preferimos conservar a dita ordem com o mencionado salto, chamando antes colloquio *10 bís* ao em que trata do Bétre, deixando somente para o *additamento* a parte final do mesmo colloquio, que trata de assumptos differentes.

Notam-se no estylo de Garcia d'Orta frequentes incorrecções e redundancias; mas essas mesmas faltas farão o leitor conhecer mais de perto o illustre escriptor que, havendo passado á India em 1534, como elle proprio diz, veiu a publicar já na velhice

o seu livro, por meio do qual revelou n'aquelle seculo á Europa muitas verdades, que a mesma Europa ignorava, ou conhecia apenas por menos averiguadas informações dos escriptores gregos e arabes e seus commentadores, os quaes foram todos chamados a depor em juizo pelo espirito analytico do observador portuguez. Seja-nos permittido transcrever aqui algumas linhas que o nosso amigo o sr. Innocencio, de cuja intervenção nos valemos para effectuar esta edição, remettendo-nos, folha por folha, pelo correio a Vienna d'Austria a ultima prova, para nossa revisão, consagra em seu precioso *Diccionario bibliographico* ao nosso auctor:

«São os *Colloquios* um livro estimavel por diversos respeitos e dos que mais honra fazem á nação portugueza, pelo haver produzido. Monumento da intelligencia, e fadigas do seu benemerito auctor, n'elle appareceram a *primeira e mais exacta* descripção da cholera morbus epidemica (como bem observa o dr. Lima Leitão), e varias outras egualmente notaveis, e importantes de plantas orientaes, até então desconhecidas. É sem duvida grande desar para nós que se não fizesse até agora uma nova edição d'esta obra, etc.»

Copiemos tambem aqui as seguintes palavras do prologo de Christovão Acosta, na compilação mencionada, que publicou em Burgos em 1578:

«..... .....
y encontré en las Indias Orientales con el Doctor Garcia de Orta, medico Portugues, y varon grave, de raro e peregrino ingenio: cuyos loores dexo para mejor occasion por ser tãtos, que quando pensasse aver dicho muchos, serian mas los que me auria dexado. El qual cõpuso en aquellas partes de la Asia vn libro en lẽgua Portuguesa, intitulado «Colloquios

de los simples, y drogas, y cosas medicinales de la India, y de algunas fructas que por aquellas partes se crian». Y assi como su obra trata de diversas medicinas y plantas y otras cosas pertenecientes a la salud humana, assi tambiẽ trata de otras, que son inutiles, y sin algun provecho para ella: siendole forçoso tratallas, por seguir el estilo de Dialogos: do los que hablan, suelen divertirse, y derramarse fuera de lo que toca a su principal proposito, no se dexando de hallar a cada passo muchos errores, que aunque la buena fama, y autoridad del Autor nos persuadan no ser suyos, sino del descuydo de los impressores (que en aquella ciudad de Guoa, donde el escriuio no se hallã tan limados como por estas partes) no dexan de causar molestia, y dar enfado al que los lee.» Etc.

Esperâmos que a leitura d'este livro concorrerá a despertar, tanto ao governo do Brazil, como ao de Portugal, a idéa de destinar a percorrer o Oriente algum vaso de guerra, acompanhado de um bom jardineiro, a recolher vivas e a introduzir no paiz muitas plantas tropicaes que ainda não se cultivam no Brazil nem nas colonias portuguezas de Africa. No Brazil será isso facilimo, e bastará que o ministro da marinha ordene que seja á roda do mundo, em vez de ser á Europa, a primeira viagem de instrucção que se faça. Além de muitas plantas medicinaes de grande proveito no commercio, ainda nos faltam muitas fructas saborosas da Asia, que dariam perfeitamente entre nós; começando pelos mangustans, e seguindo-se os duriões, etc.

F. Ad. de Varnhagen.

Vienna, 1872.

DEDICATORIA DO AUCTOR

Ao muito illustre senhor Martim Affonso de Sousa do conselho real, Senhor das villas d'Alcoentre e Otagarro, seu creado o doutor Orta lhe deseja perpetua felicidade e immortal fama para seus descendentes.

É approvada de todos a sentença de Salustio, em que encommenda aos homens que trabalhem em exceder e ter preeminencia sobre os outros animaes, e não passem a vida em silencio, como fazem os brutos, que não têem mais cuidado que de comer e beber. Conforme a esta sentença é o commum dito de todos que não somos menos obrigados a dar rasão e conta do ocio que do negocio; e por esta causa dizia Catão Censorino que das cousas de que havia de fazer penitencia era de passar algum dia, por esquecimento, sem fazer obra alguma; e d'aquelle famoso pintor Apelles se conta que não passava dia algum sem deitar linha. E certamente que os que assim passam a vida, e com tanta preguiça, adormecem as forças do corpo e da alma, e não deixam, aos que hão de vir depois, mostra alguma de seus trabalhos (como fazem os brutos animaes) não se podem chamar homens, pois têem pouca differença

dos brutos, e por esta causa, senhor, sou eu digno de grande reprehensão, porque estando n'essa terra trinta annos nunca deixei fructo algum para aproveitar aos mortaes com alguma escriptura; porque aos que Deus dotou de tanta perfeição e excellencia que fizessem feitos tão heroicos por onde os outros escrevessem d'elles, como v. s.ª fez em estas partes e em outras, não têem necessidade de escrever, pois a fama immortal os celebra.

Oh quem poderá, ill.mo sr:, tornar-se Homero ou Virgilio para escrever vossas grandes façanhas, para com isto deixar fructo de mim aos vindouros. Mas, poisque a fortuna isto me negou, e fui admoestado e reprehendido d'esta ociosidade, da qual tambem fui accusado de alguns que esta terra governaram, e porque o vosso conselho é mandado para mim, determinei de fazer este breve tratado; mas temia o ocioso povo e mordaces linguas, por onde o tratado tinha necessidade de ir arrimado a quem o defendesse d'ellas, assim como fazem os experimentados agricultores que, querendo plantar algumas delicadas plantas, as arrimam a algumas fortes arvores para que as defendam dos tempestuosos ventos e fortes chuvas e asperas geadas, assim quiz eu plantar esta fraca planta debaixo do amparo de V. S.ª, do qual será defendida de toda a mór parte do mundo, pois a vossa fortaleza é tão conhecida, não sómente pelas tres partes do mundo, mas pela outra quarta, que agora os cosmographos accrescentam, e não tão sómente sois por vossa fortaleza, tão temido n'estas partes, mas, por vossa benignidade e outras graças que o Senhor Deus vos dotou, sois amado.

Bem podeis senhor defendel-o do invejoso povo aquelle a quem até o presente criastes, ajudastes e

favorecestes, e finalmente lhe destes o nome de vosso; com o qual nome será este livro temido dos invejosos, e amado dos bons e curiosos da verdade. E não é muito de amparardes este meu Tratado; pois é de vosso creado, e n'elle se dizem cousas que me ensinastes, e outras que eu aprendi na vossa escola militar e cortezã.

Bem podera eu pôr este Tratado em latim como o tinha muitos annos antes composto, e fôra a V. S.ª mais aprazivel; pois o entendeis melhor que a materna lingua; mas transladei-o em portuguez, por ser mais geral, e porque sei que todos que n'estas indianas regiões habitam, sabendo a quem vae intitulado, folgarão de o ler. Ora pois ampare-o e defenda-o; pois á sua casa o mando para ser emendado.

Deos prospere o illustre estado de V. S.ª, e por longos annos accrescente, com honrosos titulos como deseja.

DO AUCTOR FALLANDO COM O SEU LIVRO, E MANDANDO-O AO SR. MARTIM AFFONSO DE SOUSA

Seguro livro meu, d'aqui te parte,
Que com uma cousa justa me consolo
De ver-te offerecer o inculto collo
Ao cutello mordaz em toda a parte:
Esta é que d'aqui mando examinar-te
Por um Senhor, que, de um ao outro pollo,
Só n'elle tem mostrado o douto Apollo
Ter competencia igual co' duro Marte:
Ali acharás defensa verdadeira,
Com força de rasões ou de ousadia;
Que uma virtude a outra não derroga;
Mas na sua fronte ha palma e oliveira,
Te dirão que elle só de igual valia
Fez co' sanguino arnez a branca toga.

AO CONDE DE REDONDO

VISO-REI DA INDIA

LUIZ DE CAMÕES

Aquelle unico exemplo
De fortaleza heroica e de ousadia,
Que mereceu no templo Eternidade[1]
Ter perpetuo dia,
O gram filho de Thetis, que dez annos
Flagello foi dos miseros Troianos:
Não menos ensinado
Foi nas hervas e medica noticia
Que dextro e costumado
No soberbo exercicio da milicia;
Assi que as mãos que a tantos morte deram
Tambem a muitos vida dar poderam.
E não se despresou
Aquelle fero e indomito mancebo
Das artes que ensinou

[1] «Templo da Eternidade» não poderia ser escripto por Camões, com erro flagrante de metro. Nas differentes edições das rimas do poeta lêem-se este e o verso immediato emendados como se segue:

«Que mereceu no templo
«Da Fama eterna ter perpetuo dia.» — (*V.*)

Para o languido corpo o intonso Phebo;
Que se o temido Heitor matar podia
Tambem chagas mortaes curar sabia.
Taes artes aprendeu
Do semiviro mestre e douto velho,
Onde tanto cresceu,
Em virtude, sciencias e conselho,
Que Telepho, por elle vulnerado,
Só d'elle poude ser despois curado.
Pois, ó vós excellente
E illustrissimo Conde, do ceo dado
Para fazer presente
De heroes altos o tempo já passado,
Em quem bem transladada está a memoria
De vossos ascendentes a honra e gloria:
Posto que o pensamento
Occupado tenhaes na guerra infesta,
Ou do sanguinolento
Taprobanico Achem, que o mar molesta,
Ou do Cambaico oculto imigo nosso,
Que qualquer d'elles treme ao nome vosso:
Favorecei a antiga
Sciencia, que já Achiles estimou:
Olhai que vos obriga,
Vede que em vosso tempo se mostrou
O fructo d'aquella horta, onde florescem
Prantas novas, que os doutos não conhecem.
Olhai que em vossos annos,
Produz uma *horta* insigne varias hervas
Nos campos lusitanos;
As quaes aquellas doutas e proteryas
Medéa e Circe nunca conheceram;
Posto que as leis da magica excederam.
E vede carregado
D'annos, letras e longa experiencia

Um velho, que, ensinado
Das Gangeticas Musas na sciencia
Podaliria[1] sutil e arte silvestre,
Vence o velho Chiron, de Achiles mestre:
O qual está pedindo
Vosso favor e ajuda ao gram volume,
Que agora, em luz saindo,
Dará na Medicina um novo lume,
E descobrindo irá segredos certos
A todos os antigos encobertos.

Assi que não podeis
Negar (como vos pede) benigna aura;
Que se muito valeis,
Na polverosa guerra indica e maura,
Ajudai quem ajuda contra a morte;
E sereis semelhante ao Grego forte.

1 Sciencia *podaliria*, ou de Podalirio. *(V)*.

DO LICENCIADO DIMAS BOSQUE, MEDICO VALENCIANO

AO LEITOR

Commum doutrina foi de todos philosophos, prudente leitor, os homens por causa e rasão dos proprios homens serem nascidos e de seu proprio nascimento terem obrigação de aproveitar aos outros: isto sentia o divino Platão, quando dizia não ser nascido o homem para si só, mas tambem para sua patria e amigos; e aindaque os homens, cumprindo com sua humana inclinação, aproveitando-a os outros, façam aquillo para que naturalmente foram gerados, comtudo se lhes deve muito; pois, não receando trabalhos, poseram suas forças em descobrir a verdade, tirando a nevoa e véo que impedem os humanos intendimentos no perfeito conhecimento d'ella; e, o que mais é para arrecear, sujeita-se á opinião de tantos e tão diversos pareceres. E verdadeiramente que se os que vivemos aos passados devemos muito, por seus trabalhos se interessarem a nosso proveito, não podemos negar esta obrigação é devida ao dr. Garcia d'Orta, cuja curiosidade

e trabalhos n'este livro se vê claramente quanto proveito e fructo o curioso leitor, que com animo repousado e despido da mordaz inveja os quizer ler, alcançará. Force tambem a autoridade do autor, aos que este seu livro lerem, ter as couzas d'elle na conta e estima que ellas merecem; pois são de homem que, do principio da sua idade até autorisada velhice, nas letras e faculdade da medicina gastou seu tempo, com tanto trabalho e diligencia, que duvido achar na Europa quem em seu estudo lhe fizesse vantagem; saíndo ensinado nos principios da sua faculdade das insignes universidades de Alcalá e Salamanca; trabalhando de communicar o bem da sciencia, que nas terras alheias tinha alcançado com sua propria patria, lendo nos estudos de Lisboa por alguns annos, com muita diligencia, e exercitando-se na cura dos doentes até vir a estas partes da Asia, onde por espaço de trinta annos, curando muita diversidade de gentes, não somente na companhia dos viso-reis e governadores d'esta oriental India, mas em algumas côrtes de reis mouros e gentios communicando com medicos e pessoas curiosas, trabalhou de saber e descobrir as verdades das medicinas simples, que n'esta terra nascem, das quaes tantos enganos e fabulas não somente os antigos, mas muitos dos modernos escreveram, e o que elle, por tantos annos e por tão diversas partes alcançou quiz que o curioso leitor em uma hora n'este breve tratado visse e entendesse; o qual teve começado em lingua latina, e por ser mais familiar a materia de que escrevia, por ser importunado dos seus amigos e familiares, para que o proveito fosse mais communicado, determinou escrevel-o na lingua portugueza, a modo de dialogo; e isto causa algumas vezes apartar-se da materia medicinal e tratar de

algumas couzas, que esta terra tem dignas de serem sabidas. Não poz seu trabalho em estylo elegante, nem em palavras rhetoricas aprasiveis ás orelhas; tratou puras verdades com puro estylo; porque isto só á verdade basta. Teve na impressão alguns erros, por faltar o principal impressor e ficar a obra em mãos de um homem, seu companheiro, que não era ainda mui destro na arte de imprimir, e pouco corrente no negocio de impressão.

Receba pois o discreto leitor o fructo que d'esta horta de simpres e fruitas da India o dr. Garcia d'Orta lhe offerece, para que, satisfazendo com o animo grato a seus trabalhos, tenhamos ousadia seus amigos de o importunar para que em couzas maiores e de mais quilates se occupe. Em Goa aos 2 de abril de 1563 annos.

Praestantissimo doctori Thomae Roderico, in conimbricensi academia medicorum primo Dimas Bosque, medicus valentinus S. P. D.

Simplicium medicamentorum originem et facultates artificiòse Dyoscorides Anazarbœus descripsit, sed Graecorum more graeca brevitate usus, plantarum historiam alioqui amplissimam, obscuram fecit, et earum virium cognitionem obscura dicendi norma difficilem reddidit.

Copiose etiam Galenus, sed multa in multis desiderantur, si recte quae de ipsis scripsit, contemplemur, aut quae ab ipso incognita relinquantur, aut quia earum vires index omnium rerum tempus non adhuce demonstraverat. Arabum relinquamus doctrinam, allucinantur, enim passim in simplicibus describendis, et ita rem hanc tractantes in limine cespitant, ut vix ex eorum dictis certum aliquid colligi possit, cui et nostram fidem et aegrorum salutem comittere valeamus. Multa nostra tempestate multi scripserunt, sed de iis quae in orientali India nascuntur hactenus incognita, nunc autem lusitanorum navigatione notissima sigmenta narrant ridicula. Sunt qui ebur fossile dicant, alii verum non repi-

riri: cum tanta ejus in hac regione copia sit ut Invictissimus Lusitanorum et Indiarum Rex Sebastianus non regiae domus solum summa fastigia (ut de Apoline dicebat Ovidius) tegere possit, sed amplissimam civitatem ex nitidissimo ebore constuere valeat. Alü de Espodio diversa dicunt de ipsius natura inter se discrepantes cum inter nos notissimum sit et ingentem ejus quantitatem ex insulis Maluchiis quotidie videamus, et parem copiam in montibus nobis vicinis reperiamus, in quo cuncta quae de ipso escripta sunt, lucidissime discernuntur.

Omitto quae de radice *Cinae* dicant in altissimis montibus nasci, et à ferocissimis animalibus venenatis que serpentibus custodiri, nulla enim Cinae regionis in litoribus pars reperitur, quae hac radice non sit referta, sed distantiae loci et incognitae regionis ignorantia facile viros alioqui doctissimos a manifestissimis erroribus et ridiculis fabulis excusabit, nam simplicium historiam depingere volentes herbas nascentes intueri debent, adolescentiam earum contemplari, et florum ornatum atque varietatem respicere, et tandem maturitatis tempus cognoscere, ut diversas ipsarum mutationes per aetates intellectas possint inter veritatis limites collocare: quod ego de te intellexi doctor amplissime cum in florentissima Conimbricensi Academia medicae facultatis praeceptis de docente operam dabam, curabas enim agrestes herbas ex silvestribus montibus, en domesticum hortum deduci: ut ipsas nascentes, adolescentes, floribus refertas et tandem maturas cognosceres: te etiam in iis perpetuum habui preceptorem et quid quid in Apolinea facultate et morborum curatione boni nactus sum, tibi acceptum referam; et cum in hac regione doctorem Garciam ab Horto, summa mihi familiaritate conjunctum do

simplicibus scribentem reperissem, ut librum tuae comitteret interdoctos tutellae monui, quod ipse libenter feci. Sciebat enim, prudentissimus senex, te nunc in Europa medicorum omnium esse patronum et tuam erga doctos benignitatem non ignorabat, adde quod tuum in dignoscendis simplicibus et eorum viribus et facultatibus discernendis studium ac diligentiam millies narrabam. Eia igitur, praestantantissime doctor, audeat liber tuo clipeo munitus, et tanti viri auctoritate fraetus inter doctos procedere: Zoillum non timens cunctas Europae Academias peragrare, ut Indiae fructus et simplices medicinas sincera veritate depictas medica recepiat inventus.

Vale. Goae primo nonis Aprilis.

AD GARCIAM AB HORTO MEDICUM APUD INDOS, DOCTOREMQUE CLARISSIMUM EPIGRAMMA THOMA CAIADO AUTORE

India quos fructus, gemmas, et aromata gignat,
Garcia perscribit Dortius illa brevi.

Hoc opus, ó medici, manibus versetur ubique,
Quod veteres olim non valuere viri.

Multa quidem vobis, per quae medicina paratur,
Occurrent, tenebris quae latuere diu.

Rarus honos, doctor, tantas aperire tenebras,
Plinius es terris atque Dioscorides.

Qui quamvis ausi, magnis de rebus uterque
Scribere, judicio cedet uterque tuo.

Namque potens herbis, toto Podalirius orbe,
Diceris, et vera laude parare decus.

Forsitan et queras, cur non sermone latino
Utitur, ó lector, consulit indocili

Floret utraque nimis lingua, cum postulat usus
Excellens medicus, philosophusque simul.

COLLOQUIOS DE GARCIA DE ORTA

COLLOQUIO I

Em que se introduz o Doctor Ruano, muito conhecido do autor em Salamanca e em Alcalá, o qual vem á India com um seu cunhado, que é feitor de uma náo, e não vem cá por mais que por saber das mézinhas da India e de todo-los outros simples que nella ha. E como chegou a Goa, e ouvio nomear o autor, conhecendo-se ambos, vai pousar com elle, e declara-lhe sua intensão, e o autor lhe responde.

Orta—Pois que já temos praticado na vida que fizestes depois que nos apartámos do estudo, e porque causa viestes á India, será razão que me digaes se ha alguma cousa em que vos eu possa servir, porque desde agora me aperceberei para issó.

Ruano—Saiba que posto que vim cá porque tenho parte nesta náo em que veio meu cunhado por feitor, bem podéra escusar, com a sua vinda delle, a minha a esta terra; mas porque tenho grande desejo de saber das drogas medicinaes (ás que chamam lá em Portugal de botica) e dest'outras mézinhas simples que cá ha, ou fruitas todas, e da pimenta, das quaes cousas queria saber o nome em todas as linguas; assi das terras d'onde nascem e das arvores ou prantas que as criam; e assi queria saber como usam dellas os physicos indianos; e tambem queria saber d'algumas

outras plantas e frutos desta terra, aindaque não sejam medicinaes, e assi d'alguns costumes desta terra, ou cousas que nella aconteceram, e porque todas estas cousas hão de ser ditas na verdade, e vistas per vós ou per pessoas dignas de fé.

O.—Em todas estas cousas vos servirei, e vos direi a verdade; mas temo que as cousas que eu disser não sejam dignas de notar; porque a um grande lettrado e que tanto soube no especulativo, não lhe contentam senão raras cousas.

R.—Se ellas contentaram a vossa mercê, contentarão a mim: e já póde ser que elle porque as sabe não as estime, e eu porque as não sei, tel-as hei em muito preço, como é razão; porque alguns physicos que de cá foram á Hespanha, não me souberam dar razão disso, nem satisfizeram a meu intendimento, e sabei que quanto comvosco fallo, tudo hei de escrever, que para isso tenho um livro, e nelle escritas as perguntas pelo a b c.

O.—Digo, senhor, que, pois vós quereis saber, com vossa curiosidade, o pouco e mal razoado que cá soube, eu vo-lo direi de manhã por diante; e pois a nossa amisade é tão grande e tão antiga, o que vos disser, ha de ser com protestação que o que não for bem dito, sem nenhuma adulação nem lisonja, m'o digais, e com estas condições prometto de vos servir e dizer o pouco que souber, e logo vos hei de dizer as cousas que sei bem

sabidas e as em que tenho duvida, com juramento de vos fallar muita verdade.

R.—Nisso, como vos digo, receberei muita mercê: e dormiremos, se fordes servido, mas não sei se poderei, polos desejos que tenho de perguntar pela manhã.

COLLOQUIO II

DO ALOES

R.—Já me parece tempo pera responderdes ás minhas perguntas, e porque a ordem aproveita muito á memoria, será bem começar pelo a b c: e alguns nomes que falecerão, alembrar-mos-heis.

O.—Isso que dizeis da ordem do alphabeto, acho não ser bom, e a causa é porque póde acontecer as cousas ditas ao principio serem pouco proveitosas, ou muito notas, ou sem gosto para serem lidas; quanto mais que sempre ouvi dizer que os peccados mais graves se haviam primeiro de confessar aos confessores, e as milhores razões se haviam de dizer primeiro, quando leiam algumas lições, e que, quando se haviam de pedir algumas cousas, as mais necessarias haviam de ser as primeiras.

R.—Antes, senhor (salvo melhor juizo) me parece o contrario em muitas cousas; porque no principio das orações não se hão de mover os affectos e vontades, tanto como nas outras partes da oração, e mais porque o fim fica mais na memoria

que as cousas que primeiro se disseram, nem os que leem, hão dizer a doutrina mui sotil no principio, senão prometter de a dizer pera fazer os ouvintes attentos.

O.—Ainda me não satisfizestes ao que vos disse, e é que, se este livrinho quizerem alguns imprimir, ou por zombar de mim, ou por descobrir meus erros, e minhas mal compostas razões, e lendo-o alguma pessoa, e não achando no principio cousa de que goste, sem mais esperar razão, dará este livro ao quarto elemento; e dirá em mim mil pragas e vituperios; e o que peor é, farão contra mim invectivas, e outros, por não me terem por digno de tanto, farão trovas e outras cousas mais baixas.

R.—As vossas cousas não tem outro mal para os mordaces leitores que serem verdadeiras, e muitas nunca sabidas de physicos, que de cá foram a Hespanha, quanto mais aos physicos da Europa: porque já perguntei em Hespanha a physicos que cá andaram, e não me deram mais razão, que a que lá sabiamos todos, e destes homens alguns eram doctos, senão o tempo que andaram cá traziam mais os pensamentos em enriquecer, que em philosophar, porque como diz o philosopho[1] que ainda que philosophar é melhor em si que enriquecer, porém que ao necessitado melhor é enriquecer; e porque estes o seriam, quizeram primeiro enriquecer que philosophar; e porque vos tire deste arreceo, digo que

[1] Aristot. Topic. lib. 3.º

este trabalho vosso quero eu pera mim só, e pera muitas poucas pessoas outras a quem o direi em Hespanha (levando-me Deos a salvamento), e serão alguns condiscipulos nossos, que vos não pesará de o saberem, e alguns discipulos vossos tão doctos, que assim vós como eu poderemos aprender delles; porque elles se deram pouco á pratica, e muito ás escolas; e vós e eu fizemos o contrario. E o que me dóe mais disto é que não tendes vós nem eu mestres ou preceptores a quem eu possa mostrar vossos trabalhos, nem em Salamanca, nem em Alcalá; porque todos são já mortos e desterrados longe de Hespanha. E tornando ás nossas perguntas, me diga do *aloes* os nomes em todas as linguas que sabe, e como se faz, e qual é o melhor; porque o desta terra louva muito Plinio e Dioscorides.

O.—Do *aloes* ha poucas cousas que dizer que sejam notaveis; e porém fazer-vos-hei a vontade; e digo que o *aloes* ou *aloa* é latino e grego; e os arabios o chamam *cebar*, e os guzarates e decanes *areá*, e os canarins (que são os moradores desta fralda do mar) o chamam *catecomer*, e os castelhanos *acibar* e os portuguezes *azevre*. Faz-se do sumo de uma herva, depois de seco; e é chamada em portuguez *herva-babosa;* da qual herva ha muita quantidade em Cambaya e em Bengala e em outras muitas partes, mas a de Socotorá é muito mais louvada,

e é mercadoria para a Turquia, Persia e Arabia, e para toda a Europa; e por isso o chamam *aloes socotrino;* e dista esta ilha, ou está apartada, das portas do estreito 128 leguas; por onde tanto se póde dizer da Arabia, como da Ethiopia; pois nas portas do estreito, uma banda é Arabia, outra Ethiopia, e não é isto onde se faz cidade, como diz Laguna[1], senão em toda a ilha, a qual não tem cidades, senão povoações, com muito gado; e não se ladrilha o chão, para colher a lagrima que cae, porque nem é cidade, nem ha na ilha tanta policia, nem se falsifica, pela muita abundancia que nella ha desta herva; e não pela pouca curiosidade que os negros desta terra têem em não apartar as hervas que com esta *herva-babosa* vem misturadas; e por isso um não parece tão bom como o outro; e tambem não creais que é melhor o de cima que o do meio, e peior o do fundo, nem é cheio de areia se se faz com diligencia, porque todo é bom; nem se falsifica com gomma arabica e acacia, como dizem Plinio[2] e Dioscorides[3]; porque ha nesta terra pouca gomma e acacia, ou, por fallar a verdade, nenhuma; segundo mandei saber per pessoas dignas de fé, que isto me contaram: e já póde ser que este mesmo *azevre* se falsifique em outras terras.

R.— Como soubestes que o de Socotorá é melhor, porque alguns escritores o chamam *citrino?*

O.— Não faz o nome ao caso. R.— Como sabeis que sabem discernir um do outro os Persios, Arabicos

[1] And. Laguna, Lib. III de Diosc. cap. 23. Em virtude do que diz o proprio autor no Colloquio LVIII puzemos nesta edição sempre *Laguna* onde elle disse *Tordelaguna. (V).*

[2] Lib. 21, cap. 24 *(V).*

[3] Lib. III, cap. 23 *(V).*

e Turcos em Ormuz, onde o levam a vender, como dizem?

O.—Alem da fama commum, o soube de um rico mercador e bom lettrado, á sua guisa, que serve de secretario aos governadores, chamado Goje Perculim; ao qual, como um dia lhe perguntasse como se chamava, em turco, em persio e arabio, me dice que *cebar* se dizia em todas estas linguas; e, sem lhe mais perguntar, me dice que o melhor de todos é o Socotorá, e que o havia em muitas outras partes da India, d'onde o levavam a Ormuz e a Adem[1] e a Gida, e dahi por terra o levavam ao Cairo; d'onde o levavam a Alexandria, porto do Nilo. E que facilmente conheciam os mercadores qual era o de Socotorá e qual o de Cambaya e das outras partes; e que valia o de Socotorá quatro vezes tanto como o das outras partes. E depois disto fui ver ao Nixamoxa, que é um rei dos mais grandes do Decam, chamado o Nizamaluco. Alem de ser lettrado, pelo seu modo, sempre tem physicos da Persia e de Turquia, a quem dá grandes rendas, dos quaes soube isto mais perfeitamente; e mais me disseram que se descernia o de Socotará, porque nelle as partes se juntavam bem umas com outras, e no outro *azevre* não faziam perfeita mixtão, porque o sumo era de diversas hervas, e que isto era cousa muito conhecida, e que o proprio rei, seu amo, o tinha sempre trazido de Socotorá, de modo que não são duas nem tres especies, como dizem os doctores, senão uma só; e isto entendei, se não quereis

1 Veja no fim a correcção do proprio autor a este logar. *(V.)*

que o logar varie as especies. Sómente ha bom e mau; sc. sofisticado de modo que nem as hervas são diversas em bondade; porque a diversidade na bondade não faz que as partes não se misturem bem, pois são de uma mesma especie. E chamarem alguns doctores *suco-cetrino* não é muito, porque não olharam mais que á côr, mas a verdade é que se chama assi.

R.—Pois que diremos a Plinio e a Dioscorides[1], que dizem que o melhor de todos é o da India, e dizem outros que o da Alexandria ou da Arabia?

O.—A isto vos respondo que não entendais simplesmente, que o trazido da India é o melhor, senão accrescentardes que o tragam a India primeiro de Socotorá; porque, como já vos dice, tambem levam de Cambaya e Bengala *azevre* a Ormuz e a Adem e a Juda (como nós, corrompendo o nome a chamamos, porque elles a chamam *Gida);* e com tudo isto sempre o levam dest'outras partes; e, como digo, o Socotorá é melhor, e levam de todo: porque quem diabos compra, diabos vende.

R.—Logo melhor diz Mesue que ha um trazido de Socotorá, e outro da Persia, e outro da Armenia, e outro da Arabia.

O.—Não diz Mesue melhor, mas diz menos mal que os outros; porque, verdadeiramente, o que de cá vai para Portugal, que eu o vejo todo, é trazido de Socotorá; e quando lá os vossos doctores diceram da Alexandria trazido, entendei que, nos annos passados, se levava muita quantidade de drogas a Ormuz

[1] Plin. lib. 27, cap.. 4.—Diosc. lib. 3. cap. 4.

e dahi a Baçorá, e dahi as levavam a Adem e a Gida; e dahi por terra, em cafilas de camellos, o levavam ao Suez, que é cotovelo do mar, e á Alexandria, porto do Nilo; onde vão ter nas galés de Veneza, para se venderem e communicarem a toda a Europa; e não porque em Alexandria houvesse *azevre,* para fazer caso delle.

R.—Se não ha em Alexandria *azevre,* tambem direis que não ha *ruibarbo:* logo mal dizia aquelle escritor, que não faria a uma pessoa purgar, nem desopilar quanto *ruibarbo* ha em Alexandria.

O.—Entendeu esse doutor quanto *ruibarbo* vem das outras partes a Alexandria?

R.—Acerca dos nomes estou um pouco duvidoso, e não de Matheus Silvatico, que o chama *saber* ou *canthar,* ou *reamal;* porque este podia errar, pois não era arabio; mas que diremos a Serapio, que sendo-o, o chamou *saber?*

O.—Não o chamou senão *cebar;* e depois, corrompendo-se por tempos o nome, se chamou *saber;* por onde não tem culpa, senão o traductor, ou os tempos que gastam tudo; mas no arabio está *cebar.*

R.—Acerca dos indios é usado?

O.—Acerca dos physicos da Persia, Arabia e Turquia se usa desta mézinha, porque sabem elles de cór Avicena, a quem chamam elles *Abolahi,* e a seus cinco livros *canum;* e sabem Rasis, a que chamam *Benzacaria,* e a Halirodoam, e a Mesue; e posto que não é este de que usamos, e tambem tem todas as obras de Hypocrates e Galeno, de Aristoteles e de Platão, posto que as não tem tão inteiras, como na fonte grega, e os physicos gentios da India tambem usam delles em purgas e lombrigas e coliros, e tambem quando querem encarnar algumas chagas, e tem para isto nas suas boticas uma herva chamada *mocebar*

feita de *azevre* e *mirra,* a qual elles chamam *bola;* e desta usam muito pera curar cavallos, e para matar os bichos das chagas, e por tanto não é muito chamar-se acerca de nós o *aloes* ruim *cavalino,* como escreve um moderno doutor, dizendo que o mais *ruim* se gasta acerca dos alveitares; mas de meu voto é que nem pera curar bestas, nem homens, se use do *aloes* chamado *cavalino,* senão do *socotrino;* de modo que o que diz Serapio, por autoridade de Alcanzi, se deve entender que, para alveitaria e chagas, se póde usar com menos damno do *cavalino;* e mais vi cá usar a um physico gentio do gram soldão Badur, rei de Cambaya, por mézinha familiar e benedicta, tomando talhadas das folhas de *herva babosa* cozida com sal dentro nellas; e deste cozimento dava a beber oito onças; com que fazia quatro ou cinco camaras, sem molestia nem damno algum, a quem o tomava. E aqui nesta cidade de Goa tomam desta herva, pisada e misturada com leite, e dão a beber aos que tem chagas nos rins, ou na bexiga, ou mijam materia por alguma outra maneira: e é cousa muito boa pera guarecer asinha, e já nós, alguns, tomamos desta mézinha, e achamos-nos bem della: e nós tambem usamos do *azevre* nas quebraduras das pernas das aves, cousa bem usada dos cetreiros, e cá na India para madurar os fleimões; por isso não parece dizer bem Mateolo Senes,

o qual diz que a herva é mais para ver que para uso de physica.

R.—Todas essas cousas que dizeis não carecem de razão; e porém me dizei se provastes *herva babosa*, e se vos amarga e cheira com cheiro forte?

O.—Lendo em Antonio Musa, e em outros modernos, por dizerem que o amargar falecia á *herva babosa* de nossa terra, provei esta muitas vezes, e achava muito amargosa; e quanto era mais perto da raiz amargava mais, e nas pontas de cima sem nenhuma amargura, e com horrido cheiro em toda; de modo que o que diz Antonio Musa, que o de Socotorá é mais amargo, é falso; porque esta herva da India já a provei, e a de Socotorá mandei provar, e todas amargam muito: a de Hespanha não provei, se vos Deos levar a salvamento, tudo podeis provar. E mais vos digo que achei em o Silvatico e em o Platearco, que todalas cousas amaras, quanto mais amaras, tanto são melhores, excepto o *aloes*, e Antonio Musa parece que sente o contrario: e a mim me parece que diz melhor o Musa; porque o sabor amargoso perserva de putrefacção, e faz outras operações muito boas.

R.—Tirae-me de uma duvida, se as mézinhas que levam *aloes* se hão de tomar em jejum, se sobre comer; e se sobre comer, se tardará muito o comer sobre ellas? O.—Não me perguntеis

isso, pois o sabeis lá melhor todos, que eu cá um só.

R. — Todavia quero o vosso parecer, e saber a pratica que usaes.

O. — Galeno [1] manda dar cinco pirolas, tamanhas como grãos de comer; e desta maneira é bom, tomado para paixões da cabeça; e Plinio diz que é muito boa mézinha, depois de bebida pouco espaço, se tome cibo sobre ella; e ha de ser pouco e bom. Esta tambem é muito boa pratica e usada dos physicos mouros desta terra, porque, como o *aloes* é mézinha debil, não obrará se depois a natureza não for fortificada com um pouco de comer muito nutritivo, e pouco em quantidade, como dice; porque o possa digerir, e, fortificada, faça melhor evacuação. Paulo diz que se ha de tomar em jejum, e reprehende aos que a dão depois de comer; porque diz que corrompe o comer. Cada um destes tem por si razões e textos; e todos se podem concordar bem; e porque é questão commum se o cibo se ha com a mézinha de misturar ou não: e pois o sabeis melhor que eu, escusado é fallar nisso muito.

R. — Nasce mais em logares maritimos, como diz Dioscorides?

O. — Eu andei pelo sertão desta India, mais de duzentas leguas de caminho, e em todos os logares vi esta *herva babosa*.

R. — Da goma della me dizei?

O. — Não tem goma, senão algumas vezes pelas folhas chora alguma agoa viscosa, de que se não usa, nem faz caso.

[1] Galen. ad. Pat. cap. 3. — Plin. L. 27, cap. 4.

R. — Diz Ruelio que as pirolas de Rasis, que se dão na peste, compostas por Rufo levam *aloes* e *mirra, amoniaco, temiama*[1] e vinho; e diz o Ruelio, que porque cauza estes Maumetistas haviam de tirar o *amoniaco* e *temiama* e vinho, e haviam de accrescentar mais *açafrão*.

O. — Não vos queria ver tão affeiçoado a estes escritores modernos, que, por louvar muito aos Gregos, dizem mal dos Arabios e d'alguns Mouros nascidos na Hespanha, e de outros da Persia, chamando-lhes Maumetistas Barbaros (que elles tem por peior epiteto que quantos ha no mundo) em especial os Italianos, como que os Gregos, não são os que agora chamamos Rumes e os Turcos, a qual gente, tão crua e suja e mal acostumada, persegue ao presente mais a christandade que outra alguma. E por tanto vos digo que eu não nego a mézinha de Rufo ser, a que elles dizem, e ser muito boa, mas digo que as pirolas de Rasis, de que usamos, são muito boas, e por muitos experimentadas; e o *açafrão* se põe nellas, por ser muito cordeal e abridor, e por outras virtudes muitas que tem.

R. — Parece ser que fazeis differença entre Rumes e Turcos, e eu tive sempre que significavam uma mesma cousa estes nomes.

O. — Posto que a questão não é medicinal, vos respondo que são mui differentes, porque os Turcos são os da provincia de Natolia (que antes se dizia Azia menor), e os Rumes são os de Constantinopla e do seu imperio.

[1] *Mirra,* segundo Christovão da Costa. *(V.)*

R.—Como sabeis isto por livro, ou por vo-lo dizerem algumas pessoas?

O. — Muitas vezes perguntava, andando nas guerras destes reis da India, a algum soldado branco, se era Turco; e respondia que não, senão que era Rome; e a outros perguntava se eram Romes; e respondiam-me que não, senão que eram Turcos. E perguntando-lhes qual era a differença, que havia entre um e outro, diziam que eu a não podia intender; porque não sabia os nomes das terras, nem a lingua mo sabia dar a intender. E achando-me em caza daquelle excellente varão Martim Affonso de Souza (a quem eu servia), me mostrou a Platina, onde estava lendo na vida de S. Silvestre; onde achamos escrito que, quando Constantino, deixando Roma ao Papa, se foi a Constantinopla, lhe foi dado previlegio que ella se chamasse Roma, e os desta terra se chamassem Romeos, e diz o Platina, que hoje se chama assi.

R.—Muito folgo de ouvir estas cousas, ainda que não sejam de Physica; mas, tornando ao *aloes*, me dizei. Que responderemos a Monardo e a outros modernos, que reprehendem a Mesue e Serapio e Avicena, porque dizem que abrem as veias, e que é máu para as almorreimas: e porque dizem estes Arabios que, misturado com mel, purga menos: e porque affirmam ser menos nocivo ao estomago que outras mézinhas solutivas; porque Menardo e est'outros dizem que, não tamsómente não abre as almorreimas, antes as cerra,

e que ao estomago não se pode dizer que é menos nocivo, antes lhe faz muito bem, e não lhe cauza damno algum; e que, junto com mel, é mais solutivo que as outras mézinhas solutivas. As primeiras cousas provam por muitas autoridades de Galeno e outros muitos, e a segunda provam por o mel solutivo, dizendo que dous solutivos purgam mais que um.

O. — Já vos dice que não me obrigava a vos responder a questões que sabeis melhor em Hespanha, lendo muitos que escrevam cada dia, e praticando e conferindo com muitos physicos lettrados, que eu cá, não sendo aconselhado com alguem, por falta que elles e eu temos de livros. E porem, respondendo ao primeiro, vos digo que Antonio Musa falla neste caso como homem sem paixão; porque elle não fez homenagem a algum mestre, e concede ser verdade o primeiro que diz Mesue, que abre as almorreimas, e que assim o experimentou muitas vezes; e eu tambem digo que já o experimentei, muitas vezes, cauzarem-se grandes dores com fluxo dellas. Tudo isto pode fazer o *aloes,* por sua amargura, abrindo as veias, estimulando a virtude expulsiva; e deste modo purga o fel do animal, posto na barriga e no ombrigo, como dizem Dioscorides e Serapio[1], e, ao cerrar das veias, que provam por autoridade, respondem com Jacob *De partibus,* que restringe por fóra e abre por dentro, tomado; e isto tem muitas

[1] Diosc. ubi. sup.— Serap. cap. 221. Jacob. De part.

mézinhas, que, tomadas por dentro, tem uma operação, e, aplicadas por fóra, tem outras, como a cebolla, que por dentro mantem, e por fora faz chaga ulcerando; e o segundo que é reprehendido Mesue, por dizer que purga menos com mel, vos digo que, pois ambos são solutivos, sc. o mel e o *aloes,* o mais solutivo, que é o *aloes,* é remettido e enfraquecido do menos solutivo, que é o mel; e ao terceiro em que reprehendem a Mesue, porque diz que é menos nocivo ao estomago, sendo confortativo do estomago, isto digo que se ha de intender que conforta o estomago, por accidente, a que os physicos chamam de *per accidens,* se, tirando-lhe os humores do estomago, sem nocimento algum, ou ao menos com pouco; e desta maneira se hão de intender as autoridades allegadas por Menardo, e os outros modernos.

R. — Em todas as cousas que dicestes me satisfizestes muito bem, e muito mais no que dizeis que, assim como nas primeiras qualidades que são quentura, frialdade, humidade, secura, o remisso em grado, que é menos quente, remitte e enfraquece ao mais intenso em grado, que é o mais quente: assi nas segundas e terceiras qualidades, que são purgativa ou diuretica (que é fazer ourinar) o mais forte e intenso, sc. que é mais purgativo, se é junto com outro menos purgativo, é enfraquecido do menos

purgativo, e assi o *aloes* mais purgativo, mesturado com mel, que é mais fraco solutivo, faz que tudo seja menos solutivo. D'aqui vem que purga um homem mais com dez grãos de *escamonea* sós, que com cinco dragmas de solutivo e uma onça de *cassia fistula* e uma dragma de *ruibarbo* onde entra mais *escamonea* que os doze grãos. E isto experimentei eu já muitas vezes, e não sei dar outra rasão, senão essa que me daes. E agora me dizei se sabeis se ha *aloes* metalico ao redor de Jerusalem?

O. — Já perguntei isto a alguns judeos, que a esta terra vieram, e diziam ser moradores em Jerusalem, e alguns eram filhos de physicos e outros eram boticarios; e todos me dixeram ser isto couza falsa e nunca achada em toda a Palestina; e por aqui faço fim ao *aloes,* se d'isto sois servido.

R. — Antes me fizestes no passado muita mercê; e quero-vos agora perguntar uma duvida que tenho de como tomam as pirolas e as purgas liquidas n'esta terra, e quanto tempo estão sem comer sobre ellas. E isto por ver se os Avicenistas, que nesta terra curam aos reis, tem o costume que nós lá temos em Hespanha.

O. — Digo que as pirolas tomam pela maneira que as nós tomamos, e as purgas liquidas tomam-as pela maneira que as nós tomamos s. em rompendo a alva do dia, e estam sem comer nem beber nem dormir cin-

co horas; e se nestas não purgam, tomam para confortar o estomago, per regra de Avicena [1], duas dragmas de *almécega* desleídas em agoa rosada, e esfregam-lhe o ventre com fel de vaca, e põemlhe pannos molhados nelle, sobre o umbrigo, para excitar a operação e estimular a virtude expulsiva, se ha disso necessidade alguma; e se purgar muito bem, passadas estas cinco horas, bebe trez onças de caldo de gallinha, muito bem temperado, e outra couza não comem, e dormem algum espaço, e bebem alguma pouca quantidade de agoa rosada; e acabado de dormir purgam muito bem; mas, porque dizem que se fortificou a virtude e natureza com o caldo e somno e agoa rozada, e que se fora muito o comer, que se impedira em digerir o comer, e não purgara tanto. E perguntando-lhe se faziam assi a todos que purgaram, diziam que esta era pratica commum dos physicos lettrados, e para isto não alegavam texto algum.

R. — Elles tem muita razão, no que fazem e praticam, porque o fel é solutivo por fóra, mordicando a virtude expulsiva, e em não comer a gallinha é texto expresso de Avicena [2], donde diz que convem áquelle que quer tomar mezinha, que a tome muito pela manhã, e tarde o comer, e passadas trez horas quatro onças de pão com vinho e pouca agoa, e, seis horas depois, entre no banho, e saia-se delle, e estê quieto, e depois lhe dêem a comer

[1] Avicen. 4. primi.
[2] Avicen. 213. Trata. 2. cap. 23.

aquillo que lhe convem: este é o texto tornado em lingua portugueza, ainda que as derradeiras palavras estão na traducção belunense: portanto não tem esses physicos mouros esse costume, sem auctoridade, nem carece de razão sua obra; postoque Matheus de Gadi expõe esse texto d'outra maneira e applicam somente á ciatica: porem (salvo melhor juizo) em muitas enfermidades se pode applicar: e do banho, que diz o texto, fazem-o?

O. — Sim, fazem; mas não em o mesmo dia, senão em o outro dia; depois do qual banho é de preceito, aos Bramenes e Baneanes e a todo o gentio, que nenhum dia comam, sem lavar o corpo primeiro, e os Mouros lavam-se, em estando sãos, ao menos cada trez dias.

R. — Porque tomastes o cabo do texto emendado pelo Belunense, vos pergunto se achastes lá verdadeira essa traducção?

O. — Eu quiz experimentar isso muitas vezes, que lia o texto pela traducção commum, tendo Avicena na mão em arabio: não consentiam com o que eu dizia, e, como dizia pelo texto emendado pelas correcções do Belunense, diziam-me que assi estava lá. E porque se faz horas de comer, nisto não fallemos mais, e acabado o jantar, fallaremos do *ambre*.

COLLOQUIO III

DO AMBRE

R. — Do *aljofar* queria saber primeiro.

O. — E eu queria antes ter muito delle, grosso e perfeito, que saber delle: e porem no capitulo de *margarita* fallaremos nelle o que for necessario e proveitoso, e agora fallaremos do *ambre,* porque tambem é mezinha que val mais ter muito della, que saber como se gera.

R. — Dizei a verdade de tudo, e deixai-vos de fallar essas certezas.

O. — *Ambar* dizem os arabios, e *ambarum* os latinos, por o costume da variação latina e uzo, e as outras nações e linguas quantas eu sei, todas o chamam assi, ou variam muito pouco.

R. — Que razão me daes porque ácerca de todos este nome é o mesmo?

O. — Certos nomes ha que se não variam, ou, se variam é muito pouco; e isto ácerca de todas as linguas que eu sei, e das que perguntei, e estes nomes são *ambar, limão, laranja, sabão,* e outros alguns, porque o *limão* chamam muitos *limbon,* e á *laranja, naranja* e ao *ambre, ambar* e assi a muitos dos outros.

R. — Como nasce, e que couza é?

O. — Alguns disseram ser a sperma da balea, e outros affirmaram ser esterco de animal de mar ou escuma delle; outros dixeram que era fonte que manava do fundo do mar, e esta parecia melhor e mais conforme á verdade. Avicena e Serapio dizem gerar-se no mar, assim como

se geram os fungos ou fungão dos penedos e arvores; e que quando o mar anda tempestuoso, deita de si pedras, e com ellas lança á volta o *ambre*. E esta opinião tambem é mais conforme á verdade que as outras rezadas por Avicena; porque, quando ventam muito os levantes, vem muito a Sofala e ás ilhas do Comaro e D'Emgoxa e a Moçambique e a toda essa costa; porque o deitam as ilhas de Maldiva de si, porque estão no levante: e, quando ventam os poentes, acha-se mais nas ilhas de Maldiva.

R. — Ainda que seja estorvar a pratica no meio, por que se chama aquella corda de ilhas, ilhas de Maldiva?

O. — Nestas couzas dos nomes das terras, e mares e regiões se enganam muitos dos nossos, nas suas proprias terras; como quereis que em linguas estranhas saiba dar razão das etymologias dos nomes? e com tudo vos direi o que ouvi dizer: e é que não se chama Maldiva, senão *naledíva*, porque *nale* em malabar quer dizer quatro, e *diva* ilha, que em lingua malabar quer tanto dizer como *quatro ilhas;* e assim se chamam *naldiva*, e nós corrompendo o nome chamamos-lhe *maldiva*. E assi chamamos *Angediva* a uma ilha, que está apartada de Goa doze leguas, porque são cinco ilhas, e assi quer dizer em malabar cinco ilhas, porque *ange*, é cinco; e estas derivações estão na fama commum, e assi eu não vo-las vendo por demonstrações.

R. — Eu folguei muito com as saber, porque conten-

tam o intendimento, portanto onde se poderem dizer me fazei mercê m'as digaes, e prosegui ao adeante no *ambre*.

O.—Dizem mais os mesmos Avicena e Serapio que algum que é ingolido por um peixe dito *Azel*, que morre como o come logo, e andando nadando sobre o mar, tomam os homens daquella região garfos e tiram-o fóra, e lhe tiram de dentro o *ambre*, o qual nenhum é bom; se algum é bom, é algum que se acha chegado ao espinhaço; e este dizem ser bom e puro; e isto segundo a quantidade de tempo que no ventre ou no espinhaço está.

R.—E que vos parece disso, é verisimil?

O.—Não: porque já o perguntei, e nunca me disseram havel-o visto alguma pessoa.

R.—Não me parece essa razão que conclue de todo o ponto, e portanto, pois sois lettrado e não mancebo, dai outra.

O.—Digo que os animaes irracionaes, por instincto natural, buscam os mantimentos que lhes convem, e não os que são venenosos a elles, senão quando vão misturados com comeres a elles convenientes; assim como nós enganamos os ratos com rosalgar misturado com comer, que lhes bem sabe; portanto não é de crer que o peixe vá buscar o tal *ambre*, pois o ha de matar. E mais digo: pois o *ambre* é um cordial dos principaes, deve ser o tal peixe em si venenoso; pois o *ambre* lhe é tão contrario que o mata. Estas rasões, posto que não concluam como demonstrações, são para mim persuasivas.

R.—E a mim concluem, emquanto não vir pessoas

dignas de fé, que experimentaram o contrario: e pois assi é, dizei o vosso parecer e o que ouvistes e lestes, que é o *ambre,* que tanto dinheiro val, e depois dizei onde o ha, e donde é melhor, e de qual feição é o uzo delle nestas partes.

O. —Primeiro vos direi um grande erro que tem Avenrrois: que é uma especie de *canfora* que nasce nas fontes do mar e nada sobre a agoa delle, e que a melhor de todas é a que em arabio se chama *ascap;* e perguntei aos physicos de Nizamoxa (que vulgarmente é chamado o Nizamaluco) que *ambre* era aquelle, e não mo souberam dizer (e porque ácerca delles não ha as obras de Avenrrois nem de Abenzoar) mas quanto isto seja falso, e não digno de tão grande philosofo, é claro. Um por dizer que é a *canfora* nascida no mar, e porque a *canfora* é fria e seca no terceiro grau, e põe o *ambre* quente e seco no segundo, por onde é certo não serem comprehendidas debaixo de um genero: e concluindo vos digo que assim como nas terras ha partes que tem terra vermelha, como *almagra* ou *bolarmenico,* e outras que a tem branca como *greda,* e outras cardea, assim não é conveniente que a haja, ou ilhas ou terras da mesma maneira do *ambre,* e isto, ou que a terra seja fungosa, ou d'outra maneira, e que isto seja verdade se prova pela muita quantidade que delle sae, porque já se viu pedaço tam grande como um homem, e outro se viu de noventa palmos de comprimento e dezoito de largo; e assim affirmaram já algumas pessoas, que acharam uma ilha de *ambre;* e marcando se tornaram á tal terra donde partiram, e, querendo tornar

a buscar o *ambre,* levaram agoa e mantimentos bastantes para navegar, nunca poderam tornar a achar a ilha; e póde ser que quiz Deos que a não achassem por os castellos de vaidade, que, quando a acharam, fizeram, e pelas poucas graças que a Deos deram de a haver achado; e tambem porque estes homens se podiam salvar com pouca fazenda, e com muita não se salvaram, e Deos que é misericordioso, sabe qual é melhor, e mais seu serviço. No anno de 1555 achou-se, alem do cabo de Comorim, um pedaço que tinha perto de trinta quintaes, e cuidando quem o achou que era breu, fez delle bom barato, e porem partindo-se por muitas pessoas, tornou a seu preço acostumado: era essa paragem donde se achou defronte nas ilhas de Maldiva; e que isto seja verdade se manifesta, porque vem cheio de bicos de passaros ás vezes, e outras vezes vem com cascas de marisco misturado, porque se apegam ao *ambre,* e os passaros se apousentam nelle ás vezes, e o mais limpo é melhor, e isto que vos digo é o mais certo que se pode saber.

R. — Ha-o em outras partes mais que na Etiopia e costas della?

O. — Algum se acha em Timor, e poucas vezes e em pouca quantidade; e no Brazil me dizem tambem que se achou; e, no anno de trinta, se achou um pedaço em Setubal; mas estas couzas pequenas não se faz regra, por acontecerem poucas vezes, e em pouca quantidade.

R. — Agora me dizei porque não será esperma de balea ou esterco della?

O. — Isto não traz razão, porque a balea e o azeite della que eu vi cheira muito ruimente, e não como o *ambre;* e mais em muitos cabos ha baleas e não ha *ambre,* assim como na costa de Hespanha e da Galiza; e pela mesma razão se prova não ser escuma do mar; porque, onde houvesse mar em baixos com ventos, haveria escuma, e o que dizem que o come o peixe já o confutei e provei ser falso antes; e isto é o que dizem os Arabios, porque os Gregos não fallaram neste simples, sómente Accio.

R. — Qual é melhor para escolher?

O. — Quanto mais se chega a branco tanto é melhor: s. que seja como pardo ou com veias de cores umas brancas e outras pardas, e que seja leve no peso; e a prova delle é que, metendo nelle um alfinete, o que deita mais oleo pelo buraco é o melhor. O preto é muito ruim, e eu tive um pedaço delle, que houve por pouco preço, e não cheirava senão muito pouco; e misturado com *almiscre,* para fazer contas, se misturava muito mal, fazendo muitas gretas; e aquelle que é tão branco como ovo de ema, diz Serapio ser muito ruim: eu não o vi nem ouvi a pessoa que o visse; e se algum vi, deve ser sofisticado com gesso.

R. — Menardo diz no *letuario de genis* que *ambre* é couza nova, a qual elle não tem em tanta estima quanto preço custa, e por tanto diz no *letuario de ambre* que a composição do *letuario* é muito preciosa, da

qual elle uza muitas vezes em molheres e velhos: e porque parece clara a contradicção deste doctor, s. em dizer que não vale tanto quanto custa no *letuario de genis,* e no de *ambre* dizer que é muito formosa, da composição da qual uza muitas vezes, será bem que me digaes se é muito uzada e estimada em preço de gente desta India, e não de nós tão sómente. E primeiro que isto me digaes, me declarai alguns nomes, que estão em Serapio e Avicena; porque Serapio, diz que muito delle é das terras do *Zingue.*

O.—É o que vem das partes de Sofala, porque *Zingue* ou *Zangue,* ácerca dos Persios e Arabios, é cafre ou negro; e porque toda aquella costa da Etiopia é dos negros, chama-lhe Serapio *do Zingue,* e Avicena tambem faz mençâo do de Melinde, e chama-o *do Almendeli;* e aquelle que chama *Selachiticum* é assim dito por ser de Ceilão, uma das famosas ilhas do mundo, possuida de El-rei Nosso Senhor, e não dista muito das de Maldiva; e não é cidade, como diz Laguna, senão ilha cheia de muitas cidades; e comtudo a maior quantidade do *ambre* é de Sofala até Brava; e tambem ha algum na costa da Arabia, e a mór quantidade, como dice, é na costa da Etiopia.

R.—É muito estimado ácerca dos Indios e Mouros desta terra?

O.—Ácerca dos ricos e poderosos si; e uzam muito delle no comer, por via de medicina, conforme a Avicena e segundo a quantidade; porque assim como o

pedaço é maior, tanto vale mais a onça delle que é como a pedreria.

R. — Qual foi o maior pedaço que vistes nesta terra?

O. — Um pedaço que vi que pesava quinze arrateis, mas os que tratam na Etiopia me dixeram que o viram muito maior: eu não sei a como foi vendido, mas sei certo que se fôra ter á mão do Nizamoxa, que o comprara muito bem, segundo a estima em que elles tem os grandes pedaços. E este *ambre* não tamsomente vale muito acerca dos Mouros, mas tambem vale muito acercã dos gentios: e, o que é mais de maravilhar, é ter muito maior valia acerca dos Chins, porque o levaram lá os nossos Portuguezes, e venderam um cate, que são vinte onças, por mil e quinhentos cruzados, por onde os nossos levaram tanta quantidade, que valeu muito mais barato, e cada vez valerá menos lá, segundo a cobiça dos que o lá querem levar.

R. — Como sabem estes Chins que é boa mézinha, pois a compram tão cara?

O. — Dixe-me Diogo Pereira, que é um fidalgo muito conhecido n'essas terras, que os Chins tem ácerca da creação do *ambre* aquillo tudo que nós temos e que elles lh'o contaram palavra por palavra, e dizem que aproveita muito para a conversação das molheres, e que aproveita ao coração e ao cerebro e ao estomago; e deixado o cheiro do *ambre* passemos ao *amomo*.

COLLOQUIO IV

DO AMOMO

R. — Ha tanta duvida em que couza seja o *amomum*, que alguns escritores querem que se uze por elle *acoro;* porque Galeno [1] lhe dá semelhante virtude, do qual *acoro* tambem ha mais duvida que couza seja; porque dizem que o *amomum* entra na *triaga*, e por esta razão chora Matthiolo Senense a perdição humana em perder o *amomum*, como que, sem elle, não se podesse ajudar para curar as enfermidades dos homens; e diz este escritor que tambem não tem por muito certo entrar este simples na *triaga* de Adronico; onde alguns escritores são delle tachados e reprehendidos; porque, em uns cabos affirmavam entrar este *amomum* nella, e em outros, esquecidos do que dixeram, dizem o contrario; e para isto não nos dá remedio o Matthiolo, senão chorar esta perdição, dizer que tambem não póde o que chamam *roza de Gericó* ser tambem *amomum;* e para isto dá muito boas razões e emenda muitos textos; o qual se vos houvesse de contar seria nunca acabar. Vós o podeis ver, e assi o vereis por Laguna e por outros. E pois que, segundo muitos, entra na *triaga* este *amomum*, e não é bom experimentar mézinhas não sabidas, queria muito saber se ha n'esta terra o *amomum;* e se teem os physicos mouros, que aos reis vistes curar,

[1] Galeno Simpl. lib. VI.

que é *pez columbinus,* porque isto é grande erro, como provam os escritores nomeados.

O. — Se nesta terra eu vira os simples que ha na vossa terra de Europa, eu vos tirára desta duvida; mas comtudo vos direi o que neste caso soube nesta India. Porque estes modernos escritores diziam não se poder fazer a *triaga* por falta de *amomum,* perguntei a um boticario hespanhol, na lingua, e judeu na falsa religião, o qual dizia ser de Jerusalem, que me dixesse que era *amomum,* e dixe-me que era em arabio *amama,* que quer dizer *pé de pomba* na mesma lingua; e que elle o conhecia muito bem, e porém que o não vira nesta terra, senão na sua; e que nisto nenhuma duvida tinha. E, depois de alguns annos, fui a vizitar o Nizamoxa, e perguntei a seus physicos se tinham *amomum,* e dixeram-me que nestas terras não o havia; mas que, entre outras mézinhas que ao rei traziam da Turquia, e Persia e Arabia, aos quaes elle pagava mui bem pela necessidade que tinha dellas para fazer as composições, vinha o *amomum;* das quaes composições era um *metridato.* E deram-me uma mostra de *amomum,* que eu trouxe a Goa, mostrei-a aos boticarios; e cotejei-a com uns debuxos dos simples de Dioscorides; e a todos nos pareceu conforme ao debuxo e aos dos ditos escritores; e ainda que estava seca, bem parecia feita á feição de *pé de pomba.*

R. — Não me parece esse argumento a razão que convença, porque assim se chamava *lingua de vaca*, em Avicena, o qual eu duvido ser verdade.

O. — Todos os nomes que temos declarados de Avicena estão tresladados ao pé da lettra; por arabio se chama *lingua de vaca, lingua de passaro* e *lingua de cão*, e *capillus veneris;* e assim tambem as enfermidades se chamam conforme ao nome; assim como *elefancia* se chama *daul-alfil*, que significa *pé de elefante;* e *hydroforbia maraz-alquelbe*, que quer dizer doença de cão: por onde sabei que *pé de pomba*, ácerca da intenção de Avicena é *amomum*, e isto é em muitos nomes sabido acerca de Avicena, e nós os Hespanhoes imitamos nisto aos Arabios s. na lingua.

R. — E para que quer esse rei o *amomum?*

O. — Porque diz que entra no *metridato*; da qual composição elle uza muito, porque se teme da peçonha, e tem sellada e fechada de sua mão esta mézinha; porque os reis (ou por melhor dizer tiranos) desta terra jogatam lhe muito os irmãos com peçonha. E fallando eu um dia com este Rei na prova da *triaga* como se fazia, me dixe que se lhe cá viesse um barril, com um homem que lhe fizesse a prova, lhe compraria toda a *triaga*, pesando por ella outro tanto ouro; e ao que fizesse prova daria dois mil pardaos, cujo preço é como uma coroa de Hespanha; e certo que se o diabo o não levara primeiro

pera o consorcio de Mafamede, que cumprira sua palavra.

R. — Mais barata se achára a *triaga* em Europa; mas certo que é de maravilhar quão pouco se estima a *triaga* pela muita quantidade que ha della; e vistes lá outras mézinhas de que haja duvida entre nós, s. do conhecimento dellas?

O. — Sim vi, s. *eupatorio* e *mexquetera-mexir*.

R. — E certo sabeis que não ha as mézinhas que dixestes nesta terra?

O. — Bem pode ser que as haja, mas os boticarios da India ganham mais pelo trato que pela botica; e porque é pouco o ganho, não vão buscar á terra firme ou ao Balaguate *herva cidreira, lingua de vaca, fumus terrae, tamarisco, espargos,* das quaes mézinhas carecemos, e eu as vi lá; e tambem vi *viólas* semeadas na horta deste rei; e aqui em Goa uzam por ellas de umas flores de umas arvores muito differentes das nossas *viólas;* e eu não consinto que uzem dellas senão em mézinhas por fóra applicadas, e o *charope violado* lhe mando fazer de *viólas* em conserva, que trazem de Ormuz ou de Portugal.

R. — Mais curiosos são os nossos boticarios em Hespanha, com sua pobreza, porque cresce o amor do dinheiro, quanto elle mais cresce.

COLLOQUIO V

DO ANACARDO

R. — Queria saber do *anacardo,* pois é nome grego derivado de coração, cuja feição e côr é; e o por que me maravilho é, que não se acha escrito desta mézinha acerca dos Gregos antigos.

O. — D'isso não vos maravilheis, porque os Gregos modernos lhe poseram este nome por a razão que dixestes agora; porque, pois era mezinha uzada per escritores arabios, não era razão que lhe mudaram o nome della; porque elles lhe chamam *bolador,* e se d'outra maneira o achardes escrito por os livros, sabei que é o vocabulo ser corrupto. Os Indios lhe chamam *bybo,* e nós os Portuguezes *fava de Malaca;* porque a feição delle a arvore onde nasce parece fava maior que as nossas, e quasi é da feição de umas favas que cá ha, que vieram primeiro de Malaca. Segundo dizem alguns, ha muita copia desta mézinha em Cananor e em Calecut, e em todas as partes da India que eu sei, s. Cambaia e o Decam.

R. — Antonio de Lebrixa, no diccionario, dixe *anacardus,* herva frequentada acerca de Galeno.

O. — Verdade é que dixe isso Lebrixa, e que era mui docto e curioso; mas enganou-se no nome grego; e, sem mais olhar, dixe que Galeno o dizia; foi descuido, e não vos maravilheis disto; porque ás vezes dorme o bom Homero.

Tambem Serapio [1] alega a Galeno, o qual nunca viu *anacardo,* e mais diz que por ventura mata, o qual é contra a experiencia do que vemos: porque se dá nestas terras deitado em leite, e nutrido para astma, e tambem uzam delle contra as lombrigas, e fazem delle, quando é verde, conserva com sal para comer (a que chamam cá *achar)* e vende-se na praça como azeitonas acerca de nós; e, quando é seco, uzam delle em forma de caustico para as alporcas. E na India tambem uzam delle, para pôr signal nos pannos, misturado com cal. Avicena [2] diz que o *anacardo* é fructo semelhante aos caroços do tamarindo, e o seu miolo é semelhante á amendoa, em o qual não ha damno, e abaixo diz que é contado entre os venenos, e que mata. Por onde falla mais claro que Serapio, que o põe em duvida, e mais está clara a contradicção; porque diz — em o qual não ha damno apparente — e depois diz que é contado entre os venenos e que mata.

R. — No que diz que não ha em elle damno entende-se do damno apparente no principio, porque ao fim mata.

O — Ainda que isso se possa salvar, comtudo não é veneno, pois o comem muitos Indios cá em todo cabo, e o ser caustico é depois de seco.

R. — Em que grado o pondes, quente e seco?

O. — Uns o põem no quarto quente e seco, e outros na segunda parte do terceiro, mas nenhum destes me contenta, porque, em verde, claro é que não é tanto quente e seco, e em seco não parece razão fazel-o tão quente e seco como

1 Serapio, cap. 356. (Alias, liv. v, cap. 5. *V.*).
2 Avic. liv. II, cap. 41.

as outras especiarias, sc. a pimenta, que se põe no terceiro gráo; nem acho ser vermelho, senão negro e lucido, e a isto não se póde dar outra desculpa, senão que será mais quente o *siciliano,* e terá a côr que pareça mais ao vermelho.

R.—Muito estou nisto conforme com o que dizeis; e mais me parece muito boa preparação a do leite azedo para a astma; entendendo por leite azedo, leite de que é tirada a sua manteiga; e isto é conforme a Avicena.

COLLOQUIO VI

DA ARVORE TRISTE

R.—Começo, em nome de Deos, nas mézinhas e simples da India não conhecidos nem vistos de nós que é esta arvore que tambem cheira desde que se põe o sol até que sae. Me dizei si se uza della em mézinha alguma ou em comer, porque para mim não quero cheiro mais cordial, em especial quando de subito entro onde está esta arvore.

O.—Eu não vi esta planta em outros cabos da India senão em Goa, e dizem que veio a ella de Malaca, e pode ser que pera se levar a outro cabo seja muito boa; e já d'aqui se levou (mas foi perto de Goa) e prendeu bem, mas como digo, não a vi pelo sertão donde andei.

R.—Pois dizei o nome e proveito destas flores, se é somente pera cheirar.

O.—Pera cheirar não serve tanto, porque

aquellas flores que estão naquelle alegrete chamadas *mogory* cheiram melhor que *flor de laranja,* e os comeres que são cheirosos, ou o devem ser por mais apraziveis, que temperam em Hespanha com agua de flor de laranja, temperamos-os cá com esta agoa de *fules,* chamada *mogory;* e a agoa destas que perguntais não a vi destilada, e já pode ser que não faça a agoa boa, por ter a virtude muito superficial, e ser a textura rara, assim como acontece nos cravos que ha em Portugal. E nós uzamos destas flores somente para tingir os comeres, como *açafrão,* s. dos pés dellas que são amarellos, e tingem muito; e o seu nome é em lingua de Goa *parizataco,* em malaio *singadi.*

R. — O comer tingido com os pés destas flores, tinge como o temperado com o *açafrão* de Hespanha?

O. — Não, porque amarga algum tanto.

R. — E o *açafrão* desta terra, que dizem, é este?

O. — Não, que esse é umas raizes que aqui nascem, cuja virtude direi avante.

R. — E essas flores ditas *mogory,* que tanto louvastes, poderei vel-as, e agua estilada dellas?

O. — Já as vedes naquelle alegrete, e a agoa vereis ahi logo, que é aquella em que põem as pennas para alimpar os dentes, que tanto louvastes já.

R. — Sempre até agora tinha para mim que era agoa de flor de laranja, e a gente desta terra é muito dada a cheiro, e por isso se diz que é inclinada a Venus.

O. — É-o em tanta maneira que deixam de comer, para o gastarem em cheiros,

assim como *sandalo* que é muito commum para untar o corpo, e *linaloe,* e que mais pode, *ambre* e *almiscar,* e *algalia;* a qual é mais uzada, porque o preço não é tão alto, e a cauza por os muitos gatos que ha em muitas partes da India, e uzam desta *algalia* em dores de humor frio, untando a parte que dóe com ella, e muitas flores ha de que muito uzam nestas regiões ditas *champe,* e tem um cheiro muito forte mais que *lirio branco,* e não é tão suave. E sabei que os reis que vi, todas as noites e muita parte do dia lhes enchem o chão das cazas onde estão destas flores que dicemos, e das nossas rozas; e pintam diversas flores em cores que parecem mui bem á vista; e ali, de noite, recebem seus solazes, e os presentes que lhes dão os pobres, são destas flores e das nossas rozas; e vae em tanto o gasto destas flores, que me affirmaram que em Bisnaguer rendiam os cheiros e *fulas* a El-Rei cinco mil pardaos; e, o que mais é de maravilhar, que em Ormuz os trabalhadores, que ganham de comer em carretar fato, compram os cheiros, para se untarem de noite, e deixam de comer. E porque vejaes as parvoices e fabulas desta gentilidade, dizem que esta arvore foi filha de um homem, grande senhor, chamado *Parizataco;* e que se namorou do sol, o qual a deixou, depois de ter com ella conversação, por amores d'outra; e ella se matou, e foi queimada (como nesta terra se costuma) e da cinza se gerou esta arvore, as flores da qual aborrecem ao sol, que em sua presença não apparecem, e parece ser que Ovidio seria destas partes, pois compunha as fabulas assim deste modo.

R. — Certo que é muito de maravilhar de dar as flores de noite e não de dia, não tomeis trabalho em me dizer a grandura e feição da arvore, pois vejo ser de tamanho de uma oliveira, e ter as folhas como de ameixoeira. E pois isto não é cousa medicinal, passemos avante para vermos da *assa fetida* e *anil*.

COLLOQUIO VII

DO ALTIHT, ANJUDEN, ASSAFETIDA E DOCE E ODORATA, ANIL

R. — Saibamos do que se chama *altiht* e *anjuden, assa fetida* e *doce* e *odorata;* pois entre ella e *laserpicium* poem os doctores alguma differença.

O. — E eu tenho nesses nomes mais confusão que vós; e isso foi porque nunca me souberam dizer a feição, nem os nomes desta arvore donde mana esta goma; porque me dizem que uma vem do Coraçone a Ormuz e de Ormuz á India; e tambem achei cá que vem do Guzarate; e ahi dizem que vem do reino Dely, terra muito fria, que pela outra banda confina com o Coraçone, e com a região de Chiruam, como sente Avicena.[1] E sem duvida esta goma é chamada *altiht* em Arabio, e outros *antite* a dizem. E como a qualquer Arabio mostraes esta goma dos Indios chamada *imgu* ou *imgara,* por o mesmo a nomeiam o que vos disse; e a arvore de que se tira o *maná* se cha-

[1] Avic. liv. II cap. 53.

ma *anjuden* e outros a nomeiam *angeidan*. E como esta mercadoria vem muito pela terra dentro é trabalhoso saber-se no certo a feição da arvore. Nem é por isso muito chamal-a Avicena por muitos nomes, porque pode ser que em uma terra tenha um nome, e em outra outro, s. em uma *altiht*, e em outra *almarut*, porque é sabido que estas terras donde vem tem as linguas diversas.

R. — E qual é causa porque o trasladador trasladou *assa?*

O. — Eu não creio que o traductor escreveu *assa*, senão *laser*, e corrompendo-se o nome se chamou assi, porque o tempo gasta tudo.

R. — Primeiro que vejamos se *assa fetida* é o mesmo que *laser* ou *laserpicium*, vos digo que *altiht* não me parece ser nome da arvore, senão do sumo de *alcaçuz*, embastecido e engrossado; e isto sentiu Gerardo Cremonense[1] no capitulo da falta do coito em Rasis, que assim o interpretou.

O. — Gerardo Cremonense não foi arabio, mas era andaluz, e a lingua propria em que Avicena escreveu é a que se uza na Siria e Mesopotamia e na Persia ou Tartaria (donde Avicena era) e esta lingua chamam elles *Araby*, e a dos nossos Mouros *Magaraby*, que quer dizer *Mouro do ponente* porque *Garby* em arabio quer dizer ponente e *ma* quer dizer *dos;* e portanto não é muito errar nisto o Gerardo, e digo que *altiht* não quer dizer senão a arvore de *assa fetida*

[1] Ger. sobre Ras.

e muitas vezes se toma a goma pela arvore, e que isto seja verdade se vê acerca de nós, e muito mais acerca de Indios se põe a *assa* pera levantar o membro, e elles o tem muito em uzo; logo não vem a proposito pera a diminuição do coito uzar sumo de *alcaçuz;* e nas divisões põe Rasis *altiht* por mézinha pera as festas de Venus.

R.—E se o *altiht* não é *assa dulcis,* que é *assa dulcis?*

O.—*Assa dulcis* não põe doctor arabio nem grego nem latino, que seja autoridade; e se a põe, erra; porque o *alcaçuz* se chama em arabio *çuz,* e o sumo delle cozido e reduzido a forma de arvore, chamam os Arabios *robalçuz:* e os castelhanos corrompendo o nome chamam *robaçuz;* de modo que *robalçuz* é um nome composto de *rob,* que em arabio é summo feito basto, e *al* é articulo do genitivo, e quer tanto dizer como sumo basto de *alcaçuz;* e assi daqui avante não chamemos a este sumo *assa dulcis.*

R.—Bem me parece essa derivação; mas antes que vos pergunte porque *laserpicium* é *assa,* quero florear como esgrimidor e saber de vós como Avicena é da terra dos Tartaros, e como a lingua da nossa Africa não é tão boa como a da Siria e Arabia.

O.—Avicena é claro ser destas partes, e não de Hespanha; e os physicos da Persia e da Turquia, que curam aquelle rei que vos já nomeei, me di-

xeram que Avicena era de uma cidade chamada Bochorá; a qual cae em uma provincia dita Uzbeque, que é parte da Tartaria, que nós chamamos, ou dos Moguores, como elles chamam cá; bem que Andreas Belunensis chame áquella parte Persia, mas isto é largo modo tomando a Persia, porque Persia é pequena região. E depois soube de mercadores discretos e curiosos, que muito tempo moraram em Ormuz, e perguntei-lhe que cidade era Bochorá, e me dixeram que caia na parte de Uzbeque, e que havia nellas e nessas partes muita *maná,* e tambem isto me dixe Coge Perculim, bom letrado, a sua guisa, estante em Goa. E porque dixe o sobrinho de Belunense ser Avicena pessoa, per suas lettras, valido e fidalgo, lhe perguntei se fora rei, me dixe que não, senão que fora *goazil,* que entre elles quer dizer regedor ou grande.

R. — Parece-me ser verdade isso; porque nós por as chronicas de Hespanha, sabemos os reis que nesse tempo concorriam em Cordova e Sevilha, e não achamos este; e comtudo eu creio bem que era pessoa poderosa onde quer que estivesse.

O. — Respondendo á outra questão, digo que é trabalhosa couza provar-se uma lingua ser melhor que outra; porem dizem estes physicos e outros letrados a que chamam *mullás* que as obras de Avicena e Galeno

e dos philosophos gregos e as do falso profeta erão escritas em lingua da Siria, e a estoutra lingua da nossa Africa chamam barbara, e aos nossos Mouros *Magaraby;* e assi por esta razão chamam os Mouros da Persia e Arabia ás nossas terras, que nós chamamos *Algarves, Algarby,* que quer dizer Mouros do ponente, porque o nosso Algarve está ao ponente. E já me peza porque tanto me detive nestas couzas, que não fazem ao cazo, mas a culpa é vossa.

R.—Eu folgo muito de saber isso, que cá não tendes em muito; portanto eu tomo a culpa sobre mim; mas se *laserpicium* não é *assa fetida,* nem é *odorifera,* s. aquelle *laserpicium* que escreve Dioscorides e Plinio, nem parece ser o *altiht,* que escreve Avicena, nem outros arabios.

O.—Os arabios que deste simples fazem menção, que são arabios, fallão pouco delle, como são Rasis e Averroes; mas se olhardes Serapio fallando em *altiht,* diz tudo aquillo que dizem Galeno e Dioscorides em *laserpicium.*

R.—Per muitas razões vos provarei serem diversas mézinhas s. *assa fetida* e *laserpicium;* porque *laserpicium* é mézinha para a cozinha e pera curar, e *assa fetida* aproveita pera cozinha somente, e isto per si só e muito poucas vezes; e para se uzar em cozinha damnaria todos os comeres por ter tão horrendo cheiro.

O.—Não vos deixarei com esse erro ir ávante, porque se quereis saber

minha intenção é necessario que deiteis de vós as affeições que tendes a estes escritores novos, e folgueis de ouvir minhas verdades ditas sem côres rhetoricas, porque a verdade se pinta nua.

R. — Muitas vezes vos dixe que nenhuma couza dezejava mais, que tirar de mim os errores que tenho, e semeardes em meu intendimento novas sementes.

O. — Pois sabei que a couza mais uzada que ha em toda a India e per todas as partes della é esta *assa fetida,* assi pera mézinha como pera cozinha; e gasta-se nestas partes grande quantidade della, porque todolos gentios que podem alcançar a compral-a, a compram, para a deitar nos comeres. E, se são ricos comem muito della, como são os Baneanes e todo o gentio de Cambaya, a quem imitou Pitagoras. Estes a deitam nos bredos e hortaliças que comem, esfregando o caldeirão com ella primeiro, e é adubo ou salsa e condimento pera todo seu comer; e todos os outros gentios, que a podem comer, a comem; e os trabalhadores que não tem mais que comer que cebolas, não a comem senão quando tem della muita necessidade; e os Mouros tambem a comem; mas é em menos quantidade, somente porque a acham medicinal. Um mercador portuguez me gabou muito os bredos que faziam estes Baneanes, que levavam esta *assa fetida,* e eu os quiz provar

e achei-os algum tanto apraziveis a meu gosto, e por que a mim não me sabem bem os nossos bredos, não os achei tão saborosos, como os achou o Portuguez que m'o dixe. Ha um homem nestas partes honrado e discreto, ornado com carregos de El-Rei, que come esta *assa fetida,* pera lhe fazer appetite de comer; pera o qual diz que o acha muito bom, e toma delle, quando tem necessidade, duas oitavas; e diz que tem um pouco de amargor, mas que o amargo é appetitoso, como o da azeitona, e que isto é antes de o engolir; porque diz que depois de engolido, fica a pessoa que o tomou muito contente, e, quanto é á gente desta terra, todos me dizem que lhe sabe bem, e lhe cheira bem.

R.—E vós achastes mau cheiro aos bredos que provastes?

O.—A couza que mais mal cheira do mundo é a *assa fetida;* e nos bredos não me cheirou mal; e não vos maravilheis muito disto, porque a cebola e o alho tem muito mau cheiro, e os comeres adubados com ellas muito bom; e tambem vos sei dizer que os costumes dos cheiros vos fazem que vos sejam mais apraziveis, como de mim sei que o *bétele* (é este que de continuo trazem na boca mastigado) a todos que o comem cheira muito bem, e a mim muito mal, não mais senão porque o não posso comer. É cá mezinha uzada per si só, contra o que dizeis que se não uza senão em compostos: nisto sois enganado, assim como se enganou Sepulveda, porem Guainero e muitos

uzam della, per si só, acerca dos Indios; e é boa pera o estomago, e pera que não sae bem é pera gastar a ventosidade. Um portuguez em Bisnaguer tinha um cavallo de muito preço, o qual deitava de si muita ventosidade, e El-Rei por isto lho não quiz comprar. O portuguez o curou, dando-lhe a comer este *imgu* com farinha. El-Rei lho comprou mui bem depois de são, e lhe perguntou com que o curara; e dixe-lhe que com *imgu*. Respondeu-lhe El-Rei, não me maravilhaes disto, porque lhe destes a comer o comer dos deoses, como dizem os poetas nectar. Respondeu-lhe então o portuguez, com a voz mais baixa em portuguez, que melhor lhe chamára manjar dos diabos.

R. — De uma duvida me tirai: como o comem os Baneanes tão continuamente, dizendo Matheus Silvatico que é veneno, e allega a Galeno pera isso?

O. — Já vi Galeno e os simplicistas gregos, e nenhum diz tal couza; antes diz ser bom pera a peçonha e peste, e lombrigas e mal de raivas, que são contrarios affectos, por onde lhe podeis, ao Matheus Silvatico, perdoar esse error com outros muitos. Cá o mettem os Indios na cova do dente furado que dóe; e se Plinio[1] diz que um que a metteu no dente lhe deu tão grande dor que se deitou de uma janella abaixo, seria isto por estar muito cheio de humores, e mover a mézinha muito.

[1] Plinio, lib. 22. cap. 23.

R. — É de muito preço nesta terra esta mézinha?

O. — Si[1] porque acerca de nós vale pouco, e a cauza é porque della se gasta muito, e se apercebem os homens de a ter de sobejo, porque é como mantimento. Ha muita no Mandou e no Chitor e Dely; e afora isso vem de Ormuz, como mercadoria pera Pegu e Malaca e Tenassarim, e essas partes; e quando falta, vale muito em extremo.

R. — Uzam da raiz ou folhas della, porque é louvada dos antigos a raiz e as folhas e rama?

O. — Já vos dixe que não vira a arvore, nem me sabiam dar razão della; mas que nenhuma gente, das que eu conheço, uzam senão da goma, a qual dizem que se tira dando cutiladas na arvore: isto me dixe o homem (que acima dixe) que comia esta mézinha; e mais me dixe que lhe dixeram a feiçam da folha, a qual lhe debuxaram ser como o das nossas avelaneiras; e assi lhe dixeram, que para se conservar esta goma, se guardava em coiros de boi, untados primeiro com sangue e misturados com farinha de trigo; por onde quando lhe lá acharem couza que pareça farelos, não tenham que é falsidade, como escrevem alguns, antes é certificação. E não falleceu quem dixesse a um Baneane letrado que, porque comia esta mézinha, pois vinha misturada com sangue de boi. Respondeu que era tal a mézinha que não se havia de guardar nella essa regra.

R. — O *laserpicium* antigo tinha a côr algum tanto

1 Só deste modo podemos entender a recommendação que faz o auctor na errata para corrigir esta

ruiva e translucente, e esta de que uzamos tem a côr turbida e é sujo.

O. — Haveis de saber que de duas maneiras vem ter á India, s. uma limpa e clara e outra túrbida e suja, a qual alimpam os Baneanes primeiro que a comam. E a limpa tem a côr como latão muito luzio; e este vem ter ao Guzarate, e dizem os Guzarates que vem de Chitor e do Patane e Dely; e a outra goma vem do Estreito e de Ormuz; e a lúcida é de mais preço e a outra menos. E os mercadores onde acham a lúcida, que é sua, não compram a outra que se gasta na gente mesquinha, em comeres e mézinhas; alguns a comem com o pão, a que chamam *apas*.

R. — O cheiro é todo um?

O. — O de que approvam cá por melhor, que é a que vem ao Guzarate, que é mais luzente, tem o cheiro mais forte; e o que vem de Ormuz não é tão forte; mas, a meus narizes, ambos cheiram muito mal; e peor que todas a que tem por melhor, que é a luzente. E quando perguntam a alguns Baneanes qual cheira melhor, dizem que a que vem de Guzarate, por ter o cheiro peior e mais forte; e isto deve acontecer, porque o tem em o costume; que a muitas pessoas cheiram mal o *estoraque* liquido e a *algalia*, por seu forte cheiro, e geralmente cheira muito bem; e a mim não me cheira alguma destas gomas a porros; e algum tanto me cheira á nossa *mirra*. E

esta foi a cauza porque a dividiu Avicena em *fetida* e *cheirosa;* porque dizia que a *fetida* cheirava a porros, o qual não é assi; porque se considerarmos a maneira de fallar dos antigos, acharemos não se chamar uma couza odorifera por cheirar bem, senão por ter o cheiro forte: e assi chamam ao *calamo aromatico* (o qual a juizo de muitos se podia melhor chamar *calamo fetido);* pois a *mirra* tambem cheira mal e o *aloes* peior, e o *espique* muito mais; porque já purguei muitas pessoas que não queriam tomar o *ruibarbo* por o *espique* que levava.

R. — Não me parece mal isso, mas melhor será que seja a *assa fetida* esta de que uzamos, e a cheirosa o *benjuy;* pois não me daes capitulo de *benjuy*.

O. — Se é mézinha ou simples novamente achado no nosso uzo, porque lhe hemos de dar nome antigo?

R. — Dir-vol-hei. Porque mais razão é, que a raiz da arvore de *benjuy* seja boa pera temperar os comeres, e *assa fetida* não traz razão que seja boa; e se aos Baneanes lhe sabe bem é porque são acostumados a comer hortaliças e outros comeres não saborosos, como os come a gente da nossa Europa. E segundo diz Antonio Musa, os que nestas partes navegam e vão buscar o *benjuy* dizem, descrevendo a arvore, ser conforme á descripção do *laserpicium;* mais dizem que os da mesma terra, constrangidos da verdade, chamam a tal goma *laserpicium*.

O. — Não sei qual fosse o hespanhol tão desvergonhado, que dixesse a Antonio Musa em Ferrara tão

grande mentira, e como vos direi, fallando do *benjuy*, a arvore delle é muito differente da arvore que escrevem da *assa fetida;* e o *benjuy* não se sabe havel-o senão em Samatra e em Sião; e em todas estas terras não se chama senão *cominhan*, e não *laserpicium;* o qual *benjuy* não o ha na Armenia, nem em Siria, nem em Africa, nem em Sirene; pois acerca dos moradores dessas terras não ha memoria delle. E a principal parte pera onde se gasta o *benjuy*, que vem pera estas partes, é pera a Arabia; e isto digo não negando gastar-se tambem pera todas as outras partes; porque tambem se gasta pera os reinos Dely e do Mandou e Chitor, porque os Guzarates e os Decanes, que o compram de nós, dizem que tem saida pera essas partes; posto que como dixe, não é muita quantidade: logo mal dixe o vosso Musa que o ha em Africa e em Armenia, e Judea e em Siria; pois de todas essas partes o vem cá buscar; e o levam, podendo levar mercadoria de mais proveito, se lá houvesse.

R.—Peço-vos muito que vos não agasteis com vos perguntar. Ruelio[1], homem assaz douto e digno de muito louvor, que trasladou o Dioscorides, diz no seu livro « *Da Natureza das Plantas* », que em França nasce uma raiz grossa e grande, e de fóra negra e de dentro branca, e vai-a pintando nas folhas e feição, e diz que, assi a raiz, como a semente, como a lagrima, cheira com grande suavidade e por ser muito

[1] Ruelio, lib. Stirpium.

provada mézinha, lhe poseram nomes muito soberbos s. *raiz imperatoria, raiz angelica, raiz do Espirito Santo;* e diz aproveitar pera muitas couzas, sendo quente-seca no terceiro grau; é unica contra o veneno, e perserva da contagião e apegamento de peste; e diz que, se a tomam e trazem na boca quantidade de um grão de comer, e no inverno com vinho e no verão com agua rozada, não sentirão peste o dia que a tomarem, deitando o veneno per ourina e per suor; e assi diz valer contra as fascinações e contra muitas enfermidades que deixo de dizer, e diz ser aquelle *laserpericium gallico* o que os medicos veterinarios (a que chamamos alveitares) disseram; e diz que o sumo ou lagrima cheira a *benjuy,* e que os doctos são deste parecer, s. que é *benjuy;* e que este é *opus cirinaico,* ou *sumo cirinaico,* que pariu Judéa e o deitou em França; e assi diz que se havia de chamar *Ben judeu;* e que está corrupto o vocabulo e chamam-o *benjuy.*

O. — Largamente louvastes esta raiz; e porem a arvore é muito differente do *benjuy* como vereis quando nelle fallaremos; porque est'outra do *benjuy* é grande arvore e muito differente, e tambem a de *assa fetida* sei não ser tão grande, e fôra razão que se é *laserpicium cirinaicum,* que ficára lá algum, e que se achára algum em Judéa, maiormente que perguntei já a homens desta terra, mercadores boticarios, e nenhum me disse haver o tal simples, em memoria de homens e da região; e quanto mais que o

Ruelio o louva, dizendo que tomado a jejum, apaga e abaixa todos os estimulos da carne; e de toda a *assa fetida* se escreve que não deixa o membro estar baixo; e mais Mathiolo Senense diz que teve essa opinião, e que depois, constrangido da verdade, tem a contraria; e portanto não sejaes tão affeiçoado aos Gregos que aborreçaes Arabios onde bem fallarem.

R.—Assi o farei, e porque vejaes que o faço assi, chamar-lhe-hei *ingú* e não *laserpicium,* e dar-me-heis licença vindo ao caso, para fallar nos Gimnosophistas que dicestes, e nos costumes desta terra; e agora veremos que couza é *anil,* porque o acho cá no meu *a b c.*

O.—*Anil* não é simples medicinal, senão mercadoria, e por isso não ha que fallar nelle. E por vos tirar de cuidados, sabei que o *anil* é chamado assi dos Arabios e Turcos e de todas as linguas e somente o Guzerate, que é onde se faz, o chama *gali;* e porém já agora o chama *nil.* É herva que se semeia e parece como o que nós chamamos *mangericão;* e assi a colhem e poem a secar per tempo, e molhada a pizam com páos, e, desde que é bem pizada, a ajuntam e poem a enxugar per dias e quando a enxugam ou está enxuta, parece de cor verde e, quanto mais se vai enxugando, parece de côr azul clara, e depois escura, até que venha a ser o mais fino escuro que pode ser: e quanto mais puro e limpo de terra é melhor e a prova mais certa é queimado com uma candeia,

e não ha de ficar com areia, senão com uma farinha muito delgada; e outros o lançam em agoa, e, se nada, tem-se por bom; de modo que ha de ser leve e de boa côr. E porque é muito grave couza um philosofo estar mais nisto, será bom que comamos, e leixemos o *anil* aos contratadores.

R. — Si: mas primeiro me direis que fructa é aquella do tamanho de uma noz que tão bem cheira.

O. — Não é fructo de que se uze em mézinha, mas é boa pera temperar os comeres com azedo, fazendo-os mais appetitosos: em madura cheira bem, e com ser madura retem em si o azedo mais appetitoso: chamam-se *ambares,* e tem uma armadura cartilaginosa, e é amarella quando madura, e, quando não o é, a sua côr é verde claro.

COLLOQUIO VIII

DO BANGUE

(Os mesmos e Antonia)

R. — Não sei a differença que ha entre o que chamam *bangue* e o que se diz *amfião;* porque pode ser que tudo seja um, pois que vos vejo quando vituperais algum servo, chamais-lhe *bangue,* e outras vezes *amfião;* e por isso queria saber qual é cada um e como se faz e pera que se uza cada um.

O. — O *amfião* é o que chamam *opio;* e delle vos direi a seu tempo; e agora vos satisfarei com di-

zer-vos que couza é o *bangue*, s. a arvore e a semente. Antonia, dá cá o que mandei trazer.

A. — Eis aqui a arvore das pequenas, e vedes aqui a semente que dá, e tambem vede o que se vende na botica feito; porque tudo me mandastes que tivesse junto.

R. — Esta semente parece a do linho *alcanave*, senão que esta é mais pequena e não tão branca, e esta arvorezinha parece tambem linho de *alcanave*, por onde não ha que fallar nelle pois sabemos o que aproveita.

O. — Não é linho *alcanave*, porque a semente é mais pequena, e mais não é alva como a outra; e os Indios comem esta somente ou as folhas pisadas pera ajudar-se e comprazer as mulheres; e posto que pera outros effeitos a tomem, s. pera ter vontade pera comer, tambem pera isto lhe ajuda; e os nossos escritores dizem que corrompe a semente genital o linho *alcanave*, e mais os ramos deste tem muito de pau e pouco de casca, e o contrario tem o linho *alcanave*.

R. — Fazem destas cascas algumas cordas?

O. — Não.

R. — Ha outra couza de que as fazem?

O. — Si, da casca do fructo da palmeira, do que ao diante faremos menção, e tambem no Balagate fazem cordas da casca de uma raiz de uma arvore muito grande; e pera fallar com vosco a verdade tambem as fazem de linho *alcanave*, que ha lá muito e no Decan e em Bengala; e mais eu vi lá linho do nosso, de que fazemos as nossas camizas, e todo este linho e o

linho *alcanave* é mercadoria que vem a nós das terras sobreditas (ao qual chamam *alci):* e porem o linho *alcanave* ha nesta terra firme e é pouco; e por aqui ficaes sem escrupulo de não ser isto linho *alcanave.*

R. — Pois assi é, dizei me como se faz este *bangue,* e pera que o tomam, e que leva?

O. — Faz-se de pó destas folhas pisadas, e ás vezes da semente; e alguns lhe lançam *areca* verde; porque embebeda e faz estar fora de si: e, pera o mesmo, lhe misturam *nóz moscada* e maça, que tem o mesmo effeito de embebedar; e outros lhe lançam cravo, e outros camfora de Borneo, e outros *ambar e almisque* (sic), e alguns *amfião;* e estes são os Mouros, que muito podem; e o proveito que disto tiram é estar fóra de si, como enlevados, sem nenhum cuidado e prazimenteiros, e alguns rir um riso parvo; e já ouvi a muitas mulheres que, quando iam ver algum homem, pera estar com chocarrerias e graciosas o tomavam. E o que nisto se conta, e pera que foi inventado, é que os grandes capitães, antigamente acostumavam embebedar-se com vinho ou com *amfião* ou com este *bangue,* pera se esquecerem de seus trabalhos e não cuidarem, e poderem dormir; porque estas pessoas as vigilias as atormentavam. E o gram Sultão Badur dizia a Martim Affonso de Souza, a quem elle muito grande bem queria e lhe descobria seus secretos, que quando de noite queria ir

a Portugal e ao Brazil e á Turquia e á Arabia e á Persia, não fazia mais que comer um pouco de *bangue;* e este fazem elles com letuario, com assucar e com as couzas acima ditas a que chamam *maju*.

R. — Faz esses effeitos de prazer em todos?

O. — Pode ser que nos acostumados a elle, que os fará assi; mas eu vi um Portuguez chocarreiro, que comigo foi ao Balagate ha muito tempo, comer uma talhada ou duas deste letuario, e de noite esteve bebedo gracioso e nas fallas em estremo, e no testamento que fazia. E porem era triste, no chorar e nas magoas que dizia; quero dizer que, pera si, mostrava ter tristeza e grande enjoamento, e ás pessoas que o viam ou ouviam provocava a riso, como o faz um bebedo saudoso: e estes moços meus, que, escondidamente de mi, o tomam, dizem que lhes faz nem sentir os trabalhos, e estar prasenteiros e ter vontade de comer. E crede que pois isto é tanto uzado e de tanto numero de gente, que não é sem misterio e de proveito; mas eu não o provei, nem o quero provar; e muitos Portuguezes me diceram que o tomaram pera os mesmos effeitos, em especial pera os das mulheres; e pois isto não é mezinha daquellas nossas, nem que lá haja, não gastemos o tempo nisso.

COLLOQUIO IX

DO BENJUY

R. — Fallando em *laserpicium* me dicestes que *assa odorata* não era *benjuy*, como alguns doctos tiveram, e fallaremos agora nelle; pois com tanta suavidade nos deleita; porque a mim melhor me cheira este que o de Portugal; e havia de ser o contrario, pela muita abundancia que cá ha delle.

O. — Tendes muita razão de vos cheirar melhor; porque este não é o *benjuy* que lá em Portugal se gasta; porque este se chama *benjuy de boninas*, e custa muito mais.

R. — De um e do outro me dizei; pois fallando na *assa fetida* me dicestes que não era melhor pera adubar os comeres que a *assa fetida*.

O. — O que entonces vos dice vos torno agora a dizer que nunca pessoa uzou do *benjuy* pera adubar os comeres, e da *assa fetida* que é muito em uzo, temperar os comeres com ella, e dei-vos pera isso razão que as couzas que cheiram mal, convem saber os alhos e cebolas e porros, adubam muito bem os comeres e mais vos dice a experiencia que era em contrario da gente desta terra, que tão bem lhe sabia o comer com ella feito.

R. — Agora quero saber o nome da arvore e do *benjuy*, cuja goma é, e em que terras nasce, e como se chama acerca dos Arabios, e se falla algum autor arabio ou grego delle.

O. — Respondendo ao derradeiro, digo que os Gregos não sei algum que escreva do *benjuy:* e dos Arabios Averroes[1] diz *belenizan* ou *bolizan* ou *petrozan:* é quente e seca no segundo gráo, aromatiza o estomago humido e fraco, e conforta-o, faz bom cheiro da boca, fortifica os membros, e accrescenta o coito. Eu, por estas palavras ditas assi brevemente não entendo ser o *benjuy:* se algum deste texto o poder tirar seja muito embora. Entre os modernos falla do *benjuy* Antonio Musa e tambem Ruelio. E o Antonio Musa diz que o *benjuy* é a *assa dulcis* ou *odorata,* e para isto dá razões que vos dice, fallando em *assa fetida,* s. que os moradores da propria terra, constrangidos da verdade, lhe chamavam *assa dulcis;* e que isto lhe diceram portuguezes, que foram a Samatra, ou pessoas que lh'o ouviram; mas quanto isto seja falso vo-lo declarei já, fallando em *assa fetida,* e vos dice que todos os moradores, nessas terras donde o ha, lhe chamam *cominhan,* e tambem vos dice que os Portuguezes, sem nenhuma vergonha, fallaram o que não era verdade.

R. — Pois que fallamos em Antonio Musa, vos direi que diz mais, pera me satisfazerdes a tudo: diz que a arvore do *benjuy* nasce em Africa e em Armenia, e que elle accrescenta tambem na India; e que traz Dioscorides que da raiz sae uma farinha como farelo, a qual elle muitas vezes achou no *benjuy;* e mais diz que o ha na provincia

[1] Averroes hoc colligit.

de Cirenia ou de Judéa, e que este é melhor que todos.

O.— Não me ponhaes medo com Dioscorides, nem Galeno; porque não hei de dizer senão a verdade, e o que sei; por mais que lhe chamem *opus cireniacum* (que quer dizer sumo de Cirenia); porque eu sei que o principal não o ha senão na India, que está alem do Ganges (a quem os indianos chamam Ganga), e vem o *benjuy,* que chamam *amendoado de Sião;* e de todo este *benjuy,* que vem á India, a mór parte se gasta pera Arabia e Turquia e Persia. E por que não cuideis que ha alguma pouca quantidade delle em Judéa e Palestina, vos digo que fallei com Mouros e Judeos e que o compravam para o levarem pera sua terra por mercadoria; logo não é de crer que o comprassem para Palestina, se o lá houvesse melhor, como dizeis.

R.—Respondei-me ao que diz Ruelio [1], que nasce uma raiz em França, a qual chama *raiz angelica* ou *raiz do Espirito Santo,* ou *imperatoria,* que é quente e seca no terceiro gráo, e é aperitiva, e tem tantas virtudes ou mais das que vos dice fallando da *assa fetida.*

O.—Digo que bem pode ser, como vos dice no mesmo capitulo, haver em França essa *raiz* e *lagrima;* e que tenha tal virtude, ou taes virtudes, como elle diz; porque homem tão douto bem sei que dirá verdade; e certamente que, nesta India, aproveitaria pera muitas enfermidades que elle diz; mas para uzar della, pera reprimir a deleitação da carne, para o que diz que

[1] Ruelio—L. Stirpium.

aproveita, não ganharia cá dinheiro quem a trouxesse; porque os Indios não buscam mezinha pera reprimir o estimulo da carne, senão pera o accrescentar: e pois aproveita pera o reprimir, e a *assa* aproveita pera o accrescentar, claro é não o ser, pois tem a obra contraria: nem em Judéa, como vos dice, não o ha, segundo a relação que disso tenho; e que o não houvesse antigamente se prova, porque alguma memoria ficara delle na gente da terra, e fôra louvado per David e Salomão, que tanto louvava os cheiros: e bem sei que o nome enganou a Ruelio, que dice que se chamava *benjudeum*, que quer dizer *filho de Judéa*, e certamente que é melhor de crer que se chamára *benjaoy*, que quer dizer *filho da Jaoa*, onde o ha muito.

R.—Pois que já me respondestes o que diceram estes doctores, respondei-me ao que diz um Milanez que nasce no monte Paropaniso, e que os de Macedonia lhe affirmaram que o viram no monte Cáucaso, e que este tem grande cheiro, e que é melhor que o nosso *benjuy*: e alega este autor a Ludovico Vartomano, que diz que o melhor de todos é o de Samatra: declarai-me isto se é verdade?

O.—Vós crede a esse Milanez, que eu não lho quero crer; nem aos Macedonios o que diceram; pois cá vem tantos Rumes e Turcos cada dia, e levam o *benjuy* per mercadoria. E quanto é ao que dizeis de Ludovico Var-

tomano, eu fallei, cá e em Portugal, com homens que o conheceram cá na India, e me diceram que andava cá em trajos de mouro, e que se tornou pera nós, fazendo penitencia de seus peccados; e que esse homem nunca passou de Calecut e de Cochim, nem nós naquelle tempo navegavamos os mares que agora navegamos. E quanto é ao dizer que o ha em Samatra, e que não vem cá, é verdade que o bom val na propria terra muito; e porem todavia vem cá agora; e é o que chamamos *benjuy de boninas*. E eu tinha este Ludovico, que alegaes, por homem de verdade; e depois, vendo o seu livro, acho que escreveu nelle o que á vontade lhe veio; porque, fallando em Ormuz, dice que era uma ilha, ou cidade, a mais rica que podia ser, e tinha as mais suaves agoas do mundo[1]; e em Ormuz não ha outra cousa mais que sal, e todos os comeres e a agoa vem de fora da ilha; e mais não é muito boa agoa essa que vem de fóra. E, fallando este Ludovico em Malaca, diz que não tem agoa nem madeira alguma; e tudo isto é falso; porque em Malaca ha muito boa madeira e muito boa agoa. E por aqui vereis quão mal testemunha esse autor nas cousas da India. E tornando ao que diz esse Milanez do *benjuy* de Macedonia, vos digo que pode ser *estoraque*, que, se vos Deus levar a salvamento, trabalhai

1 *Aquarum potu suavium* se lê effectivamente na traducção latina (liv. de Arabia, cap. II); mas deve advertir-se que foi falta do traductor, pois no original italiano se lê mui distinctamente: «Nella dicta isula nõ se ritroua acqua ne victuaglia ma tutto gli viene di terra ferma.» — *(V.)*

de saber, posto que o *estoraque* não o sabemos senão na Etiopia, onde ha *mirra*.

R. — Assi o farei, se Deos for servido. E agora me dizei de quantas maneiras o ha, e como é feita a arvore, e como se chama?

O. — É uma especie, a mais vendavel de todas que chamam *amendoado*, que tem dentro umas amendoas brancas; e quanto mais amendoas tem, tanto é havido por melhor. Este ha todo o mais em Sião e em Martaban, que, per a terra, confina com elle; deste é o que dice Antonio Musa que vinha misturado com farinha da raiz delle, o qual é claro ser falso; porque a goma toda é uma: uma grossa, e outra delgada, e outra quasi dura; e faz-se mais branco per tempo com o sol. A esta se faz ás vezes em farinha, que é a que diz Antonio Musa que é farinha da raiz, e é das amendoas, como podeis experimentar pisando algumas. Ha outro *benjuy*, e mais preto, na Java e em Samatra; e este é de menos preço; e ha outro na mesma ilha de Samatra preto, s. de arvores novas; a este chamamos *benjuy de boninas*, e val dez vezes tanto como est'outro; este é o *benjuy* que est'outro dia me mandaram aqui de presente.

R. — Eu vi esse *benjuy*, e não me pareceu tão bem como est'outro a que chamais *amendoado*.

O. — Não vistes o do outro dia, que cheirava muito melhor; e esfregando com as mãos ficava grande fragancia?

R. — Si, vi: e mais me dicestes que, pelo grande cheiro, lhe poseram nome *benjuy de boninas* ou de flores; mas eu não daria tanto dinheiro por elle como cá se dá; pode ser que seja isto por eu não ser tão grande senhor.

O. — Eu vos direi o que muitas vezes eu imaginei; e é que este *benjuy de boninas* era misturado com *estoraque liquido*, a que cá chamam *roçamalha;* porque certo dá um cheiro della ao *benjuy de boninas,* e qui-lo experimentar, misturando o *benjuy* com *estoraque liquido,* fazendo delle pães; e posto que cheirava melhor que o outro, não cheirava tão bem como este de boninas.

R. — Pois de outro dia me lembra que comprastes, a um homem que vinha na náo em que eu vim, dez quintaes de *estoraque liquido;* e me dicestes que o querias pera o mandar a Malaca, pois elle não hade lá de servir d'outra couza senão pera misturar com *benjuy*.

O. — Não vos enganeis nisso, porque lá não se leva senão porque a gente é muito amiga do cheiro; e dahi o levam á China todo o mais; e outro algum se gasta noutras terras. E que isto seja verdade é manifesto; porque o que levam á China, quando é muita quantidade deste chamado delles *roçamalha,* logo não se gastar pouco na terra. E a todas estas especies de *benjuy* lhe chamam os moradores da terra *cominhan,* e os

Mouros lhe chamam *louanjaoy,* quasi *incenso de Jaoa;* porque desse cabo houveram primeiro noticia os Arabios: porque *louan* chamam os Arabios ao *incenso,* e os Decanes e os Guzarates lhe chamám *udo.*

R. — Muito bem me parece essa derivação; porque nós chamamos ao incenso *olibano,* tomando-o dos Gregos; e elles parece tambem que imitaram aos Gregos, chamando-lhe corrompidamente *louan:* e pois eu estou satisfeito disso, dizei-me a feição da arvore, se a sabeis.

O. — A arvore do *benjuy* é alta e bem formosa, e de boa sombra, copada nos ramos, os quaes deita no ar muito bem ordenados. O tronco tem do chão até os ramos muito alto e grosso e rijo de cortar; é macisso na madeira, nascem alguns delles no mato de Malaca, em logares humidos; os pequenos, como dice, dão *benjuy de boninas,* que é o de Bayros, o qual é melhor que o de Sião, e o de Sião é melhor que todo-los outros. Dão uns golpes ás arvores pera que saia dellas a goma, que é o *benjuy,* em mais quantidade. As folhas da arvore me vieram, per uma banda, mettidas em vinagre, e, per outra banda, uns ramos que mostram ser verdade o que digo. Na madeira apparece esta folha mais pequena que a do limoeiro, e não tão verde, e é per fóra branca. A do páo me parece folha de

vimieiro, e não tão comprida e mais larga. E todas estas couzas me custaram a saber o meu dinheiro; porque quem foi trazer estas folhas e estes páos do matto foi muito bem pago; porque, alem do trabalho que ha no matto de Malaca, ha muito perigo, por cauza dos tigres que andam nelle; e a estes tigres chamam em Malaca *reimões*.

R. — Fazei-me tanta mercê que, se este anno vos vier alguma couza nova de Malaca, em contrario do que tendes dito, que m'o escrevais; e não vos peze de vos desdizer.

O. — Eu vos prometto que, se Deos me der dias de vida, que não deixe de escrever todos os annos um corretorio, que emende o que dice, se houver que emendar; e se fordes morar a Castella lá o podeis saber; porque, a quem o eu escrever, lhe escreverei que vo-lo mande. E porque vos dice primeiro que o amendoado não era tão cheiroso como o preto, que é de arvores novas, sabei que a goma velha per tempo perde o cheiro, como todas as outras couzas. E, se tomardes duas ou tres amendoas, e as poserdes sobre as brazas, não vos hão de cheirar tão bem como o *benjuy* preto; e porque o branco é formoso e o preto cheira bem, misturam os que o vendem um com outro, e fica mais formoso e cheira melhor.

COLLOQUIO X

DO BER, QUE SÃO AS MAÇÃS QUE CÁ USAMOS, E DOS BRINDÕES; DOS NOMES E APELLIDOS DOS REIS E SENHORES DESTAS TERRAS[1]; DO ENXADREZ E DE SUAS PEÇAS; E DO BETRE.

R.—Parecem tão boas estas maçans pequenas que comemos agora á meza, que queria muito saber se são *maçans de anáfega,* ou se é fruita diversa; e tambem queria provar aquella fruita vermelha que comem aquellas moças.

O.—Na derradeira fruita que nomeastes, não tendes muita razão de a querer provar, nem menos escrevais della, porque é muito azeda.

R.—Pois por isso, por via de medicina, aproveitará.

O.—Chama-se nesta terra *brindões:* e por fóra é vermelha algum tanto, mas por dentro tem um tão fino vermelho que parece sangue: e ha uns por fóra pretos, e estes não são tão azedos; porque esta pretidão lhe vem por serem bem maduros, mas de dentro sempre são muito vermelhos; e, posto que são apraziveis ao gosto de muitos, ao meu

[1] No original seguem aqui as palavras: «E é colloquio que não serve de cousa alguma de physica; mas põe-se aqui a pedimento do doctor Ruano pera dar passatempo aos que em Hespanha o lerem. E assi se trata».—*(V.)*

não o são, nem per via de cibo, nem per via de medicina; por serem muito agros; e melhor é o *tamarindo;* serve isto de tingir, e a casca se guarda seca, e se leva per mar, pera fazer vinagre: e já alguns a levaram pera Portugal, e acharam-se bem com ella.

R. — Pois dest'outras maçans me dizei o nome e a arvore, e em que terra as ha, e se são maçans de *anáfega.*

O. — O nome em canarim é *bor,* e no Decam *ber,* e os Malaios as chamam *vidaras,* e são melhores que estas nossas; porém não tão boas como as do Balagate, s. umas compridas, que são muito saborosas. É a arvore differente das *jujubas;* e os Corações trouxeram ao Nizamoxa estas que vos gabei, pequenas, e me diceram ser outra arvore que as *jujubas;* porque na sua terra as ha, e as vem cá vender pera a botica. E estas pela maior parte são ponticas, ou azedas um pouco.

R. — Estas que comemos não são senão doces.

O. — É verdade, mas outras ha mais doces, e porém nunca vem a madurar tanto que se possam passar como as chamadas de *anáfega,* e mais sempre tem pontecidade: por onde não podem ser peitoraes como as *jujubas,* de que fazemos xarope; mas fazemos cá festa desta fructa; porque carecemos das camoezas e repinaldos de Portugal. É esta arvore algum tanto espinhosa e de grandura das nossas maceiras, e a folha é tambem como a de

maceira, e alguma cousa menos redonda.

R.—Cavalguemos e vamos ao campo; e de caminho me direis que quer dizer Nizamoxa, porque me fallais muitas vezes nelle.

O.—Desde agora vos digo que é um rei no Bagalate, cujo pai curei muitas vezes, e o filho algumas; de quem, per vezes, recebi mais de dose mil pardáos; e dava-me quarenta mil pardáos de renda por que o visitasse alguns mezes do anno, os quaes eu não aceitei.

R.—Vamos pera alguma parte mais aprazivel aos olhos: e digo, sr., que bem sei que é nome de rei; mas queria saber o que significa este nome e outros de reis desta terra; porque não queria que fosse tudo physica, senão fazer alguma fallada de couzas, pera dispertar mais o engenho.

O.—Eu não queria que gastassemos um capitulo em couzas que não sejam de sciencia; porque dirá todo o homem que o ler, que me ponho a escrever um livro de patranhas.

R.—A culpa disso seja deitada a mim pera quem vós fazeis este livro: quanto mais que eu sei muitos, que folgarão de saber estas couzas que dicerdes, em Hespanha.

O.—Cumprindo vosso mandado, sabei que um poderoso rei do reino Dely conquistou, haverá tresentos annos, esta terra toda e a do Balagate e em este tempo foi Cambaya tambem tomada tiranicamente por os Mouros aos Reisbutos, que eram gentios, que a senhoreavam; e este Rei Dely

tomou o Balagate a uns gentios mui poderosos, cuja geração são estes que agora chamam Venezaras, e outros que na terra habitam chamados Colles; e assi estes Colles, como os Venezaras, como os Reisbutos, vivem dos roubos e furtos o dia de hoje; e aos Reisbutos lhe dão tributo as terras de Cambaya porque as não roubem; e aos Venezaras e Colles as ditas terras do Decam, e até agora não poderam ser domados dos reis.

R. — Valente gente deve ser.

O. — Si, são; mas tambem os reis são cobiçosos, porque como partem com elles do que roubam, são perdoados. Este reino Dely é posto longe pela terra dentro, pera a banda do norte, e parte com terras do Coraçone; é terra muito fria, e neva e gêa nella como na nossa. Os Mogores, a quem chamamos Tartaros, a tomaram ha mais de trinta annos. Eu conheci o irmão de el-rei Dely, na corte do Sultão Badur, rei de Cambaya, que honrava muito a este irmão de el-rei Dely: depois foi tomado este reino Dely aos Mogores per um cavalleiro de uma lança, que, nojado de el-rei de Bengala, por lhe matar um seu irmão, se levantou contra el-rei de Bengala, e o matou: e depois tomou o reino Dely e outros muitos reinos. E por espaço de tempo foi o mór senhor que se podia crer; e diceram-me pessoas dignas de fé, que suas terras tinham oito centas leguas de quadra. Era este rei primeiro Patane de

umas serras que partem com Bengala; foi chamado Xaolam, que quer dizer «rei do mundo». Deste se podia fazer uma chronica mais que a do Gram Tamirlan, a quem nós corruptamente chamamos o Gram Taborlam, e alguns chronistas o chamam Tamirlangue; porque *Tamir* era seu proprio nome, e *langue* quer dizer coxo, como elle era. Mas isto deixo pera outro tempo, e digo que este rei Dely conquistou o Decam e o Cuncam; e foi delle senhor alguns dias; e por não poder senhorear tanta distancia se foi ás suas terras, e deixou nestas um sobrinho coroado em rei. Este sempre favoreceu a gente estrangeira, que são Turcos, Rumes, Coraçones e Arabios, e repartiu o reino em capitanias, s. ao Adelham (a quem chamamos Idalcam) deu de costa desde Angediva até Cifardam, que são sessenta leguas, e per dentro da terra até confinar com outras capitaes, e ao Nizamaluco deu de costa de Cifardam até Negotana, que são vinte leguas; e pola costa dentro, até confinar com est'outros senhores e com Cambaya; e estes dois somente tiveram parte no Cuncam, que é a fralda do mar até uma alta serra que chamam Guate, que toma grande quantidade de terra, e é muito alta em muitos cabos; e eu passei em alguns; e tem uma couza digna de escrever em cima esta serra, que é não descer couza alguma, senão ficam muitos formosos campos iguaes ao alto

da serra, e porque *bala* em persio quer dizer acima, e *guate*, serra, tanto é dizer Balaguate como detraz da serra ou traz los montes. E no Balaguate deu terras ao Imademaluco, a quem nós chamamos Madremaluco, e ao Cotalmaluco e ao Verido. Todos estes capitães eram estrangeiros, Turcos e Rumes e Coraçones de nação; senão o Nizamaluco, que dizem ser de Canim, filho de um Tocha de el-rei d'Aquem. E porque a mulher deste Tocha dormia com el-rei d'Aquem se jacta o Nizamaluco que vem da casta dos reis d'Aquem, e que os outros todos são escravos comprados pelo dinheiro de el-rei. E porque estes regedores se enfadaram de obedecer a el-rei d'Aquem, concertaram-se entre si que ficasse cada um com suas terras, e que prendessem o rei d'Aquem em Beder, que é principal cidade e cabeça do Decam; donde o prenderam, e entregaram a um delles por nome Verido: e assi elle como os outros, per si ou per seus procuradores, lhe fazem a *çalema* certas vezes no anno.

R.—Se *çalam* quer dizer paz em arabio, falsa paz lhe chamo eu a essa.

O.—E juntamente com estes se levantaram alguns per concerto, como foi o Moadumcoja, e o Veriche que era gentio; e estes houveram terras muito poderosas e poucas e ricas cidades; convem saber: o Mohadum houve Visapor e Solapor e Paranda, o Visapor é agora a casa do

Idalcam, e Solapor e Paranda lhe tomou depois o Nizamaluco; e assi deixou algumas terras. E o Veriche ficou em suas terras, que confinam com Cambaya e com as terras do Nizamaluco; e elles, como lhe não tomaram o seu, soltaram-lho, por algum tempo; e o bisavô deste Adelham, que agora é, foi um destes capitães que se levantaram; e era de nação turco, e morreu no anno de 1535; e foi sempre muito poderoso, a quem nós tomámos, por força de armas, esta cidade de Goa duas vezes; e o avô deste Nizamaluco que agora é, pai do meu amigo que foi, morreu no anno de 1509; e foi, como dice, de Canim o Imademaluco ou Madremaluco, como nós lhe chamamos corrompidamente; foi cherques de nação, e havia sido primeiro christão e morreu no anno de 1546. O Cotalmaluco, que morreu no anno de 1548, foi tambem dos que se levantaram, e foi coraçone de nação. O Verido, que morreu no anno de 1510, foi hungaro de nação, e primeiro christão; segundo tive por certa informação.

R. — Vinde aos nomes, e dizei-me quem é aquelle a quem tirastes o barrete, e não passastes até que passou?

O. — É o embaixador do Idalham, cujo avô foi senhor desta ilha; e estes Mouros dão os ditados conforme ao que querem; e porque ácerca dos gentios Rão quer

rei, e Naique quer dizer capitão: quando estes reis tomam algum gentio para que o sirva, se o não querem muito honrar, accrescentam-lhe ao nome proprio Naique, como Salva-naique, Acem-naique; e, quando o querem muito honrar, chamam-lhe *Ráo;* assim como Chita-Rao, que eu conheço; e é nome soberbo, porque *Chita* quer dizer Onça, assi que quer dizer *Chita-Ráo* «Rei tão forte como uma Onça». E porque *Ham* ácerca dos Mogores ou Tartaros quer dizer rei, tambem chamam aos que querem *Ham,* e nós corruptamente lhe chamamos Cam, e por ventura melhor. E Ráo somente, sem nenhum nome per excellencia, quer dizer El-Rei de Bisnaguer; o qual os tempos passados era mui vexado do Adelham; e nos tempos de agora tem poder sobre todos os senhores do Decam; e elles todos lhe obedecem; e isto é porque todas as couzas succedem ás vezes. E tornando ao nosso proposito, porque *adel* em persio quer dizer justiça, chamaram a este senhor destas terras *Adelham* como se dicesse *Rei de justiça.*

R. — Nome é esse que lhe não convem, porque, nem elle, nem outros acostumam a fazer justiça; e mais me dizei porque em Hespanha lhe chamam o Sabaio?

O. — Alguns me diziam que se chamava assi; porque tinham um capitão chamado per este nome; mas depois soube na verdade que *saibo* em arabio quer dizer senhor: e que por

isto per excellencia, e tambem porque *maluco* quer dizer reino, e *neza* em persio quer dizer lança; chamaram ao meu amigo *Nizamomaluco,* quasi «Lança do Reino»; e *cota* em arabio é fortaleza, e por isso *Cotalmaluco* quer dizer «Fortaleza do Reino»; *Imad* quer dizer esteo, e por isso chamaram o outro *Imadmaluco,* que é «Esteo do Reino»; e *Verido* quer dizer recado e guarda, e *Meliquê-Verido* quer dizer «Rei da Guarda»; e alguns não chamavam a estes Malucos senão *Meliques,* que quer dizer «Reisinhos».

R. — E Maluco quer dizer reino propriamente?

O. — Não; senão «Região da Provincia».

R. — A tudo me satisfizestes já, senão ao *Xá.* Porque dizeis Nizamoxa e *Adelxá?*

O. — Levantou-se no Coraçone o Xá Ismael, pae do Xatamas, que agora vive, e sendo de baixa geração, levantou a guerra sobre suas falsas leis, contra o Gram Turco; e veio a ser um dos maiores senhores do mundo; e mandava que tomassem a sua seita, que é contra Mafamede; e é pola parte de Ali; e aos que a não tomavam, lhe faziam crua guerra; e este seu filho que chamam Xatamas a mandou denunciar a estes senhores do Decam, e lhes deu o Xá que é titulo de Rei. E assi se chamam Adelxá, Nizamoxa, Cotumixa; e assi ficam reis nos nomes ao menos; sómente que não podem bater moeda, senão de cobre: e o Nizamoxa aceitou

logo a sua lei, e os outros, como se foi seu embaixador, logo a engeitaram.

R. — Eu sempre cuidei que se chamava Xeque Ismael, e não Xa Ismael, e tambem cuidei que se chamava esse homem Sofy.

O. — Verdade é que Xeque é dignidade que quer dizer velho; e destes são os Xeques de Arabia; mas Xá em persio quer dizer rei, e Xá Ismael quer dizer el-rei Ismael. E chamaram-lhe os Turcos e Rumes Çufi, porque tinha um grande capitão que chamavam Çufo ou Çufi: e por isto lhe ficou o nome ao Xá Ismael de Çufi por cauza do seu grande capitão. E pois jogaes o enxadrez, dir-vos-hei uma couza que folgueis de saber; ainda que não seja physica.

R. — Muita mercê me fazeis n'isso.

O. — Xá quer dizer rei, e quando dizem ao rei que se mova, não se ha de dizer xaque senão xa, como quem dicesse a el-rei fallo que se mova; e assi dizem os Mouros, e não xaque.

R. — Couza é essa bem curiosa, e com que muito folgo. E elles jogam bem o enxadrez?

O. — Bem, mas é differente do nosso jogo. E por não vos enfadar não vos digo os nomes das peças, que é uma batalha ordenada.

R. — Não vos escuseis, e dizei-m'o.

O. — Ao rei dizem *Xá,* e á dama *Goazir,* que é condestabre; e ao delfim chamam *Fil,* que quer dizer elefante; e ao cavallo *Guora,* que é o mesmo; e ao roque *Roch há,* que significa tigre; e ao pião *Piada,* que quer dizer homem que peleja a pé, e assi fica isto uma batalha ordenada. E perdoai-me, se vos enfadei com historias vans.

R. — Antes folguei muito.

COLLOQUIO X BIS[1]

DO BETRE

R.—Parece-me, sr., que nos esqueceu fallarmos do *betre,* pois é tão acostumada a comel-o a gente de todas estas partes, somente a v. m.ce o não vi comer, nem provar; e diz-me a gente desta caza que nunca vol-o viram comer. Parece ser que, ou sois muito pertinaz, ou em vós ficou a fé de Portuguez somente.

O.—Eu pera mim tinha que já a pratica do *betre* era acabada, mas pois a minha memoria é tão fraca, perdoai-me este esquecimento com outros muitos, que por mim podiam passar. E quanto é a não n'o comer eu, não é isso prova de não ser elle muito bom, senão de minha pertinacia, como vós dizeis; porque eu provei este *betre,* quando vim de Portugal, em Pangim, que é uma fortaleza pequena, que está na boca do rio, e amargou-me, e assi amarga a todos os que o comem, se lhe não misturam *areca,* e alguma pouca quantidade de cal, e com esta mistura dizem ser muito saboroso sumo

[1] Passamos a este logar tudo quanto respeita ao betle, que na edição de Goa se acha no fim do livro, em virtude da recommendação do autor: «Colloquio do betre e outras couzas em que se emendam algumas faltas de toda a obra, as quaes ficaram por esquecimento, e pode-os o leitor ler acabados os colloquios da lettra B., que é no colloquio do betre. (*V.*)

e a mim me ficou d'esta prova tal aborrecimento que nunca acabou comigo o Nizamoxa que o comesse, quanto mais tomal-o da boca da molher, como muitos o fazem (ainda que sejam Portuguezes); porque nenhuma molher conversa com homem, que o não leve mastigado na boca.

R.—Não lhe misturam outra couza alguma mais que o que dicestes?

O.—Misturam-lhe *cate,* e as pessoas poderosas *canfora* de Borneo, e alguns *linaloes,* e *almisquere* ou *ambre.*

R.— *Canfora* me parece, que lhe não lançarão, porque faz os homens impotentes.

O.—Si, misturam: e disso se ria o Gram Sultão Badhur, Rei de Cambaia, dizendo: E dir-me-heis os Portuguezes que esteriliza e faz impotentes aos homens esta *canfora?* E eu lhe respondi que a *canfora,* em pouca quantidade, misturada com outras mezinhas, não faz os homens impotentes, e porque, nos colloquios que tratam da *canfora* e da *areca* e *cate,* vereis estoutras mezinhas, e nellas vos não fallarei, aqui somente vos digo do *betre*; o qual, feito com esta mistura, é tão aprasivel ao gosto e faz tão bom cheiro, que todos o mastigam continuadamente; porque muito pouco tempo passa, que o não mastigam os que o podem gastar. E digo isto, porque no sertão e terras afastadas do mar, vale muito caro, e por esta cauza gasta o Nizamoxa cada anno em elle trinta mil cruzados porque

toda a fruta que vos dão é essa; e quando vos querem despedir, com isso vos despedem; e gasta cada um deste *betre,* como pode; e tambem os senhores cada um segundo o seu merecimento; e ás vezes o dá El-Rei por sua propria mão, e a outros pela alheia, que é o pagem delle, a quem chamam *xarabdar,* ou outros *tambuldar.* Só a duas pessoas vi que aborreciam este *betre,* e o não podiam comer; e eu são um delles, e outra era um physico Arabio do Nizamoxa, que havia nome Mulahucem.

R.—Muitas pessoas vi que o não comiam.

O.—Verdade é; mas podiam-o essas pessoas comer, se quizessem: eu não o posso comer, nem tenho apetite para elle. E prezam-se tanto os Indios disso que, porque o *betre* tem umas veas ou nervos ao longo da folha, tomam uma folha na mão, e tiram-lhos com a unha do dedo pollegar, a qual não tem romba ou redonda, como nós, senão com uma ponta aguda no meio, que pera este effeito fazem; e assi dobram a folha, e lhe misturam a cal, em pouca quantidade, e *areca* em pedaços, ou moida, e, dobrada a folha tres ou quatro vezes, a mastigam; e o primeiro sumo lançam fóra, o qual é de cor de sangue, e algumas pessoas não fazem isto, senão tudo mastigam logo, e tomam depois outras folhas pela mesma maneira feitas, e o ordinario disto é quando se despedem alguma pessoa ou se ella despede por si: dão-lhe, s. folhas em uma bolsinha de tafetá com alguns

grãos *d'areca* e *cate*, e uma pouca de cal amassada; e esta cal não lhe faz mal; porque é em pouca quantidade; e mais porque a cal que se dá é feita de ostras queimadas pola mór parte. Já lhe dice que, segundo a pessoa que o dá, ou aquem o dão, assi é o numero das folhas; porque os principes que despedem alguma pessoa, ou ella se despede, não se parte até que lhe não deem o betre, e com isto se vão, que é o signal de se despedirem.

R.—Muito uzada couza é essa, e parece que é o principal mantimento da terra. E ha-o em todas as partes? E quando é o tempo mais azado pera o mastigar?

O.—Principalmente quando vão os homens a fallar a alguma pessoa de qualidade o levam mastigado na boca, por fazer bom cheiro; e é entre elles tão avorrecido cheirar mal o bafo, que se fallam os menores com alguma pessoa de autoridade, teem a mão diante da boca um pouco afastada por mau cheiro; e assi a molher que ha de tratar amores, nunca falla com o varão, sem que o traga mastigado na boca primeiro, e assi tem ellas que pera as vodas de Venus é principal alcoviteiro; e depois de comer, toda a pessoa desta terra o come ou mastiga, porque dizem, que, não o fazendo, lhe vem o comer á boca, e arrevesam. E muitos Portuguezes dizem que, como comem peixe logo arrevesam, senão comem *betre;* e dizem muitos que, ás pessoas acostumadas a o comer,

lhe cheira mal o bafo, se o não comem, por a indigestão ou putrefação do cibo cauzada no estomago; porque o não comiam, e quando o comiam, não a tinham. Este *betre* não o comem alguns dias os que perderam pai ou mãi, e assi o não comem em alguns grandes jejuns; e tambem os Mouros, e os chamados Moalis, que são os que seguem a Aly, em dez dias que elles fazem jejuns; porque estes filhos d'Aly, dizem elles, que morreram de sede, cercados em uma fortaleza. E nisto contam mil fabulas graciosas, ou dignas de se rir dellas, e deitam-se no chão, e não comem este *betre*. E quanto é o que dizeis onde o ha, digo que em todas as partes da India sabidas dos Portuguezes; e isto se entende nas terras, que estão perto do mar; porque em todo o mais de sertão não o ha, senão trazido da fralda do mar. É verdade que em Dultabado, cidade famosa do Decam, e em Bisnagua o ha, mas destas cousas se não faz regra, por ser em pouca quantidade. Pera as partes da Persia e da Arabia não chega mais que até Calaiate (distante de Ormuz oitenta leguas), e dahi avante vai algum de carreto muito caro aos que o podem comprar; e outros mastigam *areca* com *cardamomo* ou *cravo*.

R.—Queria saber da feição da arvore; posto que a folha a vi; e como se chama, e qual é o melhor, e pera que aproveita em uzo da physica?

O.—O nome em Malavar é *betre;* e em

Decam, Guzerate e Canarim, *pam;* e em Malaio *ciri.*

R.—E como tomam o nome malabar, e deixaram aos outros; porque mais razão fora que lhe chamaramos *folium indum,* como nós temos que o é, ou chamar-lhe, como em Goa lhe chamam, s. *pam?*

O.—Chamamos-lhe *betre,* porque a primeira terra dos Portuguezes conhecida foi o Malavar: e a mim me lembra que não diziam em Portugal que vinham á India, senão a Calecut; e isto porque esta cidade foi donde se levava toda a droga e especieria ao estreito de Meca; e era uma riquissima escala; e agora, em vingança do que nos fizeram em Calecut, é perdido o trato todo delle. E sendo o rei de Calecut imperador, tem menos poder, que o de Cochim; porque nos ajudou no principio; de modo que todos os nomes que virdes, que não são portuguezes, são malavares; assi como *betre, chuna,* que é cal, *maynato,* que é lavador de roupa, *patamar,* que é caminheiro, e outros muitos: e ao que dizeis que se chama *folium indum,* não se chama assi em nenhuma lingua; e o *folium indum* é muito differente delle. E Avicena faz capitulo de um e de outro separado.

R.—Muito espantado estou, porque sempre tive que o *folium indum* era mais conforme nome pera o *betre.*

O.—Eu tive esse vosso error, quando cheguei á India, e d'ahi a alguns dias fui ver o Nizamoxa

a quem vulgarmente chamam o Nizamaluco, que, tendo-lhe de fazer uma composição para o estomago, lho receitei, e dizendo que *folium indum* era o que mastigava cada hora, se riu de mim, porque entendeu aquella palavra de *folium indum* em portuguez, e entonces amostrou o Avicena em arabio, onde estavam dois capitulos differentes, um do outro, s. o do *folium indum* (duzentos e cinquenta e nove) e do *betre* (settecentos e sette), e ali me mostrou o *folium indum;* e porque no capitulo do *folio indo* fazemos delle menção, não o metteremos aqui; somente sabei, que Avicena chama ao *betre, tembul,* e parece ser vocabulo um pouco corrupto, porque todos lhe chamam *tambul,* e não *tembul.*

R. — Afóra dizel-o um rei, não tendes outra prova; porque ainda que se diga commumente palavra de el-rei é proverbio, e não quer dizer, que não mentem os reis, senão que nunca haviam de mentir, pois são reis.

O.—Tenho os dois capitulos diversos de Avicena; e perguntai a qualquer Arabio ou Ethiopio, como se chama o *betre,* e dirvos-ha *tambul;* e diz o mesmo Avicena, que conforta a carne, que ha entre os dentes, e sempre o mastigam os Indios pera isso; e abaixo diz mais, conforta o estomago; e por isso o mastigam sempre os Indios.

O.—Não sei que diga a tão fortes signaes, com que o pinta Avicena; e pera isso quero ver o livro porque, como dizem, ver e crer.

O.—Eis aqui o livro dos emmendados pelo Belunensis.

R.—Assi diz, mas tenho duvida em dizer, que é frio no primeiro, e seco no segundo.

O.—Está corrupta a lettra; e os Mouros todos lettrados dizem que foi enganado Avicena na composição, e que fallou nisto por falsa informação; e não é muito darem-lha má; porque o povo erra muitas vezes nestas graduações, que tem a *pimenta,* e o *cardamomo* e a *cebolla,* por frios de compleição, e quanto é ao *betre* ser quente e seco no fim do segundo, eu o tenho assi pera mim, por ter tal sabor e cheiro; e assi é proveitoso pera mais couzas na physica; o qual vós sabeis por as compleições que tem.

R.—Dizei a feição da folha, e se tem semente, e como se planta, e qual é melhor?

O.—A feição da folha, como vedes, é ser mais comprida e mais estreita na ponta, que a de larangeira: tem-se por melhor o mais maduro, que é quasi amarello; postoque algumas molheres folgam mais o que não é tão maduro, porque lhe trinca, e soa mais na boca. Tem este *betre* em Maluco uma semente torcida, como rabo de lagartixa, e esta comem em Maluco, porque a acham mais saborosa e melhor, e ja esta semente foi trazida a Malaca, e comem-na, e acham muito boa, e planta-se como a pereira, e poem-lhe alguma estaca, a que se arrime, e vai por ella trepando, assi como a nossa

hera: algumas pessoas, por fazer mais proveito, a arrimam ás arvores da *pimenta,* ou da *arequeira,* e fazem umas graciosas ramadas delle: quer-se muito bem tratado e muito limpo, e bem aguado.

R.—Tendes dito muito bem; queria saber se o tendes por certo.

O.—Digo que todos os que vos escreveram o contrario, antigos e modernos, erraram; porque diz Antonio Musa, e o Pandeteca, que é *malabatum,* e isto é alheio da verdade: no colloquio que falla do *folio indo,* vereis tudo ser falso no que elles dizem. E cavalguemos, e mostrar-vos-hei o *betre* nas hortas.

COLLOQUIO XI

DO CALAMO AROMATICO E DAS CACERAS

R. — Dizei-me agora os nomes do *calamo aromatico* ácerca das nações que sabeis, porque polos nomes venhamos em conhecimento do que é; porque os nossos doctores modernos tem grandes duvidas nelle e no *acoro*, que dizem uns que é o *calamo aromatico*, outros dizem que a *galama* é o *calamo*: em tal maneira está esta meada empeçada, que tem necessidade de um bom sergueiro para a desempeçar; e portanto venho a vós que, pois conheceis estes simples, que o desempeçeis.

O. — O que lá em Portugal se usa em as boticas por *calamo aromatico* é que na India é mézinha mais usada, assim nos homens como nas mulheres, como nos cavallos, pera suas doenças: chama-se em Guzarate *vaz*, e o Decane o chama *bache*, e é malabar *vasabú*, e em malaio *daringó*, e em persio *heger*, e em Cumcam, que é a fralda do mar, *vaicam*; e em arabio *cassab aldirira*.

R. — Pois Serapio, que é arabio e de auctoridade, o chama *assabel dirira*.

O. — Serapio está corruto, e Avicena está emendado; e mais os Arabios physicos lhe chamam esse nome; e o mesmo soa *cassab* que *calamo* e *aldirira* dos aromaticos; porque *dirira* é o mesmo que ácerca de nós o *aroma;* isto se tira de Avicena. E porque os Malaios souberam esta mézinha por os Mouros, que do Coraçone foram, o chamaram corruptamente *diringuo*. E esta mézinha é em Goa muito usada e em toda a India se semêa; e aqui em Goa nas hortas cresce pouco, e porém cheira, ao meu gosto mal; quanto mais verde tanto é o cheiro mais forte e horrido, pera mim (posto que diz Ruelio o contrario); e algumas mézinhas, quanto mais secas, tanto cheiram melhor; assim como o *sandalo* e a *aguila;* semeam muito no Guzarate e Balaguate; e no cabo onde está semeado não cheira até que seja tirado da terra. Traz-se della pera a fralda do mar, porque o que nella nasce se gasta na terra, e o que vem do Balaguate se leva pera o ponente. As mulheres usam muito delle pera as paixões da madre, e pera as enfermidades dos nervos; tudo o que mais se gasta é, no tempo frio, pera os cavallos; porque, pera as manhans, lhe dão a comer pisado com alhos e misturado

com alhos e *ameos*, que é cominhos rusticos; e algum sal e manteiga e assucar, e chamam esta mézinha *arata*.

R. — Nasce em outro cabo afóra na India; e parece que si, porque Galeno e Hipocras o chamam *calamo inguentario*, e Plutarco *calamo arabio*, e Cornelio Celso *calamo alexandrino*.

O. — Eu perguntei a muitos Coraçones e Arabios, que trazem a vender cavallos a esta India, se o havia em sua terra; e todos me diceram que não havia outro senão o que vinha da India por mercadoria; e perguntei-lhe se o conheceram e uzavam lá delle, diceram-me que muito bem o conheciam lá; mas que não era mézinha da sua terra, e nisto se affirmaram todos os mais. E os que dizem que é commum aos Indios e Sirios, não dizem conforme ao que estes mercadores me diceram, e tambem me diceram os physicos do rei do Decam. Assi os que o chamam *da India* dizem verdade, e os que *da Arabia* dizem bem; porém que viesse primeiro da India á Arabia. E muito bem fallam os que o chamam *alexandrino*, porque dahi vão ter aos Venezianos, a Beirut e a Tripoli de Suria.

R. — Pois Menardo diz que o viu em Panonia, e que era muito fresco; por onde parecia ser de perto trazido.

O. — Nós do que vemos e ouvimos damos fé; e póde ser que se enganou elle, ou se o vio, foi semeado em alguns alguidares ou cestos, como se semeam

gengivre e nasce; mas a verdade é o que vos dice, porque se leva lá por mercadoria.

R. — Isto que se administra, de que uzamos, que é? raiz ou canna?

O. — É canna, porque a raiz é pequena e a semeam; e ás vezes vem misturada a canna com a raiz; e portanto não dizem bem os que dizem que é raiz sómente; porque dizem pera fundar a sua opinião que *acoro* é *calamo aromatico* ou *galamga*.

R. — E porque lhe chamais *aromatico*, pois dizem que elle vem do nome arabio?

O. — Digo que *aromatico* não quer dizer cheiroso, senão droga trazida destas partes; e mais eu não sei *calamo odorato*, mas sei *junco odorato*; e já vêdes a differença que vai de canna a junco, e mais vos faço saber que não é o que está dentro do *calamo* couza similhante a teia de aranha, mas antes está dentro uma substancia porosa de cor algum tanto amarella; e nisto se enganaram Avicena e Serapio, que tinham mais razão de saber isto que os Gregos.

R. — Dizem estes modernos escriptores que o *calamo aromatico* é o *acoro*; porque a raiz do *acoro*, que se nas curas administra, não é calamo ou canna, senão a raiz a que vemos nas boticas.

O. — Nisto não trabalheis; porque sómente o calamo é o que se vende e uza, e não a raiz, e se o quereis ver, vêdel-o aqui verde e seco.

R. — Não o duvido já, pois o vejo com os olhos; mas dizei-me como *acoro* será espada-

na, pois dizem uns ser preta e outros branca, e que mordica, e que é quente no terceiro gráo; e nós não lhe achamos alguma acrimonia nem quentura; e isto, não tão sómente nas regiões frias, mas nem em quentes; quanto mais que não pode ser uma mézinha quente e seca no terceiro, e que, plantada em outro cabo, não fique quente; porque estas calidades seguem a especie, e não se podem tirar de todo o ponto, como se vê no *acoro;* por onde muita razão tem de ser o *acoro* o que por tal se vende.

O. — Eu vos confesso que não é *acoro* a espadana; senão que, ou carecemos delle, ou não o sabem buscar nos logares onde dizem Galeno [1], Plinio e Dioscorides que o ha, e isto porque são os physicos pouco curiosos; e por o não achar não é bem que seja *calamo aromatico;* pois Avicena e Serapio fazem tres capitulos, convem saber do *calamo aromatico,* e do *acoro* e da *galamga.* E os que escrevem do *calamo* dizem havel-o na India, e assim é que o não ha em outras partes; e o *acoro* não dizem que o ha senão na Europa; por donde não foi conhecido de nós, porque não especulamos o que agora especularam Menardo Lyoniceno e outros; mas todos os physicos, Arabios, Turcos e Coraçones, e da India não conhecem o acoro; porque, quando eu

[1] Galeno 6, Simplice; Plinio, liv. 25 e 26; Dioscorides, liv. ... cap. 17.

curei ao Nizamoxa de um tremor, tive com elles grande porfia sobre isso, e nunca me souberam dizer que era *acoro,* senão que na Turquia o havia, porque eu lhe dizia o nome em arabio, e mais o *calamo* é quente e seco no segundo gráo e o *acoro* no terceiro; por onde não pode ser tudo um; e se o *acoro* não o achaes, buscai-o, e olhai, por os livros, o que poreis em seu logar.

R.—Porque não será a raiz da *galamga, acoro,* pois todos os signaes tem do *acoro?*

O.—Aqui havereis de duas maneiras de Jaoa e da China, e plantam-na aqui, e as folhas não parecem gladiolo, e são muito mais curtas, e é feita muito como colher, como vos direi quando fallarmos na *galamga;* e vol-a mostrarei verde e seca; e mais a *galamga* tem outra compleição, que é mais quente, e não é apropriada ao que é o *acoro* e o *calamo;* porque estes dois são apropriados aos nervos; e a *galamga* ao estomago e a resolver ventosidades; e mais estas mézinhas, convem saber a *galamga* e o *calamo,* são mercadorias nesta terra, do principio conhecidas e uzadas a levar-se pera o ponente.

R.—De maneira que quereis que percamos um simples tão notavel como o *acoro?*

O.—Eu não quero que o percamos, mas quero que não perca a India estes dois ou um delles;

e digo que, se se perder, não tem os Indios a culpa, senão os outros; pois diz Plinio que a melhor é em Ponto, e depois em Galacia, e depois em Creta.

R. — Pois que isto dizeis, que poreis em logar de *acoro* pera lá uzar?

O. — Ponho o *calamo aromatico* em maior quantidade; por não ser tão quente e seco, que é um gráo menos; e deste modo uzei em Nizamoxa e em seu pae; vós o podeis fazer, se vos bem parecer; mas sabei que não é *acoro* o que por *calamo aromatico* uzamos; e o que diz Marcello, que é canella, é tão falso que não tem necessidade de se impugnar.

R. — Parece-me que será bem comer; e dizei-me que fructa é aquella que está parando aquella moça, porque parece *junça avelanada* ou *junco odorato?*

O. — Não é senão uma fructa, que nasce na vasa debaixo da terra; e depois, com as secas, sae fora, e deita um talo curto de um dedo, com folhas umas pegadas com as outras; e são estas folhas muito verdes, da feição das de *padana,* e, depois de seca a vasa, sae fóra, como as tubras da terra; e depois que for seca, sabem a castanhas aviladas; e, quando não é seca, não tem bom sabor.

R. — Muito propriamente me sabe a isso, e dizei-me o seu nome?

O. — Chama-se *caceras,* e porque não é isto em uzo de physica, comamos.

COLLOQUIO XII

DE DUAS MANEIRAS DE CANFORA E DAS CARAMBOLAS

R.— Muita razão será que fallemos na *canfora*, pois é tão estimada e uzada na physica, da qual não escreveu Galeno nem escriptor algum grego, senão Aecio, escritor moderno; e sem duvida que se deve aos Arabios muito em algumas couzas, porque ainda que dellas não deixassem perfeita noticia, foi por estas terras serem ignotas, que dellas não podiam dar perfeita relação.

O.— Certo que passa assi; porque eu, que estou nesta terra ha tanto tempo, com muito trabalho posso saber uma verdade perfeitamente; e a causa é porque os Portuguezes, que navegam muita parte do mundo, onde vão, não procuram saber senão como foram melhores suas mercadorias; e que levarão pera lá, quando forem; e que trarão da tornaviagem; não são curiosos de saber as couzas que ha na terra; e se as sabem, não as dizem a quem as traz que lhes mostre a arvore; e se a vêem, não a comparam a outra arvore nossa; nem perguntam se dá flor ou fructo, e que tal é: e como eu não posso andar todas as terras, nem me dão licença os que a terra governam pera

ir fóra donde residem, porque se querem servir de mim, por minha velhice, antes que d'outrem, e não por na terra não haver physicos muito bons lettrados; e por isto não sou digno de culpa em vos dizer isto destas mézinhas, e tanto a medo.

R.—Bem sei que quem não sabe que não duvida; e por isto não tamsomente sois digno de perdão, mas sois merecedor de louvor.

O.—A *canfora* é de duas maneiras, uma se diz *canfora de Borneo,* a qual nunca foi vista em nossas regiões; ao menos de quando eu lá estava: e não me maravilho porque esta custa tanto uma libra, quanto custa um quintal de *canfora da China,* que é a que lá vai ter: e é feita em pães redondos de diametro de uma mão atravessada; e por ser assi parece cousa composta e não simples; e esta é a causa porque a não levam lá.

R.—Desta que não vi, me dizei primeiro, e m'a mostrai.

O.—Aqui tenho uma pouca; mas não é da melhor.—Moça, dá cá o bote da *canfora de Borneo.*

Serva.—Senhor, eil-o aqui.

O.—Pois haveis de saber que esta que vedes que é da grandura de milho, ou algum pouco maior, é a mais somenos, porque, acerca dos Gentios e Baneanes e Mouros, que esta fazenda compram, fazem desta quatro sortes, s. cabeça, peito, pernas, pé: vale um arratel da cabeça a oitenta pardáos; e do peito a vinte, e das pernas a doze, e do pé a quatro e cinco, quando muito; e alguns muito curiosos peneiram esta *canfora*

per umas peneiras de peneirar aljofre, que são feitas de cobre, e são furadas, e a *canfora* que sáe polos buracos vendem por um preço, e a que sáe por os mais pequenos vendem por outro, porque são estas joeiras quatro, s. de buracos grandes e pequenos, e mais pequenos, e muito meudos; e são estes Baneanes tão espertos mercadores que, ainda que mistureis uma *canfora* com a outra, lhe lançam tambem sua conta, que não ha quem os engane; e essa, que vêdes é o rebotalho de muita, e é ruim; e está preta por se fazer della pouco caso, e por ser pouca. Ha muita desta *canfora* em Borneo e em Bairros, e Samátra e Pacem; e isto são ilhas ou terras, e os nomes que escreveram donde eram, s. Serapio e Avicena[1]; e alguns delles, ou todos, são corrompidos. E sabei que esta é uma mercadoria muito gastada e costumada em comer nesta terra; e a que Serapio chamou *adepançor* é de Pacem, que é em Samatra; e a que Avicena chamou *alçuz* póde ser a de Sumda, que são isto ilhas ou terras firmes confinantes a Malaca; e a que Serapio diz que se traz da região de Calca, está corruto o nome, e ha de dizer de Malaca; pois a ha em Bairros, que é porto d'ahi.

R. — Muito folgo de conhecer esta mézinha tão nobre e preciosa; e quero saber de vós, primeiro que em outra couza fallemos, se é gomma ou se é miolo, como sente Avicena e outros; e se primeiro com magoas vermelhas e pretas, e se per fogo ou distilação se faz branca e se a falsificam?

[1] Serap., cap. 344. Avi., liv. II, cap. 134.

O. — É gomma e não miolo, que cáe no fundo do páo, como dirão os que a viram tirar; e logo vereis no páo a gomma que deita per umas gretas; de maneira que vêdes suar a *canfora* por ali. Isto vi eu muito claramente, em uma mesa, que um boticario tinha: tambem vi isto em um páo, que apresentaram ao governador D. João de Castro, de grossura de uma coxa. Tambem aqui nesta cidade tem um mercador uma táboa de um palmo, que todos estes páos mostram ser da arvore da *canfora;* e eu não negarei que desta gomma caía no ôco da arvore alguma, como nas arvores de Portugal vimos muitas vezes. E primeiro vem muito branca, sem nenhumas magoas vermelhas, nem pretas; e não se distila, como dizem os escriptores, ou se coze pera ser branca; sómente a da China se amassa, como adiante vos direi; e nisto não tenhaes duvida alguma; porque foram falsas informações que se deram a Avicena e Serapio: «de longas vias, longas mentiras». E foi-me dito per pessoas dignas de fé que vai colher esta *canfora* um homem, e enche della uma cabaça, e se outro homem o vê primeiro com a cabaça cheia, o mata, e lhe toma a cabaça, sem por isso ser castigado, porque dizem que a sua ventura lhe deu aquillo.

R. — Porque dizeis que os Gregos não fallam nisto, vos lembro que Serapio allega a Dioscorides, fallando

na *canfora;* e mais vos peço que vos não esqueça de me dizer da falsificação della.

O.—Não vos maravilheis disso, porque em Serapio está isso acrescentado falsamente; e ácerca de como se falsifica, sabei que a de Borneo vem algumas vezes misturada com umas lascas de pedra muito delgadas, ou com uma gomma (a que chamam *chamderros)* que parece alambres crús, ou é misturada com farinha de um páo; mas todas estas couzas bem se vêem, a quem as quer especular; e eu não vi outro modo de falsificar senão este; e se vem com magoas pretas ou vermelhas, dizem ser porque foi maltratada, ou se molhou; e este mal lhe tiram os Baneanes, levando-a secretamente atada em um panno, em agua quente, com sabão e sumo de limões; e depois de bem lavada a põem a enxugar á sombra; e fica muito mais alva, e do peso não perde muito: eu vi fazer isso, e confiou-se de mim em secreto o Baneane, porque era muito meu amigo.

R.—Achais polos auctores feita menção destas duas maneiras de *canfora?*

O.—Si, posto que escuramente o diz Serapio, que o mais que se traz desta *canfora* é de Hariz, e é menor que a da China; o qual se ha de entender que a maior quantidade que se traz é do Chincheo, e é maior que a outra de Borneo; porque não se acha della quantidade maior que de uma oitava, o qual é

verdade tudo; posto que o texto de Serapio vai torcido, e os pães de Chincheo (a quem nós chamamos China) são de quatro onças e mais.

R.—Da arvore me dizei.

O.—Dice-me um homem digno de fé, que a arvore era como uma nogueira, e que a folha della era branca e de feição de folha de salgueiro; e que não lhe vira flor nem fructo, e que podia ser que o tivesse, e que lho não visse; porém eu sei que o páo é pardo, e muito delle da cor de faia, e algum delle mais preto: não é leve e poroso, como diz Avicena, mas é mociço meãmente; e póde ser que o que Avicena viu fosse já velho; e dizem os mais que a arvore é espaçosa e alta e de boa copa e aprazivel á vista; e lança a *canfora* fóra de si, que lá vêdes sair ou suar, o qual eu vi em uma mesa. Outro páo vi grosso como uma coxa, de que já fallei, e não se lhe parecia a *canfora;* porém era em o cheiro muito semelhante a ella; e vi outra táboa de um palmo, que deitava alguma *canfora,* e era de cor de faia.

R.—Da sombra desta arvore me dizei, se é verdade que a ella se chegam multidão de animaes pera fugir das feras rapaces.

O.—Tudo isto é fabuloso; e posto que nessa terra haja tigres (a que no malaio chamam *reimões)* não são seguros á sombra dessa arvore, nem tal ouvi.

R.—Ha mais novidades desta *canfora* em um anno, que n'outro? Porque me dizem que quando ha muitas trovoadas, é boa novidade, e quando poucas, má.

O.—Nisto se informaram mal Avicena, Serapio e Aecio; porque na ilha de Samatra e ao redor della ha sempre muitas trovoadas, por estar perto da linha, onde sempre chove pouco ou muito cada dia; por onde sempre todos os annos havia de haver *canfora;* assi que as trovoadas não são cauza de haver *canfora;* nem lhe podem chamar cauza, senão por accidente, ou o occasionalmente acontecida. E a esta cauza chamam os philosophos causa, sem a qual não se acontece o effeito.

R.—Da *canfora* de pães que dizeis ser da China, ou do Chincheo, me dai razão.

O.—A *canfora* da China presume-se ser feita de uma parte dest'outra de Borneo, e todo o mais de outra *canfora da China,* de menos preço; e amassada fazem pães della, como vêdes; e não porque em principio tivesse magoas vermelhas ou pretas; e isto não n'o sei mais que per uma conjectura e parecer de algumas pessoas que m'o assi affirmaram; porque esta *canfora* não vem de Cantão, onde toda a mais de gente vai, senão vem do Chincheo, donde vão poucas pessoas; posto que um homem digno de fé me dice, que a multidão della a fazia valer tão barata na China: outros me diceram o contrario; s. ver que estes pães eram compostos; porque a *canfora de Borneo* é mercadoria pera o Chincheo, e a gente da terra dizem que a querem pera a misturarem com outra somenos: a este dito

favorecem os Baneanes de Cambaia, que dizem em secreto que, quando lhes falece a *canfora de Borneo,* misturam uma pouca com muito da China; e de tudo fazem *canfora* chamada *de Borneo* falsamente; e dizem mais estes Baneanes que logo se parece a *canfora da China* ser composta; porque evapora toda, e se gasta per tempo; mas a *canfora de Borneo* nunca se gasta.

R. — Qual é vosso parecer ácerca disto?

O. — Digo que no Chincheo ha *canfora;* posto que não tão boa como a de Borneo; e, amassadas e ajuntadas ambas, fazem boa mixtão; por serem comprehendidas debaixo de um genero, e por ser assim composta evapora, e se vai polo ar, e a de Borneo não.

R. — Logo bem diz Menardo que é couza nova, e que elle crê ser couza composta e não simples.

O. — A mim não me parece tanto ser composta se o é, é de duas maneiras de *canfora;* e posto que evapore, não é corrutivel muito; porque as couzas compostas são mais apparelhadas á corrução; porque o *ruibarbo* escassamente dura cá quatro mezes, que chove nesta terra; e por isso é muito não se corromper a *canfora da China,* ficando na India.

R. — Ha outra especie de *canfora,* por Averrois dita muito differente dest'outra; porque diz que nasce no mar; e que é quente seca no segundo gráo; e o que mais é de maravilhar, dizer que o *ambar* é especie de

canfora, e que nasce no mar em fontes: pergunta-se, pola ventura ha cá essa *canfora?*

O. — Nunca ouvi dizer della, nem a ha; porque faz sempre esta gente toda da India tanto por esta mézinha, que não se houvera de perder della a memoria: se o *ambar* fosse especie de *canfora,* não seria havido em tanta estima na China, que o levam lá e o vendem tão caro, como dixe fallando no *ambre;* e mais pois o *ambar* é quente no segundo, e a *canfora* fria no terceiro, não podem ser comprehendidos debaixo de um mesmo genero; porque as calidades procedem das especies; porque nunca se viu alfaça quente, nem pimenta fria; assi que nisto podeis descançar.

R. — Andreas Belunensis, de quem não dizeis mal e louvaes, diz no seu diccionario que a *agoa de canfora,* segundo os Arabios, corre e mana da arvore da *canfora;* e que a tal arvore e agoa são quentes no terceiro gráo: e porque commumente se diz a *canfora* ser fria, é necessario saber como é isto, e se vistes a tal agoa, ou vistes della fazer menção.

O. — Já perguntei a muitos por esta agoa, assi physicos, como mercadores; e della me não diceram couza alguma; porque no Balaguate ha agoa de cannas de assucar, e vende-se assi que, nem da agoa, nem da graduação, tem culpa o Belunensis, senão o livro do Arabio com quem alega.

R. — Pois Ruelio e Meteolo Senense dizem que a melhor de todalas *canforas* foi purificada por um rei barbaro, a quem elles chamam Rei China.

O. — Podeis dizer a Ruelio e a Meteolo Senense que, ainda que saibam tãobem as lingoas grega e latina, não hão tanto de encher a boca a chamar barbaros aos que não são de sua geração; e que elle se enganou; porque a *canfora de Borneo* se vende por *cates,* e a da China por *bares,* e que o *cate* são vinte onças, e que o *bare* são perto de seis centos arrateis; e que o rei da China não se põe a fazer *canfora,* e é um dos maiores reis que se sabe no mundo; e pera fallar nelle e nas suas terras era necessario escrever um gram volume. E sabei que as mercadorias que della vem são leitos de prata e baixella ricamente lavrada, seda solta e tecida, ouro, almisque, aljofare, cobre, azougue, vermelhão, e a menos é porcelana, que vale ás vezes tanto, que é mais que prata duas vezes. E hei vergonha de vos dizer quanta quantidade entrou de seda nas cidades de Goa e Cochim, um anno destes passados.

R. — Dizei, que bem sei que direis a verdade.

O. — Sete centos *bares,* e cada *bare* tem trez quintaes e dezeseis arrateis. E por aqui vereis a riqueza e grossura desta terra

que em Goa, quando outra monção vem, já é gastada toda a seda.

R.—Dos nomes e compleição della me dizei.

O.—*Capur* e *cafur* dizem os Arabios, e toda a outra gente; porque o f e o p são lettras muito irmans acerca dos Arabios; assi que todos a chamam de uma maneira; e se alguns escriptores lhe põem outro nome, foram enganados, ou estão depravados os livros; e na compleição Rasis a põe fria e humida, Avicena fria e seca em o terceiro gráo; e alguns escriptores ou todos seguem Avicena.

R.—A muitos escritores modernos pareceu, por seu cheiro e por ser evaporable, ser de compleição quente, e parece-me que tem razão; porque os cheiros das cousas frias não são tão fortes; como se pode ver no sandalo e nas rosas.

O.—Verdade me pareceu isso muito tempo; mas desde que vi em obtalmia muito quente, e, em uma queimadura posta, a *canfora* é como se lhe pusessem neve, logo me pareceu o contrario; e mais a gente destá terra, assi Gentios como Mouros, e donde nasce digam ser fria, e o sentido do tocar e gosto sejam sentidos proprios, não se haviam de enganar tantos nella; e de ser fria e seca no terceiro grau a ser quente, e ao argumento do cheiro é facil a resposta; porque a *canfora* de si é evaporable, e lança todo o que tem fóra; e a rosa e o sandalo por serem estiticos

a retem em si, e não a deixam sair fora, e muitas couzas são frias e secas, e são inflamables, como a lã e os cabellos, e as estopas.

R.—Se Avicena diz que faz vigilias, como é fria, pois as cousas frias provocam o somno?

O.—Faz somno e faz vigilia, s. o pouco della por fóra ou dentro applicado faz somno, e o muito uzo do cheiro della, secando o cerebro, faz vigiar; e isto não é muito de maravilhar em ter effeitos contrarios nesta maneira. E comamos que é tempo já.

R.—Muito bom sabor tem estes pasteis; parece que o cauza umas talhadas azedas, que estão nelles de uma certa fructa; vejamol-a.

O.—Antonia, traz dessa arvore alguma *carambola,* que assi se diz em malavar; e ficou-nos em uzo os nomes malavares, por ser a primeira terra que conhecemos.

A.—Eil-as aqui.

R.—Formosas são, e são agras-doces, e não muito azedas: são do tamanho de ovos de galinha pequenos, e são muito amarellas; no que melhor parece nellas, é serem fendidas em quatro partes, que fazem quatro partes menores de circulo.

O.—Chama-se em canarim e em decane *camariz,* e em malaio *balimba:* não sei o uzo dellas em medicina. Somente sei que, medicinalmente, a dão por dieta nas febres, com o sumo dellas e outras couzas, fazem um colirio pera a nevoa dos olhos; e acham-se bem com elle; muitas pessoas acham nella muito sabor

em especial as que chamamos agras doces; porque estas são um pouco mais azedas; faz-se dellas uma conserva de assucar muito graciosa, que eu mando dar em logar de xarope acetoso; e dar-vo-lo-hei a provar logo: Antonia! Traze cá uma *carambola* em conserva.

A.— Eila aqui.

R.— Desse xarope acetoso hei de comer todas as manhans, porque sabe muito bem.

COLLOQUIO XIII

DE DUAS MANEIRAS DE CARDAMOMO E CARANDAS

R.— Grande meada temos pera desempeçar, e grandes nós pera desatar, como Alexandre cortou per escusar o trabalho de os desempeçar. E por esta cauza me parece bem haver de vós um desengano disto; porque se os podeis desatar, bem; e senão quebrar-los-hei uzando do *cardamomo maior* e *menor*, como em Europa se uza; não sendo conforme a Galeno, nem a Plinio, nem a Dioscorides.

O.— Eu mui bem vos saberei dizer qual é o que chamam *cardamomo maior* e *menor*, e que vejais isto tão claro como a luz do meio dia; porque são estas umas muito uzadas mercadorias, e assi gastadas nesta terra, como levadas pera Europa e Africa e Asia: mas se este nome *cardamomo*

lhe foi bem posto ou não, não vol-o posso affirmar.

R.— Começai em boas horas, e dizei os nomes arabios, latinos, e indianos.

O.—Avicena faz capitulo do *cacullá,* e o divide em *maior* e *menor,* e ao maior chama *quebir* e ao menor *ceguer;* assi que um delles se chama *cacollá quebir,* e o outro *cacollá ceguer,* que é tanto como se dicesse *cardamomo maior* e *cardamomo menor;* e por estes dois nomes são conhecidas estas duas maneiras de *cardamomo* dos physicos arabios e mercadores, e ambas ha na India; e a maior quantidade é de Calecut até Cananor; bem que em outras partes do Malavar a haja; e na Java; mas não é em tanta quantidade, nem tão branco de casca. E neste Malavar se chama *etremelly,* e em Ceilão *luçal;* e acerca dos Bengalas e Guzarates e Decanes se chama, por alguns, *hil,* e per outros *elachi;* e isto acerca dos Mouros, porque acerca dos gentios destas partes acima ditas se chama *dore;* e por esta cauza ha tantas confusões nos nomes delles escritas per os Arabios; porque uns o chamaram pela lingua indiana, e outros pela arabia; e ficou a couza tão embaraçada, que deu a muitos occasião de errar.

R.—Pois Serapio chama a um *cacollá* e a outro *hilbane.*

O.—Está corruta a lettra, e hade dizer *cacollá* e *hil,* e se lhe quizermos acrescentar *bane,* antes diremos

bara, que quer dizer grande em decane; assi que *cacollá*, como dizem os Arabios, ou *caculle*, como diz Avicena, ou *ellachi* querem dizer o que chamamos *cardamomo*.

R.—E em latim como lhe chamaremos, ou em grego?

O.—Os Gregos, nem os Latinos antigos, não conheceram *cardamomo;* como quereis que vos diga o nome? E por tanto podeis crer que Galeno não escreveu delle; e isto alem da experiencia, e o capitulo do *cardamomo* é dizel-o Averrois[1]; porque diz Galeno que não é o *cardamomo* tão quente como *masturço;* mas que é mais aromatico e mais saboroso, e tem alguma cousa de amargor; e pois todas estas couzas não lhe convem, nem tem sabor de masturço, nem amarga, sinal é que não conheceu este que chamamos *cardamomo*.

R.—E pois Plinio[2] e Dioscorides não escreveram delle?

O.—Dioscorides diz que o melhor se traz de Comagena e da Armenia e do Bósforo; e que tambem se traz da India e da Arabia; e pois diz que se traz destas partes, acima ditas, e o que cá chamamos *cardamomo* não o ha lá, pois é mercadoria que pera lá se leva; assi que se lá ha o que diz Galeno e Dioscorides, e não é este da India, bem se segue que são duas couzas, e não uma só. E se queremos dizer que é o que chamam Avicena e Serapio *cordumeni*, nisto não contendo

[1] Averrois 5, colligit.—Galenus 7. Simp. Medica.
[2] Plinius, liv. XII, cap. 13.—Diosc., liv. I, cap. 5.

porque este não é o que Avicena e Serapio chamam *cacullá* ou *hil;* quanto mais que Dioscorides, em as condições que delle põe, diz que seja mau de quebrar e encerrado na casulha e agro, e um pouco amargo, e que tente com o cheiro, e fira a cabeça, as quaes cousas todas são ao revez deste chamado *cardamomo;* porque não é mau de quebrar, nem tenta com o cheiro a cabeça, nem é amargo, senão tem um sabor agudo, não tanto como a pimenta ou cravo; e porém é mais aprasivel, e na boca traz agoa.

R.—Pois porque lhe chamarão *cardamomo,* pois dizeis não ser o dos Gregos?

O.—Porque, como diz Terencio, Davo conturbou todas as couzas; e este Davo foi Geraldo Cremonense trasladador, que, por não conhecer este simples, por a muita distancia destas terras, e não haver navegação, nem commercio pera ellas, pozlhe nome que melhor lhe pareceu; e fôra melhor deixar o nome em arabio; pois era mézinha não conhecida; e não foi só o erro que deste modo teve este Geraldo.

R.—O de Plinio parece ser o desta terra.

O.—Plinio põe quatro especies; s. muito verde e grosso, e o melhor ha de ser contumaz ao esfregar; e o outro que resplandeça de côr ruiva de ouro; e o outro, mais pequeno e mais negro, ha de ser de desvairadas côres, e que se quebre bem: ora vêdes aqui o *cardamomo* que tem a casca

em que está, branca, e elle é preto, e facilmente se quebra. E provai, que não é amargo, nem o ha preto por fóra, e muito menos o ha verde, ou vario de côr; como podeis ver neste: Moço, pede a uma negra *cardamomo,* e traze-o cá; porque estas negras usam muito delle por o mau cheiro da bôca e pera masticatorio; e para desfleimar e alimpar a cabeça.

Servo.—Eil-o aqui.

R.—Bem differente couza é esta; quanto mais que diz Valerio Probo, que o ha maior, e quasi como bollota, e o menor quasi como avelã; e destes nenhum dos grandes é maior que um pinhão com casca; e elle nos Dioscorides que fez debuxar, pinta-o assi; e diz que estes grãos estão mettidos nas outras cabeças grandes; portanto me dizei se é assi.

O.—Elle se semêa como os nossos legumes; e o mais alto é como um covado de medir; e nelle estão dependuradas estas casulhas; e nesta casulha que vêdes abrir, estão de dez até vinte grãos pequenos.

R.—Venha Ruelio e Laguna; pois são mais novos escritores: e digam o que sentem deste simples; porque diz Ruelio que é uma fructa ou mata semelhante ao *amomo,* como o nome o diz, e abaixo diz que se colhe como o *amomo* na Arabia.

O.—Por aqui podeis ver que não é o *cardamomo;* porque o que cá da India vai pera essas partes o levam, s. pera o ponente, e nestas terras

cá não ha o *amomo;* porque de lá do ponente o mandam trazer los Reis para a mézinha, de que eu sou testemunha de vista, e que o *cardamomo* ou *cacollá* não hajam nessas terras do ponente se prova por ser mercadoria pera lá; e é sabido de todolos mercadores.

R.—Tambem traz, per autoridade de Teofrasto, que é visinho ao *nardo* e ao *costo*.

O.—Isto achamos ser alheio da verdade; porque o *nardo* e o *costo* ha-o no Mondon e no Chitor; e o *cacollá* ha-o no Malavar, e póde ser que o haja onde ha o *nardo* e o *costo,* mas não ha tanto como o ha no Malavar.

R.—E tambem diz que as sementes são brancas, e que empolam com grande esquentamento a bôca.

O.—Isto é falso do *cacollá,* pois a casca é branca, e as sementes são pretas; e, tomado na bôca, traz tanta agua, que parece não ser quente; donde tomaram occasião os Indios a dizer que era frio de compleição.

R.—Pois o Laguna, que trasladou o Dioscorides em castelhano, diz que nas boticas se mostram tres especies de *cardamomo,* s. maior e menor, e outra que é *nigela;* e que todas são muito aromaticas e mordaces ao gosto; e que o *cardomomo maior* parece ao *fenugreco* ou *alfolvas;* e que é mais negro e mais pequeno; e o *cardamomo menor* corresponde na figura ao maior; porque é esquinado e não tem tanto corpo; e declina mais a côr pardilha; e o terceiro é a *nigela citrina,* que é differente, na côr preta, sómente; de modo que conclue

que a primeira especie é *malagueta* ou *grãos do paraiso;* e que este é o *cardamomo* de que escreve Dioscorides; e diz mais o mesmo Laguna que um mercador lhas mostrou em Veneza todas as trez especies o anno de 48, e depois diz mil males dos Arabios, e que confundem tudo.

O.—O que dizeis de Laguna é claro ser falso, polo que já dice, e adeante direi; porque Dioscorides não viu o *cardamomo* com casca; pois diz que a *malagueta* o é; não, a *malagueta* conheceu Dioscorides donde era; e o maior que diz ter a cor pardilha não diz bem; e mais a *nigella* não ha nesta região, nem tem as obras do *cardamomo*. E o mercador que lhe mostrou as tres especies de cardamomo, que dice que trazia de Veneza a Armenia, não dice a verdade, se era verdadeiro *cardamomo;* e se o era verdadeiro, trazia-as da India, s. levadas della a Alexandria ou outro porto.

R.—Logo, per vossas razões, me parece que dizeis que o *cardamomo* dos Gregos não é este que chamam *cardamomo* os Arabios; e tem muita razão Menardo e outros escritores novos de dizer que o *cardamomo* dos Arabios que é mézinha nova; e que não se deve uzar della, pois Galeno e Dioscorides, principes da Medicina, não a uzaram.

O.—O primeiro vos confessei já s. que o *cardamomo* que os Gregos não é o *cacollá* que escreveram os Arabios; mas o segundo vos nego em dizerdes que não se hade usar delle; porque

cada dia ha enfermidades novas, assi como o morbo napolitano (a que chamamos sarna de Castella) e Deos é tão misericordioso que em cada terra nos deu mézinhas pera sarar-nos; porque elle que dá a enfermidade dá a mézinha pera ella; senão, como diz Temistio, o nosso saber é a mais pequena parte do que ignoramos. E porque não sabemos as mézinhas com que curamos todas, trazemos o *ruibarbo* da China, donde trazemos o páo ou as raizes pera curar a sarna da Castella; e *canafistola* trazemos da India, e a *manná* da Persia, e o *guaiacão* das Indias Occidentaes. E tambem quiz Deos que buscassemos e inquirissemos sempre mézinhas; e pois isto assi é; porque os amadores dos Gregos quando acham as mézinhas experimentadas nas terras aonde nascem, e nas terras onde as uzaram Avicena e Abenjoar e Rasis, e Isac, e outros a quem se não pode negar serem lettrados em tanta maneira as vituperam, que vituperam os autores.

R.—Bem dizeis, mas como uzarei do vosso *cardamomo* curando segundo Galeno, pois o não conheceu?

O.—Digo que em as receitas dos Gregos e Latinos antigos, que não seguiram os Arabios, por *cardamomo,* uzai do de Galeno; e se o não conheceis, não deis a culpa aos outros; pois não a tem; e nas composições ou curas dos Arabios e Latinos modernos, uzai do *cardamomo maior*

que é este grande que vedes, e do *menor* que é estoutro.

R.—Outra guerra se nos apparelha, estes não são ambos de uma feição, e que não differem mais que de grande a pequeno, e todo los vossos imitadores dos Arabios não chamam a este pequeno *cardamomo maior,* e estoutro grande nunca o viram em Europa; e por o menor uzam de uma semente a que chamam *grana paradisi,* e os Hespanhoes *malagueta:* parece-me que desfazeis toda a physica e todo o modo de curar; portanto tende cuidado em vós, e dizei-me donde vos veio este error.

O.—Eu vo-lo direi, e vós o vereis muito claro; porque muitas vezes perguntei em Portugal, e cá na India a pessoas que foram de Portugal a Malagueta, se havia na Malagueta este *cacollá,* a que chamamos *cardamomo,* e diceram-me que não; e cá nestas terras perguntei se havia *malagueta,* e nunca a achei. Comecei entonces a cuidar em mim, como Avicena, tanto sabedor, havia de dividir o *cardamomo maior* e *menor,* e que o maior se havia de achar na India, e o outro na Malagueta, quatro mil leguas della: e tambem vi que Avicena chama a malagueta *combusbágue;* e parece muita razão ser ella; pois que diz que a trazem das partes de Sofala, e a Malagueta é continua a ella. E ja pode ser que em Sofala ou nas terras convesinhas a haja, e não o sabemos, porque é gente barbara, e não acostumada a conversar com os homens: pois como quereis que escreva dois capitulos Avicena de uma couza? E andando eu

nestes cuidados em Cochim, veio a mim um Judeu, mercador da Turquia, e dice-me que trazia em uma lembrança de mézinhas, que havia de comprar *cacollá quebir;* e como entendi que *cacollá* significava *cardamomo,* e *quebir* grande, perguntei a muitos, se havia *cardamomo* em outras terras, e de que feição era; e não me davam razão disso, e por derradeiro achei que em Ceilão o havia, e que era muito mais grande e não tão aromatico; e isto me dice um feitor de El-Rei, que ahi residira, e que se levava a Ormuz e Arabia por mercadoria, em que se ganhava bem. E no mesmo tempo mandei a Ceilão um meu navio, e me trouxeram uma amostra delle; e porque não creais a uma só testemunha, ainda que seja Catão, curando eu no Balaguate um grande senhor, por nome Hanjam, irmão de um rei do Balaguate, que se chama Verido, de industria dispensei em uma receita *cardamomo maior* e *cardamomo menor,* em lingua arabica, e apresentaram-me, pera fazer a composição, estas duas mézinhas; isto havia de abastar, quanto mais que, a olho, vedes que ambas são de uma feição, e uma grande e outra mais pequena.

R.—Logo a Portugal vai o menor destes, e o maior destes não vi: qual vos parece melhor pera uzar?

O.—Digo que ambos é bem que se leve a Portugal, e dahi se gasta pera toda a Europa; e porém o mais aromatico e melhor, é este mais pequeno; e pode-se chamar maior em virtude e menor em quantidade: isto digo salvo melhor juizo.

R.—Eu estou espantado de mim, como vendo estas duas cabeças de sementes, não dice logo — este é *cardamomo maior* e este é menor — e d'aqui a diante assi uzarei e praticarei, e do *combusbague* ou *malagueta* sómente onde o achardes pensando nas mézinhas dos Arabios.

O.—Nenhuma couza sei, que logo o não diga aos boticarios e physicos, e a todos; e isto bem sei que não é bom pera mim; porque dizem depois que elles acharam estas couzas; e levam a gloria de meus trabalhos, e eu não o digo, senão pera aproveitar a todos. E Deus é testemunha disto, que me aconteceu. Foi um vice-rei nesta India, muito curioso de saber, e posto que não sabia latim, em toscano entendia Plinio, e dezejava de saber a certeza de algum simples, e encomendava-me que lh'o dicesse, quando os achasse; ao qual eu levei este *cardamomo maior* a mostrar, e o *menor*, e mostrandolh'os ambos, lhe dice que um se dizia *cardamomo maior* e outro *menor*, o qual elle, olhando e provando, affirmou que aquillo lhe parecia verdade, e porém que elle tinha fé em um boticario velho, que o queria mandar chamar.

R.—Esse boticario era docto, e sabia latim, e grego, ou arabio?

O.—Não, senão era um homem velho e de muito tempo na India, e sabia bem a pratica da botica, e em latim, grego e arabio sabia do modo que o sabem em Hespanha os que nunca o ouviram fallar nem ler; e com tudo isto era muito bom homem, e porque ia a Cambaia fazer as drogas da botica, que pera Portugal mandava o veador da Fazenda

dizia, que nenhum boticario sabia no reino nem cá senão elle couza destas drogas; e elle nunca soube tanto que lhe fizesse perda. Perguntou o vice-rei áquelle boticario, se era um daquelles *cardamomo maior* e outro *cardamomo menor,* e dice que não; senão que o mais pequeno que era *cardamomo,* e o outro que não o era maior nem menor; e como eu lhe dice que o provasse e acharia ambos de um sabor, e um era grande e o outro pequeno, e elle não dava estas duas especies nesta terra, sendo nella tão experimentado, que era razão serem aquellas duas mézinhas uma *cardamomo maior,* outra *cardamomo menor.* A isto dava elle grandes brados em bom romance de Portugal *de presumitur,* que vol-o concedo, mas que o seja assi, que vol-o nego: argumento-vos de *menta* e *polipodio;* e eu lhe dizia, porque não será este *cardamomo,* pois não dais outro na terra? E elle dizia: Porque? Como ha Deos de querer que o que eu não soube, em tantos annos, saibais vós tão asinha? E eu a isto lhe replicava que muitas couzas sabiamos hoje, as quaes hontem ignoravamos; e que muitas vezes, aos menores como a mim, se revelavam as couzas que aos maiores, como elle, não revelavam, e com todas estas lisonjas nunca o pude fazer confessar, senão acodia *de presumitur.*

R.—E podieis ter o riso entonces?

O.—Sim podia, mas com grande trabalho; porque, diante de tal pessoa, ser-me-hia reputado a leviandade; e porém um lettrado

jurista, que em um canto estava assentado, ria por mim e por elle, e hoje em dia ri d'isso, quando lhe lembra.

R.—Não sabia esse vice-rei o que vós sabieis?

O.—Sim; e mais me conhecia de Portugal; e el-rei quando pera esta terra veio elle lhe dice que não era necessario trazer physico comsigo; e assi o fez, e se finou em minhas mãos[1]; mas podia mais a porfia do boticario, que todas estas couzas.

R.—Folgarei de conhecer este boticario.

O.—Já morreu, e Deos lhe perdôe; porque tirado de algumas couzas era muito bom homem; e nelle não fallemos mais, porque isto foi mais dito pera o festejardes e vos alegrar, que pera o encomendar á memoria.

R.—Digo-vos que Andreas Belunensis, bem entendido no arabio, diz que *caculle* é *cardamomo maior*, e *alçal* ou *aleil*, ou *cairbua* e *eilbua* é *cardamomo menor*.

O.—Todos estes nomes estão depravados ácerca dos livros arabios e d'alguma gente; e o que acima dice é a verdade; e não digo isto porque elle não sabia muito; mas, por não vir a esta terra, não poude haver as verdadeiras informações.

R.—Usa-se muito em physica da gente da terra?

O.—Muito, porque no *betel* misturado se mastiga pera fazer bom cheiro; e com elle dizem que se tira a freima da cabeça e do estomago; e assi o tomam em xaropes e tomaram erronia em dizer que era frio, e não é muito; pois assi o affirmam na *pimenta*.

[1] D. João de Castro?

R.—E os physicos Indianos tomam a raiz pera as febres? porque diz Matheus Silvatico que sim, e que nasce em umas trombusidades de umas arvores: ha pela ventura tambem cá algumas arvores donde nascem?

O.—Não tem raiz, que ao cazo faça, pera tomarem em febres; porque não nasce, senão semeando-se na terra que primeiro seja queimada, e não ha outro: e o que diz Matheus Silvatico é muito falso; e pois não allega com outro algum, com elle se fique a mentira.

R.—Como se gasta em Europa tanta *pimenta*, e tão pouca *malagueta*, sabendo melhor a *malagueta*, principalmente no peixe?

O.—Já tive essa pratica com Allemães e Francezes mercadores; e diceram-me que a *malagueta* não adubava os comeres em cozido, nem soffria cozimento, somente em couza crua, ou que fosse já cozida; e que porque isto era pouco, por isso se gasta menos della. E deixemos isto, e comamos o peixe que temos cozido pera comer; porque tambem leva *cardamomo*.

R.—Bem é: mas que fructa é esta azeda, que parece maçanzinhas pequenas verdes?

O.—Chamam-se *carandas*, ha-as na terra firme e no Balaguate: são arvores do tamanho do medronheiro, e a folha assi, e a flor é muita e cheira a madresilva, quando são maduras; é muito saborosa fructa, são pretas e sabem a uvas, e já houve homem que fez d'ella vinho, e foi rezoado mosto; e podera ser que se fora muito que fora bom vinho ao diante; agora é esta fructa verde, e de grossura de uma avelã com casca, e maior no Balaguate quando é madura, e entonces deita uma visco-

sidade, como leite, e algumas pessoas lhe deitam sal, quando é madura pera comer, e sabem bem: estas verdes são salgadas, e esta provisão ha nesta terra, que fazem as fructas salgadas, pera incitar o appetite no tempo que as não ha; e tambem as lançam em vinagre e azeite, a que chamam *achar;* e assi vem cá da Persia e Arabia ameixas verdes e maçans e talos de videira e de silva; alcaparras é o fructo dellas; e pois estes Indios buscam tantas maneiras á gula, comei.

R.—Assi o farei, e já provei esta fructa, e sabe-me ás maçans verdes.

COLLOQUIO XIV

DA CASSIA FISTULA

R.—Da *cannafistula* é muito necessario saber; pois aos vossos Arabios devemos tão boa couza pera purgar, e tanto sem trabalho, nem damno do paciente, que bem creio eu e tenho por certo, que os Gregos que della não escreveram, que a louvaram muito, se a experimentaram.

O.—Pouca necessidade temos de fallar em mézinha tão conhecida e experimentada; e onde não ha mais contradição que o nome, que lhe foi mal posto por Gerardo Cremonense, que, como já vos dice muitas vezes, melhor fora deixal-o assi como estava no arabio; pois elles sós foram os inventores desta mézinha; e não vieram a dizer tanto mal Nicolau Leoviceno, e Menardo e outros muitos modernos dos physicos Arabios; como que a culpa de serem tresladadores fosse sua; que, se o pera que aproveita fosse

dito falsamente teriam razão, mas pois fallam verdade, dignos são de louvor e não de vituperio.

R.—Não reprehende muitas couzas destas Avicena aos outros escritores, que o seguem indistintamente, sem fazer differença alguma em os nomes que significam muitas couzas; e pois assi é, dizeilhe o nome em as linguas onde ha a arvore.

O.—Em todas estas partes a ha, mas é melhor nas partes mais chegadas ao norte; e os Arabios lhe chamam *hiarxamber,* e é nome de quatro syllabas; este é o mais commum nome ácerca delles; posto que Avicena diga *chiarsamdar,* está corrupto o nome: os Malavares a chamam *comdaca;* os Canarins, que é o gentio desta terra de Goa, *bavasinga;* os Decanes e Bramenes *bavassingua;* os Guzarates e Decanes mouros *gramalla.* A arvore della chamam nesta terra canarim *baó:* esta arvore é do tamanho de um pereiro; as folhas são como de pecegueiro, algum tanto mais estreitas e assi verdes: deita esta arvore as flores amarellas, como as da giesta, cheira propriamente como cravos verdes, e como caem as flores, nascem. O páo da *cannafistula* ha modo de candeas, como nascem em os castanheiros; é a canna muito verde na arvore, antes que seja madura, e não é vermelha como diz Laguna; é de cinco palmos de comprimento até dois palmos a mais curta: ha, como dice, em todas estas terras e no Cairo; porém,

como dice, a melhor é de Cambaia, e de mais dura; e pode ser que a haja em Malaca e em Sofala; mas a pouca curiosidade da gente faz que não pareça.

R.—É arvore transplantada ou silvestre?

O.—Eu não a vi senão montez em toda esta terra; e foi-me dito que, nas chamadas Indias Occidentaes, era primeiro montez; e deitava a canna oca e grande; e que a poseram de semente em a ilha de S. Domingos, no mosteiro de S. Francisco de la Vega; e que cresceu e deu a *cannafistula* muito boa e cheia de miolo e de semente; e desta maneira plantou cada um na sua herdade arvores, até que veio a ser tanta que mantem toda Castella. Mas eu tenho por mais bemaventurados os Portuguezes, pois sem semear, tem tanta quantidade, que em Cambaia dão um candil, que são quinhentos e vinte e dois arrateis, por 360 reaes, que é um pardáo; e, louvado seja Deos, que tanto bem nos faz cada dia.

R.—De que compleição a fazem os Indianos?

O.—A elles não dou muita fé nas graduações, mas dizem ser fria; e Avicena diz ser temperada, nas calidades autivas de quente e frio, e que é humida: Serapio a faz temperada; Mesue diz que declina um pouco a quente; e isto deve ser por sua doçura: Antonio Musa a põe quente, no primeiro ou na primeira parte do segundo: tudo se pode sustentar; pois o physico julga por os sentidos exteriores.

R.—Uzam della em physica os Indios?

O.—Si, pera purgar, e fazem della bocados raspando a canna como nós fazemos.

R.—E os grãos são purgativos tambem?

O.—Não, senão deitam-os por ahi fóra; e eu me maravilho muito de Menardo dizer que os grãos são purgativos, sendo couza que tem mais arte de apertar, que de relaxar; e se elle se enganou, foi dando algum misturado com alguma medulla; e como as sementes acharam a couza apparelhada, baixaram muito; porque estas mézinhas lubrificativas não tiram mais que as materias que encontram; e por esta cauza, se acontece que purgam com uma onça de *cannafistula* ás vezes mais que com trinta grãos de *escamonea;* e tambem pode ser que a imaginação da purga o faria purgar mais a esse que purgou Menardo.

R.—E pera provocar menstruo uzam della, ou pera fazer o parto facil, ou pera deitar a secundina?

O.—Pera nenhuma couza destas uzam della.

R.—Não pergunto isso sem misterio; porque os nossos uzam dos pós das cascas em cozimento de *artamiza,* ou em um ovo, com quatro onças de mel; e isto diz Sepulveda que foi achado por experiencia.

O.—Esse Sepulveda não é evangelista; e quanto mais que, por razão do cozimento de *artamiza,* podia provocar o menstruo, e não pela tal casca; nem é conforme á razão, por ser muito fria e seca; e se deitou a secundina não é muito; porque sem mézinha deita a natureza as couzas que a virtude retentiva desempara e solta de si.

R.—Pois que direis a Avicena, que a manda dar pera facilitar o parto?

O.—Todos os mais duvidaram ser esta a intenção de Avicena; e por isso puseram por regra que quando se diz *cassia*

em mézinhas purgativas, se entende *cassiafistula* e em todos os outros que se falla em *cassia* se entende *cassia lignea:* e agora veio Andreas Belunensis, e diz que a verdadeira lettra diz *coyombro seco,* e não *cannafistula;* por onde ficam fóra de reprehenção os que mal uzam da *cannafistula;* digam esses imitadores dos Gregos o que quizerem.

R.—Em Portugal me diceram que as camaras eram muito frequentadas na India; porque as vacas comiam *cannafistula,* e por isso as carnes eram solutivas: dizei-me se é isto assim ou não?

O.—Tambem em Portugal me dice um homem que cá fora governador, e outro que era cá visorei, que não queria tomar a *cannafistula* pela mesma cauza; e um physico seu, posto que cá havia andado, se ia com elle nisso; e eu lhe fallei nisso a verdade, dizendo-lhe que não era assi como em Portugal cuidavam; porque as arvores são muito altas, e as vacas não podem lá alcançar; e mais as arvores não são tantas que as vacas se possam dellas manter; porque as vacas são nesta terra sem conto; e a cauza é porque o gentio as cria e não as come: e mais a *cannafistula* é dura na casca, quando é verde: e não será pera as vacas, como a herva verde, que muito tempo do anno ha cá. E mais já perguntei por isso, e achei que a não comiam; e riram-se de mim aquelles a quem perguntei, e porque em esta terra ha muita e nas partes acima ditas, nisto não fallemos mais.

COLLOQUIO XV

DA CANELA, E DA CASSIA LIGNEA E DO CINAMOMO, QUE TUDO É UMA COUSA

R.—Nenhuma especieria se pode comer com gosto, senão *canela:* verdade é que os Allemães e Framengos vejo comer *pimenta;* e aqui estas vossas negras vejo comer *cravo;* mas os Hespanhoes não comem destas especierias, senão *canela.* E veio-me isto á memoria, porque os comeres cheiravam muito a ella, e não a vi: e perguntei á cozinheira se a levavam ao cozer; e dice-me que não, senão que muitos comeres iam temperados com agua de canela. E porquanto, em logar da que chamamos *cassia lignea,* poem *canela* muitas vezes, será bem que fallemos nella agora.

O.—Antes *canela* é o que chamamos *cassia lignea,* e tudo é uma couza; senão os escritores antigos viram estas drogas tão de longe trazidas, que não poderam haver perfeita noticia dellas; e porque eram de muito preço, quando faleciam, fingiam mil fabulas que Plinio e Herodoto traz; que elle conta por verdadeiras, e são mais fabulosas que podem ser; e porisso não fallo aqui nellas; porque todos sabem já a verdade, e que não se mere-

ce fallar nellas. E porque o preço era grande, e a cobiça dos homens maior, falsificaram estas drogas; e porque o falso nunca pode ser semelhante em todo ao verdadeiro, chamavam a uma *canela* um nome, e a outra, que era mais ruim ou falsificada, lhe punham outro nome, sendo ás vezes ambas de uma mesma especie.

R.— Dizei-me o que nisto sabeis, porque no cabo eu direi as duvidas que tiver, que não quero ficar com escrupulo. E assi me direis os nomes nas linguas todas, s. nas terras onde nasce a *canela,* e no arabio, e persio; porque, por estes nomes, possamos vir em conhecimento da *cassia lignea,* e do *cinamomo;* ainda que eu até o presente tenho, com outros que o escreveram, que não ha verdadeiro *cinamomo* ou verdadeira *cassia,* ou ao menos o *cinamomo.*

O.— Eu vos satisfarei a tudo. A *cassia* não a conheceram os Gregos, nem os Arabios; e isto pola grande distancia e pouco trato que com estas regiões tinham; e os que a levavam a Ormuz e á Arabia vender eram Chins, como adiante vos direi; e dahi de Ormuz a levavam a Alepo (cidade principal e cabeça da Suria); e os que dahi a levavam aos Gregos diziam que havia na sua terra ou na Etiopia; e que se tomava com muitas superstições, s. a saber que o sacerdote partia o que ficava em partes para o diabo, a quem adoravam, e pera o rei, e pera os sacerdotes.

R.— Como? não ha *cassia* ou *cinamomo* na Etiopia e na Arabia?

O.—E mais me maravilho de vós não saberdes isto; porque a Etiopia é sabida de nós, que a navegamos, e muita parte andaram os nossos nella por terra; e nella não ha *canela,* nem *cimamomo,* nem *cassia lignea;* e os mesmos Arabios a vem cá comprar pera a levar; e o tempo que lhe de cá não vai, vale lá muito cara.

R.—É verdade nesta *canela* que dizeis; mas a verdadeira *cassia* e o verdadeiro *cinamomo* tem-o elles; e levam estoutro, ou não o conhecem, por ser gente rude muito.

O.—Conheço physicos, muito bons lettrados, Arabios e Turcos e Coraçones, e todos chamam a esta *canela* grossa, de que uzam, *cassia lignea.*

R.— E de não nascer na Etiopia que rasão me dais?

O.—Digo que ambas as Etiopias são dos Portuguezes muito sabidas; porque a costa de Guiné, que é a Etiopia abaixo do Egipto, é sabida polos nossos, não tam somente na fralda do mar, mas dentro no sertão; e, como já vos dice, da ilha de S. Thomé até Sofala e Moçambique veio um clerigo por terra, e dahi veio a esta cidade de Goa, e eu o conheci muito bem; e do cabo de Boa Esperança até Moçambique e Melinde vieram muitas pessoas que se perderam em naos, e nunca viram *canela:* assi que ambas as Etiopias, debaixo do Egipto como de cima do Egipto, que é a que está perto de nós, sabemos não haver nella *canela.*

R.—Será isso porque nem são muito curiosos de saber?

O.— Não são todos assi; porque os da ilha de S. Lourenço, que são gente barbarissima, amostraram aos homens, que lá vão a tratar umas fructas como avelans do tamanho, sem cabeça; e porque cheiravam a *cravo* lh'as vieram a mostrar; pois se estes acharam lá *cinamomo* ou *cassia lignea,* tambem lh'a mostraram; pois parece mézinha tão odorifera; e porque a redondeza nunca foi tão sabida como ao presente, em especial dos Portuguezes, não creais que faltassem tão celebradas mézinhas, porque assi as plantas como as fructas nunca foram tantas como agora são; porque as enxertias fazem diversidades nas fructas, e porque o transplantar de uma terra a outra faz tambem diversidade: logo per amor de mim que não tenhaes que falecem *cassia* nem *cinamomo,* senão que pola muita quantidade que ha duvidamos sel-o; isto presuposto, direi os nomes.

R.— Dizei, que alfim protesto dizer do meu direito, como dizem os causidicos.

O.— Chamam os Arabios, á *cassia lignea, salihacha;* e os Persios assi a chamam; e os Indios e os que não sabem physica por os livros arabios, lhe chamam o nome que chamam á *canela;* porque todos nesta terra não fazem differença nos nomes da *canela* e da *cassia lignea,* como lhe nós chamamos. E na verdade nenhuma pessoa viu *cassia lignea* differente da *canela,* nem physico nem boticario a viu em algum tempo, e nem a ha; e se quizerdes ver donde

veio este erro, chamarem á *canela cinamomo,* e a *cassia* estoutro nome, dirvol-o-hei.

R.—Muito folgaria de o saber.

O.—Os Chins navegaram esta terra muito tempo ha; e como a gente della era barbara, e sem nenhum saber, tomavam delles as leis e costumes, e navegações em navios de alto bordo, em tanta maneira, que, se vos não enfadasseis, vos contaria disso muitas cousas, que direitamente não fazem ao caso; postoque folgueis de o saber.

R.—Antes me fareis n'isso muita mercê; pois o tempo temos por nós.

O.—Pois sabei que eram tantos os navios da China, que navegavam, que contam os de Ormuz que acham em seus livros que, em uma maré entraram na ilha de Jeru (que agora se chama Ormuz) quatro centos *juncos;* e tambem dizem que se perderam nos baixos de Chilan mais de duzentos *juncos;* e isto está por memoria, nas terras que confinam com os baixos. *Juncos* são uns navios compridos que tem a popa e proa de uma feição. E em Calecut tinham uma feitoria, como fortaleza, que hoje em dia permanece, e se chama *China cota,* que quer dizer *fortaleza de Chins.* E em Cochim deixaram uma pedra por marco, e em memoria que ali chegaram os Chins; e quando el-rei de Calecut (que tem por ditado Samorim ou Imperador) cercou a Cochim, porque estavam com elle dois Portuguezes, que ali ficaram no descobrimento da India,

e lhos não deram, destruiu Cochim; e levou dali aquella pedra, em logar de tropheo, o qual lhe tem custado bem caro. E nesta pedra se coroava em Repelim, tomando a coroa por el-rei de Repelim, que na cabeça lhe punha, e lhe fazia homenagem; e em este Repelim ficou aquella pedra por mandado do Samorim. Este Repelim está apartado quatro legoas de Cochim, onde ficou a pedra até o anno de 1536, que Martim Affonso de Souza, não menos invencivel que fortunado capitão, sendo capitão-mór do mar, destruio Repelim, e queimou-o, e saqueou, fugindo el-rei com muita gente; e matou outros muitos que não fugiram; do que eu são testemunha de vista; e levou a pedra a Cochim; e a mandou a el-rei, o que elle fez com ella muita festa, e fez mercê a quem lh'a levou; e a Martim Affonso ficou em muita obrigação por isso, e por duas vezes deitar a el-rei de Calecut fóra de suas terras, e por lhe mandar o sombreiro que tomou com os Paros em Beadalla (que eram cinquenta e sette) onde lhe matou quinze mil homens, não levando comsigo mais de trezentos; e ahi lhe tomou seis centas peças de artelharia, e mais de mil espingardas. E porque as couzas deste tão grande capitão são muitas, vos não digo mais. E estas que vos digo não é polo louvar; porque de si é tanto louvado como todos os de nossos tempos; senão conto isto, porque faz ao cazo do que digo dos Chins.

R.—Mais quero saber isto, que toda a *canela,* e portanto vindo ao cazo, sempre me dizei alguma historia dessas.

O.—Estes mercadores traziam de sua terra *ouro* e *seda, porcelana* e *almiscar,* e *cobre, aljofre* e *pedra hume,* e outras muitas couzas; das quaes vendiam em Malaca algumas, e della traziam *sandalo,* e *noz,* e *maça, cravo, lignaloe;* e depois no caminho vendiam muitas couzas destas, s. em Ceilão e no Malavar; e de Ceilão traziam muito boa *canela,* que lhe custava muito pouco dinheiro; e os marinheiros, sem dinheiro nenhum, traziam dos mattos do Malavar *canela* brava e ruin, e tambem a traziam já da Java, e faziam escala neste Malavar de *pimenta* e *cardamomo,* e outras drogas; e levavam todo a Ormuz ou a costa da Arabia, onde o vinham comprar mercadores; e o levavam a Alexandria, e Alepo, e a Damasco. E perguntados estes Chins que couza era aquella *canela* que tal cheiro e sabor tinha, diziam as fabulas que Herodoto conta, e outras muito maiores, por vender melhor sua fazenda; e como viram a *canela* de Ceilão ser muito differente da de Java e de Malavar, puzeram-lhe dois nomes, não sendo mais que um só páo ou casca d'elle; senão que, assi como uma fructa é melhor em umas terras que em outras, assi a *canela* de Ceilão é melhor que todas as outras, sendo toda *canela;* e a Portugal não se leva outra *canela* senão a de Ceilão; e os de Ormuz porque esta casca

traziam a vender aos da China, lhe chamaram *dar-chini,* que em persio quer dizer *páo da China;* e assi a vendiam em Alexandria, e nas partes que acima dice; mudando-lhe o nome por o vender melhor aos Gregos; e chamaram-lhe *cinamomo,* que quer dizer *páo cheiroso* como *amomo* trazido da China, e a ruim *canela* que é a de Malavar e de Java, puseram-lhe outro nome, que é o que tem na Java, s. *caismanis,* que em lingua malaia quer dizer *páo-doce;* de modo que a que era de uma especie puseram-lhe dois nomes, s. á boa *dar-chini,* que é *páo da China;* e *cinamomo,* que é *amomo da China,* e á outra *cais-manis,* que é *páo-doce.*

R.—*Dar-chini* não é nome arabio; pois o escreveu Avicena e Rasis, e todos os Arabios?

O.—Não, senão persio; que muitos nomes põe Avicena no canon, que diz serem persios; e porque o nome da *canela* em Arabio é *quer fá,* e postoque este nome diga Andreas Belunensis que é nome da *canela grossa,* eu communiquei isto com Arabios, e me diceram que *quer fá* e *quer fé* em Arabio era *canela* de qualquer maneira que fosse; e os Gregos, corruto o nome da *cassia,* que era *cais manis,* lhe chamaram *cassia.* E todos os nomes que os escritores arabios escreveram são estes; e os que d'outra maneira estão escritos, são corrutos, como *darsihahão,* e outros. E pois esta é a verdade, requeiro da parte de Deos aos boticarios que não lancem, por *cassia lignea, canela* ruim, senão muito fina *canela,*

pois della ha tanta abundancia, e escusarão de dobrar o peso da *cassia lignea* por *cinamomo*.

R.— Isso que dizeis do peso da *cassia lignea*, que ha de ser dobrado, em logar do *cinamomo*, não carece de auctoridade; pois o dizem Dioscorides e todos os outros.

O.—A mim, como a testemunha de vista mais baixo que todos os medicos, se ha de dar mais fé que a esses padres da Medicina, que, per falsa informação, escreverão de modo que a que chamam os Gregos e Latinos *cinamomo*, chamam os Arabios *quer fé* ou *quer fá*, e os Persios *dar-chini*, e os de Ceilão (onde a ha) *cuurdo*, e os Malaios *caismão*, e o Malavar *cameá*; e se achardes que Serapio expoe e declara *dar-chini*, que é arvore da China, tende para vós que a derivação é falsa, e que foi accrescentada pelo trasladador, e a minha é verdadeira.

R.—Se bem são alembrado, dicestes que a *cassia lignea* se chamava primeiro *caismão*, que quer dizer *páo-doce*; e se isto assi é, a *canela* ha de ser *páo-amargoso*, como interpreta Menardo do verbo grego, que significa que ao menos seja corrosiva.

O.—Esse verbo, interpretado por Menardo, quer dizer que punja com um mordimento suave e cheiroso, e mais diz que a amargura é fora das cousas aromaticas, senão que é chegado a ellas bom cheiro e sabor agudo, e alem disto digo eu, respondendo a este Menardo, que a gente desta terra não tem

mais que tres sabores, s. doce, azedo, amargo; e ao que lhe sabe bem, como não é amargo, chamam doce; de modo que a cousa que sabe bem lhe chamam doce, e assi lhe puseram o nome *páo-doce*.

R.—Um moderno escritor diz que esta nossa *cassia lignea* não é dos antigos; porque diz que é preta e sem cheiro; e que se alguma *cassia* ha, que é chamada por Dioscorides a *pseudo cassia*, que quer dizer *canela falsa*.

O.—Bem podia ser que falsificassem a *canela* antigamente; mas agora não ha razão para fazer tal couza, por a muita abundancia que della ha; e comtudo digo que uma das drogas que se corrompe nesta terra mais é a *canela;* e mais se for levada muito tempo por mar. E portanto não hei por inconveniente que na boa *canela* misturem alguma da má e damnada, e sem cheiro, e que não seja vermelha: e tanto damnada pode ser que não seja *canela*, assi como homem morto não é homem. E cá na India achamos muita desta; ou porque não se curou bem, ou porque foi colhida sem tempo, ou porque seja corrompida; porque sabei que esta terra, ao menos a fralda do mar, é muito sujeita a putrefacção, como achamos por experiencia cada dia, que a *canela* nunca dura mais de um anno sem se damnar. Assi que *cassia lignea*, e *cinamomo* e *canela* tudo é um: posto que nunca foi sabido dos Gregos, e mal sabido dos Arabios.

R.—Estes physicos lettrados Persios e Arabios, que curam a esse rei vosso amigo, que tomavam em logar da *cassia?*

O.—Canela grossa do Malavar, e eu aporfiava com elles que não lançassem senão canela fina; e elles sem nenhuma razão estavam em sua pertinacia; e o rei os convencia, e era de minha parte: e certo que, tornando a fallar na *cassia,* não posso entender estes modernos escritores; porque uns tem que não ha verdadeira *cassia lignea,* e o Menardo diz que si, s. a que vendem nas boticas, chamando-a *canela,* e é *cassia:* e porém diz este mesmo Menardo que não ha verdadeiro *cinamomo;* e Valerio Probo diz que não ousára dizer tal cousa, s. que carecemos do verdadeiro *cinamomo;* senão que temos algumas especies delle. Laguna diz, allegando Galeno, que a *cassia lignea* se converte em *cinamomo;* porém que a elle lhe parece melhor dizer que o *cinamomo* se converte em *cassia lignea;* porque uma especie não se pode tornar em outra mais perfeita, por tempos; antes em outra menos perfeita. Concertai-me lá esses escritores; e porem eu digo que uma especie nunca se pode mudar em outra; mas que a boa canela se pode por tempos fazer má, e chamarem-lhe *cassia lignea;* mas não porque a *cassia lignea* e o *cinamomo* sejam varias especies; senão são nascidas em diversas terras de uma mesma especie. Depois Amato Lusitano teve que havia todas as especies, e a este imitou Matheolo Senense, com alguns outros; e por derradeiro diz Laguna, que quem for á Caza da India, de Lisboa, achará todas as especies de *cinamomo*

mas fallando a verdade comvosco, eu nunca pude ver mais que duas maneiras ou tres delle, que são de uma mesma especie, s. a *canela* da Java e a de Ceilão, e a do Malavar; e quando Laguna diz que quem for á Caza da India de Lisboa achará todas as especies do *cinamomo,* digo eu que se entende que achará *cinamomo* bom e corrompido, e achará outro melhor, e outro muito melhor, mas não as cinco especies distintas, que elle diz.

R.—Pois sabei que diz mais que, em tempo dos Imperadores Romanos, quem podia achar um páo de verdadeiro *cinamomo* fazia grandes thesouros delle; que não nos maravilhemos nós de o não podermos haver; e diz que no tempo do papa Paulo foi achado um pedaço, que estava guardado do tempo do imperador Arcadio, o que foi ha 1400 annos, de que foi feita grande festa.

O.—A tudo vos responderei. Digo que se sabe mais em um dia agora pelos Portuguezes, do que se sabia em cem annos pelos Romanos; e que o páo que lhe a elle foi dado em peça seria trazido de Lisboa, que não se corrompeu, e o que acharam do imperador Arcadio seria guardado assi pola vontade de Deos, ou pode ser que foi isto fingido.

R.—O páo da *canela* cheira a ouregão, como diz Ruelio?

O.—Não cheira o páo, senão assi como cheira a casca, e assi tem o sabor della; mas não cheira com cheiro tão forte e intenso, nem ha *ouregãos* em toda a ilha de Ceilão, nem no Malabar, nem eu o vi na India, senão trazido de Ormuz.

R.—Alguns dizem que temos *cinamomo,* mas não aquelle muito louvado a que chamavam *mosselitico;* e dizem que o *cinamomo* quando é melhor, tanto dura mais; outros dizem que dura trinta annos; e que dura mais feito em pó. E que me dizeis a isto?

O.—Ao primeiro vos responderei quando vos dicer onde ha a *canela;* e ao derradeiro vos digo que esta droga, de que tratamos, dura muito pouco, sem se corromper. E ao que dizeis que, pulverisada e feita em trociscos, dura mais, não tendes nisso muita razão; que mais se conserva no seu proprio páo; e nas cazas onde comem pó de *canela* lançada por cima dos comeres, não guardam este pó de um dia pera o outro; porque se corrompe cá na India. E quanto é á corteza, que é a *canela* em umas terras dura mais que em outras, conservando-a bem, onde não ha humidade dura mais annos; e nas outras terras os physicos se conformarão com ellas, e com a experiencia; e assi o saberão bem: de modo que não sei se dura trinta annos. E a outra *canela,* que acharam do tempo do imperador Arcadio, já vos respondi que queria ver e crer.

R.—Outra razão dá Antonio Musa trazida por autoridade de Theofrasto, que o *cinamomo* antigo tinha muitos nós, e que esta canela não os tem.

O.—Theofrasto não diz bem, nem era homem desta terra para saber como era a arvore; e como se tira a corteza bem, direi-vos donde vereis claramente a verdade.

R.—Dizei, que ao cabo virei com as duvidas que tiver.

O.—As arvores são do tamanho de oliveiras, e algumas mais pequenas; e os ramos destas arvores são muitos, e não tortos, senão algum pouco direitos; as flores são brancas, e o fructo preto e redondo, maior que murtinhos, porque será como avelans; e a *canela* é a segunda corteza da arvore; porque tem duas cortezas, como o sobreiro, que tem cortiça e casca; assi a *canela* a tem; ainda que as cortezas não são tão distintas nem tão grossas, como as do sobreiro. E primeiro tiram esta corteza de fora, e alimpam a outra; e deitam-na no chão, feita em forma quadrangular; e deitada no chão, ella por si se enrolla em forma redonda, que parece corteza de um páo, mas não porque o seja; porque os páos della são da grossura da coxa de um homem; e a mais grossa desta *canela* é como um dedo. E tambem se faz vermelha, e tem esta côr que vedes, pelo sol que a queima; e a côr é como de pouca cinza misturada com o vinho vermelho, que fica como vinho cinzento, dominando pouco a cor da cinza e muito a do vinho. As arvores não são pequenas, como dizem Dioscorides e Plinio, e são muitas; e o preço é muito pouco na *canela* em Ceilão, mas de trinta annos a esta parte não a pode comprar ninguem senão o feitor d'el-rei;

e essa corteza, que este anno se tira, deixando estar a arvore da outra dahi a tres annos. E as arvores são muitas, e a folha é como de loureiro; e as arvores que dão *canela* ruim no Malavar e em Goa são muito mais pequenas que as do Ceilão. E todas são montezes e crescem per si; a raiz deita agua que cheira a *canfora,* e tem-se por fria. E el-Rei veda que não se tirem as raizes, por não ser destruição das arvores.

R.—É branca, vermelha e preta esta *canela?*

O.—A que não é bem curada fica branca ou parda; e a muito seca fica preta; e a bem curada fica vermelha, como antes dice; e a raiz é quasi sem sabor, e cheira a *canfora;* e o fructo não é aprazivel ao gosto; e as flores tambem se estilam, mas não cheiram tão bem como a agua estilada da *canela;* posto que Laguna diga que das flores somente se estila, mas a verdade é que se estila a melhor das cortezas antes que se seque. É muito gentil mézinha pera o estomago, e para tirar a dôr da colica, que é procedente de cauza fria; porque tira a dôr de improviso, como eu muitas vezes vi. Faz o rosto vermelho, e de boa cor; tira o mau cheiro da boca: certamente que pera Portugal é muito boa mercadoria, se a levassem em quantidade que abastasse; porque, alem de ser muito medicinal, é saborosa e boa pera temperarem os comeres, como cá fazem na India.

R.—Ha em outro cabo esta boa, senão em Ceilão?

O.—Não que eu ouvisse dizer.

R.—Pois Francisco de Tamara, no livro que fez dos Costumes, diz que ha no estreito do mar ruivo *cinamomos* e *loureiros* que os cobre a agua, quando cresce a maré. E tambem dizem os que escrevem das Indias Occidentaes, dos nossos Castelhanos, que em muitas partes destas Indias ha-a, em especial em uma terra que chamam Zumaco; e tambem dizem, fallando na China, que ha lá muita *canela* e especieria: a isto me respondei tudo.

O.—Ao que diz Francisco de Tamara lhe podeis responder que trasladou o que os outros falsamente escrêveram: que os Portuguezes, que esse mar ruivo navegam, nunca tal couza viram, navegando-o todos os annos, e os outros chronistas que dizem que as ha nas Indias, tambem não dizem a verdade; porque dizem que a fructa é como bolotas de sôvaro; e que traz uns capelos pegados nella; e a fructa da *canela* do Ceilão e do Malavar é como azeitonas pequenas ou muito grossas. E já fora bem que alguma desta *canela* viera a Hespanha; por onde pode ser que será outra arvore que dá esta fructa e a casca, e serão differentes ambas as arvores, como é differente a *pereira dengoxa* da outra *pereira*. E ao que diz da China, bem sabido é ser falso; pois de Malaca levam pera a China drogas, e sabem não haver lá a tal droga.

O.—Do fructo da *canela* que se faz?

R.—Fazem azeite, como nós fazemos o das oliveiras, parece como sebo em pães, ou como sabão francez; não cheira bem nem mal, senão quando se esquenta cheira

alguma couza a *canela,* aproveita pera esquentar o estomago e nervos.

R.—A *canela* de Ceilão é toda muito fina?

O.—Não, senão alguma é muito ruim, que se não arredondou bem, e era muito grossa por não ser daquelle anno; e, como é de mais tempo não é boa: isto entendei na do Ceilão, porque a do Malabar e das outras terras toda é muito ruim, e vale o quintal da *canela* de Ceilão dez cruzados, e a do Malavar vale um *bar,* que são quatro quintaes e um cruzado; e levam os Malavares a vender esta *canela* a Cambaia e a Chaúl e Dabul; pera dahi a levarem ao Balaguate.

R.—Dizei-me dos nomes das especies que traz Plinio, pera ver se se podem reduzir a algumas partes da India.

O.—Serão reduzidos, como podermos; porque a verdade é o que dice, e os nomes leval-os-hemos a ella. E digo que *Zegir* pode ser que se chamasse assi toda a terra de Chingualas, que são os de Ceilão; porque os Persios e Arabios chamam os negros *Zangues;* e toda a gente de Ceilão e do Malavar é desta côr; e tambem aquelles baixos que estão entre a costa e a ilha de Ceilão se chamam de Chilão, onde podemos derivar o nome de *Zegir.*

R.—E *cinamomo musilitico* tanto louvado donde se diz?

O.—Da ilha de Ceilão, que é ilha montuosa, que está contraria ao monte Cory, que é o cabo do Comorim; e onde achardes em Discorides que cheiram a *arruda* não lhe deis fé; e Plinio [1] diz que trazem esta *canela* ao porto de Genalabitas que se chama o Ceilão:

[1] Pli. l. II. cap. 19 & 20.

vedes como claramente quer dizer ao porto dos Chingualas, que é Ceilão; porque diz que por direito caminho vão do promontorio de Cury, porto dos Genalabitas dito o Cilã: se estas derivações vos não contentarem, não vos poderei dar outras melhores.

R.—Estas derradeiras me parecem melhor; mas os que dizem que é a folha da *canela* como do *lirio espadanal,* dizem bem?

O.—Não, porque a folha da *canela* parece a larangeira ou o louro; s. a feição é de larangeira, e a côr é de louro.

R.—O oleo faz-se da *canela* tembem?

O.—Já vos dice que se fazia sómente do fructo da arvore da *canela;* e que se fazia como nós fazemos o das oliveiras, e esta é a verdade.

R.—Acho em receitas de um doutor de autoridade «*Toma cinamomo allipitino:*» é por ventura alguma parte da ilha do Ceilão, ou donde é?

O.—Si; ha em Alepo, cidade principal da Suria, *canela* nascida, assi como ha em Hespanha, senão levam-na de Ormuz e de Gida a Alepo; vendem lá isto; e trazem cavallos a Ormuz e muitos generos de sedas e brocados; e porque aquella *canela* era boa e nova, ficou aquelle nome á boa *canela;* e não porque a ahi haja.

R.—Eu são satisfeito; e digo que me parece bem que tenhamos verdadeiro *cinamomo* e verdadeira *cassia lignea;* e não que nos falte; e que toda seja uma, e que, quando achar *cassia lignea,* nas receitas ou *cinamomo,* sempre porei *cinamomo* o melhor que achar, pois todo

é um, e as couzas que os doutores escrevem pera que aproveita um as dão a outro; e se Deus me levar a Hespanha, eu tirarei desta erronea a muitos physicos e boticarios; e direi áquelle famoso doutor Thomaz Rodrigues, que aquella exhortação que faz Matheolo aos physicos d'El-Rei de Portugal, que tirem isto a limpo, que vós lhe presentais, e pondes debaixo da sua correição; porque elle vos mandou isto pedir antes. E agora me dizei o que sabeis da ilha de Ceilão, pois é tão celebrada.

O. — Tem a ilha de Ceilão de comprimento 80 leguas ou mais, e de largura 30 leguas: é fructifera, esta de graso de 6 até 9; e a mais fructifera e melhor ilha do mundo. Alguns diceram ser Trapobana ou Samatra: tem defronte na costa um promontorio, que chamam o cabo do Comorim. É muito povoada, postoque montuosa por muitas partes: á gente della chamam *chingalas:* é d'El-Rei nosso senhor, e os reis della são sujeitos a elle. É certo que esta ilha é a mais nobre do mundo; e era toda de um rei, e foi morto por seus netos; e partiram entre si esta ilha. E quando os Portuguezes vieram a esta terra, fizeram consulta de cortarem e esterilisarem muitas arvores, assim como são *nozes,* e *cravo,* e *pimenta.* Ha nesta ilha todo o genero de pedraria, tirando diamantes; ha muito *aljofre,* como diremos adiante; tem ouro e prata, e não querem tiral-o os reis, senão tel-o por thesouro: dizem que se ajuntam alguma vez, pera o tirar

secretamente. Os mattos são com todas as aves do mundo, e muitos pavões, e galinhas, e pombas muitas, e de muitas maneiras; cervos e veados, e porcos em muita quantidade: ha muitas fructas nella das desta terra e larangeiras: e tudo isto é montezinho; e as laranjas é a melhor fructa que ha no mundo em sabor e doçura; dão-se nella todas as fructas nossas, como uvas e figos. Certo que das laranjas só se podia fazer uma muito boa pratica; porque é a melhor fructa que ha no mundo. Tem linho e ferro, e entre os negros cá dizem os Indios ser o paraizo terreal; e fabulam que uma serra, que ahi ha, muito alta (que chamam o pico de Adam), e dizem que está ali a pégada de Adam, e outras fabulas muito maiores, que por taes vol-as conto, e taes são. Ha muitas palmeiras, e os elefantes são os melhores que ha no mundo, e de muito entendimento, e dizem que os outros que lhe tem obediencia.

COLLOQUIO XVI

DO COCO COMMUM, E DO DAS MALDIVAS

R.— Da arvore dos *cocos*, chamada assi dos Portuguezes, me dizei: que sempre ouvi dizer que era uma arvore que dava muitas couzas necessarias á vida humana.

O.—Dá tantas e necessarias, que não sei arvore que dê a sexta parte: e pois assi é, bem é que saibais

da que nós chamamos *palmeira*. Mas os Gregos antigos delle não escreveram couza alguma, que eu visse, e os Arabios escreveram pouco; e isto será bem para contardes em Castella, sem embargo de ser sabido isto muito, por os que vão, por ser couza nota. E, vindo aos nomes, digo que se chama *maro*, e o fructo *narel;* e este nome *narel* é commum a todos; porque o uzam os Persios e os Arabios; e Avicena [1] lhe chama *jauzialindi*, que quer dizer *noz da India;* e Serapio [2] e Rasis chamam a arvore *jaralnare*, que quer dizer *arvore que dá cocos;* e os Malavares chamam á arvore *temgamanam*, e o fructo, quando é maduro se diz *temga;* e em malaio chamam á arvore *tricam*, e o *coco nihor;* e nós os Portuguezes, por ter aquelles tres buracos, lhe pozemos o nome de *coco;* porque parece rosto de bogio ou d'outro animal. É arvore muito grande de comprimento, e tem a folha, no mais alto, como as folhas da nossa palmeira ou das cannas; as folhas da nossa palmeira são mais meudas, e a flor é como a do castanheiro; o páo é muito esponjoso, e quer logares areosos perto do mar; porque fóra no sertão não se dão. Semeam os mesmos *cocos*, e delles nascem palmeiras pequenas, as quaes transpoem; e em poucos annos dão fructo, se as tratam bem, e lhe lançam agua e cinza; ou o esterco no inverno, e agua, como dice no verão: fazem-se grandes e formosas as que estão perto de casas moradas,

[1] Avic., liv. II cap. 506.
[2] Serap. cap. 228.

que parece que a gente lhe faz bem; isto póde ser por cauza da sugidade, e tambem se querem bem entulhadas.

R.—Começai a dizer os proveitos desta arvore.

O.—A madeira, postoque não é muito boa, aproveita, por ser alta, para muitas couzas; e nas ilhas de Maldiva fazem um navio que, assi elle como a pregadura, e as vélas, e cordoalha, é feito de palmeira: dos ramos (a que chamamos *olla* em Malavar); cobrem as cazas e navios: fazem duas qualidades de palmeiras, umas pera fructa, outras pera darem *çura,* que é vinho mosto; e quando é cozido, chamam-lhe *orraca:* e estas de *çura,* se as querem pera isso, cortam-lhe uns cabos, e atam-lhes ali as vasilhas, donde tiram a *çura;* e sobem a tiral-a acima, atados aos péz umas peas, ou fazendo algumas falsas na arvore: desta *çura* estilam ao modo de agua ardente; e deitam um vinho como agua ardente; e queima um panno molhado nella, como faz a agua ardente; a esta fina chamam *fula,* que quer dizer flor; e á outra que fica chamam *orraca,* misturando n'ella est'outra alguma pouca quantidade, e da *çura* até que se distile, fazem vinagre, pondo ao sol, porque se azede; e fica ás vezes muito forte. E depois que se tira esta vazilha da *çura,* se dá muita, tiram outra de que fazem assucar, embastecido ao sol ou a fogo, a que chamam *jagra;* e o melhor de todos é o das ilhas de Maldiva, e este

não é tão preto como o das outras terras. O fructo, quando é novo, tem em si uma casca muito tenra, a qual sabe a alcarchofa molhada no sal, ou sem elle: tem dentro um miolo muito languido e doce; e a agua tambem é muito doce e suave; e com sua doçura não faz fastio; a qual agua dura muito tempo, e se faz do sutil das cortezas do miolo; de modo que fica o que nós chamamos *coco*, e os Malavares *temga*; e dentro delle alguma agua, não tão doce como a primeira; porque ás vezes se azeda algum tanto. Este *coco* quando é verde chamam os Malavares *elevi*, e aqui em Goa *lanha*; tem este *coco* duas cascas grandes até que cheguem ao miolo: e o miolo, quando é maduro, pera se comer, é bem que se raspe a caspa de cima; porque assi o diz Avicena e Serapio: a primeira das cascas é muito languinosa, e desta se faz *cairo*, que assi é chamado dos Malavares e de nós: delle se faz a cordoalha, enxarcia de todalas naos: serve muito nesta terra, porque é muito gentil cordoalha; porque não se apodrece na agoa salgada: e por esta causa é boa esta lã destes cocos de que fazem o cairo; porque todos os navios são calafetados com elle; de maneira que serve de linho, de estopa e de esparto. E por esta causa é boa mercadoria pera Portugal, senão fizesse tanto volume, esta é a cauza porque se gasta tanto delle; porque sempre falece, com haver na India tantas palmeiras, e darem a El-Rei de parias tanto cairo das ilhas de Maldiva,

e certo que, no calafetar dos navios, acertam muito; porque incha este cairo mettido na agua salgada.

R.—Boa couza é esta arvore; pois tanto dá de si, porque tambem diz Laguna que fazem della tapizes ou esteiras pintadas.

O.—Não teve razão, nem boa informação disso: e a outra casca serve de vazos pera beber a gente mesquinha; e tambem queimado serve de carvão muito bom pera os ourives.

R.—E não é bom para beberem os paraliticos, como diz Sepulveda?

O.—Sempre ouvi isso dizer sendo moço; mas em doutor de autoridade não o achei isso escripto; por onde creio ser fingido; e mais porque nesta terra não o tem assi. E desta fructa não se louva, pera os nervos, senão o oleo que é tão separado da corteza, tão fóra da sua naturaleza.

R.—A fructa já a provei muitas vezes.

O.—Todavia vos digo que, quanto é mais novo o que chamamos *coco,* é a agua mais saborosa; e a corteza do meio, porque a derradeira não é ainda formada, que é a que cobre o miolo, quando é dura, e depois o *coco,* sabe a amendoas verdes; e este comem algumas pessoas com a *jagra,* que acima dice, ou com assucar. E se não fosse a multidão desta fructa seria em mais preço estimada, como é no Balaguate. E deste *coco,* pisado e tirado o leite, fazem (que assi parece) e cozem arroz com elle, e é como arroz de leite de cabras: fazem comeres das aves e carnes, a que chamam *caril* e

tambem secam estes cocos; e des que elles despedem a casca, ficam secos em pedaços (e chamam lhes *copra)* e levam a Ormuz e ao Balaguate, e ás terras que tem pouca fructa desta e não lhe abasta, pera se secar, ou onde carecem della. É fructa saborosa e uzada, como castanha seca da nossa terra; porque sabem melhor que os *cocos* que levam a Lisboa.

R.— E como se faz o azeite?

O.— Desta mesma *cópra* se faz a lagar; e faz-se em muita quantidade; e é muito claro que parece agua; alumia muito bem; e gasta-se muito, por ser mui delgado; come-o a gente da terra com arroz, e dizem ter bom sabor.

R.—Assi diz Avicena e Serapio que é melhor que a manteiga, e que não molifica o estomago, como ella.

O.—Duas maneiras ha de azeite; um é feito de cocos frescos, e o outro do que chamamos *copra,* que é os *cocos* secos; e este que se faz de *cocos* frescos é feito pizando o *coco* e deitando-lhe agua quente; e tiram a corpulencia, que no fundo reside, e por cima a espremem, e o oleo nada sobre a agua: e esta é uma mézinha purgativa, que purga lubrificando ou fazendo brando: a muitos a damos cá para evacuar as tripas e o estomago sómente; e purga muito bem, sem nenhum perigo, nem damno. E muitos a misturam com expressão de tamarinhos; e per experiencia achei ser muito boa. E se Avicena entende deste oleo que é bom nutrimento, diz verdade; mas não a diz em dizer que não molifica o estomago, em dizer que não é lubrico ou

corrediço. E o outro que se faz da *copra* é muito boa mézinha pera os nervos; e muito proveito achamos nelle pera o espasmo, ou dores de junturas antigas; s. metendo o paciente em uma almadia pequena, mais que de comprimento de homem, ou em uma gamela grande; e nelle quente deixam dormir e estar o paciente, e milagrosamente aproveita.

R.—Dizem que mata as lombrigas o oleo, e que o *coco* comido tambem as faz sair, e isto dizem Avicena e Serapio.

O.—Não tenho por experiencia o oleo matar as lombrigas, nem parece muito conforme á razão; e de as o *coco* cauzar e gerar é commum opinião dos Indios, e vê-se cada dia ao olho.

R.—Allega Serapio a Mansarunge (que diz ser o Mesue antigo) que estanca as camaras o *coco*.

O.—Não é inconveniente que estanque o ventre comido; e o oleo que relaxe o ventre; porque o oleo é fundado nas partes do ar, e o coco nas da terra.

R.—Diz Laguna que alguns tiveram que o *oleo mel*[1] de que trata Dioscorides, no primeiro livro, seja um dulcissimo azeite, que mana desta palma; dizei o que sentis disto.

O.—Digo que esta palmeira não deita oleo por outra parte, senão o que é feito por expressão do *coco*, por onde crede que se enganaram nisso.

R.—Queria saber do *coco*, que levam a Portugal, que dizem das Maldivas, que é contra a peçonha, se se contem ambos debaixo de

[1] Alias elaeomel. *(V.)*

uma mesma especie; porque eu vi em Portugal o casco sem medulla alguma, e diziam muitos bens delle, e da medulla, que eu não vi, diziam muitos maiores louvores.

O.—Eu vos responderei a isso; mas primeiro vos quero dizer de um saboroso comer desta palmeira, ainda que não é muito proveitoso; e é o olho da palmeira ou amago, e folhas ajuntadas as mais delgadas (a que chamamos *palmitos)* e sabe melhor que os nossos *palmitos,* e algum tanto sabe a castanhas das brancas, e muito tenras, ante que caiam do ouriço; e todavia sabe melhor que isto, e o *palmito.* E porém quem come um *palmito,* come uma *palmeira;* porque logo se seca, e quanto a *palmeira* é mais velha, tanto é melhor o *palmito.* E tornando ao *coco* das ilhas das Maldivas, é muito louvado da gente das mesmas ilhas e dos Malavares, que conversam as ditas ilhas.

R.—E d'est'outros reis que curais, e da gente das suas terras é estimado este *coco?*

O.—Não, nem ouvi fallar lá nelle; por onde lhe não dou tanto credito; e porque não se offereceu caso onde curasse com elle alguma pessoa; somente ouvi dizer a muitas pessoas dignas de fé, ser muito bom pera a peçonha; e haverem-se achado muito bem com elle pera muitas enfermidades, assi como pera colica e paralisia, gota-coral e muitas enfermidades de nervos: e á colica me diziam que aproveitava fa-

zendo sair e arrevesar: as outras enfermidades me diceram que preservava dellas, bebendo agua deitada no mesmo coco, deitando nelle um pouco de miolo, e que andasse nella muitos dias.

R.—Muito negligente fostes em não o experimentar.

O.—Deixei-o de fazer, por não se offerecer caso pera isso; e no da peçonha, que é o principal, não o uzei, porque ha outras melhores mézinhas; assi como são *pedra bezar, triaga, páo da cobra,* do que ao diante fallarei, *páo de Malaca,* de *contra herva, esmeraldas, terra segillata;* e porque com estas me achei bem, não quiz experimentar est'outros. E seivos dizer que muitos homens bebem por estes cocos, e dizem que se acham muito bem; mas não sei se o faz a imaginação: e por esta razão não quiz affirmar ser bom nem máo, nem vos direi couza alguma ser boa, senão sendo testemunha de vista ou pessoas dignas de fé.

R.—Diceram-me que a Rainha nossa senhora mandava todolos annos por este *coco,* e lho levam de cá; e portanto não me negueis ser pera a peçonha bom; porque pode ser que o experimentem lá alguns bons physicos.

O.—Quando m'o elles dicerem crer-lo-hei, e affirma-lo-hei; mas agora não, pois o não vi; e como o virdes, dizer-me-hei, e não haverei vergonha disso.

R.—Pois eu o hei de levar pera Portugal se o

achar, e for lá a salvamento: portanto mostrai-m'o e dizei-me a feição delle.

O.—A casca deste *coco* é preta, e mais luzidia que a dos outros *cocos;* e de figura oval, por a maior parte, e não redonda, como a dos outros; o miolo de dentro é muito duro, e é branco, declinando um pouco a amarello, e, no fim do amago, com gretas e muito poroso; não tem sabor algum excessivo; tomam deste miolo até dez grãos de trigo de peso, em vinho ou agua rozada, segundo a necessidade é.

R.—É da especie dest'outro *coco,* porque parece não o ser; porquanto os *cocos* que della comemos são muito maiores, e de outra figura?

O.— Não faz isso ao caso; porque os *cocos* das ilhas das Maldivas são muito grandes; e eu tive já um, que cabiam nelle sete quartilhos. E tambem ha nestas ilhas, dos *cocos* de contra peçonha ou veneno, alguns pequenos e redondos; portanto a vossa razão não conclue.

R.—Pois dizei vosso parecer, e o que sabeis disso.

O.—A fama commum é, que estas ilhas eram terra firme; e por serem baixas se alagaram, e ficaram ali essas palmeiras; e que de muito envelhecidas se fizeram tão grandes *cocos* e tão duros enterrados na terra, que é agora coberta com o mar. Não tem folhas nem tronco, por onde se possa comprehender se é da mesma especie ou não; e parecem ser de diversas especies os *cocos,*

por terem diversos effeitos e obras: quando souber o contrario disto, vos escreverei a Portugal o que cá achei nisto, se me Deos der dias de vida; porque espero de o saber bem, quando for ao Malavar, Deos querendo. E depois soube que os *cocos* vem pegados dois em um, como arcos de bésta; e depois os despegam, e ás vezes vem desapegados alguns. Deita-os o mar na praia, o *coco* não é tão duro como este que vemos, nem tampouco é tão molle como os *cocos* das palmeiras, que comemos.

R.—Pois diz um doutor moderno muitas couzas dos louvores da palmeira uzual destes *cocos;* e em todas as mais acerta, senão onde diz que o vinho se fazia da expressão do *coco;* isto digo, segundo vos ouvi; porque me dicestes que da lagrima se fazia cozendo-a, ou estilando-a, como fazemos a agua ardente; dizei-me, se diz verdade.

O.—Nisso do vinho erra; e tambem erra na maneira que diz de fazer do mel, e em algumas outras couzas, que não fazem ao caso. E concluindo no *coco* das ilhas, digo que tiram o amago dos *cocos,* e o poem a secar da maneira que secam os outros de que fazem a *copra,* e fica tão duro como vedes; pois a côr já a vedes que parece como queijo de ovelhas muito bom: e mais me dice este Portuguez que sabe muito das ilhas, que nunca pessoa alguma viu a arvore, que dá estes *cocos;* senão que o mar os deita

de si, e que ha pena de morte apanhal-o alguma pessoa quando o acha na praia, senão leval-o a el-rei, e isto lhe dá ao *coco* das ilhas mais auctoridade. E deixemos isto, e fallemos no *costo* pois é mais uzado na physica.

COLLOQUIO XVII

DO COSTO E DA COLLERICA PASSIO

R.—Muito estimado foi o *costo* antigamente, e agora tambem tem seu louvor; portanto receberei grande mercê em me abrirdes o caminho da verdade, em esta mézinha, não tendo affeição nem odio a algumas pessoas de qualquer qualidade que sejam.

O.—Eu não tenho odio senão aos errores; e não tenho amor senão á verdade; e com este proposito vos digo que eu pera mim não tenho duvida alguma em esta mézinha.

R.—Pois todos a temos; porque Galeno[1] com todos os Gregos, e Plinio[2] com todos os Latinos antigos, e todos os Arabios[3] poem muitas maneiras de *costo,* e ainda que os boticarios me dizem que o ha em Hespanha, e os Italianos em suas terras, e assi todas as nações, mas que não vem a nós senão esta indica, e que das outras, se carecemos, é per descuido e avaricia.

O.—Eu pera mim tenho não haver outra; e desta

[1] Gal., liv. VII. *Simp.*
[2] Plin., liv. XXII, cap. 12.
[3] Avicena, liv. 2. cap. 165.

vos direi os nomes, e a feição, e o uzo pera que se uza.

R.—Dizei, com protestação de vir com meu contra-ponto, quando for necessario.

O.—Digo que *costo* em arabio se chama *cost* ou *cast;* em guzarate se chama *uplot;* e em malaio, pera onde é grande mercadoria e se gasta muito, se chama *pucho;* dice vos o nome em arabio, porque por elle é chamado dos Latinos e Gregos, e o de Guzarate porque é a terra mais chegada onde nasce; e dice-vos o nome malaio, porque a maior quantidade se gasta pera lá, s. para levar á China.

R.—E não nasce o *costo indio* no Guzarate?

O.—Nasce na terra sugeita muitas vezes ao Guzarate, s. confins entre Bengala e o Dely e Cambaia, isto é, terra do Mamdou e Chitor; e d'ahi vem muitas carretas carregadas deste *uplot* e *despique,* e da *tincar,* e d'outras muitas mercadorias, as quaes vem ter á cidade principal do reino, dita Amadabar, que está no sertão, e tambem vem ter á cidade de Cambaiete (cotovello do mar da enseada); e dali se provê a mór parte da Asia das nomeadas mercadorias, e toda a Europa, e alguma parte da Africa.

R.—Como se podem crear tantas arvores, pois a raiz é o *costo* que gastamos?

O.—O mais pouco é raiz; porquanto todo o mais é o páo, não vale mais o páo que a raiz; a arvore em que nasce a comparam alguns que a viram ao sabugo: tem flores

e cheira bem: a feição delle é ser branco por dentro, a casca parda; e algum delle tem a côr de buxo e a casca amarella; onde está, dá grande fragancia e cheiro, que a alguns se lhe mete polos narizes, e lhes faz dor de cabeça com sua fortidão; o sabor delle não é amargozo, nem tão pouco doce; postoque alguma couza amarga, quando é velho; porque, quando é novo, tem o sabor agudo como as outras especierias: desfaz-se muito em pó, e cheira mais pouco, e amarga, e esta é a verdade. Deste gastam em muitas mézinhas os physicos Indianos: este levam a Ormuz os mercadores; donde se provê todo o Coraçone; e a Persia. Tambem dahi se leva a Adem, donde se provê a Arabia e Turquia; e não é muito ser este *costo* falsificado lá, segundo levam pouca quantidade a Portugal; por onde é de crer que, ou é falso o que uzam nas partes distantes de Portugal, ou põem outra couza por elle.

R.—Serapio[1] lhe chama *chost*.

O.—Está a lettra corrupta, e em alguns livros se acha escripto *cast, i. costus:* e os Arabios com que fallei, uns lhe chamam *cast,* outros *costo,* e outros *costi;* e nisto não tenhaes duvida.

R.—Todos pôem tres especies; s. *arabio,* e este dizem ser branco e leve e aromatico; e outro dizem ser *indico,* negro, e leve e amargo; e outro dizem que é da *terra da Siria,* de cor de páo de buxo; o cheiro é estitico: tambem *costo doce* e *costo amargo:* postoque eu não vi

[1] Serap., cap. 318.

costo doce, não pode deixar de o haver, pois doutores de tanta autoridade escrevem delle.

O.— Perguntei a muitos mercadores da Arabia e Persia e da Turquia, que me dicessem onde se gastava este *costo,* que vai da India: amostrando-lh'o com a mão, elles responderam todos que na Turquia se gastava a mór parte, e na Siria; e os Arabios e Persios me diceram que tambem o levavam pera sua terra por mercadoria, em que se ganhava dinheiro. Perguntei-lhe, se avia outro algum em sua terra, todos me diceram que não. Perguntei aos physicos de Nizamaluco, e diceram-me que nunca viram outro *costo,* senão este da India; e destes physicos um delles foi physico do Xatamaz, e andou muito tempo curando no Cairo e em Constantinopla; pois todos estes razão tinham de conhecer o *costo.*

R.— E o que dizeis do *costo doce* e *amargozo?*

O.— Bem sabeis que as couzas, quando se vão apodrecendo, que amargam muito; e a côr que no principio era branca, se faz, quando se corrompe, preta; e no meio deste tempo se faz amarella; e porque este *costo* vem ter de longes terras a nós, ha muito pouco delle que não esteja começado a corromper. E o que já se vai corrompendo e não é branco, chamam-lhe *amargo,* e a outro que está bom, *doce.* E porque os mercadores, que este *costo* levam a vender, eram de diversas partes, tomaram occasião de dizer que um havia na Arabia, e outro na India e outro na Siria;

vindo todo este da India; e tendo lá seu nascimento.

R.—Laguna, escriptor diligente, diz que são dignos de reprehensão os boticarios que, por avaricia ou pouco cuidado, não trazem o *costo* de Veneza, donde vem de Alexandria, e gastam em seu logar uma mézinha, que não se parece mais com o *costo* que o marmello com abobra; e outros uzam de raizes de *menta romana*, a que chamam *costo falso;* e muitos herbolarios vi em Hespanha que me diceram havel-o lá visto; e um me mostrou uma fructice de altura de cinco palmos; e indo lendo polo livro, achavamos que lhe convinham os signaes escriptos no livro.

O.—Digo que Laguna diz bem, se levarem o *costo* de Veneza, que haja vindo da India, não falsificado nem podre; e pera mais seguridade e certeza seria melhor que o levassem de Lisboa, onde vai melhor e mais fielmente feito; porque eu o mandei a El-Rei em quantidade, o anno que fiz as drogas; e se vai pouco de cá, é porque não tem lá requesta, nem o pedem tanto. E ao que dizeis do herbolario, que em Hespanha vos mostrou a fructice do *costo,* nem vós nem o herbolario, nem o auctor do livro vistes em algum tempo a arvore do *costo;* e por isso vos enganaveis todos; porque, com perdão de todos, um cego, que era o pandetario, guiava ao herbolario; e a vós isto vos digo, porque a arvore do *costo* é tamanha como uma azimbro ou medro-

nheiro grande ou sabugueiro. E a fructice, como tinha o pao? era duro ou mole, ou delgado ou grosso, despedia bem a casca ou não?

R.—Mole, e despedia bem a casca.

O.—Pois est'outro é contrario, que é pao duro, e não tem casca separada.

R.—Não se podia perder este *costo doce* polos muitos tempos e distancia dos logares?

O.—Não: porque as terras são agora mais descubertas e mais sabidas; senão que agora se descobrem mais os erros passados e enganos de gente, que, por venderem melhor suas mercadorias, poem nomes diversos, e dizem ser de longas terras; e abaste-nos, para não haver outro *costo* senão este, que os Chins, gente tão discreta e tão sabida, uzam desta mézinha, e a gastam tanto.

R.—Allegais com gente muita barbara e fera, pois são os Scitas Asianos.

O.—São os Chins homens mui sutis em comprar e vender; e em officios mecanicos, e em lettras não dão vantagem a alguns outros, porque tem leis escriptas, conforme ao direito commum, e outras muito justas; como se pode ver bem por um livro, que ha dellas nesta India; e umas destas leis que me diceram é, que não pode o homem casar com mulher que conheceu, sendo casada com outro marido; quanto mais que os homens que vão á China vêem lá praticar muita justiça e uzar della; dão-se lá gráos e muitas honras aos lettrados, e elles são os que governam o rei, e a terra.

Nas pinturas que fazem vem pintadas cathedras, e homens que estão lendo, e ouvintes que estão ouvindo: quanto mais que pera vos convencer seu gram saber, abasta que a arte de imprimir sempre foi lá uzada, e não ha, em memoria de homens ácerca delles, quem a inventou.

R.—Isso é verdade, porque quem inventou esta arte foi em Hungria, ou nessas partes mais septentrionaes, as quaes dizem quo confinam com a China.

Serva.—Um moço está ali, que traz um recado.
O.—Venha.

Pagem.—D. Jeronymo lhe manda pedir que queira ir visitar seu irmão, e ha de ser logo; ainda que não sejam horas de visitação, por ser perigo na tardança, e que lhe fará muita mercê em o fazer.

O.—Que doença é, e quanto ha que está doente?
P.—É *morxi;* e ha duas horas que adoeceu.

O.—Eu vou apoz vós.

R.—É esta enfermidade a que mata muito asinha, e que poucos escapam della? dizei-me como se chama acerca de nós, e delles, e os signaes, e a cura que nella uzaes.

O.—Acerca de nós é collerica passio: e os Indios lhe chamam *morxi;* e nós corruptamente lhe chamamos *mordexi;* e os Arabios lhe chamam *hachaiza,* postoque corruptamente se leia em Rasis *saida.* Cá é mais aguda que em nossas terras, porque commumente mata em vinte e quatro horas, e eu já vi pessoa que não durou mais que dez horas, e os que mais duram são quatro dias, e porque não ha regra sem

excepção, vi um homem com muita constancia de virtude, que viveu vinte dias, sempre arrevesando colera curginosa, e emfim morreu: vamos ver este enfermo; e por os signaes vereis vós como testemunha de vista que couza é.

R.—Vamos.

O.—O pulso tem muito submerso, que poucas vezes se sente; muito frio, com algum suor tambem frio; queixa-se de grande incendio e calmosa sede; os olhos são muito sumidos, não podem dormir, arrevesam, e saem muito; até que a virtude é tão fraca que não póde expelir couza alguma: tem caimbra nas pernas. Subi, apos mim, que eu vos ensinarei o caminho. Muita saude dê Deus em esta caza. Quanto ha que este mal veio?

E.—Pode haver duas horas que me tomou este sair e revesar, com grande agastamento; não arreveso senão agua, sem nenhum amargoso, nem azedo sabor.

O.—Tivestes alguma caimbra nas pernas?

E.—Per tres ou quatro vezes me tomou, e com fortes esfregações com isto se me tirou, molhando as mãos em azeite de cocò quente; e porém tornou a vir, e fiz-lhe o mesmo e tornou-se.

O.—Que comestes hoje?

E.—Comi peixe, de muitas maneiras; e arroz de leite e alguns pepinos; e assi o que arreveso cheira a pepinos.

O.—Isto não padece tardança; emtanto ponham fogareiros; e esquentem-lhe o corpo; e esfreguem-lhe o corpo com pannos asperos; e agua nenhuma beba, em nenhuma

maneira della, se fordes constrangido a dar-lhe a beber alguma pouca, será onde hajam apagado algum ouro fervendo; e cauterisem-lhe os pés, com ferros quentes; e dar-lhe-hão a beber um vomitivo; e lançar-lhe-hão um clister lavativo; o qual tudo vou ordenar á botica; e untal-o-hão com oleos quentes, pela nuca e espinhaço todo; e assi lhe untarão as pernas. E como revesar com este vomitivo, e fizer camara com o clister, vão-me dar conta do que se passa; e dir-me-hão, se arrevesa ainda muito, ou se sae muito, ou se se esquentou já, ou se tem ainda caimbra, ou se lhe parece o pulso mais, e está mais descuberto; porque conforme a isto é necessaria que obremos, porque nesta enfermidade não ha de haver descuido no medico, nem nos servidores do enfermo.

D. Jeronimo.—Tudo se fará muito depressa, e eis aqui o boticario.

O. — Façam-lhe muito azinha um vomitivo de agua cozida, com cevada e cominhos; porque os acho muito bons pera esta paixão; o clister será de cozimento de cevada e farellos e oleo rozado, e mel rozado, coado; e os oleos, pera se untar, serão de castoreo e de ruda; porque tem respeito ao veneno, tudo misturado; e acerca do comer da caza estilem uma galinha gorda, tirando-lhe primeiro a gordura que tem; e deitem-lhe dentro umas talhadas de marmellos, e se os não acharem frescos, sejam de conserva, lavados primeiro com vinho branco, e lancem-lhe

uma pouca de agua de canela e rozada, e coral e ouro; e posto que o doutor, que presente está, saiba melhor isto que todos, pera o que se deve fazer, elle me dá a mão a isso, como homem experimentado nesta terra. E porque elle está presente, digo que melhor fora perdiz, ou de Ormuz ou da terra, ou gallo ou gallinha de matto; mas emquanto se isso não acha, podem fazer o que dice.

R.—Em todo o cazo podeis fallar, porque ha muito tempo que nos conhecemos.

O.—Deos dê muita saude nesta caza, e não esqueça levar-me recado do que passa.

R.—Espantado estou daquesta enfermidade; porque vi muitos doentes de peste, e não tem a virtude tão derrubada, nem dura tão pouco pola mór parte. E porque dice que comera pepinos, me lembra que os doutores dizem de alguns comeres que se se corrompem, são convertidos em natureza de veneno; e estes, se me bem lembra, são melões e cogombros, e pepinos, e pecegos, e albocorques; portanto não é muito vir-lhe aquella enfermidade, depois de comer pepinos: e vi mais este paciente ter o anelito muito frequente.

O.—Sabeis em quanta maneira se acontece isto, que vi um fidalgo muito virtuoso, que havia trinta horas que padecia esta enfermidade, me dizia: já não saio, nem arreveso, nem tenho caimbra na perna, senão que não posso tomar folego, e isto me mata: olhai em que estado estava prostrada a virtude, que não podia deitar o folego.

R.—A que homens toma mais esta enfermidade? E em que tempo do anno vem mais?

O.—Aos homens que muito comem, e aos que comem máos comeres; como aconteceu aqui a um conego mancebo, que de comer pepinos morreu; e aos que são dados muito á conversação das molheres; e acontece mais em junho e julho (que é o inverno nesta terra), e porque se cauza de comer, lhe chamam os indios *morœi*, que quer dizer, segundo elles, enfermidade cauzada de muito comer.

R.—Como curam os physicos da terra esta enfermidade?

O.—Dão-lhe a beber agua de expressão de arroz com pimenta e cominhos (a que chamam *canje*): cauterizam-lhe os pés, como mandei fazer áquelle fidalgo; e mais lançam-lhe pimenta longa nos olhos pera experimentar a virtude; e, pera a caimbra, arrocham-o com percinta a cabeça, e braços e pernas, muito fortemente até os giolhos, e dos giolhos até os pés; e dão-lhe a comer o seu *bétre*. E todas estas couzas não carecem de razão, senão que são feitas toscamente.

R.— E vós os portuguezes que lhe pondes, ou que lhe fazeis?

O.—Damos-lhe a comer perdizes e gallinhas estiladas, ou sumo dellas: tambem lhe damos torradas de vinho com canela; posto que estas couzas quentes eu não uzo muito nos comeres, senão postas pola parte de fora; s. untando o estomago com oleo de almecega e nardino quentes, trabalho com muita pressa de limpar o estomago com

mézinhas lavativas somente, e com clisteres; vão mixtos segundo que a natureza mais se vai inclinando.

R.—Não se hade ajudar essa natureza, que é cega e constrangida do humor venenoso.

O.—Todavia porque esse humor, que é venenoso, não infeccione o outro, é bem que se deite fóra cedo; e é bem evacuar-se; depois com oleos de almecega e pós de canela, confortando o estomago, e a virtude retentiva com algumas ventosas; mas ha de ser isto evacuando-se primeiro a mór parte do humor.

R.—Tendes alguma mézinha particular experimentada?

O.—Algumas; s. *triaga* bebida, ou deitada em vinho, ou agua rozada, ou de canela, segundo a necessidade o requer; e do *páo da cobra,* daqui a diante diremos; do *unicorneo* experimentado, e do *páo da contra-herva* de Malaca, com que se acham bem os feridos de frecha com peçonha; porem a mézinha que mais aproveita, e com que melhor me achei, é tres grãos de *pedra bezar* (a quem chamam *pazar* os Persios que daqui ao diante fallarei) que em tanta maneira aproveita, que quasi milagrosamente dilata as forças do coração. Já houve muitos doentes que dando-lhe a beber esta pedra, me diziam não sabendo o que lhe dera, como des que comeram aquella mézinha lhe parecia que lhe viera novas forças e lhe tornara a alma ao corpo: e em o bispo de Malaca me achei muito bem, dando-lhe esta *pedra bezar* e a *triaga,* depois de vacuada muita

parte da materia, deitara-lhe *triaga* em clisteres, accrescentando-lhe a quantidade.

R.—Nunca vi deitar n'essas enfermidades *triaga* em clisteres.

O.—É conforme á razão deital-os nas enfermidades venenosas, como a mim me aconteceu, curando a um veador da fazenda de El-Rei nosso senhor, de umas camaras venenosas, o qual não queriam consentir os meus companheiros physicos; e porém, vendo que se achou bem, folgaram com isso, e o uzaram em muitas pessoas depois.

R.—Ha algumas enfermidades na India como estas, que derrubem a virtude, tanto como esta? E a estas que mézinhas lhe pondes por fóra?

O.—Muitos homens morrem com a virtude derrubada, ou porque tiveram camaras, ou polo muito uzo das molheres; e a estes (chamam os physicos indianos *mordexi seco,* s. á enfermidade dellès) faço-lhes fomentação por fora, com vinho de cozimento de cominhos, e sobre ellas lanço oleo nardino e de almecega, e os comeres quero que cheguem a quente, mais sustancialmente que em qualidade; e não quero que sejam gemmas de ovos, porque são subversiveis e corruptiveis, e porque da pedra *bezar* hei de fallar ao diante, não mais. E, tornando ao *costo,* digo que Mathiolo Senense allega alguns que tem que *raiz angelica* é especie do *costo,* mas que elle não o damna nem o approva; e que uzam mais conforme á razão os que uzam

della em logar do *costo* que os que uzam da *menta romana;* e eu digo que ella não é *costo,* e pode ser melhor mézinha.

COLLOQUIO XVIII

DA CRISOCOLA E CROCO INDIACO (QUE É AÇAFRÃO DA INDIA) E DAS CURCAS

R.—Encomendaram-me e ensinaram-me em Portugal que levasse de cá *tincal;* e porque se chama *crisocola,* será bem que façamos delle aqui menção, e que o leve de cá.

O.—Sim; mas é das drogas defesas, e por pouco perdereis o muito.

R.—Não o quero levar, senão saber onde o ha e o nome delle.

O.—Chama-se *borax* e *crisocola;* e *tincar* em arabio, e os Guzarates assi o chamam: não se uza na physica indiana senão muito pouco, e pera sarna e cirurgia: nem nós a uzamos muito, senão entra no unguento *cetrino,* e nos outros afeites das molheres; e para os dentes e sarna. E é mercadoria que se gasta em todas as partes, pera o ouro e os outros metaes serem bem feitos e conglutinados; e esta, que vai de cá, é mineiro em uma serra que está apartada da cidade de Cambaite, cem leguas nossas; e trazem a vender ahi e a Madabar, e vem das bandas do Chitor, e Mandou, em muita quantidade delle; porque em todas as terras se gasta muito.

R.—Pois nisto não ha mais que fallar, fallemos no que chamais *açafrão da terra.*

O.—Essa mézinha é pera fallar nella, porque a uzam Indianos medicos; e é mézinha e mercadoria que se leva muita para Arabia e Persia; e nesta cidade ha pouco della, e no Malavar muito, s. em Cananor e em Calecut. Chamam os Canarins a esta raiz *alad*; e os Malavares tambem lhe chamam assi, mais propriamente *manjale;* e os Malaios *cunhet;* os Persios *darzard,* que quer dizer *páo amarello;* e os Arabios *habet:* os quaes todos, e cada um per si, dizem que não o ha na Persia, nem na Arabia, nem na Turquia este *açafrão,* senão o que vai da India.

R.—Parece razão, pois esta é mézinha e tem nome arabio, que esteja por algum Arabio autor escripta.

O.—Razão tendes, mas não ouso affirmar as couzas sem primeiro as ver bem; e porém eu tenho pera mim certo que Avicena escreve deste *açafrão da terra* no cap. 200, chamando-lhe *calidunium* ou *caletfium;* e falla nisto Avicena como homem que o não sabe bem; e allega as sentenças d'outros, como de couza que não havia em sua região; e não é muito inconveniente o nome arabio agora ser corrompido; porque parece que os Arabios lhe chamavam como os Indios, *alad,* e lhe corromperam o nome chamando-lhe *caletfium;* e mais me faz cuidar isto ser verdade ver o capitulo defece de *curcuma* ou *curcumani,* que tambem se conforma com elle; e portanto vede

ambos, e achareis ser verdade o que digo; porque Avicena, quando duvidava de uma couza, fazia della dois capitulos.

R.—Não me parece razão isso; porque diz que é *meimirão*, o que sabemos ser *cilidonia*.

O.—Não tenho isto por muito certo; porque nestes dois capitulos faz esta mézinha amarella, e diz aproveitar muito aos olhos; e porque estas couzas convem á *cilidonia*, diceram ser esta mézinha *cilidonia*; mas muito maior razão será qualquer destes simples conteudos neste capitulo ser *açafrão da terra*.

R.—Pera que o uzam nestas terras?

O.—Pera tingir e adubar os comeres; assi aqui como na Arabia e na Persia; ainda que lá haja o nosso *açafrão*, uzam deste por mais barato; e cá uzam do *açafrão* tambem em physica, mais que pera tudo, pera os olhos e pera a sarna, misturado com sumo de laranja, e azeite de coco. E pois nestes capitulos o louva Avicena, pera estes effeitos, este deve ser, que assi é uzado; e Avicena fallou com duvida nisto, porque por ser couza fóra de sua terra o não sabia bem; e por isso vos fique ser mézinha boa pera levar pera Portugal.

Serva.—As *curcas* que de Cochim vieram, quer vossa mercê que lh'as façam em *caril*, com a gallinha, ou que as lance no carneiro?

O.—Em ambas as couzas as podes lançar; e em tanto traze um pouco de *açafrão da terra*, verde.

R.—E que couza é *curcas* do Malavar?

O. — São uns grãos brancos, maiores que avelans, com casca e não tão redondas; são brancas, e sabem como tubaras da terra cozidas; e ha-as no Malavar, onde lhe chamam *chiviquilengas,* que quer dizer *inhames pequenos:* tambem me convidou com ellas em Çurrate, cidade de Cambaia, Coge Çofar, natural d'Apulha, feito Mouro; e dice-me que as havia no Cairo muitas, e que tambem lá se chamavam *curcas;* e em Cambaia, donde isso era, me dice se chamavam *carpata;* semeiam-se no Malavar, onde as eu vi primeiro, e nascem em ramos. E pois não é couza de physica, passemos avante, sem mais fallar nella; e se vos souberem bem, leval-as-heis pera o caminho quando fordes.

S.—Vedes aqui o *açafrão verde* e o *seco;* s. a raiz.

R.—Primeiro quero que me digaes se escreveu algum autor deste simples, ao menos Arabio?

O.—Não me affirmo muito haver capitulo desta mézinha; senão fallando por uma conjectura, acho que escreveu dellas o Serapio, e chama-lhe *abelculcut;* e está corrompida a lettra, e hade dizer *hab-alculcul,* que quer dizer *curcas,* ou por ventura nós lhe corrompemos o nome em lhe chamarmos *curcas.* Isto digo porque *hab* quer dizer em arabio *semente grande,* e *al* é articulo de genitivo; e tambem me movia dizer isto, porque o Serapio diz que o muito uzo dellas faz *colerica-passio,* e que accrescenta a semente; e todas estas couzas dizem os mesmos Malavares; por onde

me parece que tudo é um. Tambem Rasis falla destas *curcas,* e chama-lhe *quilquil,* por ventura corrompidamente. E olhai a raiz do *açafrão* verde e seca.

R.—Por dentro é bem amarella; e por fora parece como *gengivre,* e a folha é como da canna do milho; é maior, e o ramo é feito de folhas, e a raiz não queima, nem amarga muito, quando é verde; e se queima, com a muita humidade não se sente.

O.—Provai a seca. Esta raiz queima, mas não tanto, como a *gengivre;* por onde parece que não fará mal tomada por dentro, e assi não ponho duvida em ser *curcuma.*

R.—A mercê que de vós quero é que cuideis bem nisto, e saibais dos physicos cada dia o que sabem della, e torneis a ver os capitulos; e eu tambem os verei hoje, pera amanhã tornarmos a fallar nisso. E isto é bom, porque o que hoje não sabemos, amanhã saberemos.

O.—Quanto mais ólho os capitulos, tanto mais me parece ser verdade o que digo; porque alguns dizem que *curcumani* e *meimirao* é *ruiva de tengir;* e ambas as raizes se parecem uma com outra.

COLLOQUIO XIX

DAS CUBEBAS

R.—Das *cubebas* fallemos; postoque, como diz Sepulveda, poucas vezes uzamos dellas per si, senão em composições.

O.—Não é assim nesta India; antes são muito

uzadas dos mouros deitadas em vinho pera ajudar a Venus em suas vodas; e na terra donde as ha, que é a Java, as acostumam muito pera a frialdade do estomago; podeis crer que as tem por mui gram mézinha.

R.—Muito me maravilho disso; porque as couzas de que mais temos abundancia estimamos em mais pouco.

O.—Não é essa regra em todo sertão, porque no Malavar ha muita quantidade de pimenta, que farta a todo o mundo; e gasta tanto o Malavar só, como toda Europa.

R.—Dizei como se chama.

O.—Os Arabios *cubeb* e *cabeb;* e isto em escritores; e assi de todos *cabebechini,* e em Java, donde as trazem, se chamam *cumucos,* ou em singular *cumuc;* e toda a outra indiana gente, excepto a que falla malaio, lhe chama *cubabechini.*

R.—Não tamsomente as ha em Malaca, senão na China; pois tem o appellido *da China.*

O.—Não as ha na China; senão levam-nas da Sunda, e da Java pera lá. Como já vos dice, os Chins navegavam este mar indio, e traziam as mercadorias que no caminho achavam, e por onde iam; e os de Goa e Calecut, e os Guzarates e Arabios ouviram que lhe chamavam *cumuc,* e corruptamente lhe chamavam *cubabechini,* porque a traziam os Chins. E esta é a verdade, e a origem deste nome.

R.—Dizei a feição da arvore, pois já dicestes o nascimento; e assi direis se as ha mais que de uma

maneira só; porque ao diante provarei haverem muitas especies.

O.—A arvore é como maceira no tamanho; e as folhas sobem acima trepando, como nas arvores da pimenta; ou, porque melhor me entendais, trepam pela arvore, como a era: e não é esta arvore como a murta, nem tem a folha dessa feição; senão é como a folha da pimenta; e são mais estreitas as folhas da arvore das *cubebas:* nascem como cachos, não pegados os grãos, em um cacho, como uvas; mas dependem de um pé cada um; e são na propria sua região tão estimadas estas *cubebas,* que as cozem lá primeiro que dahi as deixem levar: e isto porque, semeando-se nas outras terras, não nascem nellas. E pode ser que por isto se apodreçam na Europa, e cá na India; e isto soube eu de Portuguezes, dignos de fé, que mo diceram; e haviam residido muito tempo nas ilhas de Java.

R.—Pode ser que seja outro genero de *pimenta.*

O.—Não o é; porque, em a Sunda, a principal mercadoria que de lá vem é a *pimenta;* e não differe da do Malavar quasi nada; e esta arvore é differente, e o fructo; e na mesma Sunda, posto que a levam á China, é em muito pouca quantidade, s. pera mézinha; e não pera comer, como a *pimenta,* de que se carregam vinte náos, ao menos, pera a China: por onde não ha duvida em não ser *pimenta.* E dão estas arvores flores que cheiram bem.

R.—Traz Matheus Silvatico[1] por autoridade de Serapio, que o que chamam os Mauritanos *cubebas*

[1] Math. Silv. cap. 288.

é acerca de Dioscorides *myrtus silvestris,* e que a descripção de Galeno ácerca das *cubebas* é do Dioscorides de *myrto agreste;* e porque não falla nenhum delles nas *cubebas* não se hade presumir que o deixassem de escrever, senão Galeno trata das *cubebas* no *carpessio,* e Dioscorides no capitulo de *myrto agreste.*

O.—Não vos pareça que Galeno e Dioscorides escreveram tudo; que muitas couzas deixaram de escrever, que não vieram á sua noticia; e Serapio, e os outros Arabios, fallaram de ouvida nas mézinhas da India, e como viram que aproveitava pera alguma couza alguma mézinha escripta pelos Gregos, logo diziam esta é mézinha de que uzam os Indios, e que os Gregos chamam por tal nome. E ajudava-os a ser enganados não saber a lingua grega muito bem; e por esta razão errou o Serapio no que dice; e a este imitou o Panditario: e a cauza que dão é muito fraca, s. porque d'outra maneira ficavam faltos Galeno e Dioscorides; como que os mesmos não deixaram muitas couzas de escrever, como diz Averrois no 5.º do Coliget; mas que não seja *myrto agreste cubebas* é claro; porque o *myrto silvestre* é o que chamam *ruscus;* e os que não fallam tambem latim, lhe chamam *bruscus,* que é uma fructice conhecida, cuja raiz entra no xarope de raizes: e deste parecer é tambem Ruelio, diligente escritor novo; e mais este *myrto agreste* não cheira couza alguma

e as *cubebas* cheiram muito bem, são aromaticas, e as *cubebas* não tem dentro grãos, e o *myrto agreste* os tem e é mais doce; e as *cubebas* tem um sabor agudo. E que *carpessio* não seja *cubeba,* tambem o provarei. E disto não se segue mais inconveniente que Galeno deixar de escrever das *cubebas:* e não é inconveniente, porque as *cubebas* se criam em ilhas muito distantes, donde elle habitava.

R.—Dai a razão disso; porque Ruelio tão douto e os frades italianos que fizeram um livro de botica, e tão curiosos, tão bons boticarios, não tem *carpessio* ser outra couza senão as *cubebas* de Serapio e de Avicena; porque nas composições onde Galeno põe *carpessio,* põem Serapio e Avicena, *cubebas:* logo de sua intenção é que tudo é um.

O.—Não vos dice eu já que Serapio errara nisto, e que não era muito, pois era homem; e quiz ir-se por a razão arriba dita, s. que Galeno e Dioscorides haviam de escrever tudo, e não leixar por escrever couza alguma; pois agora vos digo que não me maravilho muito de Avicena errar tambem. E postoque Avicena e Serapio conheceram esta mézinha, não entenderam bem a Galeno nem a Dioscorides: diz Ruelio que é melhor *carpessio* o de Ponto, e que em a Síria ha muito: e pera isto allega Autuario. Dizei-me, pelo amor que ha entre nós, quem deu em Ponto, ou Esclavonia, e na Siria *cubebas;* pois desta India as levam pera lá, por ser mer-

cadoria em que muito ganham. Gastam boa quantidade della os Turcos e Arabios, e pera Portugal vai muito pouca couza dellas; e a cauza é, porque os mahometistas fazem com as *cubebas* a festa á rainha Venus; e bem pode ser que o *carpessio* tenha as mesmas forças que tem as *cubebas*.

R.—Pois que será, *carpessio* ou *myrto silvestre* de Dioscorides?

O.—Nem é um nem outro; porque Galeno diz, em o livro *Antidotorum*, que são umas festucas, e pois sabeis que *cubebas* e *myrto agreste* são fructos tão notos, como hade ser tudo um; porque vos affirmo que não vem da Java senão este fructo, sem festucas; nem são muitas especies, senão uma só; nem é arvore sativa, senão silvestre; e não haveria eu por inconveniente que, se a plantassem, nascesse em as terras das mesmas calidades.

R.—Dizem os frades que viram *cubebas* de muitas maneiras; e que estas são umas sem sabor e outras amaras; e que elles tem outras na sua botica muito melhores.

O.—Digo que sem sabor e amaras são já as corrompidas; e as outras serão de mais pouco tempo colhidas e melhor conservadas. E se muito aporfiardes dizendo que é outra especie, vos digo que pode ser, mas eu não a vi até este dia de hoje de outra especie, nem vi quem a visse.

R.—Pois não falta quem diga, que *cubebas* são semente de vetice.

O.—Outra nova duvida é essa; dirão isso porque uma especie da semente de vetice tem

sabor de *pimenta,* estas cubebas tem quasi o mesmo sabor; mas isto é falso, porque a *vitex* é *agnus castus,* e assi se interpreta; as *cubebas* são amigas de Venus, e o *agno castus* inhabilita a Venus; e assi as suas forças e estimulos enfraquece. E o que diz Antonio Musa que carecemos das *cubebas,* e Serapio, melhor será dizer que elles se enganaram em lhe darem o signal do *carpessio,* e do *myrto agreste;* e tambem tem o Panditario que Galeno chama as *cubebas, cauli;* e é falso, porque isto é uma especie de *dauco,* s. *dauco silvestre.*

COLLOQUIO XX

DO DATURA E DOS DORIÕES

Serva.—A minha senhora deu *datura* a beber uma negra de caza; e tomou-lhe as chaves, e as joias que tinha ao pescoço, as que tinha na caixa, e fugiu com outro negro; mercê me fará em a ir soccorrer.

O.—Como sabeis isso?

S.—Porque já tomaram a negra no Passo-Seco, e acharam-lhe a metade das joias, e ella confessa que deu a outra ametade a seu amigo, que vai por Agaçaim: pode ser que seja tambem já tomado.

O.—Vamos vel-a, que é uma mulher solteira mestiça; e folgareis de a ver, porque a quem dão esta mézinha não fallam couza a proposito; e sempre riem, e são muito liberaes, porque quantas joias lhe tomais, vos deixam tomar, e to-

do o negocio é rir e fallar muito pouco, e não a proposito: e a maneira que cá ha de roubar é deitando-lhe esta mézinha no comer; porque os faz estar com este accidente vinte e quatro horas. Deos vos salve, senhora.

Paula de Andrade.—Im, im, im [1].

O.—Não haveis de responder alguma cousa, mas que é isso?

P.—Im, im, im.

O.—Esfreguem-lhe as pernas muito rijo pera baixo, e atem-lh'as com uns cairos e os braços; e lancem-lhe um cristel, que lhe agora escreverei, e um vomitivo; e, des que isto tomar, pode ser que lhe mande lançar algumas ventosas; e daqui a duas horas, se não achar melhor, mandal-a-hei sangrar da veia do artelho, ainda que nisto tenho alguma duvida, por ser a materia venenosa.

R.—Eu a esta curaria, como a quem está frenetica, ou pera frenetica de sangue.

O.—O que cá eu uzo é fazer-lhe grandes vomitos, pera evacuar o que comeu, juntamente com o que está no estomago; e de verter, evacuar com cristeis fortes, e ligaturas, e ventosas, e ás vezes sangria no artelho; e com isto me acho bem, e nenhum me perigou, e todos me sararam em vinte e quatro horas. E a gente desta terra não tem isto por couza perigosa, nem se tem por ruindade fazer-se, senão quando se faz com mau fim: muitos o fazem por zombar de alguma pessoa. E eu vi dois homens, o mais moço delles era de cincoenta annos, a quem os filhos do Vizamoxá o deram, pera zombar delle, e um era caçador, e outro era mestre

[1] Rindo

de fazer frechas e arcos, e ambos curei, e ambos forão sãos; sem depois lhe sentir eu damno algum no célebro ou miolo.

R.— Destel-o já a algum vosso negro ou negra?

O.— Não, porque não me conformei com minha consciencia a fazel-o.

R.— Mandai-me buscar essa herva.

O.— No campo vol-a amostrarei, como cavalgarmos; por agora sabei que é uma herva alta, e as folhas da feição de *branca ursina;* e as folhas não são tão grandes, e são agudas no cabo, fazendo ponto a modo de lança; e ao redor da folha faz outras pontas da mesma maneira; e é a folha posta em um tallo grosso, e tem muitos nervos semeados pelo meio; a flor, que nasce pelos ramos, é como rosmaninho na côr; e é a mais redonda, e não tão feita como cubo: desta flor uzam mais ou da semente, que nella se encerra: o sabor das folhas dos tallos é quasi insipido, com muita humidade, e é um pouco amargoso: parece que cheira como rabam, digo como folha delle e ainda não tão forte; por onde eu creria que é fumosa esta herva, com alguma venonisidade.— Moça, leva esta receita ao boticario, que faça isto muito depressa; e vós outras tende cuidado de me ir dar conta do que passa, e vamos comer.

R.— Fallando com um homem, que foi muito tempo a Malaca, me dice que a melhor fructa que havia no mundo era uma que chamavam *doriões,* e lembre-vos que tenhamos alguma pratica sobre isso.

O.— Eu não a provei, e dos homens que a provaram e as outras fructas nossas, ouvi que sabem bem, e outros dizem o contrario, s. que não sabem tambem como cerejas, ou melões pera o gosto; antes me dizem que no principio vos cheiram ás cebollas podres, e des que os vindes a gostar, vos sabem muito bem, em tanta maneira, que dizem que um mercador veiu a Malaca, e que trazia uma náo carregada de mercadorias; e que vendeo a náo e ellas pera comer, em *doriões* somente: isto contaram assi; não sei se é verdade, se mentira; mas em Malaca ha muito boas fructas, como uvas e mangas, e as não estimam isto tanto como *doriões*. E pera que não gastemos o tempo muito nisto, vos direi como é o *dorião* em breves palavras; pois não é cousa de physica mais que dizerem os Malaios que é bom pera a festa de Venus.

R.— Gabaram-me esta fructa tanto que me foi necessario fallar-vos nella.

O.— É o *dorião* um pomo do tamanho de um melão, e tem uma casca per fóra muito grossa, e cercada de bicos pequenos, a modo do que aqui em Goa chamamos *jáca*, do que ao diante vos farei menção; é verde per fóra este pomo, e tem apartamentos de dentro, a modo de camaras: e em cada camara tem fructos separados, na côr e no sabor como manjar branco; e porém não languido, nem que se pegue muito ás mãos, como o mesmo manjar branco; mas o sabor é muito gabado de todos, tirando alguns que dizem o que acima dice; e estes fructos são do tamanho de um ovo de gallinha pequeno (os que estão

no repartimento): alguns ha que não são brancos, mas como amarello claro.

A flor delle é branca, e tira pouco a amarello, a folha é de comprimento de meio palmo, aguda e saída, e é verde claro per fóra, e verde escuro por dentro; e tem dentro um caroço como de pecego[1], e é redondo. E um Fidalgo desta terra me dice que lhe lembrára ler em Plinio, escrito em toscano, *nobiles doriones;* depois lhe roguei que me buscasse isto pera o ver no latim, até ao presente me diz que o não acha. Se eu disto souber alguma couza, eu o escreverei.

COLLOQUIO XXI

DO EBUR OU MARFIM E DO ELEFANTE

R. — Pois que os ossos dos elefantes vem em uzo de medicina, será bom que fallemos delles e do elefante.

O. — Do elefante ha muito escrito; mas tem em si tanto que fallar, e de que se maravilhar, que não se deve ter por sobejo fallar nelle. E começando do marfim, vos digo que nenhum osso de elefante é pera uso da physica, nem da policia, somente os dentes; e não vos engane o que se escreve do espondio, dizendo que é ossos queimados de elefante, porque ao diante vos farei certo não o ser, se Deos nos conceder tempo pera isso e pera as outras couzas; e é noto isto, porque dos elefantes que cá morrem

[1] A descripção revela evidentemente uma *anona,* e a isto se inclina Clusio. Mas esta circumstancia do caroço como pecego parece excluir a que chamamos *fructa de conde,* especie alias sem duvida alguma vinda da India; sendo especies americanas a *guanábana* (das Antilhas), *araticuns* (do Brazil) e *chirimoyas* (do Peru). — (*V.*)

não lhe aproveita a gente os ossos, e aproveita-lhe a carne pera comer e os dentes pera a policia.

R. — E alguns tem cornos?

O. — Não, porque estes que vemos todos são dentes ou pedaços delles, e cada elefante não tem mais que dois dentes; e as unhas não se aproveitam, ainda que Paulo Egineta affirme que sim: e o elefante não lhe falece mais que fallar, pera ser animal racional; e (posto que sejam isto couzas não pera physica) mas em Cochim está um estormento tirado de como fallou duas palavras; e não tendo que comer lhe dice o seu mestre (a quem chamam no Malavar *Naire* e os Decanis *Piluane)* que não tinha a caldeira boa pera lhe cozer o arroz, e que levasse a caldeira ao almoxarife; e que elle lh'a mandaria concertar; ao qual o elefante foi com a caldeira na tromba; e o almoxarife dice ao naire que levasse ao caldeireiro, e elle a concertou no fundo somente, onde estava damnada, e o elefante a levou a caza, e cozendo nella o arroz, saía d'ella agua, por não estar bem soldada. Entonces lh'a deu o naire, e o elefante a tornou a levar ao caldeireiro, o qual a tomou e concertou; e de industria a deixou peior que estava primeiro, dando-lhe algumas marteladas: e o elefante a levou ao mar, e a metteu na agua, e olhou se deitava agua pelo fundo; e como viu que a deitava, a tornou a levar ao caldeireiro, dando á porta muitos urros, como quem se aqueixava; e o caldeireiro lh'a concertou, e soldou muito bem; e o elefante a foi provar ao mar, e achou muito boa; entonces a levou a caza, e lhe

fizeram de comer com ella: vêde se haveria homem que mais siso tivesse: isto passou assi, e hoje neste dia ha testemunhas que o viram, e outras maiores que por commuas deixo de dizer.

R. — Como se chama o elefante em arabio e indiano?

O. — Em arabio se chama *fil,* e o dente *cenafil,* que quer dizer dente de elefante: em guzerate e em decanim *ati;* e em malavar *ane,* e em canarim *acete:* e em lingoa dos cafres da Etiopia *ytembo;* e em nenhuma se chama *baro,* como diz Simão Genoez; porque fallar historias de longe é bom pera mentir; e em nenhuma couza de physica o gastam os Indianos; somente os physicos Arabios e Turcos, que curam por Avicena, o gastam no que nós o gastamos.

R. — E pois em couzas de policia se gasta nessa terra tanta quantidade quanta vem de Sofala, porque me dizem que tambem vem de Portugal pera cá em mercadorias que el-rei manda?

O. — Haveis de saber que da Ethiopia, s. de Sofala até Melinde vem cada anno á India seis mil quintaes, afóra o que vem de Portugal, que é muito pouco a respeito dest'outro; e afóra isto ha no Malavar elefantes, aindaque poucos, e não os domam; ha em Ceilão muitos, e mui doutrinaveis; e são os mais estimados que ha na India; ha-os em Orixa, em muita quantidade, e em Bengala e no Patane; e na banda do Decam, do Cotamaluco, que confina com Bengala, ha muitos; e ha-os em Pegú, e em Martavam e Siam melhores: e dizem que o rei de Siam tem um elefante branco, e

que se chama per honra rei do elefante branco; se isto é verdade eu não o sei.

R. — Ainda me não satisfizestes minha duvida, que é onde se gasta tanto dente de elefante.

O. — O marfim na China se gasta algum, e já agora se vai gastando mais; o de Ceilão se gasta em couzas muito polidas, que se fazem na terra, de cofres e pentes, e outras muitas couzas; e o do Pegú e o de Ceilão, pela mesma maneira; e todos os seis mil quintaes, que vem de Sofala, se gastam em Cambaia, tirando algum pouco, que vai pera a China, como já dice. Isto se gasta cada anno, e tanto monta vir muito como pouco.

R. — Em que o gastam, se o vós não dicesseis, não o creria.

O. — Haveis de saber que o demonio poz certa superstição em as molheres e filhas dos Baneanes, que são os que vivem, segundo o costume pythagorico, e é que, quando morre algum parente, quebram as molheres todas as manilhas que tem nos braços, as quaes são vinte ao menos; e logo fazem outras novas, como tiram o dó; e estas manilhas são de marfim todas, postoque algumas são de tartaruga; e isto ordenou o demonio porque se gastasse tanto marfim, que vem da Ethiopia cada anno; e sempre se gastará, em quanto esta superstição durar; e vale este marfim segundo a grandura dos dentes, porque os dentes meudos valem pouco, e o dos grandes muito, peso por peso; e tambem se fazem outras couzas da policia de marfim; mas é isto em pouca quantidade.

R. — Maravilhado estou dessa superstição; porém me dizei se tornam a nascer os dentes aos elefantes, ou se lhe caem; porque tambem não sei como ha hi tanto elefante no mundo.

O. — Tendes muita rasão, porque os elefantes vivem muito; mas nenhum delles tem mais de dois dentes, nem os mudam, se não ha muita quantidade delles; e, o que mais é, que as femeas não tem dentes, e algumas os tem de palmo, não mais. N'essa Ethiopia matam os cafres os elefantes, pera lhe comer a carne crua, e nos venderem os dentes; e isto é com armadilhas de arvores; e de outras muitas maneiras, que é de presumir que ha mais elefantes em a Ethiopia do que ha vaccas em Europa.

R. — De que doença morrem os elefantes, e de que servem nestas terras?

O. — Elles são muito melancolicos, e hão muito medo, mais de noite que de dia; e quando dormem de noite, parece que vêem couzas temerosas, e soltam-se; por onde a maneira de curar isto é que dormem os seus naires em cima delles; sempre lhe estão fallando porque não durmam; tem camaras muitas vezes, outras vezes tem ciumes muito fortes, que caem em mui grande furia, e quebram as cadeias, e fazem muito mal por onde passam; isto curam-nos os naires, levando-os ao campo, dizendo-lhes mil injurias, e reprehendendo-os de seu pouco siso; e assi pera isto e pera outras couzas tem mézinhas particulares de cá da terra. E quanto é o serviço delles, alem do trabalho de acarretar e mudar a artelharia de uma

banda pera a outra, servem os reis na peleja; e ha rei que tem mil elefantes, e outros menos, e outros mais; vão á guerra armados, em especial na testa, e peito, como cavallos encubertados; põem-lhe as campainhas das ilhargas pendentes; e põem-lhe nos dentes armas engastadas, da feição de ferros de arados, e põem-lhe castellos em cima em que vão os naires que os regem, onde levam ganchos e bisarmas, e alguns agora, de pouco pera cá, levam meios berços e panellas de polvora. Eu os vi já pelejar, e o mal que lhe vi fazer não é outra couza senão pôr a gente em desordem, e fazel-a fugir: ás vezes; dizem-me que muitas vezes fogem, e que fazem mais desbaratos nos seus que nos contrarios; isto eu não n'o vi.

R. — Ha outra maneira alguma de pelejar delles?

O. — Sim; mas isto é um por um com os seus naires, que os ensinam adestrando-os em cima delles; e é mui crua batalha, onde se ferem com os dentes, esgrimindo um, emparando-se o outro: com seus dentes ferem-se mui bravamente, e muitas vezes se vem a darem-se tão grandes golpes, um a outro, com as testas, que cae um delles morto no chão; e um Portuguez digno de fé me contou que vira morrer um mui poderoso elefante de um encontro que outro lhe deu. Tambem pelejam, embebedando-os, e fogem: e tomam ás vezes um homem na tromba, e fal-o em pedaços o qual eu vi já algumas vezes.

R. — Diz Plinio que o sangue delle aproveita pera

muitas couzas, e o figado e a raspadura de marfim, e isto é assi?

O. — Bem póde isso ser verdade, mas cá não se uza.

R. — Dizem que o elefante dorme com a elefanta, como o homem com a molher, contrario dos outros quadrupedes.

O. — O contrario disso é verdade; porque tem ajuntamento como os outros quadrupedes, nem differem mais; somente que o macho se põe em uma barranceira mais alta, e a femea está mais baixa; isto me contaram Portuguezes dignos de fé; eu vi já elefantes, mas não os vi ajuntar com elefantas em acto de gerar; somente conto isto que ouvi.

R. — Tambem diz Plinio que a alma dos elefantes tira as serpentes dos seus logares.

O. — Não sei parte d'isso, porque não o vi cá, nem ouvi.

R. — Tambem diz Plinio [1] que o elefante, quando come o veneno, busca o azambujo pera se curar, e por isso não pude saber isso, nem ouvi que os houvesse na Ethiopia, onde os ha.

R. — Tambem escreve Plinio que os melhores elefantes e mais bellicosos ha na Trapobana que na India.

O. — Se a Trapobana quer dizer Ceilão, como alguns estimaram, os melhores são de todos e os mais domaveis; e se quer dizer Samatra, tambem os ha, mas não são tão bons, como os de Ceilão; e muitas vezes cuidam os homens que uma couza vem de uma terra, e vem de mais longe; assi como muitos cuidaram que o melhor lacre vinha de Samatra; e por isso até hoje lhe chamam *locsumutri*,

[1] Plin. lib. CCLXXX, cap. 80.

e este bom lacre não o ha, senão vem de Pegú; e assim póde ser dos elefantes de Samatra.

R. — São capazes da lingua de sua região, como diz o mesmo Plinio?

O. — Não tam somente da sua, senão da alhea, se lhe ensinam; e os trazidos de Ceilão para o Guzerate e o Decanim facilmente lhe fazem entender a lingua os seus mestres; e alguns levaram a Portugal, que lhe fizeram entender portuguez; e assi o entendem alguns na India que vos amostrarei; e são cobiçosos de gloria, que se lhe dizem que são d'El-Rei de Portugal, folgam muito, e tem vergonha do mal que fazem; são agradecidos do bem que lhe fizeram; são vingativos das injurias que lhe fazem; que já se aconteceu em Cochim, porque a um elefante deitou um homem umas cascas de coco, e lh'o quebrou na cabeça, guardou o bom elefante a casca do coco na boca, e tendo-a guardada n'uma queixada, vendo o homem que lhe havia feito a injuria, lhe arremeçou a casca do coco, com a tromba; e depois, veio em uzo e rifão (como dizem os castelhanos) dizerem os homens «ainda trago a casca do coco na queixada», por dizerem ainda me alembra a injuria que me fizeram: e por aquesto podeis ver que tem memoria os elefantes.

R. — Tambem diz Plinio muitas couzas alem destas, s. que tem guerra com o rinocerote sobre o pasto.

O. — Estes rinocerotes ha em Cambaia, onde parte com Bengala, e no Patane, e chamam-lhes *ganda:* não são tão bons de amansar

como os elefantes; e per esta razão nunca pude saber isto bem sabido; porém traz razão que dois animaes tão grandes e feros se queiram mal naturalmente; e quando escrever do *licio* farei memoria deste animal, onde direi o que mais souber, e tambem diz Plinio que com sumo de cevada posto na cabeça se lhe tira a dor que tem; mas a cevada não a ha em Ethiopia, onde vem a mór quantidade, e dos outros cabos ha somente em Bengala, e em Cambaia alguma pouca quantidade; por onde não sei como se isto póde experimentar, mas sei que aos mansos lhe poderia fazer proveito.

R. — Como se amansam e ensinam?

O. — Os novos com açoutes, e com vergonhosas palavras e fome, e boas obras, e beneficio que lhe fazem, e bom tratamento: os grandes me diceram que em Pegú, pera os amansar, os metem em umas cazas grandes, de muitas portas pequenas; e d'ahi os ferem os que estão nas portas com azagaias e zarguchos, e logo se metem dentro, e quando se querem vingar de um lhe sáe o outro, isto lhe fazem até que estem mui cançados e feridos, e mortos de fome; e entonces lhe dizem, depois de muito feridos, que o que lhe fizeram foi feito porque não cuidem que são alguem; e que se lancem no chão, que lhe farão beneficios de amigo; deita-se o elefante no chão, e ahi o lava o mestre, e elle, des que é lavado e untado com azeite, e lhe dá de comer e cada hora lhe vem perguntar o que quer, e como está, e assi, com estes castigos e afagos, depois vai-se

fazendo manso e domestico: estas couzas do elefante vos quiz dizer, porque são as mais certas, porque muitas outras conta Plinio; mas quero dizer o menos e mais certo; porque pera a physica isto sobeja que vos dice.

Serva. — Esta ahi Micer André, Milanez, o lapidario.

O. — Diz-lhe que suba.

André. — Beijo as mãos de vossa mercê.

O. — E nós as vossas.

A. — Quereis vender a vossa esmeralda grande ou a pequena, porque ambas vos farei comprar; porque a mais pequena é mais fina.

O. — Tudo venderei, e vol-as darei ambas pera que as mostreis ao comprador somente; e isto confiarei de vossa fé, que não as amostreis mais que ao comprador, e ao seu conselheiro; tornando-me á mão logo, se não comprar. E comtudo me dizei se o tempo que estivestes em Pegú vistes caçar elefantes e domar elefantes.

A. — Duas vezes: uma foi indo el-rei, e todo o reino á caça, e seriam duzentas mil pessoas o mais; e cercavam a caça, s. fazendo-lhe cercos, e como foram pequenos os cercos, porque cada vez os faziam mais pequenos, tomaram grande multidão de veados e porcos e tigres, muitos vivos e outros mortos a faridas.

O. — Deste modo vi fazer caça ao Nizamoxa, e tomar uma grande multidão.

A. — Entonces tiveram cercados quatro mil elefantes, s. femeas e machos, e pequeninos; e deixou-os ir todos, e ficaram-lhe duzentos, entre grandes e pe-

quenos, por não despovoar o monte; e isto eu vi, e os domaram, s. os duzentos cercados de grossas traves, e cada vez eram mais pequenos os cercos, e mais fortes, até não haver mais largura, que quanto um elefante podia caber; e ajuntou aquellas aberturas das traves muito pequenas; tomavam cordas grossas de *rotas* (que são feitas de umas varas que se muito brandem) e lh'as lançavam aos pés, e outras nos dentes, que os faziam estar sem se bulir pera uma parte nem outra, e depois os cingiram com duas cordas pera cavalgarem nelles, e ferindo-os bravamente, e elles chorando lagrimas que lhe eu vi, cavalgou em cada um seu mestre; e metendo os pés pelas cintas lhe dizia que soubessem que se não tinham siso que os feririam sempre, e os matariam de fome, e como consentissem, na verdade os untariam com azeite e lhes dariam de comer, e foram-os lavar; tirando-os fóra a cada um meteram entre dois mansos que os aconselhassem, e deste modo foram todos domados.

O.—Eu já ouvi esta maneira de domar; mas de caçar não cuidei que em Pegú e Ceilão haviam tantos; e agora me dizei outra alguma maneira de caçar, se sabeis.

A.—Tinha el-rei fama de um elefante muito grande, que andava no matto, e mandou lá elefantas muito mansas e domesticas, e amestradas, dizendo-lhes que não quizessem ter ajuntamento com os elefantes, senão prome-

tendo-lhe primeiro que consentiriam como chegassem ás suas moradas: isto lhe davam por signaes a entender; e os elefantes, como as femeas lá foram, se vieram pera ellas; e tratando com ellas amores, vieram após ellas, e pascendo polo campo até os metterem dentro em Pegú (que é grande cidade) e dali se metteram em parte onde os curaram; e deixaram por diante ir o outro, e as elefantas lhe tiraram; e ficou aquelle só da maneira dita, e foi domado pola maneira que acima dice.

R. — Isso está mui bem; porém diz Plinio[1] que com o bolir dos dentes, e tascar os porcos, os elefantes tornam atrás e são espantados.

O. — Já soube o contrario disso; porque nas estrebarias dos elefantes ha porcos, e não fazem caso delles: no mato da terra do Malavar ha muitos porcos, donde ha alguns elefantes, e não se diz que delles hajam medo. Verdade é, eu sei isto que diz Plinio, que aborrecem os ratos muito, porque onde dormem os elefantes, se ha ali ratos, dormem os elefantes com a tromba encolheita, porque lhe não morda ou pique nella; e, pola mesma razão, aborrecem as formigas. E v. m.ce tenha cuidado de me vender as minhas esmeraldas, e vamos comer: e não me tenhaes por leve por fallar tanto nisto, que Matheolo Senense, homem douto, fallou muito do elefante, e não tantas verdades como eu contei.

[1] Plin. lib. LXXX, cap. 90.

COLLOQUIO XXII

DO FAUFEL E DOS FIGOS DA INDIA

R. — Do que chamam em Portugal *avelam da India* fallemos, pois me dicestes no *betre* que é muito uzada ácerca de todos; porque nós pouco uzamos della; antes fallando a verdade comvosco nunca a vi; porque em logar della pomos *sandalo vermelho*.

O. — É cá mantimento commum pera comer, misturado com o *betre;* e nas terras onde não ha *betre* tambem se uza por masticatorio com cravo. Ao que dizeis que lá em seu logar deitam *sandalo vermelho* não me parece bem; pois em seu logar deitam uma mézinha, que muitas vezes se falsifica, e deitam um páo vermelho por ella lá, porque como o *sandalo vermelho* carece de cheiro, e não o ha em Timor, donde vem o outro, como vos direi fallando nelle, é muito máo de discernir entre um páo e outro; e mais vale esta *areca* menos, e não se corrompe; e a razão porque se não leva a Portugal de cá, é que não a pedem os boticarios, que nem elles nem os physicos são tão curiosos que a peçam, mas era razão que lh'a lançassem em caza, como carne de touro; e pois a vistes já, quero-vos dizer os nomes nas terras onde nasce. Acerca dos Arabios *faufel,* posto que Avicena[1] lhe chame corrutamente *filfel,* e assi lhe chamam

[1] Avicena, liv. II, cap. 262.

em Dofar e Xael, terras da Arabia s. *faufel,* e ha nestas terras da Arabia muito boa, posto que é pouca; e no Malavar lhe chamam *pac;* e os naires (que são os cavalleiros) *areca;* e donde os Portuguezes tomaram o nome, por ser terra primeiro conhecida de nós, e ha hi muita quantidade; e os Guzerates e Decanis a chamam *supari;* e estes tem muito pouca, sómente na fralda do mar, e é muito boa essa que ha em Chaul; porque é mercadoria pera Ormuz; e melhor é a de Mombaim, terra e ilha de que El-Rei nosso senhor me fez mercê, aforada em fatiota. E em todas as terras de Baçaim é tambem muito boa; e leva-se dahi pera o Decam; e a de Cochim tambem, s. uma preta e pequena, que chamam *chacani,* muito dura depois de seca; e em Malaca ha *areca* pouca, mas abasta á terra; chama-se *pinã;* e em Ceilão ha maior quantidade della, que farta a uma parte do Decam, s. a terra do Cotamaluco e a Bisnaga: e de Ceilão a levam a Ormuz e a Cambaia, e ás ilhas de Maldivas; e em Ceilão lhe chamam *poaz.*

R.—Diz Serapio que as terras da Arabia carecem desta *areca.*

O.—Verdade diz por a maior parte, porque a Arabia é grande, e não ha a mais que em Xael e em Dofar, portos do mar; porque esta arvore ama o mar, e longe delle não se cria; porque se se criasse, não a deixariam de plantar; porque os Mouros e Gentios nenhum dia passam sem a comer; e os Mouros e Moalis (que são os que seguem a

a lei contra Mafamede) guardam dez dias de uma sua festa ou jejum; quando diz que cercados em uma fortaleza morreram os filhos do *Ali*, genro de Mafamede, em dez dias que elles foram cercados, dormem no chão e não comem *betre*, e nestes dias mastigam *cardamomo* e *areca*; tanto em uzo tem o mastigar pera purgar o estomago e célebro.

R. — Já me dicestes com que misturam o *betre*; porém dizei-me agora como entram as mézinhas, se pera ajudar, se pera retificar.

O. — O *betre* é quente como vos dice, e *areca* é fria e temperam; e a cal é muito mais quente, posto que elles não uzam pera o *betre* desta nossa cal de pedra, senão de uma feita de cascas de ostras, que não é tão forte. Com esta *areca* se misturam estas mézinhas, que vistes, porque é fria e seca, e muito mais seca quando não é seca ao sol; e lançam-lhe o *cate*, que é uma mézinha de que ao diante vos farei menção; porque, assi ella como o *cate*, são boas mézinhas pera apertaras as gengivas, fortificar os dentes, e confortar o estomago; e pera a emotoica, e pera vomito e camaras: tambem a arvore donde se colhe é direita e muito esponjosa, e as folhas della são como as da nossa palmeira: é este fructo semelhante a *noz noscada*, e não é tão grande, é muito dura per dentro, e tem veias brancas e vermelhas, é do tamanho das nozes pequenas redondas com que os moços jogam: não é perfeitamente redonda, porque faz o assento de uma banda de

modo que se póde ter; mas isto não acontece em todos os generos de *areca,* porque vos não enganeis. Cobre-se este fructo com uma corteza muito lanuginosa, e amarella por fóra, que parece muito ao fructo das *tamaras* quando está maduro, e antes que seja seco; e quando esta *areca* é verde é estupefativa, e embebeda; porque os que a comem se sentem estar bebados, e comem-na por não sentir a dor grande que tem.

R. — Como a comem estas gentes indicas, ou como fazem as misturas?

O. — O commum faz a *areca* em pedaços meudos, com umas tezouras grossas que tem pera isso; e assi a mastigam, juntamente o *cate,* e logo tomam as folhas do *betre;* tirando-lhe as folhas primeiro com a unha do dedo polegar, que pera isso tem feita, em a ponta, delgada; e isto lhe fazem por ser mais tenro; e assi mastigam tudo juntamente, e o primeiro que fazem, botam fóra o que primeiro mastigam, se tem muito *betre:* e tomam outras folhas, e fazem outros masticatorios, e lançam um cuspinho, que parece sangue; e assi purgam a cabeça e o estomago e confortam as gengivas e dentes; e sempre andam mastigando este *betre* até que se enfadam; e as molheres mais que os homens. E os senhores fazem da *areca* umas pirolas pequenas, e com ellas misturam *cate* e *canfora* e *pó de linaloes* e algum *ambre;* e desta feição é a *areca* dos senhores. Diz Serapio[1] que no sabor se sente quentura com alguma amaridão: provei esta, e é como um páo estetica, sem sabor ou quasi. Serapio não conheceu esta *areca,* e se a conheceu, não a provou.

[1] Serapio, cap. 345.

R. — O Silvatico diz que a viu, e que a trazia misturada na *canela* de Calecut, e que veio ahi por acerto.

O. — Podia ser que os Mouros de Calecut a levassem pera o Estreito; e porém pois ía com a *canela* misturada, não era senão de Ceilão; e a de Calecut, como dice, é muita della preta, a que chamam *checani;* e a de Ceilão é branca; se a viram, bem se podia conhecer.

R. — Sabeis que aproveite pera alguma couza, alem das já ditas?

O. — Eu mando estillar esta agua, e em secreto uzo della pera curar as camaras colericas, e acho-me bem.

R. — Isto pouco me aproveita; pois em Hespanha não a ha verde, para se estillar; e por tanto comamos, que já é tempo.

O. — Seja assi, e lavai as mãos.

R. — De uma couza me maravilho, que sempre comemos dos figos á meza, e sempre me sabem bem; e não tam somente a mim que venho do mar, mas a vós e quantos ha nesta meza; por onde me parece muito boa fructa, pois não enfastia: e será bem que, fallando e comendo, saibamos como se chamam em todas as lingoas, e quantas maneiras ha delles, e pera que são nocivos, e o que vos parece; porque bem sei que não escreve delles Dioscorides, nem Galeno, nem Paulo, nem os Arabios.

O. — Isso não é assi, fallando com vosso perdão; porque Avicena, e Serapió e Rasis escrevem delles, assi escreveram outros que eu não vi.

R. — Muito me contais; não me dareis n'esses Arabios capitulo em que nos figos falle, dizei-m'o porque o folgarei de ouvir.

O. — Eu trabalhei de o saber, e soube-o; e os figos na lingoa canarim, e decanim e guzerate e bengala se chama *quelí*, e os Malavares lhe chamam *palam*, e o Malaio *piçam;* porque em todas estas terras os ha, e vos ponho o nome nessas lingoas, e tambem os ha, e em outras muitas. O Arabio lhe chama *musa* ou *amusa;* fazem delles capitulo Avicena e Serapio, e chamam-lhe pelo mesmo nome; e Rasis tambem lhe chama pelo mesmo nome; tambem ha estes figos em Guiné, chamam-lhe *bananas*.

R. — Que diz cada um destes escritores dos figos, e que dizem a gente da terra pera que é bom e a quem faz mal?

O. — Diz Avicena que[1] o nutrimento deste figo é pouco, e que acrescenta colera e freima, e que aproveita pera adustão do peito e do pulmão, e que agrava o estomago; e que é bom tomar, depois que comem os colericos, *oximel* com sementes, e os freimaticos *mel;* e que acrescenta a semente, e aproveita aos rins e provoca a orina. Rasis diz que[2] faz damno ao estomago, e tira o apetite, e assegura que faz brando o ventre, e que tira a asperidão da garganta. Serapio[3] diz, allegando a outros, que *musa* é quente e humida no fim do primeiro gráo; e que aproveita pera o ardor do peito e do pulmão; e quem muito uza della padece pezadume no estomago; e que acrescenta a criança na madre; e que aproveita aos rins, e provoca a orina, excita a deleitação carnal, e que grava ao estomago: isto diz da sentença dos outros escritores, por onde está bem claro que

[1] Avicena, cap. 492, lib. II.
[2] Rasis, *Ad Almansorem*, cap. 3.
[3] Serapio, cap. 84.

todos estes homens conheceram os figos: e se isto não abasta, perguntai a qualquer Arabio, e dir-vos-ha como se chama a *musa* e outros *musay:* ha-os em o Cairo e Damasco e Jerusalem.

R. — Muito folgo de vos ouvir isso.

O. — Pois haveis mais de saber que um frade de S. Francisco, que esteve em Jerusalem, e escreve dos mysterios da terra santa, gaba muito esta fructa; e diz que se chamou *musa* porque é fructo digno das Musas ou de o ellas comerem; e diz que nesta fructa peccou Adão, porque as folhas são muito grandes mais que de uma braça, e dois palmos e meio de largo: tem um nervo por o meio grosso e verde, e lança por onde ha de deitar o fructo primeiro umas flores emburilhadas roxas, á feição de um ovo, e do comprimento de uma mão, e o fructo que deita é um ramo de figos, que tem cento, e ás vezes duzentos figos.

R. — Eu não sei se é a arvore do paraiso terreal; e tenho nisto o que tem os sagrados doutores; e não posso deixar de confessar ser muito boa fructa; e queria saber se ha alguma couza pera que aproveite, alem das couzas que escrevem estes Arabios; e onde são os melhores, e quantas maneiras se comem.

O. — Em Martavam e em Pegú dizem que são muito bons, porque em Bengala onde ha muitos, veio essa casta, e plantaram-na por ser melhor, e chamam-lhe agora *figos martabanis;* e os que mais cheiram e pera mim de melhor gosto, são *cenorins,* que são uns figos lisos e muito amarellos e

compridos: os *chicapalões* são do Malavar, e bons; e são uns figos verdes e compridos e de muito bom sabor: os de Sofala já os provei, são muito gabados, eu os achei de bom sabor; mas como era novo, que vinha de Portugal, tudo me sabia bem; e por isso não sam bom juiz. Chamam-lhe os Cafres *ininga,* e tambem os ha na costa do Abexi, e no Cabo-verde. Como já dice ha no Malavar, e em Baçaim, e em outras partes figos grossos do comprimento de um palmo; sabem muito bem assados, e deitados em vinho com canela per cima, e sabem a marmellos assados e muito melhor.

R.—Eu os provei já tres ou quatro vezes, e souberam-me muito melhor.

O.—Tambem se cortam estes polo meio, e frejem-os em assucar até que estejam bem torrados, e com canela per cima sabem muito bem.

R.—Tambem os provei aqui os dias de peixe; e sabiam-me muito bem, e não sabia o que era.

O.—Levam-os pera Portugal, por matalotagem; e comem-nos com assucar, e pera o mar é bom comer. Os physicos desta terra dizem que são muito bons; e dão-os em dieta, pera as febres, e pera outras enfermidades. Bem sei que todas estas couzas que vos dice são couzas de pouca sustancia, senão digo-vol-as porque, quando fordes a Hespanha, não digam quo não sabeis dar conta das couzas desta terra; e não porque isto seja necessario pera a physica.

R.—Faz Ruelio um capitulo dos figos da India,

allegando a Estrabo e Teofrasto, e põe delles algumas especies; e em outro cabo tambem falla das arvores peregrinas, e vai-me parecendo que conheceram estes homens os figos da India.

O.—Eu li isso do mesmo autor; e se acerta em uma couza erra em muitas (como quem diz uma no cravo e quatro na ferradura); e porém a derradeira especie que põe, a que mais se possa acomodar esta arvore destes figos, é porque diz que nasce de si mesma: esta é a verdadeira, porque esta arvore não se planta mais de uma vez; e dá um ramo que tem ás vezes duzentos figos, e alguns mais e outros menos; e logo dahi ávante nasce ao pé outra arvore dos mesmos ramos ou do tronco; porque o tronco é um ajuntamento de cortezas, e os figos nascem no olho da figueira apegados ao páo.

R.—O fructo que em Italia chamam *musa* é por ventura este figo?

O.—Eu como não fui a Italia não o sei bem sabido; porém soube aqui de alguns Venezianos, aqui moradores, que essa fructa ha em Veneza; e é como ameixeas; e póde ser que haja em Hespanha essa especie de ameixeas, porque dizem que é muito doce.

R.—Escreve Matheolo Senense de um genero de palmeira da India, e a descripção não é conforme a esta figueira que chamais, e isto diz no capitulo das palmas: mas quem lha mandou escripta de Egipto não lha mandou bem, e por isso não fallo nella.

O.—Bem sei que figos ha na Nova Hespanha, e em o Perú, e nós os temos no Brazil

e no Cuncani, indo de Chavelagoa (s. em Carapatão) e em alguns cabos de Portugal os ha plantados, como na quinta de D. Francisco de Castello Branco; e, por estas cauzas, não era bem dizer couzas tão notas a todos.

R. — Estas couzas dos figos eu não as perguntei em Hespanha, e vós dizeis-me tantas couzas de siso e boas, que é necessario perguntar-vos tudo; e nesta que vós dizeis não ser de muita estima me dicestes o nome dos autores, que nestes figos fallam, e me apontastes onde; couza foi essa que eu estimei em muito.

COLLOQUIO XXIII

DO FOLIO INDIO OU FOLHA DA INDIA

R. — Sam muito bem alembrado que me dicestes, fallando no *betre,* que não era *folium indu;* e foi isto couza pera mim de muito preço; porque os physicos, que muito presumem saber dos que destas partes foram, o dizem ser; e o que mais é, os modernos escritores e o Laguna lhe chamam em suas escrituras *tembul,* e dizem que assi lhe chamam os Mauritanos. Ora pois me promettestes dizer que couza era o *folium indu,* e provar ser couza diversa, e a ordem o pede, dizei-mo.

O. — De serem couzas diversas é claro, como vos dice, pois Avicena faz dois capitulos, s. o de *folium indu* que é 259, e do *tambul* que é 707; nisto não ha que fallar, porque o de *folium indu* chama-se

cadigi indi, e o de *betre tambul*; e *betre* já vos dice como chamavam os Indios, e o *folium indu* lhe chamam os Indios *tamalapatra*, e os Gregos e Latinos[1] corrompidamente lhe chamaram *malabatrum*; e *cadegi indei* em arabio quer dizer *folha da India*; e Avicena foi traduto da propria maneira que está no arabio; e *lingua de vaca*, e *lingua de passaro*, e *melão da India*, assim está no arabio, s. esses nomes, que igualmente significam o mesmo: assi *folio indo* não se chama *folium* per excellencia, somente porque está assim *folium indu*; e se o quereis ver logo vol-o amostrarei. Moça, traze cá aquellas folhas, que trouxe da botica na algibeira.

Serva.—Eil-as aqui.

O.—Que vos parece?

R.—Parecem-me folhas de larangeira, senão que são mais agudas: a côr é verde-escura, tem polo meio um nervo e dois outros que o acompanham até a ponta, que é sinal pera ser bem conhecida quando outra vez a vir.

O.—Cheirai: o cheiro é muito suave, e não é tão forte como o de espiquenardo, nem como o da maçã; cheira tão bem como cravo, nem é tão agudo cheiro como a canela.

R.—Dizei-me a feição da arvore, que não parecem estas folhas couza que está sobre a arvore, como as que chamam lentilhas de agua; como declararam todos a Dioscorides; porque Dioscorides diz á maneira de lentilha.

O.—A Dioscorides e a Plinio foi dada falsa informação, porque estas folhas nascem em uma arvore grande, longe donde ha alagoas, e não dentro das alagoas: a arvore que dá este *folium indo*

[1] Discorides lib. I. cap. 2—Galeno, Simplicium medicamentorum.

em outros cabos a ha tambem; e assi o ha em Cambaia, e os boticarios (a quem chamam *gandis)* que vendem mézinhas, como lhe perguntardes por *tamalapatra,* logo vos entenderão; porque em lingua da terra o chamam assi.

R.—Logo enganados viviamos nesta mézinha, como em outras muitas até agora; na terra do Preste João, diz um frade de S. Francisco, que fez *modus faciendi,* que o ha; e que ás suas mãos veio ter este *folium indo,* e que vinha intitulado «*folhas da arvore de canela*»; e que não lhe parecia folhas nascidas em agua, senão em arvore, que em seu defeito (pois o não ha) é bem que ponham o *espique* ou *maça.*

O.—Bem podiam ser folhas de *canela* aquellas, e não é muito differente *folium indo* della; senão que a de *canela* é mais estreita e menos aguda; e não tem aquelles tres nervos que tem o *folium indo,* mas nem *canela* nem *folium indo* ha nas terras do Preste João; nem tal ouvi dizer, perguntando a quantos lá andaram; e quanto é ao que porão em seu logar, dir-vol-o-hei ao cabo.

R.—Dioscorides diz que alguns, polo cheiro, diceram ser folha da arvore do *espiquenardo,* por a semelhança do cheiro; e que como colhem, o passam com um fio; enfiadas as folhas as tem, e as guardam pera as vender; e que as lagoas secas, donde se isto dá, são queimadas, porque se o não são queimadas, não nasce mais isto nellas; e é que o melhor é mais novo; e que de branco vai-se sendo preto e inteiro; e que com o cheiro

fira a cabeça, que muito tempo permaneça neste cheiro, e que imite ao *nardo,* e não tenha gosto do sal.

O.—O cheiro bem vedes que não é tão forte como o do *nardo,* que é mais suave; e o *nardo* não é arvore; e a maneira de colher não é assi, senão colhem as folhas, e dellas fazem fardos, e os levam a vender: e pois não nascem nas alagoas, não é razão que se queimem pera nascer outro; e que todas as terras que se hão de semear queimam-se; mas não todas as outras, e as que não se queimam não deixem por isso de nascer herva nellas: a côr é verde-claro; e as couzas que se guardam, não ficam tão claras, chegam-se mais a preto que a verde-escuro; e não tem cheiro de salva algum d'elles, e é verdade que o inteiro é melhor, porque tem a virtude mais conservada, nem o cheiro não fere a cabeça tanto como os outros cheiros, e postoque o Autuario diga que os Mouros lhe chamam *tembul,* tambem se enganou, como outros.

R.—Plinio[1] diz que o ha em Siria em folhas retortas, donde sae o oleo pera o unguento; e que em Egipto ha mais abundancia delle; e que o mais louvado vem da India; e que se geram sobre agua; e que cheira mais que o *açafrão;* e que o mais sabe a salva e cheira; e que o somenos na bondade é mais claro e melhor, que é similhante ao *nardo;* e que, deitado em vinho, excede todos os cheiros; e que o preço foi delle couza milagrosa s. até trezentas libras

[1] Plin., liv. XII, cap. 26.

e do oleo até seiscentas libras. Isto diz Plinio, ao qual responda e satisfaça.

O. — Havel-o em Siria e em Egipto não o sei; mas tive amizade com physicos do Cairo e de Damasco, s. de Alepo; e todos me diceram que o não havia na Siria, nem em Egipto; nem cheira tanto como *açafrão;* nem como o *nardo,* nem é couza do *nardo;* porque o *nardo* vem de duzentas legoas, donde é este seco, posto que lá o póde haver; e mais *nardo* é couza que se semea, e este é arvore agreste e grande, e das outras couzas da eleição delle já respondi, confutando a Dioscorides; e que o cheiro no vinho fervido no *folium indo* preceda todos os cheiros, seria isso em seu tempo; porque não havia entonces *beijoim de boninas,* nem *ambar,* nem *almisqre,* nem *calambuco,* como agora ha; porque as couzas da policia vão em crescimento; e póde ser que as de virtude não tanto; por onde nunca creais que se perderão couzas de cheiro; e assim como *cinamomo,* em que aporfiaveis os dias passados, porque o mundo é mais descoberto, e a gente tem a condição que dice.

R. — Galeno, nem Rasis, não dizem cousa de novo, somente ter a virtude do *espique.* Avicena[1] diz que é chegado a esta mesma virtude, e que as folhas são as de *saisifrão;* e que nasce em agua e terra cenosa, sem ter raiz, á maneira de lentilha de agua, onde alguns cuidaram que era assi como folha de *golfão;* e que o seu

[1] Avic., 661.

oleo tenha virtude do *laserpicium,* e do *oleo de açafrão,* e que é mais forte.

O. — Todo mais disso é prova de ser falso em Dioscorides e Plinio, por onde não é necessario mais responder; porque Avicena e Serapio e Rasis não souberam mais nesta mézinha, alem dos Gregos, somente saberem que *malabatrum* ácerca dos Gregos era *folium indo,* e transladaram o que diceram os Gregos, somente acrescentando algumas couzas em dizer o pera que aproveitava; e todos dizem que aproveita pera provocar a orina, e pera o cheiro mao da boca e que conserva os panos, e defende-os da traça; e per derradeiro dizem que aproveita pera todas as couzas, como o *espiquenardo.*

R. — Esses escritores modernos uns confessam que o não conhecem, nem o viram, e estes, a meu juizo, fallam melhor: outros dizem que o viram em seu logar deitar folhas da arvore do *cravo,* outros da *canela;* porque o autor que fez Luminare majus diz que um mercador lhe vendera folhas de *cravo,* e dice que aquillo era *folium indo;* o outro franciscano que acima dice, diz que lhe deram por elle folhas de *canela.* Antonio Musa diz que o viu em Veneza, e que lhe amostraram o *folium indo* da Siria, e *folium indo* da India, e porém que elle os não conheceu: declarai-me isto, e que poremos em seu logar lá em Hespanha, falecendo-nos o *folium indo,* como nos fallece.

O. — O que dice que vira folhas de *cravo* me parece

que não dice bem, porque donde nasce o *cravo* até onde nasce o *folium indo* é viagem de dois annos de caminho, e o que dice das folhas de *canela*, podia ser que iriam lá misturadas com a *canela:* e quanto é ao que porão em seu logar, eu queria que levassem de cá tanto *folium indo* que bastasse toda a Europa. E facilmente se podia levar de cá: mas já que o não levam, uzem folhas de *canela* em seu logar; e não as achando da canela seca ou do *espiquenardo, maça* não ponham em seu logar; porque não é tão semelhante a elle como as outras mézinhas. Avicena manda pôr em seu logar tambem *thalisafar*, segundo emenda André Belunensis; mas eu não conheço esta mézinha, nem me parece semelhante ao *folium indo;* e deste parecer é Matheolo Senense, contra um moderno escritor.

COLLOQUIO XIV

DE DUAS MANEIRAS DE GALANGA

R. — *Galanga* é uma mézinha muito necessaria; e posto que eu tenho pera mim que os Gregos a não conheceram, ao menos debaixo deste nome: é muito necessaria em todas as boticas, fallemos nella um pouco.

O. — O nome é em arabio *calvegião,* e ainda que acheis por todos os Mauritanos escrito

chaligião ou *galungem,* como Serapio[1] lido corrutamente escreve, não lhe deis fé; porque todos os Arabios lhe chamam assi; e esta que chamamos *galanga* é de duas maneiras, s. uma pequena, muito cheirosa trazida da China a estas terras, e daqui pera Portugal, e pera outros cabos do ponente. A esta chamam na China *lavandon,* e ha outra mais grande, achada na Java, chamada acerca delles *lancuaz:* esta é grande, e não tão cheirosa nem tão aromatica como a primeira; e porém ambas chamamos nós outros os de cá da India *lancuaz;* a primeira pequena é uma frutice ou mata de dous palmos em comprimento; tem folhas como murta; dizem os Chins que nasce sem ser plantada; e a maior que nasce na Java é de altura de cinco palmos; faz as raizes grandes, e tem noz como cana, e tambem a outra da China tem assi; e esta da Java tem folhas á feição de uma grande lança, e florece com flor branca; deita sementes, mas não se semea com ellas, ainda que nesta terra é semeada nas hortas em pouca quantidade, s. aquillo que se gasta na terra em saladas e em mézinhas da gente indiana, principalmente da que vem da Java, que são as parteiras (a que chamam daias) e tem cá officio de physicos. Semea-se das raizes della mesma, como o *gingivre,* e não doutra maneira; ainda que acheis escripto ao contrario não o creais; porque nem Avicena, nem Serapio, nem outros Arabios tiveram della noticia

[1] Serapio, cap. 332.

somente confusa; e porque era de duas maneiras, posto que a primeira da China é mais louvada, não fallaram nisto como homens que sabiam disto bem, senão como se sohe a dizer ás apalpadelas; e já póde ser que esta seja a cauza porque Avicena escreve della dois capitulos, s. um 321 debaixo do nome de *calumgiam;* e outro 196 debaixo do nome de *cazerhendar;* e qual dessas seja a da China, de que mais uzamos, ou qual seja a da Java de que menos uzamos, não o sei, porque elles não escrevem, senão duvidando; e porque fallam desta maneira, assaz será para vós conhecerdes as ambas de vista, assi secas como verdes; porque eu vol-as amostrarei hoje.

R.—O Belunense, no seu Diccionario, diz que Avicena escreve de ambas; e que não é mais de uma; e a cauza é porque nas couzas duvidosas faz dois capitulos; porque o que se deixou de escrever em um, se escreva em outro.

O.—Antes faz isso onde acha duvida; e a mim me parece que viu estas duas maneiras de *galanga,* e por isso fez dois capitulos; e pois somos certos da mézinha, não façamos tanto cazo dos nomes.

R.—Pois Dioscorides não falla neste simples, nem os Gregos, posto que o allega o Pandetario; e os Arabios escrevem pouco e duvidoso, como dizeis, será razão que sigamos os modernos no que bem fallarem. Antonio Musa curioso e bem entendido, diz que Lioniceno lhe pareceu que esta que nas boticas chamamos *galanga* é *acoro,* porque o que uzamos por *acoro,* que é uma raiz de *espadana*

não o parece ser, por ser raiz sem cheiro, nem sabor, quente e agudo (condições que são necessarias para o *acoro*, que nós falsamente chamamos *espadana*): e diz que o mesmo lhe parece a elle, considerando a *galanga* com seu cheiro e sabor.

O.—Já vos dice, fallando no *calamo aromatico*, que o *acoro* não era *calamo aromatico*, e assi vereis as razões em que me fundei; e mais o *acoro* é amargoso em sabor, e o *calamo aromatico* é agudo em sabor; e mais o *acoro* é raiz de cor branca, e o *calamo aromatico* é mais amarello. Agora vos digo que a *galanga* é muito menos pera se dizer della que o *acoro*; porque a *galanga* é mais quente, e com mais suave cheiro; e as couzas para que aproveita a *galanga*, tiradas dos Arabios, que escrevem dellas, não são aquellas pera que aproveita o *acoro*; porque as da *galanga* são pera o estomago, e pera o mao cheiro da boca, as do *acoro* são pera o célebro e pera os nervos; e lembra-me que, curando o Nizamoxa de um tremor, nunca os physicos fizeram menção da *galanga*; nem Antonio Musa teve isso, senão porque não conheceu o nascimento da *galanga*.

R.—Pois os frades italianos, que escreveram, dizem que mais verdadeiramente a *galanga* que uzamos é raiz de *esquinanto*.

O.—Isto quanto seja alheio de razão o podeis bem ver; porque o *esquinanto* nasce em grande somma na Arabia, s. em Mascate e Caliate, e a China e Java são muito longe destas partes; e mais o *esquinanto* tem raiz muito mais pequena.

R.—Menardo e os frades que escreveram sobre Mesue, dizem que o *calamo aromatico* é *acoro;* e o que chamamos *acoro* não o é: por amor de mim que me digais se achando-vos em Hespanha se uzarieis do *acoro* que chamamos; pois o ha lá; e se o não havieis de uzar, que porieis em seu logar?

O.—Se me eu achasse em Galacia que ha verdadeiro *acoro,* e se o provasse e lhe achasse as condições que delle escrevem os autores, uzal-o-hia; mas se o eu visse tal como o que chamamos em Portugal *espadana,* não uzaria delle, e poria em seu logar *calamo aromatico,* e não ja a *galanga:* isto sem duvida nenhuma; porque mais me inclino ao *calamo* servir por *acoro,* que a *galanga;* e tenho mais razão, como já vos dice; e mais nesta terra uzam delle pera as enfermidades dos nervos, e não de *galanga.*

R.—Tomarei vosso conselho, levando-me Deos a Hespanha.

COLLOQUIO XXV

DO CRAVO

R.—Do *gariofilo* fallemos; pois é pera essas partes donde vem a *galanga.*

O.— Esqueceu-vos de fallarmos nelle na lettra *c;* porque o bom latim é *cariofilo,* e o mao latim é *gariofilo,* segundo podeis ver em estes modernos que escrevem.

R.—Não tenho que ver com isso; porque assi o aprendi toda a minha vida.

O.— E se vos mostrar em Plinio chamar-lhe assi, que direis?

R.—Que confesso ser mais latino, mas o uzo me desculpa.

O.—Os vossos Gregos não fallaram neste *gariofilo*, somente Paulo Egineta, que diz que é folha de *noz;* porque *gariofilo* assi se declara que tem folha de *noz;* mas este não parece que o conheceu; e assi o diz Serapio que nas definições gregas não se acha este nome; e depois allega a Galeno e a Paulo, que diz que o tresladou ao pé da lettra, e eu em Dioscorides não o achei.

R.—Pois ainda vos darei partes donde o Galeno falla nelle.

O.—Em livros que são proprios de Galeno não o achareis.

R.—No segundo livro de *Dinamedis* faz menção de *gariofilum,* e no terceiro tambem; e mais muitos Arabios dizem que Galeno o diz; e porventura estes tresladaram alguns livros de Galeno, de que nós carecemos pol-o tempo os perder.

O.—Esses livros que dizeis, em que falla Galeno no *gariofilo* não são havidos por de Galeno; assaz é pera mim que Ruelio, tão diligente escriptor e tão lido, diz que o não achou em Galeno.

R.—Pois esse que dizeis cita a Paulo, e Aecio, e a Plinio, e diz que ha na India um grão similhante ao de *pimenta,* senão que é grande e mais comprido, e que este se chama *cariofilium.*

O.—Eu não vos nego fallarem esses homens nelle, mas nego-vos fallar Galeno nelle; e mais vos digo que esta mézinha foi achada muito tarde, primeiro pera mézinha e cheiro, e depois pera cozinha; e gasta-se em tanta maneira, que, de mil partes, a uma se gasta em mézinha, e o resto em

cozinha; portanto vos quero dizer o nome delle em arabio e na terra onde o ha.

R.—Tudo me haveis de dizer muito claramente.

O.—O nome latino é *cariofilum*, e outros lhe chamam *gariofilum* (como vos dice já); o Arabio, o Persio, o Turco, e a mor parte dos Indianos lhe chamam *calafur;* e em Maluco (donde somente o ha) e em todas essas terras lhe chamam *chanque;* e os nomes postos no Pandetario, s. *armufel* não ha tal nome; e o nome que está em arabio escripto *carumfel* foi vicio do escriptor Arabio, ou a corrupção dos tempos: E pois somos certos da couza, e ninguem discrepa della, não nos matemos polos nomes. Nasce a arvore deste *cravo* em Maluco, e são umas ilhas sugeitas a El-Rei de Portugal, e tomadas per guerra justa, muito tempo ha. Estas são as ilhas da contenda entre El-Rei de Portugal e o de Castella, sobre que tanto se preitiou e vós como affeiçoado a vosso Rei, pesar-vos-ha da justiça e da posse que temos tão justa.

R.—Tenho tão pouco d'El-Rei de Castella e do de Portugal, que posso dizer por mim tantos moinhos tenho cá como lá, e fallando comvosco a verdade, mais devo a El-Rei de Portugal, pois esta náo em que vim é a maior parte deste meu cunhado que a feitoriza; e estes proveitos tenho d'El-Rei de Portugal, que do de Castella nunca tive algum, nem espero de o ter.

O.—Haveis de saber que Maluco está dentro na conquista d'El-Rei de Portugal, e mais duzentas legoas avante, como se tem

achado pelos eclipses; senão entrou o demonio em um Portuguez, e porque El-Rei tal não lhe fez uma mercê injusta que lhe pedia, se foi lançar em Castella e fez armar navios, e elle descobriu per um estreito não sabido como podessem vir ao Maluco: e indo, lá morreu elle, e a mor parte da gente que com elle ia; e não poderam tornar polo caminho por onde vieram. E outro bacharel Faleiro, que com elle ia, endoudeceu de ver que contra seu Rei ia; e não indo ao descobrimento morreu. E já outras vezes vieram Castelhanos a Maluco, e não poderam tornar; e os que se defenderam dos Portuguezes morreram muitos delles; e a outros, que se entregaram, lhes foi dada liberdade, embarcações, e mercês pera se irem a Castella; tanta é a clemencia d'El-Rei nosso senhor com os christãos vencidos. E um rei de uma ilha chamada Tarnate, vindo os Castelhanos a elle que os ajudasse, lhes dice que o cravo era dado por Deos aos Portuguezes, pois cada cravo tinha cinco quinas d'El-Rei de Portugal; póde ser que este dice isto por permissão e vontade de Deos, ainda que era infiel: assi prophetizou Balão e a sua asna, sendo animal irracional (fallo isto debaixo da correição da Santa Madre Igreja). E depois este rei se fez christão, e fez doação a El-Rei de Portugal de seu reino, e eu o conheci em Goa. E tornando ao *cravo,* digo que somente o ha nestas ilhas de Maluco, que são cinco, e dahi se parte por todalas partes do mundo, e se vos diceram que

em Ceilão havia arvores de *cravo,* dizei-lhe que si; mas que não dão fructo ahi, nem em outra parte alguma, senão em Maluco; e são as arvores de altura e feição de louro; fazem as arvores copa em cima, e dão muita flor que se faz em *cravo;* e nasce como murta, e a flor é primeiro alva, e depois verde, e depois vermelha e dura, que é o cravo. E dizem-me pessoas que o viram, dignas de fé, que quando está este cravo verde nas arvores, dão o mais excellente cheiro do mundo as arvores; e des que colhem este cravo, o secam, e fica da cor que o vedes agora. Nasce em gomos, como os murtinhos, como já vos dice; e dizem alguns que se lhe chove, que se mette por dentro, e não é assi somente não vem a perfeição os cachos, e colhem-nos; porque os ramos que fazem copa grande, deitam-lhe cordas para colher cravo; e isto é cauza que as arvores sejam açoitadas e fustigadas; e não dão pera o anno tão boa novidade, e secam estes cravos por dois ou trez dias; e assi o vendem e guardam para o levar a Malaca e outras partes; e aquelle cravo que fica na arvore por colher se faz mais grosso, e folgam com elle na Java; e nós com o outro que chamamos de cabeça. E mais haveis de saber que, ao redor da arvore do cravo não se dá herva alguma; porque o cravo leva todo o sumo da terra.

R.—E o que os Castelhanos chamam *fuste,* e os Portuguezes *bastam* donde é?

O. — São os páos donde estes *cravos* pendem, como as flores pendem dos páos meudos; e o cravo grande que vos dice, é o que chamamos madre do *cravo;* e não porque o seja; não é macho, como dizem Avicena e Serapio, que tudo é um; mas um é mais velho que outro, porque o que chamamos *madre do cravo* não é do mesmo anno senão do anno passado; isto me diceram pessoas que o sabiam, que foi um feitor de Semaluco, que o tal cravo é fructo muito maduro que cae em baixo.

R. — Fazem algum beneficio a estas arvores do *cravo,* ou plantam-as, ou alimpam-as do matto ou podam-as?

O. — Não mais que alimpar o chão, onde hão de colher o cravo; e as arvores nascem sem ser semeadas, nem enxeridas; e não nascem muito perto do mar, senão um tiro de falcão do mar ao menos, bem que está em ilhas cercadas do mar, e que não se quer muito perto do mar, nem tão pouco muito longe. São estas ilhas, donde nasce o cravo, cinco, como dice, e uma das principaes se chama Geloulo; e por isso chamaram ao cravo em Hespanha *cravo girofe,* porque é de Geloulo; e tambem lhe chamamos *cravo,* porque é feito á feição de prégo; e dizem alguns que quando é boa novidade, é mais a quantidade de *cravo* que de folhas, e a folha não cheira tanto como o *cravo,* e o páo não cheira senão quando é seco alguma couza. Estas arvores nascem do cra-

vo que cae ao pé, como as castanhas em nossa terra, mas não é necessario; porque sempre a terra dá esse *cravo*, e nunca lhe falece chuva com que se crie, e dê fructo, por ser perto da linha: nascem estas arvores do cravo, e criam-se, e fortificam-se em oito annos; e segundo diz a gente da terra, e assi dizem que dura cem annos. E não vos digam algumas pessoas que se colhem os cravos á mão; porque é falso que não se colhem, senão muito per força, como vos dice; e colhem-se de meado de setembro até janeiro e fevereiro.

R. — Uza a gente desta terra do cravo em comer ou em mézinhas?

O. — Segundo tenho por enformação, não faziam cazo destas arvores os Malucos até que os Chins vieram a esta terra com suas náos; e levaram dahi á sua terra este cravo, e á India e á Persia, e Arabia; isto tem elles por memoria antiga entre si; e conserva-se o cravo muito bem com a agua do mar deitada nelle, e d'outra maneira se faz podre.

R. — Pois a gente de Maluco dizeis que não uza do cravo, a outra gente da India uza muito delle? E os Portuguezes que cá moram?

O. — Quando o cravo é verde fazem os que moram em Maluco conserva de vinagre e sal (a que chamam *achar*), e fazem os verdes em conserva de assucar; e já os comi e são bons; e da conserva de vinagre uza a gente de Malaca, que os póde haver, e fazem as molheres

Portuguezas que lá moram agoa estilada dos cravos verdes, e é muito cheirosa, e muito cordeal; e seria boa pera levar ao Reino; e muitos physicos Indianos fazem uns suadouros com *cravo* e *noz,* e *maça* e *pimenta longa* e *preta,* fazendo disto os suadouros; e dizem que, com isto, se tira a sarna castelhana. Eu a vi tambem a physicos Portuguezes, e não me pareceu muito boa physica. Algumas pessoas põem cá o cravo pizado na testa, e dizem que se acham bem com elle pera a dor de cabeça, e que se lhe tira; e não é muito se a dor é de cauza fria. As molheres prezam-se muito de mastigar cravo, para lhe cheirar bem a boca, e não tamsomente as Indianas, mas as Portuguezas.

R.—Serapio allega a Galeno, que diz que é folha de *noz.* Por ventura a arvore do *cravo* e da *noz* é tudo uma?

O.—Differentes são as terras muito; porque uma é Banda e outra Maluco, e o *cravo* é mercadoria pera Banda, e a arvore da *noz* tem as folhas redondas, e parece pereira, e a *do cravo* parece louro.

R.—Diz Avicena e outros, que a arvore é como *sambacus,* e que é mais negro.

O.—Não é como *sambacus* (herva que chamamos *jasmim)* nem como *sambucos,* a que chamamos *sabugueiro,* senão é como *loureiro:* bem vedes a differença que ha de um a outro.

R.—Diz ser trazido de umas ilhas da India, e que

a goma delle, ou resina é semelhante a trementina em virtude.

O.—No que diz que é trazido de umas ilhas da India, diz a verdade; mas o que dice da goma, não ha tal goma em Maluco: fallei com muitos homens que moraram lá, e todos me diceram que nunca viram tal goma. Eu não vos negarei que todas as arvores deitam goma ou resina, em especial se lhe derem cutiladas; mas até o presente não se experimentou; nem, com seu perdão, fallaram verdade os que escreveram da Nova Hespanha, que diceram que a goma do cravo era *almecega;* porque as arvores são de diversas maneiras, não haviam de dar goma de uma maneira, e que fosse de uma compreição. As folhas do cravo não vem ainda, senão cazualmente, por tanto não escrevo dellas: o cheiro do cravo sei dizer que é o mais suave e o melhor do mundo, em especial de longe. Eu experimentei isto, vindo de Cochim a Goa, e com vento pola proa; e remavamos de noite com calmaria, e estava uma náo surta mais de uma legua de nós, e o cheiro foi tão grande e tão suave que nos veio, que cuidava eu que ao longo da costa havia mattas de flores, que em nossa terra chamamos cravos; e perguntando, me diceram que era a náo, que viera de Maluco: entonces cahi no cazo, e achei ser verdade; e depois mo diceram homens de Maluco, que quando o *cravo* é seco lhe dá grande cheiro longe donde está.

R.—Lendo Serapio[1] e Avicena, acho muitos nomes que devem ser corrompidos, s. os nomes dos autores: folgaria muito me dicesseis disso o que sabeis.

O.—Não sei senão umas couzas muito geraes; a Rasis chamam elles *Bensacaria,* e a Mesue *Menxus.*

R.—Allega Serapio, não se ha de ler, senão com espiração *Haclim,* e este me parece que deve ser *Aly.*

O.—Não é senão *Hachim,* que quer dizer philosopho; e porque, entre elles, haverá algum que se chama por excellencia Philosopho, póde ser que seja este o que elles allegam.

R.—A herva que chamamos *cravos* ha em Maluco, ou cá na India?

O.—Em Maluco não n'a ha; e porém da China veio a estas partes; e não cheira tambem como o de Portugal; e deve a cauza disto ser terem elles a virtude muito superficial; e por esta terra ser quente, e resolve-se asinha a virtude delles. E nisto não fallemos mais, pois sabeis melhor destes cravos que eu; e vos direi que na ilha de São Lourenço, em uma certa parte della, ha uma fructa muito redonda, maior que avelana com casca, e cheiram muito a cravo; mas não o é, nem aduba como cravo.

1 Serapio, 319.—Avicena, lib. II, cap. 318.

COLLOQUIO XXVI

DO GENGIVRE

(Não serve este colloquio senão para a Europa, por que tudo isto é noto na India)

R.—Segue-se o *gengivre,* que nos dias de peixe nos dá sabor ás mezas, e excita o apetite com as saladas feitas delle em conserva (a que as vossas escravas chamam *achar);* e parece-me que isto foi pera rectificar o peixe, e está escrito polos nossos doutores.

O.—Certamente não era necessario fallar neste simples; porque nelle não ha duvida alguma que escrever; mas dir-vos-hei delle o que sabem todos, com tal condição que não amostreis isto a nenhuma pessoa na India, senão lá em Hespanha; porque não cuidem todos que quanto vos digo é desta maneira; mas porque não vades debalde, digo-vos que se chama *gengivre* acerca de nós, e acerca dos Arabios e Persios e Turcos *gengibil,* e os Guzarates, Decanes e Bengalas, quando é verde lhe chamam *adrac,* e seco *sucte;* e o Malavar em verde e em seco *imgi,* e em Malaio se chama *aliá;* e é uma raiz e herva como espadana, ou como lirio espadanal; e a raiz é tão grande, e a folha é mais verde escura, e a haste com a folha é de dois e tres palmos; e em verde não é tanto agudo no sabor, em especial o que nasce em Baçaim, que é mais doce, ou, por fallar mais direitamente, não é de sabor tão agudo; por ser da terra mais humida; porque a secura maior do necessario faz a couza ser mais quente, e daqui veio aquelle dito, que a secura é lima do calor,

e quasi isto sentem os autores fallando no *gengivre*, dizendo que não esquenta tão asinha, por sua humidade, como esquenta a pimenta. Este *gengivre* verde come-se muito na salada (misturado com as outras hervas, e azeite e vinagre e sal) e nos pasteis do peixe fresco; e alguns o comem nos pasteis da carne. Nasce em todas estas partes da India, s. as que sabemos, se o semeam, porque todo é de semente e raiz: e não duvido haver algum que nasce sem se semear, mas é tão pouco que delle não se faz caso: o mais que nasce é no Malavar; e é o com que mais folgam os Arabios e Persios; e o outro ha em Bengala, e outro em Dabul e Baçaim, e em toda esta costa. Dentro no sertão ha muito pouco; e não vem a nós algum: nas ilhas de S. Lourenço e do Comaro, que confinam com a Ethiopia, tambem o ha, e dahi tomaram ocasião os que diceram que o havia na Trogoldita, e na Arabia: colhe-se em dezembro e janeiro, e seca-se, e embarra-no pera lhe tapar os buracos por não apodrecer, nem o embarram por pesar mais, nem o picam pera o embarrar, nem lhe põem este barro, senão por estar mais fresco, e porque lhe conserve sua humidade natural; e se o não barram bem, comem-no os bichos, por o achar mais humido e de mais sabor.

R. — Poucas duvidas se levantam neste simples, mas Serapio[1] lhe chama *lingibil;* é chamado assi de algumas nações?

O. — Já o perguntei, e não achei quem o assi chamasse: por onde deve ser este nome corrupto.

[1] Serapio, cap. 36.

R.—Galeno[1] diz que vem a nós de Barbaria.

O—Se por Barbaria entende a costa da Berberia, não tem razão nem é verdade; mas se por Barbaria entende região estrangeira, diz verdade; porque não póde ser mais estrangeira que a India: mas isto é fallar muito em geral.

R.—Dioscorides[2] diz que o ha na Trogoldita e na Arabia.

O.—Na Trogoldita e nas ilhas do Comaro o ha, as quaes confinam com essa mesma terra; e tambem o ha na Ethiopia, segundo tive por informação; mas é pouco, e não é mais que o que abasta pera a terra; e o que dice Dioscorides que o ha na Arabia, com seu perdão, não fallou verdade, antes é mercadoria pera lá; e no que diz que se uza muito, no principio da meza, verde, dice verdade; e conforme ao que fazemos os dias de peixe; porque o comemos feito em salada, como já dice: e tambem põe exemplo dizendo como nós *arruda;* e póde ser que a *arruda* se uzasse mais nesse tempo que agora, por ser forte cheiro; e mais entonces uzariam da *arruda* medicinalmente, por ser contra a peste, e contra o veneno; e tambem alguns praticos receitam salada feita de *arruda* e de outras couzas, no regimento da peste.

R.—Diz que são as raizes pequenas, como as da junça avelanada.

O.—Não são, senão grandes no comprimento e na grossura, e tambem são maiores muito que a junça.

R.—Todavia dizeis que se hão de escolher

[1] Galeno, Simplicium.
[2] Dioscor., liv. II, cap. 152.

as raizes que não sejam furadas ou tapadas com barro; porque dizem que, por ser podre, as tapam.

O.—Não digo eu que o que for buracado com o bicho é bom; mas, que o barrado não tamsomente não é tam bom; mas antes digo que é melhor, porque aquelle barro o guarda do ar e do bicho; e pera este effeito se lhe faz isto. E ao que diz que o levam em canteiros pera a Italia, póde ser isto, mas faz-se melhor embarrando-o primeiro: e dizer que fazem camara com elle traz razão, s. fazendo boa digestão: e os outros que dizem que estanca o ventre, tambem tem razão; porque as camaras cauzadas de indigestão cessam.

R.—Diz que se estende e trepa como grama.

O.—Não ha tal couza, mas está hirto como espadana; nem se póde dizer arbusto, como diz Serapio.

R.—Pois o Musa, diligente escriptor, diz tambem que trepa como grama e que tem a folha como cana.

O.—Não fez boa comparação, porque o gengivre é hirto das folhas, como a espadana; e as folhas da cana não são hirtas.

R.—E tambem diz que o feito em conserva leixa fios na boca.

O.—Isso é em o que não é bom, ou é falsificado, e podre o fizeram em conserva per encobrir a malicia; porque não o ha máo se o que fazem em conserva de assucar maduro e bem curado com muitas agoas; e é picado com buracos pera lhe entrar a agoa, e se lhe fazem isto muitos dias, e o fartam bem de assucar, é muito bom, e não

queima, nem deixa fios na boca; e porque o assucar lhe lançam em abastança em Bengala, por isso é melhor; e tambem o fazem bem as molheres em Chaul e Baçaim e Dabul; e o de Batecalá, por não ser feito como dice, e ser escala onde o compram e fazem não é tão bom, nem com tão bom assucar.

R. — O que me destes os outros dias onde é feito?

O — Em caza; e d'outro tão bom como este, vos darei uma jarra, que me veio de Bengala. Trazelha, moça, amostra.

Serva. — Eil-a aqui.

R. — São ambos tão bons, que não sei qual é melhor. Beijo as mãos de vossa mercê.

COLLOQUIO XXVII

DE DUAS MANEIRAS DE HERVAS CONTRA AS CAMARAS, OS NOMES DAS QUAES SE DIRÃO N'ESTE COLLOQUIO, E DE UMA HERVA QUE NÃO SE LEIXA TOCAR SEM SE FAZER MURCHA.

R. — Segundo vejo os enfermosque neste hospital ha, e nos que vos vejo curar, as peiores enfermidades são collerica passio e as camaras; e por isso queria que fallassemos na agua da herva com que curais as camaras; porque, segundo se diz em Portugal, muito estanca.

O. — A collerica passio, segundo vistes é muito forte, e perigosa enfermidade; e as camaras que ficam em antigas (a que chamamos cronicas), são muito más de curar; e as de humor quente são muito perigosas, as quaes curamos cá com mais r

que em Portugal, e com mais cuidado, porque qualquer error nellas cometido é difficultoso de emendar: chama-se a herva ou fructice, mais verdadeiramente dita em lingua canarim, que é a de Goa, *coru;* e nós a chamamos *herva do Malavar,* porque os Malavares curam bem desta enfermidades; e aqui andam algumas que vos amostrarei; e certamente que assi elles como nós outros curamos bem desta enfermidade, depois de muita parte da materia evacuada. A maior parte destas mattas são do tamanho de medronheiro, e mais pequenas, e as folhas são como de pecegueiro; e as flores que deitam são brancas, e cheiram a madresilva; e das cortezas da raiz uzamos secando-as primeiro, porque frescas deitam algum leite.

R. — Deve ser quente.

O. — Assi o cuidava eu, antes que a provasse; e des que a provei que a achei insipida e fria, e lhe vi os effeitos que fazia, a graduei em fria e seca, com mais secura que frialdade; e assi a graduam cá os desta terra.

R. — Vede o que dizeis; porque o licenceado Alvaro Fernandes me dice o outro dia, que tendo umas camaras muito perigosas, tomára per vosso conselho a *herva malavar* da maneira que a dão os Malavares, e não estillada como a dão os Portuguezes, e que sentiu a mais amarga couza que havia no mundo, por onde me parece que couza tão amargosa não póde ser fria.

O. — Bem póde ser ter diversas compreições em diversas partes; assi como

tem a *zargatoa;* e quanto é o sabor amargoz, que tem, não é muito, porque o opio, sendo tão frio como é, amarga; e por esta razão me parece ser fria; ao menos sejamos conformes em dizer que estanca. Tornando ao caso, digo que fazemos das cortezas desta raiz um pó, e tomamos deste pó quanto cabe em uma caçola de alambique; e amassamol-a muito bem com leite azedo; e tomamos ameos, semente de *aipo* e *coentro* seco, e *cominhos* pizados pretos, dos que vem d'Ormuz: tudo isto pizado, misturam em uma onça de manteiga crua; e assi o pomos a estillar, e desta agua estillada damos ao enfermo quatro onças, misturada com duas onças de *agoa rozada,* ou de *pés de rozas,* ou de *chantagem;* e quando é mais necessario, lhe misturamos pós de trociscos de *herva malavar,* os quaes se fazem da mesma maneira que se faz a agoa, tirando que não levam manteiga; e são formados com alguma agoa das sobreditas; e tambem uzamos dar esta agoa em clisteres, pera ter de noite; e é couza com que me a mim succedeu muito bem muitas vezes; e deitamos estes cristeis actualmente frios, por a terra ser muito quente, por se reter mais, e tambem é isto costume dos physicos Indianos: não vos pareça mal. E se a necessidade é muita, damos esta agoa duas vezes a beber no dia, s. uma pola manhã, ás seis horas, e outra ás duas depois do meio dia. Nestes dias damos a comer ao enfermo leite

azedo misturado com arroz, e frangos delidos em agoa deste arroz (a que elles chamam *canje)* e segundo vemos na fraqueza do enfermo, assim lhe damos a comer: ao menos vinho em nenhuma maneira o dão os Malavares, nem nós o damos, senão havendo muitas cauzas para isso em camaras antigas. E posto que esta mézinha seja muito boa, e com ella me succedeu bem muito tempo, não posso deixar de confessar que não faz obra tão apressurada, e tão certa como a *herva* que dão os Malavares, a qual é muito toscamente feita, e faz-se das mesmas couzas, que estoutra se faz, pulverisadas e delidas em leite azedo, ou em agoa de arroz muito cozido, e quasi desfeito: outros fazem esta agoa desta herva verde pisada, e é muito forte de tomar, e muito amargoz; e desta potagem dão ao enfermo pola manhã sete onças e outras tantas á tarde, se ha necessidade disso. E porque a herva não é aprazivel no gosto, lhe dão para enxaguar a boca algum leite azedo.

R. — Com qual maneira de agoa se acham melhor os enfermos?

O. — Com a dos Malavares se acham muito melhor; e nós quando vemos que os nossos enfermos não lhe aproveitam nossas mézinhas brandas, entregamol-os ao Malavar, pera que lhe dê a sua mézinha rija; e nós já agora, sem os Malavares, lhe damos a agoa sua; e ha já feita no hospital d'El-Rei, e se os Malavares vêem que ha necessidade

maior, misturam opio a esta mézinha: e alguns Arabios curam as camaras com *opio* retificado com *noz*. E eu vi curar assi a um Arabio, quando andava com aquelle grande soltão Badur na guerra, em companhia de Martim Affonso de Souza, meu amo; e um fidalgo honrado e discreto que de Portugal veio, me dice que D. Manuel Tello de Menezes curava em Portugal algumas pessoas desta maneira ao parecer; porque a mézinha estancava, e juntamente com isto cheirava a *opio*, a qual physica aprendeu em Xael, sendo lá captivo; mas eu não tenho isto por couza segura.

R.—E a mim assi me parece uzada, ao menos no principio; porque outras couzas há melhor para rectificar o *opio*, que *noz*.

O.—Os Malavares nunca querem confessar que lhe deitam opio; e eu curei a um fidalgo muito honrado, o qual tem nome em toda Hespanha, e estava á morte; e porque teve devoção a um Malavar, que o havia restituido á vida de umas camaras difficultosas, e achando-se doente em esta cidade de Goa, de umas camaras muito faciles, o mandou chamar; e elle por ir por caminho mais curto curou-o logo com a mézinha que levava *opio;* e sendo eu chamado o achei quasi á morte, estupido, e aparecendo nelle muitos signaes de homem que tomara opio; o qual eu curei, e houve cedo saude; e o mestre Malavar nunca quiz confessar que levava opio a mézinha que lhe dera, e mostrava as mézinhas com que o curara,

as quaes eu conhecia tão mal como minha mãi; e porque esta mézinha sara tanto de improviso, me parece que lhe deitam opio. E fui mais certificado disto, quando curei este fidalgo. Aproveita esta mézinha em grande maneira, quando é muita parte da materia evacuada, e d'outra maneira recaem muitas vezes.

R.—Aproveita esta mézinha para mais enfermidades?

O.—Pera vomitos, e pera fraquezas de estomago, tomada com alguma mistura de agua de *hortelã* e alguns pós de *almécega*. Ha tambem nesta ilha uma arvore pequena, e porém de maior quantidade que esta outra fructice; tem as folhas e a flor como a *murta*, e dá a fructa como *murtinhos*, e do mesmo sabor e mais estiticos, e chamam esta herva *avacari*. Esta, me dice um Portuguez velho de muito tempo nesta terra, que mora no monte em uma sua quinta, que aproveita muito para camaras antigas de cauza fria; e que teve, por espaço de um anno, uma filha enferma de camaras, e que as outras mézinhas lhe não aproveitavam, e com esta foi restituida a saude; e perguntei-lhe quem lhe dicera que esta planta era boa pera camaras, e dice que um destes physicos da terra lhe dava a corteza pisada, e lançada em agua d'arroz, feita a modo de tizana, que é o modo que tem no hospital de curar. Esta raiz desta matta

dizem que cheira a trevo: e perguntei aos physicos desta terra por ella, e diceram-me que era boa pera camaras, e que a misturavam com outra herva chamada *coru:* e que é muito boa misturada. Isto é o que sei destas mézinhas, e eu vos levarei a ver enfermos que curam os Malavares e os Canarins, e sabereis melhor tudo.

Serva.—Está ahi um moço dos frades de S. Francisco, com um cesto.

O.—Não será cheio de couzas pera comer, pois são frades que tem necessidade.

Moço.—Eis aqui as hervas que pedistes.

R.—Umas são roseiras; e estoutra é medicinal?

O.—Não, mas tem uma propriedade estranha, que é não querer que a toquem; é herva que não se consente tocar; porque pondo-lhe a mão vereis como se encolhe logo.

R.—Couza é essa muito de notar: ser esta herva tão limpa, e tão ciosa, que não consente tocar-se; vós especulae essa philosophia; porque se parece ás folhas que deita o *polipodio;* tem flores amarellas, e desta herva não fallaram Plinio, nem Dioscorides; mas o autor do livro da Nova Hespanha diz que ha no Peru uma herva que, como lhe tocam, as folhas se secam. E porque me parece que estareis já enfadado, será bem que comamos.

COLLOQUIO XXVIII

DA JACA, E DOS JAMBOLÕES, E DOS JAMBOS E DAS JAMGOMAS

R.—Que fructa é aquella que é do tamanho de nozes grandes?

O.—Já comestes das *castanhas* que tem de dentro, e dicestes que assadas sabiam a *castanhas;* e agora comereis as cascas que a cobrem: e são amarellas e tem bom sabor.

R.—Sabem a melão, não tão bom como os melhores.

O.—Assi é; e são, per sua viscosidade, más de digerir, ou, per melhor dizer, não se digerem; e muitas vezes saem pola camara, sem nenhuma permutação; e eu não uzo muito dellas: chamam-se em malavar *jácas;* em canarim e guzerate *panás;* e na fralda do mar as ha. Somente se secam estas castanhas de dentro, e comem-nas assadas e ás vezes cozidas; a arvore dellas é alta e grande; e ellas nascem no páo do tronco, pera cima, e não nos ramos, como as outras fructas; e por fazer mais certo, aqui vos mostrarei a *jáca,* donde estas foram tiradas. E vede-la aqui, que é tamanha, como um melão muito grande, e ha outras maiores; e a corteza, que cobre estas castanhas todas, é muito grossa, como vereis, e dura, e pera nada serve.

R.—Não ha melão tão grande, nem tão fermoso como este pomo.

O.—É verde escuro, e todo cercado de espinhos, mais pequenos que os do ouriço cacheiro; mas estes não picam, como o pico delle: e não me parece bom comerdes esta *jáca,* senão ao cabo de comer

e entonces comereis as *castanhas* assadas deste mesmo pomo, que ja o outro dia comestes.

R. — Comerei estas azeitonas, que assi o parecem; mas são muito ponticas, porque apertam muito; e no demais parecem azeitonas cordovezas ja maduras.

O. — Chamam-se *jambolões,* e nascem no campo em uma matta que parece como murta; e nas folhas parece medronho: mas assi esta fruita como a *jáca* não se tem por fruita muito sadia da gente desta terra. Mas esta que vos mostro é muito estimada nesta terra. Veio de Malaca a esta terra ha pouco tempo; porque ha muitos naquellas partes. Mas dizei o que vos parece este pomo, pois é do tamanho de um ovo de pata, e algum tanto maior. Já vedes como a côr delle é feita de branco e vermelho, e cheira a agua rosada, de maneira que aos dous sentidos é aprazivel. Agora é necessario, porque parece bem á vista e ao cheiro, que seja ao gosto; e por isso provai-o.

R. — Já o provei, e sabe muito bem; convem a saber, um sabor que não incita muito o gosto por ser aquoso este fructo; e para mim o sabor é muito bom; mas o cheiro e a vista parece como umas bugalhas grandes, quando são novas (a que chamamos *maçans de cuco),* e dizei-me como se chama esta fructa nesta terra onde as ha.

O. — Em Malaca é chamada *jambos;* e assi lhe chamam nesta terra.

R.—Melhores são estes que os *jambolões;* porque já ouvi gabar muito esta fructa; digo que tambem é aprazivel aos ouvidos com a fama; de modo que apraz a quatro sentidos. E certo que é esta fructa pera comer um principe na nossa Hespanha; e mais não me parece que fará mal, se a comerem antes do comer; e bem vejo que é fria e humida; e portanto me dizei a feição da arvore.

O.—Desta varanda vereis nesta horta minha as arvores: aquellas pequenas são postas ha dois annos, e em quatro dão muita boa fruita, e carregam muito, muitas vezes no anno; assi a arvore como a fruita são de feição oval, e são do tamanho como uma ameixeira; a flor é muito cheirosa e é roxa; e o sabor é das azedas; a folha é como um ferro de lança, grande e largo, e de um verde muito aprazivel; as raizes desta arvore entram muito dentro na terra, para sostentar a arvore quando carrega; porque dá muitas vezes fructa no anno. Assi da fructa como da flor se faz conservas.

Serva.—Um homem está ali, que traz recado do rendeiro de Bombaim.

O.—Venha cá.

Capitão.—Estas cartas me deu o vosso rendeiro, e este cesto de *jamgomas*.

O.—As cartas lerei depois; a fructa provemos, e apertae-a primeiro entre os dedos, porque se quer assi.

R.—Sabe bem, e parece na feição como *sorva*

pequena, e no sabor como ameixa; é no sabor estitica.

O.—Ha muitas nas hortas de Baçaim e Chaul; e tambem as vi em Batecalá: a arvore dellas é como ameixeira e assi na folha; enfloreçe com flores brancas; tem muitos espinhos no tronco ao subir, a modo de pinha. Chamam-se *jamgomas*, e pola maior parte nascem no campo: tambem se dão transplantadas: e homens dignos de fé me diceram que a melhor maneira de semear era comendo-as uma certa ave, e no esterco della se acha a semente, a qual semeam, misturada com este esterco; e nasce, e dá de mais asinha fructo.

COLLOQUIO XXIX

DO LACRE

R.—Agora cae a vez ao *lacre* que tanto se gasta nesta terra em serrar cartas, e pôr outros sellos, em logar de cera.

O.—Antes a cera se gasta por falta do *lacre;* porque o *lacre* é mau de despegar, e não se tira o sello, senão quebrando. Chama-se o *lacre,* que nos livros da botica chamamos *laca,* em arabio, persio e turquesco *locsumutri,* quasi *lacre* de Samatra; e não porque Samatra confine com Pegú, onde o ha; senão porque vinha dessas partes, cuidaram os Arabios e outras nações que era della; e por isso lhe puzeram o tal nome; em Bengala, e no Balaguate e no Malavar, onde o ha, tambem lhe chamam assi, porque aprenderam dos Mouros

mas em lingua da propria terra é *lac;* e em Pegú e em Martavam, donde é o melhor, chamam-lhe *trec;* e ali dizem alguns que vem de Jamay, e dali vem tambem o *almiscre,* e levam os Martavanes e Pegús a vender esta fazenda a Samatra; e por isso lhe chamaram os Arabios *locsumutri;* e os Pegús traziam em retorno pera sua terra *pimenta*.

R.—Dizei que couza é, como se faz, e em que se cria, porque des que dicerdes a verdade que sabeis, virei com meu contraponto, e dir-vos-hei o que acho escripto nos livros antigos e modernos.

O.—Muito tempo fui enganado; porque diziam que em Pegú saíam os rios da madre, e que na lama que ficava punham páos pequenos, e que ali se criavam umas formigas muito grandes, com azas, que avoavam, e punham o *lacre* muito nos páos; e que por isso havia *lacre* muito nos páos metido: e eu perguntava isto a estes homens, se o viram com seus olhos; e porque lá se ganhava mais em comprar *rubis,* e vender roupa de Paleam e de Bengala, diziam-me que não estavam lá tão ociosos, como isso; mas que ouviram aquillo, e que era a fama commua: até que fallou comigo um homem bem criado que lá estivera, e era curioso, e me dice que era uma arvore grande em quantidade, com folhas, que pareciam de ameixieira, e que lavravam nos ramos pequenos daquella arvore este *lacre* as formiga grandes,

criadas na vasa e em outras partes; e que tiravam desta arvore, como de cauza material, esta goma lavrando no pao, como a abelha faz no mel; e que esta era a verdade: e que depois tiravam os ramos daquella arvore em pedaços, e os punham a secar á sombra, até que despediam o pao, e ficava em canudos, e em alguns delles ficava o pao mettido dentro; e quanto menos pao tem deste, se ha por melhor, porque dizem logo, tem muito pao este lacre, ou tem pouco. E mais me dizia que algum era muito sujo, e punham-no a derreter, e que se faziam pó, e que este era o somenos, por ser misturado com terra. E depois mandei saber a Pegú isto; e achei ser muita verdade. E andando eu no Balaguate, onde ha algum, e o ajuntam para o trazerem a vender aos portos do mar, que vem da terra do Cotamaluco, me diceram o mesmo; e aqui em Goa me trouxe um moço um ramo delle ser tirado de uma arvore que chamamos *maceira*, e os Decanis *ber*, de que acima fallei ja; e aqui está nesta horta, e por meus olhos o vi; e porque este é pouco *lacre* não fazem conta delle, que não será a terra disposta pera o gerar. E muitos me diceram que o viram nas *maceiras*, e que as formigas o geravam nelle; e é claro ser isto verdade, porque muitas vezes vem as azas das formigas misturadas no lacre. E este lacre de que fallamos, quando é mastigado, tinge de fino roxo, e assi o provam e

delles fazem estes paos que vedes para cerrar, e os tingem, e accrescentam-lhe a côr necessaria de que querem os paos, s. a tinta que faz a tal côr; e destes paos ou de pastas largas tingem os carpinteiros ou torneiros ao torno os paos que querem, trazendo o *lacre* polo pao ao torno; e com este *lacre* enchem a prata e o ouro que é vazio, pera fazer suas obras maiores. E portanto sabei que não é a arvore semelhante á murta, nem na folha nem na grandura; senão é ás vezes tamanha como uma *nogueira,* e ás vezes mais pequena: nem se chama *aec,* como lhe chama o Pandetario, nem *ancusal,* que são nomes corruptos.

R.— Avicena[1] lhe chama *luc,* na traducção emendada pelo Belunense, e allega a Paulo, que diz que a arvore delle é semelhante á arvore da *mirra,* e que é bom cheiro, e mais que é necessario que se administre com cautela, e que outros erraram, e diceram que era como *carabe,* e que verdade é que tem a virtude do *carabe* em muitas couzas: que sentis disto?

O.—Que Avicena não conheceu o *lacre,* senão fallou conjeiturando; e pode ser que o não vio em pao; e ao que diz que a arvore é semelhante á da *mirra,* por isto juraria eu que Avicena não vio arvore della. E eu tambem não conheço arvore da *mirra,* para confutar seus ditos; mas sei que a goma do *lacre* é feita per cima dos paos forrando-os; e a outra é estillando-se da arvore, e a *mirra* tem cheiro,

[1] Avicena, liv. II cap. 432.

e *lacre* não o tem; postoque Avicena diz que o tem. E chamar-se *luc* por o Belunense; pode ser que assi o achou escripto nos originaes antigos; porem agora os Arabios todos o chamam *locsumutri;* e em reprehender aos que dizem que é *carabe,* bem fez Avicena; mas errou em dizer que tem as propriedades do *carabe* que iste é falso, porque o *carabe* é conglutinativo, e estitico, e o *lacre* aperitivo; e por ser muito aperitivo diz Avicena [1] que se ha de administrar com cautela; e assi como vós melhor sabeis, primeiro uzamos de couzas aperitivas, menos que uzemos delle; senão o que sinto de Avicena é, que creu elle que o *lacre* era o *caucamo* de Dioscorides; porque Paulo parece que falla por a sua boca; e claramente consta ser falso; porque o nosso *lacre* carece de cheiro; e o *caucamo* é cheiroso e apto pera perfumes; e outra couza diz Avicena digna de reprehensão: que faltando o *lacre,* se ponha em seu logar *sangue de drago,* que tambem é mézinha estitica.

R.—Porque lhe chamam *locsumutri?* Ha-o porventura em Samatra?

O.—Não, senão como vos ja dice, ha-o em Jamay, e dahi o levavam a Samatra; e della traziam em retorno *pimenta:* mas agora este caminho não é tão uzado; porque o *lacre* não o vendem, senão Pegus aos Portuguezes; e nós o vendemos aos Arabios, e Persios e Turcos; e o levamos a Portugal, onde se gasta para Africa, e outros cabos; por onde agora

[1] Avicena, liv. II cap. 432.

não é razão de lhe chamar *locsumutri*, como antes, que os Chins, que o levavam a Ormuz e a ess'outras terras não cuidavam que era senão de Samatra, e por de Samatra o vendiam; mas em Samatra não o ha; e se ha algum é tão pouco que não sae da terra; mas até ao presente não soube, senão que o não havia lá.

R.—Ora ja examinámos Avicena[1], examinemos a Serapio, que diz Sac, I. *laca*, e allega a Dioscorides, por a traducção do Abathabarich, que diz que é goma que nasce na Arabia, semelhante á arvore da *mirra;* e allega a Rasis, que diz que cae do céo sobre os ramos da *gubera*, e allega Isae e diz que é couza vermelha, que cae sobre os paos sutis, e que tingem com elles os pannos; e tambem diz que o trazem da Armenia, terra bem sabida na India; por onde me direis a verdade de tudo isto.

O.—*Sac* é nome corrupto; e o *lacre* do Dioscorides não escreveu Dioscorides delle, nem Serapio o conheceu; porque elle cuidou que era o *caucamo* de Dioscorides, e diz ser similhante á *mirra* e ao *estoraque:* bem vedes que este *lacre* não cheira couza alguma; e onde allega o Galeno, por a traducção do Abathabarich, alguns persumem ser Paulo, porque falla da mesma maneira; e nem Serapio nem Paulo, com seu perdão, dizem verdade, nem ainda que o dicera Galeno, não lhe deramos fé; pois diz que é goma de uma arvore, que nasce na Arabia, similhante á *mirra;* e se este *lacre* não o ha em Arabia, pois é

[1] Liv. II cap. 432.

mercadoria pera lá, levada de cá da India, para que se dar fé a taes ditos? Tambem allega a Rasis que diz que cae do ceo sobre os ramos da *gubera*, e é falso, porque *gúbera* no Arabio quer dizer *sorva*, e não ha *sorva* em toda a India. E ao Nizamoxa lh'as trazem da Persia e do Coraçone, e eu as vi em sua caza.

R. — Olhai se por ventura é *nespera*; porque outros livros dizem sobre os ramos da *nespereira*.

O. — Está mal tresladado; porque *gúbera* é *sorva*, e *anzarut* é *nespera*; quanto mais que nem uma nem outra ha em toda a India; e ao que diz que se traz da Armenia é falso; porque na Armenia não o ha tambem.

R. — Dizem os frades Italianos que escreveram sobre Mesue, que não vio homem algum o verdadeiro *lacre* em nossas partes; e que não é de crer que natureza faltasse agora nelle; ainda que muitos creiam ser o *caucamo* de Dioscorides, porque a descripção delle por Paulo e Dioscorides lhe convem; mas este *caucamo* não o vio pessoa alguma; posto que alguns dizem ser o que chamamos *beijoim*; e que pois o não conhecemos, por conselho de muitos bons physicos se póde pôr *sangue de drago*.

O. — A mim me parece bem o que dizem os frades em dizer que a natureza não havia de faltar neste simple; e dizem nisto bem, porque as terras são mais sabidas, e o uzo das mézinhas é mais conhecido; mas em dizer que o não ha, diz mal, e melhor dicera em dizer que o ha; pois o trazem da India cada dia, e o uzam por *lacre*

todos os Mouros e Gentios. E porém fora muito melhor dito que o não conhecera Serapio nem Avicena, ou quem tresladou os sinaes de Paulo e Dioscorides no *caucamo*, do que careçamos; mas que é este que uzamos, e que o *caucamo* não sabemos delle; pois não é *benjoim*, e isto é noto; pois não o ha na Arabia, como já vos dice, fallando no *benjoim;* e que se ponha em seu logar *sangue de drago*, já reprovei isso acima; por onde levando-vos Deos a Hespanha, uzai lá do *lacre* com muita ousadia; porque cá os physicos mouros lettrados no Balaguate uzam de *dialaca*, a que chamam *dallaca;* e *al* é articulo do genitivo, e assi o *dia-turbit* chamam *dalturbit*, que é composição de *turbit;* e assi chamam todos os mais das composições, onde nós pomos dia, poem elles *dal*. E vós que sois bom grego, sabeis se é bem dito *dia;* porque eu já ouvi dizer que não é bom grego, e nisto não fallo mais, por não metter a mão em a fazenda alheia.

R. — Isso derradeiro vos digo que me parece bem; mas não posso julgar nisso porque não sam bom grego; e Ruelio, escriptor douto e curioso, se acha nisto duvidoso.

O. — Tem razão; mas vós, se lhe fallareis, o tirareis de dúvida.

R. — Bem será que vos diga o que sinto, neste cazo, não obstante quanto dicestes; e é que não ha verdadeiro *lacre;* porque, se os Gregos o conheceram, é por *caucamo:* e se o não conheceram, é o de Avicena e Serapio: e assi um como outro não tem cheiro nem

aproveita para aprofumar as vestiduras; e misturada com *mirra* e *estoraque*, não accrescenta e cauza cheiro, antes o diminue. E assim concluo que não temos o *lacre*, nem o *caucamo*.

O.—Vós o dizeis, e o desdizeis; porque dicestes primeiro que a natureza não havia de ser defeituosa em estas mézinhas tão celebradas dos Gregos e Arabios, e agora dizeis que carecemos dellas.

R.—Assi o torno a dizer, até que me deis razão por onde mude o proposito.

O.—Não é menos inconveniente não conhecer Serapio nem Avicena o *lacre*, que é errar em dizer que falece natureza; pois sabeis que o *lacre* é este que vedes ir da India a Portugal; e por tal o tem todas estas regiões, e Asia, e Africa, e muita parte da Europa; e o que mais é chamar-se assi acerca dos Indios; e por vós não terdes que o é, nem os Frades, nem outros, não se mudam as couzas do que são; e digo, como já dice, que Serapio se enganou, crendo ser o *caucamo* de Paulo e de Dioscorides[1]; e Avicena muito mais se enganou; pois dice as couzas do *caucamo*, e fez capitulo de *cheichem*, como se fossem duas couzas, e o que dice do outro, como se foram duas mézinhas: ora pois que tão claramente errou, não é muito errar em não conhecer o *lacre*.

R.—Bem me persuadis nisso; mas o *caucamo*, como carecemos delle?

O.—Menos mal é carecermos de um simple, que de dois; e porém eu vos direi qual é o *caucamo*, segundo

[1] Arip. 1. Periarmemas.

meu parecer, posto que para concluir isto não tenha razões evidentes; mas quem me der outras melhores estou aparelhado pera aprovar o contrario.

R. — Parece-me que quereis dizer que é *benjoim*, e isso não me quadra, porque *benjoim* não o ha na Arabia, como já discutimos.

O. — Nem isso digo, senão que é *anime;* porque é bom pera cheiro e em perfumes uzado. Vem a Portugal de Ethiopia, terra comfim á Arabia.

R. — Certamente que me contenta isto; mas alguns dizem que o *anime* é uma especie de *carabe.*

O. — Isso me ajuda mais, porque, segundo alguns, o *caucamo* é especie, e Avicena, reprehendendo estes, diz que não é *carabe,* mas que é na virtude como elle; mas cá não o ha, s. o *anime.*

R. — Um chronista das Indias de Castella diz que ha *anime* em Sirvamlha, perto de Maluco, e que o ha nas terras do Brazil.

O. — Os Castelhanos, se me derdes licença, são gente que accrescentam muito; e porém não diz verdade, porque o que diz é um certo breu, para calafetar os navios, do qual vem muito cá, por o haver em Samatra, e em muitas partes; mas não tem o cheiro do *caucamo,* nem cheira, senão como qualquer goma outra; e per esta maneira tendes *lacre,* e tendes *caucamo,* até que achaes outra mézinha a que mais verdadeiramente convenham os sinaes della.

R. — Deos seja louvado, eu sam satisfeito do *caucamo* e *lacre,* e por agora me parece bem; mas pois na terra onde esta goma principalmente

se chama *trec,* donde veio a lhe chamar *lac,* ou *loc* ou *luc?*

O.—Fallais como que esse error não seja muito commum ás pessoas, porque essa foi causa de muitos errores. Se ao *espodio,* que agora chamamos, chamaram *tabaxir,* como se chama onde nasce (como ao diante vos direi) não houvera tantos erros, nem tantas contendas entre os Arabios e Latinos com os Gregos; porque as mézinhas não conhecidas hão de ter o nome que tinham no seu nascimento; mas esta goma, vendo-a e tendo necessidade della pera tingir e curar; porque, derretida, ficava basta como *loc* (que é um ponto alto mais que *xarope*) chamaram então a esta goma *luc;* e assim lhe ficou o nome dos Arabios, que desta terra a levavam, ou lá compravám aos Chins. E depois de a pedirem, ha muito, cá por este nome *lac,* ficou tambem em uzo ás gentes Indias de a chamar assi; e isto que vos digo é muito verisimil, e sem duvida passou assi.

R.—Affirmail-o tanto, que ja não posso negar-vol-o; e em especial, pois dais razões tão verisimiles. E agora vos quero perguntar uma pergunta de mercadoria; e é que traz meu cunhado licença pera poder levar cem quintaes de *lacre* pera Portugal ou pera Ormuz, e parece me que o levará pera Portugal; porque lhe dizem que vale agora quatro vezes menos, do que valia, quando elle cá andou.

O.—Eu vol-o direi: tinham os capitães de Ormuz trato e feitoria em Baçorá, cidade de Mesopotania

a que vinham comprar os de Alepo mercadorias; e vendendo-se seu *lacre* muito bem primeiro, o tornou a trazer o feitor do capitão d'Ormuz, que tinha sem o vender, nem havendo esperança disso; e quando elle vio isto, sem saber a cauza, lhe dice um mercador muito grande de Alepo, que elle lhe daria a razão disso, dizendo desta maneira — Havia um tintureiro muito rico em Alepo, e foi mexericado ao governador (a que elles chamam *bachá)* dizendo que aquelle muito dinheiro que tinha, pertencia a El-Rei; e dando busca na sua casa acharam que tinha cem mil venezianos; e dice-lhe o governador: «Tu és tintureiro, e um tintureiro rico não pode ter mais que mil venezianos, e pois como tens tu cem mil venezianos»? E assi lhos tomou todos; e porque contra os reis mouros não se acha justiça, fez este homem queixume ao gram rei dos Turcos, e per concerto lhe descobriu uns montes na sua terra, cheios de tinta, ou de arvores ou mattas que a dão, as quaes são melhor tinta que o *lacre,* e escusam este *lacre;* e não é necessario nas suas terras; e estas terras que o dão rendem ao gram Turco mais de cem mil cruzados cada anno: e por o serviço que fez ao gram Turco, lhe deu o seu dinheiro todo, e lhe deu grandes liberdades outras; e por esta cauza ora se não gasta em Ormuz senão muito pouco *lacre* pera a Persia, com que trazem as alcatifas; e pera a Turquia e Arabia e outras partes não levam couza alguma delle.

R.— E que tinta é essa? Olhai não seja *gram*; porque tambem *grama* ha em Hespanha, e em outras partes.

O.— Isso não soube até agora, e porém pode-o ser; mas o que vos dice, sei que passa assi. Uma couza vos peço por mercê, que, levando-vos Deos a Hespanha não consintais que deitem, por *lacre, sangue de drago* na confeição da *laca*, nem creais que *laca* seja o que chamam os Arabios *quermes*, porque um é goma, e outro é semente, da qual ha muita em Hespanha.

COLLOQUIO XXX

DO LINALOES

R.— Quizera-vos perguntar per o *lignaloes*, e não o fiz, porque me parece que tudo o que delle se pode saber está escripto.

O.— Mas antes, senhor, o que mais verdade é, que pouco se sabe delle; mas não é tão pouco que a sua arvore não seja já vista de alguns Portuguezes, digo a rama della, e a arvore inteira de muitos servos nossos christãos, como adiante vos direi.

R.— Queria-vos dizer o que dizem os escritores Gregos e Arabios e Latinos, e que me dicesseis em que acertaram e erraram, e sobretudo o vosso parecer, e o que haveis sabido.

O.— Dizei que sereis servido de mim no que souber, posto que neste simple não ha que duvidar, no que releva delle.

R.— Galeno é allegado por Serapio per uma traducção de Albatari, e diz o pera que aproveita.

O.—Os bons escritores modernos todos dizem que Galeno não falla desse pao; e onde allega Galeno são livros attribuidos falsamente a elle; portanto este autor Grego deixemol-o á parte.

R.—Dioscorides [1] lhe chama *agaloc,* e diz que se traz da India e da Arabia, e que se uza delle ás vezes por *encenso.*

O.—O verdadeiro *linaloes* não o ha, senão nestas partes da India, como ao diante vos direi; e por ventura á terra de Dioscorides era trazido da Arabia; porque, como muitas vezes vos tenho dito, todas as mercadorias desta terra iam ter a Jida e ao Toro, e a Ormuz, e destes portos do mar se proviam o Cairo e Alexandria, e Alepo, e outras muitas terras; e se algum houve na Arabia, não era deste especial *linaloes,* ou era sofisticado; e ao que diz Dioscorides que se gasta em logar de *encenso,* não é esse dito de um tão grave escritor como elle; porque menos mal fora se dicera que, por falta de *linaloes,* se gastava o *encenso;* porque um quintal de *encenso* val nesta terra um cruzado e meio, do muito bom; pois mais barato deve valer na terra de Dioscorides; e um arratel de *aguila,* da muito boa, vale tres cruzados: ora olhai se é boa permutação esta de Dioscorides.

R.—Parece-me que nisso tendes muita razão; pois elles moravam perto da Arabia, não devia ser tão caro a elles.

O.—Sabeis quam longe é, que o mais que vem á India é de Dofar e Caxem, e Xael, e Barem, como adiante vos direi.

[1] Dioscor., liv. I, cap. 12.

R. — Avicena examinemos por sua autoridade[1].

O. — Elle faz dois capitulos, s. o 742 de *xilaoles*, e o de *agalugem* 14.

R. — Como são duas mézinhas?

O. — Não, senão uma; e porque nella estava duvidoso fez duas, pera se declarar melhor, na segunda vez que na primeira; e dizer que não era mais que uma mézinha, e os nomes que diz no capitulo 742 são, dizendo as terras donde vinha, convem a saber, *Almudilum*, que é Melinde, ou se presume ser, porque nessas terras hà um pao preto que vai ao fundo na agua; outro diz Avicena ser trazido de Sofala; agora se acha em Encuama que é dahi perto, e não é inconveniente chamar a Sofala região da India, que assim a chamavam antigamente; e outro chama *Alcameri*, que é o cabo de Comori, promontorio conhecido dos antigos, chamado promontorio Cori: e outro *lignaloes*, dito *aleusi*, e *alberideito* e outro *de regione Catai* e *Seni*, e outros nomes põem, que vos confesso que lhe não sei dar a derivação.

R. — E dessas partes que dizeis, vem o *lignaloes* verdadeiro, ou nasce nellas?

O. — Não nasce o verdadeiro; e comtudo é verdade que nas partes do cabo do Comori, e em Ceilão ha um pao que cheira (ao qual nós chamamos *aguila brava)*; e cheira assi como entre nós cheiram muitos paos; e já este pao foi por mercadoria a Bengala, e chamavam-lhe *aguila brava*, e depois se desen-

[1] Avicena, liv. II, cap. 742.

ganaram os Bengalas e não o quizeram comprar. Este páo é o que dizem *alcomeri*, e *alsificasi* do cabo de Cmorim e de Ceilão; e se estas derivações vos não contentam, outra vez vos parecerão bem.

R. — Aprazem me, mas *Catai* e *Seni* que querem dizer?

O. — De Cantão (mais celebrado de toda China) e Seni é o *Chincheo*.

R. — Ha o *linaloes* nessa terra?

O. — Não, senão como muitas vezes vos dice, os Chinas navegavam este mar; e traziam o bom *linaloes* de Samatra e Malaca, e o mau de Ceilão, e o compravam bem, vendiam-o; e o muito bom, se lh'o não compravam muito bem, levavam-no a suas terras, porque *linaloes* na China é mercadoria de muito preço.

R. — Tambem diz Avicena que o cozem nas terras donde nasce, e o cozimento lhe tira a virtude; dizei-me o que sentis disto, porque o dizem muitos afóra Avicena.

O. — Não é tal couza, nem se costuma cozer este páo; e nisto podeis descansar; no fim vos direi a eleição delle, e como se prova; e por aqui podeis responder aos que nisto se affirmam ao cozer do pao.

R. — Serapio[1] allega a Dioscorides, e bem creio que diz nisto verdade; porque diz que tem coiro mais verdadeiramente, que corteza; e que tem amargura como estiticidade; e que se traz das terras dos Indios e Arabios.

O. — Não dizem em tudo verdade; mas dizem verdade em dizer que o trazem das terras dos Indios e dos Arabios; e se diceram que nascia

[1] Serapio, 197.

na India e na Arabia, não a diziam; pois nasce na India, e vem ter á Arabia por mercadoria. E em dizer que tem coiro, mais verdadeiramente que corteza, não dizem o que é; porque tem corteza como os outros paos; porém não cheira bem, senão o amago (a que chamam os Portuguezes cerne); e como se a corteza e o pao de fora seca, fica per tempo mais cheiroso, como ao diante vos direi.

R. — Faz muitas especies do *linaloes* indo; e diz que um nasce em uma ilha chamada *Fuma;* e que é melhor o negro e variograve; depois dizem que vem outro de outro um logar da India, dito *Model;* e depois o que é de *Sief;* e depois o que é de *Alcomori.* E que ha da terra donde nasce o de *Alcomori,* aonde nasce o de *Sief,* caminho de tres dias; e que o que mais se vai ao fundo na agoa é o melhor, e que mais está no fogo sem se queimar.

O. — Estão os nomes muito corruptos, e mais vos confesso que não sei as terras firmes por dentro muito bem; por isso não vos digo qual é a intenção do Serapio; e mais, se diz bem ou mal. E porém se per *Fuma* entende Samatra, diz bem, mas a derivação é muito torta; e no que chama *Model,* confesso-vos não o entender senão se quer dizer Melinde; e *Alcomori* e *Sief* é o cabo de Comori e Ceilão; porque do cabo de Comori á ilha de Ceilão per mar ha tres dias de caminho, como elle diz, e que isto seja verdade se prova

porque nestas terras, como vos dice, ha um *linaloes*, a que chamamos *aguila brava;* e com esta *aguila brava* se queimam os Baneanes, quando morrem. E são estes Baneanes os que não comem couza que possa morrer. E os Chins, que traziam o *linaloes* de Samatra, faziam escala em Ceilão, e no cabo de Comori; e quando o vendiam, diriam donde era. E mais diz Serapio que o enterram, e que o signal de ser bom é vir cheio de terra; mas bem sei que este signal, que em qualquer pao cheiroso o podiam fazer, e o outro que diz que após este em bondade é o *abel* trazido de Sofala, não é de maravilhar que seja o páo preto de Sofala e Moçambique; e fazer-lhe-iam couza com que cheirasse; porque diz que fazem delle taboas e pentes; e o que diz que cortam os ramos, e que os enterram por um anno, e que a terra não come delle couza alguma, e que vem por os rios, diz alguma maneira de verdade, como ao diante vos direi.

R. — E tambem diz que tem um fructo vermelho como *pimenta*.

O. — Não diz couza nisso que até agora eu podesse saber; e não fallemos mais nestes Mahometanos, porque, nem Rasis, nem Averroes, nem Isaac, que deste pao fallam, não tratam mais do que no pera que aproveita este pao, e não o que é, e donde vem; e fallai nos Latinos.

R. — Plinio diz, segundo Ruelio refere, que vem dos confins donde nasce a *cacia*, per os Nabateos

e Trogoloditas; e porém que os mercadores que vendem por elle o *aspaltum*.

O. — Não faz bom caminho Plinio, nem curto; mas podia ser que o *aspalto* pao fosse sofisticado e vendido por *linaloes;* e não me entendais como alguns entenderam falsamente por *aspalto* o que nós chamamos *betume judaico;* porque essa é uma mézinha de pouco preço, trazida do estreito de Meca, e vem vender-se aqui pera brear as náos.

R. — Tambem folgo de saber isso. Sepulveda e o frade, autor do *Modus faciendi,* e o autor de *De proprietatibus Rerum* dizem que vem do Paraiso Terreal.

O. — Eu nunca mereci ir ao Paraiso Terreal; mas comtudo digo, que donde nasce não ha alguns dos rios que dizem vir do Paraiso Terreal, senão bem longe delle; por onde não se escuzam esses senhores de dizer tal fabula.

R. — Maravilha-se um escriptor moderno como se vai ao fundo não sendo tão mocisso.

O. — Não tem razão, porque o miolo ou encerne é bem mocisso, e algum delle nada na agoa, sendo muito bom, e por isso vos direi outras experiencias e provas melhores no fim.

R. — Os Frades Italianos dizem que fez mal Avicena em escrever dois capitulos desta mézinha, não sendo mais que uma só, e reprehendem Savanerola em fazer differença de *xilaloes* e *linaloes,* não havendo mais differença, senão ser um nome grego e outro latino, e isto diz Savanerola no quinto tratado, fallando de *lignis.*

O. — Não queria eu os Frades reprehensores senão no pulpito, e assi digo que Avicena fez dois capitulos, como de couza não bem sabida, e mais o capitulo derradeiro, que é o mais copioso, vai acrescentado mais que o primeiro, que é da primeira letra do *A B C* arabio, que elles chamam *alif*, e outro derradeiro capitulo é d'outra a quem elles chamam *H:* por onde póde ser que quando soube melhor a natureza deste simple que quiz escrever o capitulo mais copioso. E no que reprehende a Savanerola, não é de presumir que, sendo elle tão douto, não soubesse que tudo era uma couza s. *linaloes* e *xilaloes;* senão foi vicio do escritor ou esquecimento do que havia escrito, como muitas vezes acontece; porque, em couza tão nota, não havia de errar tal homem.

R. — Sinphoriano diz que nunca viu verdadeiro *linaloes,* senão em Lião de França.

O. — Venha cá, e pague-o bem, e leval-o-ha; mas, fallando a verdade, o muito bom (a que chamam *calambac)* vale mais dinheiro em Malaca que cá; e porém soe vir muito de Malaca pera esta terra, pera o levarem pera Arabia e Turquia e Persia os Mouros e Gentios ricos desta terra. E eu vos escolherei uma mostra, que leveis a Castella, de caza de um mercador que tem aqui dez quintaes, e aquelle que me deu o outro dia o Benevide Boninas; e mais em Cochim, quando quizerdes partir, achareis as náos de Malaca, podeis nella escolher e comprar á vossa vontade.

R. — Beijo as mãos de vossa mercê por o que me quereis dar graciosamente, e polo conselho que me dais. E o Pandetario diz que o melhor *linaloes* ha nas alturas dos montes, e por expulsão dos grandes ventos, ou por velhice, e ser derribado das arvores e de muito tempo, vem polo rio abaixo; e tambem diz que o falsificam, pondo por elle *camalea;* e assi diz allegando Acacio Felici, que uma das especies suas é de uma ilha chamada na India *Camar,* e outra *Caemer* e a terceira *Sares.* E não quero dizer do que dizem do cozer, porque já me dicestes ser falso.

O. — Não são montes onde nasce, senão antes valles; e não vem polos rios, senão muito pouco; porque o melhor o guardam lá, e trazem-no pera vender per este rio, e ás vezes per terra; mas do rio uzam mais por ser mais seguro, por cauza dos tigres, de que o matto é muito cheio, e são chamados *reimões.* A terra onde nasce póde ser Samatra e Ceilão, como já dice; e da falsificação da *camelea* não diz a verdade, salvo reverencia, porque não a ha nesta terra.

R. — Valerio Probo, diligente escriptor, que agora escreveu sobre Dioscorides umas addições, diz que a especie mais vil e baixa que ha é a de Rhodes. Vistes já esta?

O. — Não vós a podeis ver; mas se ha, não é comprehendida debaixo deste genero *agaloco* ou *linaloes;* convem a saber, o que de cá vai.

R. — Ruelio e Antonio Musa o que dizem, que estes, como mais modernos e como pessoas que tem noticia da navegação portugueza, dirão mais verdade.

O. — Bem creio que dirão estes mais verdades, mas dizei-me o que dizem, e direi o que sei.

R. — Diz pois o Ruelio que o *agaloco* veio a nossa terra, só do nome conhecido, e o que primeiro dos Gregos lhe chamou *linaloes* foi Aecio, não sei porque cauza: a este Aecio seguiram depois toda a companhia dos physicos e boticarios; e diz que Galeno delle não fallou, e que Paulo lhe chamou *linho indico:* e Aecio diz que em as partes orientaes se acha principalmente em aquellas que mais chegam ao sul, ou meio dia, e que nunca tem cheiro, sem primeiro ser podre com bichos, e na terra ser enterrado, e apodrecido; e que, com a putrefacção, alcança o cheiro; e que os moradores da terra feito em pedaços o enterram; e que, como tem cheiro, o vendem aos mercadores; e põe quatro especies, s. *indico,* mais conhecido e celebrado que todos, e outro *safico, de Safo* (cidade assi chamada) outro *hispeon* e outro *higron;* e diz que os Arabios dizem que tem fructa ou baga vermelha, mais pequena que a pimenta, que lhe chamam *piperela;* e que *linaloes* não é sujeito a putrefacção.

O. — Falla em isso fielmente, e em dizer que não é conhecido até agora diz bem; mas eu

digo que ja é conhecido nesta terra, e daqui em diante será mais, porque ja agora se sabe donde, e como se faz cheiroso, ao diante vol-o direi. E das quatro maneiras eu não conheço mais que a primeira: s. o da India, e pode ser que as outras especies não sejam *linaloes*, senão pao cheiroso; nem conheço nem ouvi dizer que tenha fructa, ou baga alguma; nem quem diz que não é sujeito a putrefacção não é de todo ponto verdade; porque pois é mixto é sujeito a ella, e os metaes menos; e este pao se apodrece muito tarde em o amago (a que chamamos cerne); de maneira que, segundo aquella parte, é menos sujeita a putrefacção: e contradiz em dizer que, por ser podre e comesto dos bichos, alcança o cheiro; e depois diz que não é sujeito a putrefacção; por onde se hade entender que segundo a parte onde está o cerne não se apodrece; e segundo a outra parte, onde esta que communica com a casca, se podrece.

R.—Muitas couzas diz conforme ao que dizeis Antonio Musa; e mais diz que os vossos Portuguezes acham delles grandes mattos, e que cortam as arvores, e leixam-nas até que se podrecem; e que vale muito em Samatra donde vem; e que não é por isso muito não vir a nós muito bom *linaloes;* e que se na mão o apertam cheira muito, e que este e o genero chamado *calambac* levam á China e a Cantão, porto della muito celebrado, e posto no fogo dura muito antes que se queime.

O.—Diz muito bem em tudo o mais; mas não em dizer que acham muitos mattos delle porque as arvores não são tantas; e é perigosa couza ir lá por cauza dos tigres; e mais vos digo que muito bom vem ás nossas mãos, s. aos capitães de Malaca, e aos que pera estas partes navegam, se o querem comprar bem, e aqui vos amostrarei algum deste.

R.—Pois dizei agora os nomes nas linguas uzadas, e a eleição e a feição da arvore.

O.—Chama se *agalugem* e *haud* em arabio; e os Guzerates e Decanes *ud,* que é quasi o arabio; os Malaios *garro,* e estes chamam ao muito fino *calambac;* a arvore é como a oliveira, e ás vezes muito maior; fructo nem flor não lhe sei, como ja vos dice; porque não me veio, polo muito perigo que é em o ir ver em todo o tempo: assaz é que me vieram folhas e ramos trazidos a Malaca, porque o ha polo rio acima; e dizem que, quando se corta, não cheira; e não por ser necessario podrecer-se pera que cheire, como alguns dizem; senão haveis de saber que a casca é grossa, e o miolo não cheira senão no amago ou cerne, que chamamos assi, como o do sovereiro; e quando se podrece per fora, reconcentra-se e foge ao amago a grossura, e o azeite do páo, e faz que cheire muito, correndo toda a virtude e grossura pera dentro; e por isto dizem que é necessario podrecer-se primeiro, pera que

cheire; o que, como dice, é muito falso, senão, quando o pao é muito seco, parece-se o cerne e miolo melhor, e cheira mais, porque não tem impedimento; e ha pessoas que, como olham o pao, logo dizem se cheirará muito; porque em todo o pao ha differença de madeira; e os Malaios alimpam o páo que é ruim, quando o trazem a vender.

R.—E o *calambac* é desta mesma especie?

O.—Tudo é um, e ao mais fino chamam *calambac,* e ao outro, como acima dice.

R.—Como se conhece a bondade delle?

O.—O que for como este, porque é muito preto, e pardo em veas e pesado, com muito oleo dentro nelle, é o melhor; e, pera o provar o poem ao fogo; e o que sua mais e deita mais azeite é o melhor; e os Guzerates e Decanes, afóra estas condições, querem que seja grande o pao, assi como nas pedras e no aljofre; porque dizem que no maior ha mais virtude; e pera vos tirar deste trabalho tomai este pedaço de *calambac,* que mo deram em muita estima.

R.—Certamente que não ouvi tal em toda minha vida, e bem claramente parece ser bom este; e bem sei que me fizestes nisto, e em tudo, muita mercê.

O.—A que eu quero da vossa é, que saiba que isto pouco que eu soube desta mézinha me custou muito trabalho, e alguma couza de minha fazenda; e se mo agradecerdes darme-hei por muito satisfeito.

COLLOQUIO XXXI

DO PAO CHAMADO «CATE» DO VULGO; E DIZ-SE NELLE COUZAS PROVEITOSAS

R.—Queixando-me da relaxação e molifição das gengivas, me dice a vossa cozinheira, que comesse *betre,* e *areca* e *cate*, tudo misturado; e mais me dice que o *cate* só era melhor que tudo: e provei-o, e tem um sabor estitico, e amarga alguma couza; e dice-me tambem que sabia muito bem a agua bebida sobre elle; e provei-a, e não me soube taõbem como isso, polo sabor amargoz; entonces me dice que, com a mistura do *betre* e *areca* sabia muito bem; e certo que a mim me parece muito boa mézinha pera dessecar e apertar. Saibamos donde e, como se chama, e como se faz; e mais queria saber a feição da arvore, e pera que se uza em mézinhas desta terra; e se fazem alguns escritores memoria disto.

O.—Ha este pao em Cambaia a maior quantidade, s. nas terras de Baçaim, e Manora e Damão, cidades d'El-Rei nosso senhor, com suas terras: tambem o ha em as terras firmes de Goa, e em outras muitas partes; mas não em tanta quantidade como nas terras que dice, porque dali se levam pera Malaca e pera a China; e isto em muita quantidade; e tambem isso levam para a Arabia, e Persia e Coraçone; mas isto é per via de mézinha em

pouca quantidade; mas pera China e Malaca se gasta em muita quantidade; porque se come com o *betre*. E acerca de todos se chama *cate*, e em Malaca *cato;* e alguns variam este nome pouco; e ja pode ser que, pois os Arabios e Persios e toda a gente desta terra lhe chamam *cate*, ou variam pouco, que seja a cauza disto gastar-se a maior quantidade nas bandas de Malaca, onde lhe chamam o dito nome; assi como se faz no *costo*, como vos ja dice; porque chamando-se na sua propria terra *uplot*, lhe chamam todos *pucho;* porque é grande mercadoria pera Malaca, onde se chama assi. E a arvore donde se faz este *cate* é tão grande como um freixo, e a folha é miuda como a das urzes, ou *jounas*, que chamam em Portugal; e tambem o podemos comparar á *tamargueira;* tem muitos espinhos, e todo o anno tem folha; é pao muito rijo e mocisso, e pesado; nunca podrece, segundo dizem, nem com sol, nem com agoa; emtanto que se chama este pao, acerca delles *pao que sempre vive;* soffre este páo muito os golpes por isto; e, por ser muito pesado, se fazem delle uns páos com que se tira a casca ao arroz nesta terra, e chamam-se *pilões;* e pisam em um pao muito grande, feito á feição de gral; e este pao, que mettem dentro a pisar, é feito como mão de gral, e de comprimento de seis palmos. A esta arvore chamam, na terra onde nasce, *hac chic:* e pode ser que por eu não saber a lingua

desta terra tãobem como a portuguesa, não pude saber a razão porque lhe chamam *cate:* mas abaste a razão acima dita.

R.—Está bem relatado tudo isso que dizeis; mas queria saber se tem flores ou fructa.

O.—Flores tem, mas fructa me dizem que não a tem.

R.—Dizei o modo de confeiçoar estes trociscos ou formas que trazem.

O.—Tomam estes paos cortados desta arvore muito miudos, e cozem-os, e pizam-nos; e delles fazem fôrmas, a modo de trociscos ou chans, e formam-as com farinha de *nachani*, que é uma semente preta e meuda de que fazem pão, que parece como de centeio; e, com esta farinha e cinza de um pao preto que ha na terra, ou sem ella, formam estas talhadas, e as enxugam á sombra; porque não lhe tire o sol a sua virtude; e pois estas gentes todas o gastam, e os Chins, sendo tão discretos e sabidos, podeis assentar que é muito boa mézinha; quanto mais que eu a experimentei, em camaras e em paixões dos olhos, e achei-a muito boa. E quanto é o saber, se fazem menção della alguns escritores, dir-vos-hia uma couza que eu tenho por muito certa pera mim, se me derdes licença.

R.—Antes me fareis nisso muita mercê.

O.—Digo que o *cate* é o que chamam Galeno e Plinio, e Dioscorides e Avicena, e Serapioo e Rasis *licium;* e os Gregos lhe chamam *licium,* porque se achou primeiro em Licia (provincia da Turquia) ou porque ahi se achava melhor

nestes tempos, e os Arabios, como Avicena e Serapio o chamam *hacdadh*.

R.—Pois como dizeis que é esse o *licio*, pois que não se chama *cate* por os escritores Arabios, nem por o arabio vulgar? e pois que isto assi é, me dizei porque chamais *cate* ao *licio*.

O.—Chamo-lhe assi, porque todos os escritores modernos e antigos, Gregos, e Arabios, e Latinos, e Indios, todos preferem o *indo* e *licio* a todos os outros; e mais porque é este; e assi o ensinam a fazer todos, como se cá faz; e mais porque as couzas todas pera que aproveita o *licio* uzam nesta terra a fazer do *cate;* mais porque tem as condições que ha de ter o bom *licio;* e aproveita ao fluxo dos olhos e fortifica as gengivas e dentes, e lhe mata o bicho, se o tem criado nelles ou nas gengivas; e aproveita pera a garganta e pera as lombrigas e pera as camaras. E, quanto é a não o chamarem os Arabios *cate,* a isto vos respondo que muitas couzas perdem o nome na propria lingua com o uzo da lingua alhea. E ja póde ser que, se me vir com physicos Arabios, que me digam se tem na lingua arabia outro nome. Porque vos disse que todos fallavam neste simple, digo que Galeno [1] diz que é uma arvore espinosa, e que o melhor é o da India, e que ha muito em Licia e Capadocia, e tem virtude de restringir e de secar; e o mais que diz não faz ao cazo. Plinio [2] dá vantagem ao indo, e diz que se traz em odres de camellos e rinocerontes, e diz

[1] Galeno, VII, *Simplicium.*
[2] Plinio, liv. XXIV, cap. 14.

a maneira como se fazem, e todos concordam. E porque já vos dice como se fazia, nisto não fallo mais.

R.—Por não estorvar a pratica tão boa, não vos pregunto por estes odres, e ao fim vol-o lembrarei.

O.—A tudo vos responderei; e digo que Dioscorides louva mais o da India, e põe a feição da arvore, e não differe da arvore do *cate,* senão em pouco, e mais em a fazer arvore pequena, sendo grande; e diz como se parece ao *buxo,* e que o mais nasce em Licia e Capadocia; e, quando diz o pera que aproveita, diz como os outros que tem a virtude de apertar e confortar. E lendo o capitulo de Dioscorides, vereis como os Indios uzam delle, da maneira que elle diz. Avicena o chama *hacdadh;* diz que é mais forte, e melhor o da India, que o que vem de Meca; o qual de Meca sei eu que é este que vai da India; e diz que quando delle carecermos, que em seu logar ponhamos *areca* e *sandalo.*

R.—Para isto melhor diz a vossa cozinheira que o faz de *bètele,* e *areca* e o mesmo *cate.*

O.—Estes tem isto por uzo do principio da povoação desta terra; e mais Rasis[1] diz que se faz de sumo de *berberis,* feitos muitos bastos por cozimento; e o mesmo diz Serapio chamando-o *hacdabh.*

R.—E os novos escritores o que julgam disto?

O.—Sepulveda diz que o façam de sumo de *madresilva,* e o mesmo diz Valerio Probo: e Laguna diz que carecemos do verdadeiro *licio.* Antonio Musa

[1] Rasis 3, ad Almansorem.

tambem diz que o não conhece, senão que por os sinaes de Dioscorides, lhe parece ser *buxo*. Os Frades desejam muito que se ache o verdadeiro *licio;* porque *feluzalange,* que, por conselho de Avicena, se põe em seu logar, que é a arvore do *licio,* segundo a traducção do Belunense, tambem carecemos della; e que pera pôrem em seu logar *faufel,* que é *areca,* e *sandalo,* como diz Avicena, é mais difficultoso de haver o *faufel,* e mais diz que não sabe bem o que é.

R.—Como não ha muito *sandalo vermelho* em Portugal, se de cá vai, não podem levar muita *areca?*

O.—Sim; mas são os boticarios portuguezes pouco diligentes em haver mézinhas, e muito em haver dinheiro; porque, se elles a pedissem em Portugal na casa da India, leval-a-iam em abundancia.

R.—Assi que, não se achando o nosso *licio,* vós affirmais que aproveitará est'outro indio, e não olhais que se chame *licio,* porque ha o melhor em Licia e Capadocia, que parece que este se deve preferir a todos.

O.—Eu não digo que se deite em logar o *licio indiano* do *licio de Licia,* mas digo que quando falecer o da India, se deite o de Licia; porque esta é a intenção de todos os escritores; e que, quando elle faltar, que uzem do feito de *berberis* e de *madresilva,* ou de *ameixas bravas* estiticas. E ao que dizeis, que se chama *licio* por excellencia por ser de Licia, digo que não é assi com perdão de

vossa mercê, senão porque ahi se achou o uzo delle primeiro, s. achou-se o uzo desta mézinha, que se parecia com a da India, e que por falta e defeito do da India se havia de deitar: e esta é a verdade, e outra não; porque em nenhuma região se uza tanto deste *cate,* como nesta terra.

R.—Levalo-hei desta terra, e uzarei delle; pois que cá fez os effeitos que dizeis; e mais será bem que me digaes se ha nesta terra muitos odres de camellos, e de rinoceros, como diz Plinio, que nelles o levam pera vermos a quantidade delles por o seu coiro.

O.—Eu não vi odres de camellos desta terra; posto que em o Decan e em Guzerate ha alguns camellos, que tem os reis e os capitães, pera levar o fato em guerra; mas nem são tantos os que morrem como cavallos, pera que delles façam odres. E, quanto é aos rinoceros, a que os Indios chamam *gramdas,* não os ha domesticos nesta terra; e pode ser que os haja bravos em Bengala ou no Patane, e nas serras que tem os Patanes os ha, e alguns fazem domesticos. E porém eu não vi algum rinocerote, mas sei que os de Bengala uzam do corno pera a peçonha, cuidando ser o unicornio; mas elle não o é, segundo a intenção dos que bem o sabem; porque o Nizamoxa pesára duzentos vezes a ouro um pouco de unicornio experimentado, e muito melhor tomára o do rinoceros. E sabei que no anno de 1512 foi apresentado a el-rei D. Manoel, que

está em gloria, um que lhe mandou el-rei de Cambaja; o qual elle mandou ao papa, e se deste animal quizerdes ver, lede Plinio [1]; e Estrabo tambem falla deste animal.

R.—Parece-me isso que dizeis que não ha unicornio na India; pois não fallais nelle, e dizeis que o não tem esse rei vosso amigo, sinal é isso de o não haver na India; e pois nós tambem não sabemos aonde haja o tal animal.

O.—Dizem tantas couzas incertas desse animal, que, por não as saber bem, não as queria contar; porque as pessoas que m'as contam, não m'as contam como testemunhas de vista. E comtudo vos direi o que ouvi, a pessoa de auctoridade em seus ditos. E contaram-me que soubera que entre o cabo das Correntes e de Boa Esperança, viam uns animaes que, posto que folgavam com o mar, eram terrestes, e a feição da cabeça e coma era de cavallo marinho; e que tinha corno do qual uzava abaixando-o, ou alçando-o abaixo e acima; e á parte direita e á esquerda, de modo que dizem ser como dedo; e que este animal peleja bravamente com o elefante; e que o fere com o corno, o qual corno é de dois palmos; e dizem ser contra a peçonha: e esta é a fama commum.

R.—Dizem delle, que não querem beber os animaes, até que elle metta o corno na agua.

O.—Não sómente dizem ser bom bebido contra a peçonha, e tem elle esta fama, e diceram pessoas dignas

[1] Plinio, liv. VIII, cap. 20.

de fé que deram *rosalgar* a dois cães, e a um deram dobrada quantidade da peçonha, e a este que a deram dobrada, deram a comer do corno delle raspado, e este viveu; e o outro morreu, que tomou menos *rosalgar,* ametade. E deste animal não sei outras couzas, e porém vi já alguns cornos destes, e mostravam ser pegados na testa. Prazerá a Deos que isto se venha a saber bem; e que elle descubra o que for mais seu serviço; e nisto que escrevi quiz ser mais curto que largo; porque leixe que dizer aos que o melhor souberem.

COLLOQUIO XXXII

DA MAÇA E NOZ

R.—E bem que saibamos dos nomes da *maça* e *noz,* da terra donde a ha (s. em Banda,) e tambem em arabio e latim; e posto que, segundo a ordem, vem primeiro, porque não se pode fallar sem fallar da *noz,* que é fructa, fallaremos na feição da arvore, e folhas e flores, e d'outras couzas medicinaes que da mesma arvore se fazem.

O.—Estes nomes vos direi, pois o perguntei em malaio e malavar, e decanim e persio, e arabio e turco; posto que pera vós não seja necessario mais que o arabio e o latim e o da terra donde nasce, que é o malaio; e portanto digo que a arvore da *noz* é do tamanho da *pereira,* e as folhas são redondas á maneira de algumas de *pereira:*

vem esta noz da Banda, ilhas sujeitas a El-Rei nosso senhor. E posto que digam alguns escritores do Peru que o ha em Maluco, não é assi; porque, ainda que haja a arvore, não dá fructa, e o mesmo é na ilha de Ceilão; são como *pereiras,* ou, por fallar mais verdade, como *pecegueiros* pequenos. É a casca dura, s. a pelle daquella é mais dura que das *peras* verdes; e dahi vai, com sua grossura, a espedir-se ao cabo, com uma casquinha muito delgada, assim como a casca pequena que cerca a castanha nossa; esta chegada á *noz,* e cerca-a toda; a qual *noz* está debaixo, e é como *bugalho* pequeno; e a pelle pequena que cerca este *bugalho,* que já fallei, é a *maça,* e da outra casca grande não fazemos aqui menção; posto que é muito boa, feita em conserva com assucar; e tem o cheiro muito bom, e o sabor muito melhor; tem-se cá esta conserva por muito boa pera o célebro, e pera as enfermidades da madre e nervosas; vem de Banda em jarras de vinagre; e alguns a comem assim feita em salada; porém toda a mais, que vem a esta terra, se faz em conserva de assucar; é muito formoso pomo, e dá bom cheiro á boca; e haveis de saber que, quando esta noz é madura, vai-se inchando, e rompe a primeira casca como fazem os ouriços das castanhas nossas, e fica a *maçã* muito vermelha, parecendo como gram fina; que é a mais formosa couza de ver do mundo, quando as arvores estão carregadas; e ás vezes tambem

a *maça* se fende, e esta é a cauza onde a *noz* muitas vezes não vem cercada da *maça*. E quando esta noz se cura e séca, despede de si a *maça*, e não fica vermelha, senão um pouco laranjada. Vale esta *maça* tres vezes tanto como a *noz;* e esta é a verdade sabida por muitos, que vão a Banda. A qual Banda é terra muito doentia, e se acha ás vezes irem lá muitos, e virem poucos, e comtudo sempre folgam de ir lá, polo ganho muito.

R. — Galeno conheceu esta *noz* e *maça*, ou Dioscorides, ou outros alguns Gregos, ou Plinio?

O. — Galeno[1] faz capitulo, no setimo livro dos simples, e diz que se traz da India: e porém a outros muitos e a mim parece que não conheceu a *maçã* (posto que a chame *macir*), e isto por muitas razões: uma é, porque a faz temperada entre quente e frio, sendo quente e seca no fim do segundo, ou dentro no terceiro; e diz que aproveita com sua estiticidade, e com seu apertar as desinterias, e aos que deitam sangue; que não é couza que Galeno dicera, se conhecera; tanto mais que Averrois[2] diz que esta é uma das mézinhas que não conheceu Galeno, e a muitos modernos pareceu *macir* dos Gregos, e a *maça* dos Arabios serem diversas mézinhas, e esta é a cauza porque Avicena[3] faz dois capitulos, s. o capitulo 456 da *maça*, o capitulo 694 de *talicifar;* e fez isto imitando aos Gregos; ainda que elle nunca viu o *macir*

[1] Galeno, liv. VII, *Simplicium.*
[2] Averrois, 5 Collig.
[3] Avicena, liv. II, cap. 456 e 694.

delles, teve-os sempre em muita auctoridade e veneração; não lhe parecendo que poderiam errar; quanto mais que Dioscorides[1] e outros dizem ser casca de raiz, e não de fructo; e Plinio affirma não conhecer este *macir;* quanto mais que se estes Gregos conheceram a *maça,* não passaram em silencio a *noz;* porque nenhum delles fallou della; e do *macir* souberam tam pouco, que Galeno[2] diz trazer-se da India, e Dioscorides[3] trazer-se da Barbaria; por onde parece que nenhum conheceu a *maça:* nisto não deve haver alguma dúvida.

R. — Pois não falta dos modernos quem diga que o *chrisobalanus* escrito de Galeno é a *noz* dos Arabios.

O. — Esses não tem razão, e tem contra si muitas couzas que lhe falecem, na feição, e na côr e no sabor.

R. — Os Arabios souberam da *noz* ou da *maça* alguma couza?

O. — Senhor, sim; em especial Avicena fallou mais distinctamente.

R. — Pois Serapio[4] allega aos Gregos nestas mézinhas.

O. — Fez isso porque havia medo de dizer couza contra os Gregos; e não vos maravilheis disto, porque eu, estando em Hespanha, não ousaria de dizer alguma couza contra Galeno, e contra os Gregos; quanto mais que, bem olhado, não é muito serem umas mézinhas em uns tempos conhecidas e em outros não; porque sempre se acham mézinhas novas; e certamente que, se os Gregos souberam do *pao da China,* muito o louvaram, e fora bem celebrado delles;

[1] Liv. I, cap. 96.
[2] Galeno, VII. *Simplicium.*
[3] Dioscorides, liv. I, cap. 94.
[4] Serapio, cap. 2 e 161.

mas Averrois[1] ousadamente diz que eram certas mézinhas, que os Gregos não conheceram.

R. — Ora pois quereis sair com a vossa em imitar esses barbaros, dizei os nomes da *noz* e da *maça*.

O. — Sou contente; a *noz* se chama na terra donde nasce *palla*, e a maça *bunapalla;* em decanim se chama a *noz, japatri*, e a maça *jaifol;* em arabio chama a *noz* Avicena *jauziband* (que quer dizer *noz de Banda*) e á *maça* chama Avicena[2] *besbase;* a derivação do qual nome nunca pude saber. E estes são os nomes arabios mais verdadeiros que todos; bem que muitos Mouros e Arabios, e Turcos e Coraçones lhe chamam outros nomes corruptos, que se foram corrompendo com os tempos; e assi os livros se foram corrompendo, que Averrois, sendo muito bom Mouro, lhe chama *geoza;* e em Serapio estão muitos nomes corrompidos; e pois estes, sendo Mouros, erraram, não é muito Matheus Silvatico errar. A *maça* se chamou *maça* pela semelhança do *macir*, porque o pintam os Gregos vermelho.

R. — Se *noz* em arabio se chama *geauzi*, logo os Arabios devem fazer menção da *noz da India*, que é o chamado *coco*.

O. — Si, fazem menção os Arabios de todas as nossas, como vos dice no *coco*, que lhe chamavam *geausi alindi;* e á nossa *noz* chamam *geauzi*, no mais; e esta é a cauza porque á cidade Pacence, a que chamamos Badajoz, havendo-lhe de chamar *guadalgeauzi*, que quer dizer *rio de nozes*, lhe chamaram corruptamente Badajoz.

[1] Averrois, 5. Colliget.
[2] Avicena, liv. II, cap. 456.

R. — Quem vos dice isto, e como o sabeis?

O. — Um Judeu que foi a Portugal, nascido no Cairo, que levou a Portugal as novas do Soldão Badur, e chamado por nome Isac do Cairo, homem discreto e sabedor de muitas linguas, lhe perguntei eu se Guadalupe queria dizer *Rio de lobos,* como diz Lucio Siculo Marineo: o qual me respondeu que não, senão que queria dizer *Rio do amor;* e eu lhe dice que um homem muito douto escrevia esta derivação; elle me dice que a derivação, quando podesse ser tudo de uma lingua, era melhor que não fazer uma parte de uma lingua, e outra de outra lingua; e assi como *goa dalupe* tudo junto em arabio se interpreta *Rio do amor.*

R. — Ainda que isso não é physica, tambem folgo de o saber mais que outras couzas, pera tirar o fastio.

O. — Porque não fiqueis sem elle, sabei que da *maça* se faz um oleo, muito boa mézinha pera os nervos, e muito uzado vir de lá de Banda.

COLLOQUIO XXXIII

DA MANNÁ PURGATIVA, ONDE SE FALLA D'OUTRAS MUITAS COUZAS, QUE SÃO MENOS MEDICINAES, E SÃO DE HISTORIA, E BOAS PERA AS SABEREM ALGUMAS PESSOAS.

R. — As couzas que são muito necessarias, e mais uzadas, é necessario serem muito sabidas; e por esta cauza queria muito saber da *manna,* que vos é cá tanto em uzo; e pera isto é razão que olheis muito

bem o que me dizeis, pera que não haja que replicar. Não quero saber se escreveram os Gregos della, nem como lhe chamaram, porque isto assaz escrevem os escritores modernos.

O. — Certamente que, porque vi esta mézinha muito boa e com suave sabor e cheiro, e fazer os effeitos que della queremos muito bons, não procurei saber muito della; somente o sei que ha de tres maneiras trazida de Ormuz, da provincia de Usbeque: a maior e a primeira, que é esta que aqui vedes nas boticas em frascos, semelhante a confeitos, e no sabor a favos de mel, chama-se *xirquest* ou *xircast,* que quer dizer leite da arvore chamada *quest,* porque *xir,* na lingua da Persia, quer dizer leite; de modo que é um rocio, que cae naquellas arvores, ou goma que nasce dellas; e nós corrompendo-lhe o nome lhe chamamos *siracost;* porque Avicena era desta provincia de Usbeque, de uma cidade dita Bocorá, como vos já dice, será razão que lhe saibà bem o nome: pode-se bem ver isto em Avicena[1] donde falla della. A outra dita *tiriamjabim* ou *trumgibim,* como diz o Belunense, dizem que nasce sobre os cardos, e vem em pedacinhos, algum tanto de cor roxa ao parecer; e dizse que estes se tiram dos cardos, sacudindo-os com pao, e são mais grandes que coentros secos os grãos; e a cor, como vos dice, entre roxa e vermelha. O vulgo tem que isto é fructo, mas eu soube que era goma ou resina: elles tem esta por

[1] Avicena, liv. II, cap. 172 e 490.

mais sam que a que uzamos; e desta uzam mais na Persia e em Ormuz; porque a que aqui uzamos não a dão aos moços, senão quando passam de quatorze annos; mas comtudo vos sei dizer que a uzo des que vim a India, e sempre achei purgar sem damno algum. Vem outra em pedaços grandes, e vem com folhas misturadas; esta parece como a de Calabria, e vale mais dinheiro, e vem pola via de Baçora, cidade muito nomeada na Persia; e vem ás vezes outra aqui a Goa, derretida em odres, que parece mel alvo coalhado: desta me mandaram de Ormuz, porém corrompeu-se nesta terra muito asinha; porque os frascos de vidro a conservam muito. E por aqui digo que não sei mais desta mézinha.

R. — Certamente que vos ouvira muito tempo, se fallareis mais; mas pois que não quereis mais dizer, me dizei que provincia é esta de Usbeque.

O. — A provincia de Usbeque é Tartaria, chamada por nós de uma cidade dita Tartar, que ha nella, e o homem que é natural della chamam-lhe Tartar e aos outros chamam-lhe Usbeques, como quem dicesse Toledano ou Hespanhol, Lisbonez ou Portuguez. Eram estes Usbeques uma parte dos Mogores, e de poucos tempos pera cá se isentaram. São estes Usbeques muito valentes homens, são grandes frecheiros a pé, a cavallo, tomam soldos dos reis estranhos:

eu conheci um com o Hidalcam, chamado Meliquetartar; e outro com o gram rei de Cambaia, dito Soldão Badur. Estes Usbeques confinam com os Chins per outra parte, segundo me diceram; e póde ser que estes sejam os Parthos, tão aborrecidos dos Romanos, mas eu vos confesso não saber desta cosmographia pela terra, muito bem.

R.—Dicestes-me que vinha essa *manná* pola via de Baçora; queria saber, se é essa Babilonia, primeiro assi chamada, ou se é a Bagadá, que está mais adiante.

O.—Assi Baçora como Bagadá estão na mesma Mesopotamia; mas nenhuma é Babilonia; posto que vulgarmente se tenha que Bagadá é Babilonia, mas soube muito certo que a Babilonia verdadeira dista de Bagadá ou está apartada dez ou doze leguas. Está muito desfeita, e pouco celebrada dos homens; isto me dice Jorge Gonçalves, um mercador discreto, e grande inqueridor das verdades, e de muito bom saber, que lho dicera um homem natural da propria Babel; e diz que Babel está chegada ao Eufrata e a Bagadá está junto de um rio chamado Digila, e não Tigris; nem este nome Tigris é usado agora.

R.—Esta Baçora e Bagadá cuja é agora? Do Turco ou do Xa Tamaz?

O.—Primeiro eram de outros reis, e tomou-lhas o Turco.

R.—Que titulo é o do Xa Tamaz e do Turco?

O.—O Xa Tamaz se chama *xá*, que quer dizer *Rei*

por excellencia e todos os outros reis se chamam *paxá,* que quer dizer *pé de rei;* assim como o Rei de Ormuz, e o Rei de Lara e outros reis; e o Turco chama-se *Honencar,* que quer dizer *fazedor dos Senhores,* porque *hon* em persio quer dizer *senhor,* e *ecar* significa *fazer;* mas o seu assignado não é conforme a este ditado, porque é muito humilde.

R.— Como se assigna?

O.—Faquir Soleimão, que quer dizer *o pobre Soleimão.*

R.—Pois com todas essas humildades ha de ir ao inferno.

COLLOQUIO XXXIV

DAS MANGAS

R.—Gabaram-me tanto as *mangas* que cá tendes, quando é o seu tempo, que me dicerão que podiam competir com *melocotomes;* e pera mim é necessario saber das fructas desta terra todas. E isto como não o quero, senão pera mim, não vos pese de o escrever.

O.—Quanto mais dicerdes dessa fructa no sabor tanto acertareis mais; porque eu não vol-a gabo pera mais outra couza que pera vós; e certo que ha alguns Portuguezes tão pertinaces, que querem antes morrer, que confessar que ha cá alguma fructa igual á de Portugal, havendo cá muitas fructas que lhe fazem vantagem, assim como são todas as fructas de espinho, porque os limões de cá são tão grandes que parecem cidrões, e muito tenros e saborosos, em especial os de Baçaim; e as cidras são muito melhores e tenras; e as *limas* muito mais melhores; e quanto ás *laranjas* excedem em grande maneira a todas as nossas, e muito mais que todas

as de Pegú e Martavam, e Brinjam e Ceilão: na da China não fallo, porque é couza fóra da India, e em outras muitas.

R.—Eu vos confesso que todas as fructas de espinho são melhores; mas o excesso e melhoria não é grande, afóra as laranjas que muito gabastes, se são como umas que vos aqui trouxeram de Cochim; porque estas, eu vos confesso que fazem grandes vantagens ás nossas, em suavidade e sumo; e mais o entrecasco dellas (que é a casquinha que cobre e amago) não amarga couza alguma, antes, aparada uma laranja, a comeis com mais excellente gosto do mundo; o que não acontece nas nossas laranjas, porque sempre a casquinha amarga; e cá não tãosomente não amarga, mas ainda provei a de cima, e não me amargou, senão muito pouco; mas as outras fructas, que cá tendes na India, se são louvadas, é porque não tendes boas *uvas* e bons *figos*, e *peras* e *camoezas*, e outras muitas fructas que em Hespanha temos; de maneira que estas vossas se podem chamar boas, á falta de outras melhores. Eu pera mim queria antes as fructas de Portugal que as vossos *mangas* e *doriões* que tanto gabais.

O.—Os *doriões* eu não os gabo, senão de ouvida, porque os não vi: mas as *mangas* sei-vos dizer, que as ha em Ormuz no tempo que vem a vender-se na praça *uvas* e *figos*, e muito boas *romans* e *pecegos* e *albucorques*; e, em quanto ha mangas na praça, não se compram, senão de quem não pode comprar as *mangas* polo muito preço dellas.

R.—Será isso como dizeis; folgara que as houvera daqui até janeiro pera ver e crer.

O.—A monção dellas é nas terras temporans em abril, e nas outras terras serodias em maio e junho; e algumas vezes vem como rodolho (que chamam em nossa terra) em outubro e novembro.—Moço, vai ver que dois navios são aquelles, que entram, ja os vi daqui desta varanda, e parecem couza pequena.

Servo—Logo virei com o recado.

O.—Nascem as *mangas* no tempo que eu dice, e as de Ormuz são as mais gabadas; e as do reino do Guzerate tambem são muito boas, em especial algumas que chamam guzeratas, que não são tão grandes, porém tem grande cheiro e sabor: o caroço é muito pequeno, e as do Balaguate universalmente são mais grandes e muito saborosas: eu vi duas que pesavam quatro arrateis e meio: as partes do Balaguate em que as provei melhores são as de Chacana e Quidur, e Madanager e Dultabado (cidades principaes do Nizamoxa): tambem são muito boas em Bengala e Pegú, e Malaca.

S.—Senhor, é Simão Toscano, vosso rendeiro de Bombaim, e traz este cesto de *mangas*, pera que apresenteis ao Governador; e diz que, como amarrar a fusta, virá logo cá pousar.

O.—Vem a melhor tempo do mundo: eu tenho uma mangueira naquella minha ilha, que dá duas novidades, uma neste tempo, outra em fim de maio, e quanto a outra fructa excede a esta em bondade, e cheiro

e sabor, tanto excede esta em vir fóra do tempo, e porém provemos nós primeiro esta fructa que Sua Senhoria.—Moço, tira dahi seis *mangas*.

S.—Aqui vem vinte *mangas;* e as seis dellas vem damnadas; tomareis seis: as somenos e as outras levarei a Sua Senhoria; porque é bem dar-lhe o melhor.

O.—Dá-as cá, e estas querem-se cortadas com facas muito agudas, porque não se damne o corte; e quero-vos fazer a salva; rezoadas são pera este tempo.

R.—Se agora são rezoadas, daqui vos digo que em outro tempo excederão todalas fructas de Hespanha.

O.—Pois quero vol-as dar a comer de outra maneira; moço, apara essas *mangas,* e faze-as em talhadas, porque tem assi melhor sabor, principalmente deitadas em vinho cheiroso, como durazios.

R.—Verdadeiramente que estas duas que tem mamilos se me parecem com *pecegos* calvos, porque a cor é entre vermelho e verde claro, e o cheiro é proprio delles.

S.—Eil-as aqui.

O.—Provai d'ambas as maneiras, com vinho e sem vinho.

R.—Com vinho e sem elle me sabem bem em tanta maneira, que me parece que será necessario ficar cá este anno, pera provar as outras; e ir o anno que vem: mas não me parece que me dará meu irmão licença.

O.—Nisto não ha mais que dizer: peço-vos por mercê que isto que aqui passa não o escrevais, porque me não tenham por tão leve que faço cazo por tão baixas couzas.

R.—Não sam tão physico, como cuidais, porque

tambem me prezo de ser homem de corte, e dar razão de mim, e portanto dizei-me de quantas maneiras se costumam comer.

O.—Em conserva de assucar; em conserva de vinagre e azeite e sal; recheadas dentro com gengivre verde e alhos; salgadas, cozidas, e de todas estas maneiras as vistes já, e provastes nesta caza.

R.—De que compleição são?

O.—Frias e humidas; isto está claro, conformando-se homem com os canones do segundo d'Avicena, e ditos de Aristoteles, no quarto dos Meteoros, e em outras partes; e porque eu ando remoto dessas partes escolasticas, vos não dou mais razões, senão que as faço, como pecegos; e mais ellas são no principio ponticas ou estiticas, e depois azedas, e no fim doces; e quanto são mais chegadas ao caroço, tanto mais azedas, por onde parece serem frias e humidas.

R.—Todas essas razões me parecem boas; mas cá se diz commumente que são quentes; e alguns physicos que de cá foram, m'o diceram em Portugal; e dizem que fazem burbulhas aos que as comem, e já pode ser, que tenham alguma razão nisto.

O.—Já cá tive pratica sobre isso com alguns physicos, e não me satisfizeram com essa razão, nem outras que deram, porque as burbulhas desse tempo são pola quentura demasiada, que entonces ha; de maneira que as *mangas* não são cauza das burbulhas, se não acertam de vir em o tempo dellas, e não é inconveniente per putrefacção, fervendo esses fructos no estomago, cauzarem-se febres colericas

ou sanguinhas, ou fleumões, ou erisipelas, que são enfermidades quentes; assim como acontece apodrecerem-se os pecegos, ameixas, e cerejas e melões, sendo fructos frios e humidos.

R.—Os caroços aproveitam pera alguma couza, ou ellas pera a physica?

O.—Não mais que somente ouvi dizer que, assados os caroços, aproveitam para os fluxos; e eu os provei, parece-me que dizem bem; porque sabem a bolotas de sovereiro, que em nossa terra chamam landes, e os caroços, s. o miolo delles, dizem que mata as lombrigas, quando é verde; e tem razão, porque amargam.

R.—Se as fructas fossem todas taes como esta, não é muito os Baneanes, que dizeis, não comerem carne. E pois agora vem ao proposito, me dizei quem são estes Baneanes ou Brâmenes, que dizeis não comerem carne; e se são os genosophistas que dizem; porque estes uzam os mesmos vestidos que os escritores escrevem; e mais, segundo os ha em muitas partes que vão do Guzerate e do Decan, não é muito aprenderem elles no Egipto, e nessas partes, onde diziam que provicavam sua doutrina, porque diz que vão a Arabia e Persia, ao Egipto.

O.—Estes são; posto que agora se deitam mais a serem mercadores que lettrados; e ha delles muitas especies, e todas são conformes em não matar, nem comer couza que padeça morte; o qual preceito guardam em tanta maneira que resgatam e compram aves, para as deitar a voar; não comem rabãos

nem cebolas, nem alhos, nem uns bredos, que parecem vermelhos, por cauza da cor; dão ás formigas agua com assucar, dizendo que fazem esmola aos mesquinhos; deitam agoa aos passaros, e vem a beber cada dia; e muitos dos que morrem deixam uma certa quantidade pera pessoas que caminham em despovoado, e que deem agua aos caminhantes. Eu vi em Cambaiete um hospital de passaros, onde os curam, se vem aleijados e doentes; e ahi vi curar papagaios e muitos outros passaros; e como saravam, não tornavam mais a caza, e andavam no campo: não bebem *vinho,* nem *vinagre,* nem *ninpa,* nem *orraca,* nem *vinho de passa.*

R.—E esta opinião da transmigração das almas, tem-a outros gentios desta India?

O.—Sim tem; s. os Bramenes do Balaguate e Cambaia, e do Malavar, e outros de que não tenho certa noticia; e estes todos lavam o corpo primeiro que comam, e são mais venerados que os Baneanes; e estes servem aos reis de veadores da fazenda, de escrivães e recadadores das rendas, e de embaixadores.

R.—E estes que aqui chamaes Brâmenes tem estes costumes?

O.—Estes, e os da fralda do mar (que chamam Cuncam) comem todas as mais das carnes, excepto vaca, e porco creado em caza; e porém todos tem a transmigração das almas: e sem isto tem mil couzas dignas de muito riso, que vol-as não digo, por não gastar mal o tempo; e os Baneanes jejuam muito, e á noite

comem pouco, s. assucar, e agua ou leite bebido somente; e ha alguns muitos religiosos, que jejuam vinte dias, sem comer; como me dice um homem muito digno de fé.

R.—Diz Avicena [1] que os experimentadores Indios diceram que não comessem leite e peixe, porque cauzavam lepra; dizei se o dizem assi os physicos desta terra, ou d'outra que saibais.

O.—Os gentios, pola mór parte, comem leite, e alguns peixe misturado; e porém não sei se dizem desta mistura tanto mal como isso; porque os physicos Indianos, que conversei, nem damnam esta mistura, nem a vituperam tanto; quanto mais que a mór parte dos gentios comem peixe frito com manteiga; por onde parece, que este dito de Avicena não foi senão assim como se achou escrito com a fama publica, e isto podia ser dito por algum physico antigo, que, por vender melhor seus ditos, dice que assi o diziam os experimentadores da India, porque qualquer terra que estava longe e era ignota, chamavam Indias os antigos.

R.—A vós, como vos é noto, que esta terra em que habitais, se chama India assi pola gente da terra, como por nós, e como sabeis isto? Porque não me parece verosimil o que diz o escritor da Nova Hespanha, dizendo que os Indios occidentaes e os do Brazil se pareciam aos Indios orientaes; e mais porque a Ethiopia era chamada India dos antigos; portanto dai outra razão, porque esta se chama India, e se o é tambem a outra occidental.

[1] Avicena I, cap. 7.

O.—O vosso escritor imitou aos Castelhanos, que fazem as suas couzas maiores; e por isso enchem a boca com dizer *las Indias ocidentales;* e não somente não são as vossas terras Indias; antes nunca foram sabidas dos antigos, nem o Brazil; se lhe não quizerem chamar Indias, por serem terras ignotas e distantes; mas esta nossa India era assi chamada no tempo de Alexandre, como até agora; do qual Alexandre elles tem muitas historias mais que nós; e é entre elles mais celebrado (chamando-lhe *Ezcader);* quanto mais que o rio Indo, do qual se chama India, não está apartado de Goa mais que duzentas leguas, e é chamado da gente da terra Diul; e mais aos homens desta terra os da Arabia e Persia, se lhes querem perguntar, se são Mouros ou Gentios, perguntam-lhe per estas palavras: Tu és *Mosalmão* ou *Indu?* E se elle é gentio diz que *Indu,* e se mouro diz *Alhandulila,* que quer dizer «graças a Deos», porque *Mosalmão* quer dizer *salvo;* e por aqui vereis quão soberbos nomes poem os Mahometistas ás suas couzas; e quanto mais que a fama commum da Persia, e Coraçone, e Arabia e Turquia, chama a esta terra *Industam,* e á Arabia *Arabistam,* e á Christandade *Franguistam,* porque *istam* quer dizer região, e *indu* India.

R.—Tudo isso me parece muito bem, somente o *Franguistam;* porque eu cria, com muitos que de cá vão, que se chamavam *Frangues* os Portuguezes, porque *frangues* quer dizer boubas, e assi

em vituperio lhe chamavam assi, como quem diz os *boubentos,* os *leprosos*.

O. — As *boubas* não se chamam *frangue,* senão *fringui;* as quaes *boubas* não são ácerca dos naturaes da terra infamadas; porque do principio as tiveram cá e no Brazil, e nas vossas chamadas Indias; e não falta quem diz, dos vossos historiadores, que vieram das vossas Indias; vindo dellas os Castelhanos no anno de 1493, um anno depois que foram a Napoles, pera ajudar na guerra a el-rei D. Fernando de Napoles, e que as apegaram a muitas mulheres cortezans, e ellas apegaram aos Italianos da terra, e dahi lhe chamaram *morbo napolitano;* e em vendo-se os Italianos infamados com este nome, lhe chamaram *enfermidade franceza;* e porque havia lá muitos Hespanhoes e Castelhanos, lhe chamaram os nossos Portuguezes *sarna castelhana,* e nisto não ha mais que fallar.

R. — Pois porque cauza lhe chamam aos Portuguezes nesta terra *frangues?*

O. — Eu vol-o direi; porque não tamsomente o chamam aos de Portugal, mas a todos os christãos do ponente: e a cauza disto foi porque os primeiros christãos conhecidos na Asia eram Francezes, chamaram a christandade *franquia;* e assi lhe chamam em Ormuz, e em todas essas terras; e aos que nas suas terras moram. E eu, quando vim de Portugal, perguntava a um christão, que havia sido judeu, sendo Hespanhol, e morava no Cairo, quantos christãos havia no Cairo no tempo

que era do Soldão, e quantos judeus, e diziam-me tantos mil christãos, s. tantos Arabios, e tantos *Francos* e judeus, diziam que havia tantos *Francos:* perguntava-lhe eu que queria dizer *Franco,* respondiam-me que *Francos* eram christãos da Europa; e *Franquia* era a Christandade, e por aqui faço fim ás vossas perguntas.

COLLOQUIO XXXV

DA MARGARITA OU ALJOFAR, E DO CHANCO; DONDE SE FAZ O QUE CHAMAMOS MADREPEROLA

R.—Umas das pedras medicinaes é *aljofar;* ou seja chamada pedra ou não, já está em uzo chamar-se assi na physica.

O.— Chama-se *perla* em castelhano e *perola* em portuguez, e em latim *unio,* e isto no *aljofar grande;* porque o miudo chama-se em latim *margarita,* e em arabio *lulu,* e em persio, e nest'outras gerações da India, *moti,* e em malavar *mutu,* e em portuguez e castelhano *aljofar.*

R. — Donde se derivam estes nomes?

O. — Dos latinos, castelhanos e portuguezes vos darei logo razão, e dos outros perdoar-me-heis, porque não o sei: *perla* e *perola* se dizem de *prefero, preferes;* porque tem iminencia, e é preferida a todas outras do seu genero: *unio* se diz, porque de maravilha se acham duas conformes em grandeza e figura; e em ser viva *aljofar* se diz, porque em arabio quer dizer de *Julfar,* que é o principal cabo, donde o ha cá, s. o melhor

é de *Julfar*, que é um porto na terra da Arabia confim ao estreito que chamamos de Ormuz, e o melhor é o pescado em Barem, Catifa, Julfar, Camarão, e outros portos desta costa: e porque o mais noto a nós era *Julfar*, e os Hespanhoes uzamos da lingua arabia, e chamamos-o assi quasi trazido do porto de *Julfar*.

R. — Folgo de saber esta derivação: e porque chamam orientaes a estas perolas boas, por ventura porque eram de cor dourada?

O. — Não, senão porque vinham da banda do Oriente, e porque este estreito de Ormuz era oriental a respeito da nossa Europa, o chamam assi.

R. — Ha em mais cabos que neste o aljofar?

O. — Este é o melhor e mais grosso, e tambem o ha cá do cabo de Comorim até á ilha de Ceilão. Esta pescaria é de El-Rei nosso senhor, e ainda que lhe podia render muito, por ser tão zeloso da fé, gasta mais do que lhe rende, em mais de cincoenta mil christãos, que se fizeram em o principio; e foi feita esta christandade per um varão, não menos virtuoso que lettrado, chamado Miguel Vaz, vigario geral que foi da India; e foi depois accrescentada esta christandade per Mestre Francisco Theologo, que foi principio desta sancta Companhia, juntamente com o Padre Ignacio, cujas virtudes e santidades, se se houvessem de escrever, se faria um grande livro. E agora esta christandade é acompanhada e favorecida polos padres, e irmãos da Companhia de Jesus, e está decorada por

martirio de alguns religiosos desta sancta Companhia. E este *aljofar*, que nesta pescaria se pesca, é mais miudo; porém ha entre estes algum muito bom, e tambem o ha grosso; mas pola maior parte não é tão grosso como o de Barem e Julfar, nem de tanto preço: ha-o tambem em Borneo, e ainda que é muito grosso, não é de tão boa feição: vem tambem da China, ainda que não é tão bom. E quanto é ao que vem das terras e ilhas do vosso rei, e do que ha em Europa, vós o sabeis melhor que eu; e porque eu não sei contradizer, sem claramente ver razão pera isso, não digo que os escritores do Perú dizem mal em dizer que ha perolas verdes, e outras muitas couzas nesta materia.

R.—Vem tanto e tão bom *aljofar* dessas terras que dizeis, que meu irmão, o feitor, traz somma delle pera vender cá, e diz que dobrara o dinheiro duas vezes nelle; e portanto não sei como dizeis que é mercadoria pera Portugal o *aljofar*.

O.—Tudo póde ser verdade; porque o *aljofar* que de cá vai, e as *perolas*, é grosso e redondo, e em toda perfeição: e o que de lá vem das Indias são uns barrocos mal afeiçoados, e não redondos, e com agoas mortas.

R.—E valem cá mais os maos que os bons?

O.—Não, senão a má feição delles recompensa-se com mais pouco preço cá na India, que em Hespanha, porque em Hespanha, de redondo a não redondo, de vivo a morto, de boa feição a má, vai grande differença, que a *perola* que tem

estas perfeições, se vale lá dez, a que não as tem vale dois ou um, e cá não é assi ácerca dos Canaras, que são os habitantes em Bisnager e seus reinos, senão, se a de toda a perfeição vale dez, a imperfeita, no mesmo pezo, vale cinco ou quatro: de maneira que póde vosso irmão dobrar a mercadoria cá, e levando *aljofar* da India ganhar lá dinheiro.

R. — Bem está, mas eu sam physico, e quero saber como se pescam, e uzam cá dellas os physicos nas mézinhas; e se as ha furadas e não furadas, e per natureza sem arte, como alguns dos nossos doutores escrevem, dizendo: «Toma *margaritas* furadas e não furadas». E assi me dizei, se nisso não levardes trabalho, qual é maior *perola* que vistes, e o aljofar uzado na botica donde vai, e o preço que vale a onça delle?

O. — Acha-se nas ostras, que pescam nos tempos já sabidos pera isto; e as ostras que andam no mais alto, trazem mais grosso *aljofar;* e as que andam em mais baixo pégo, tem o mais miudo, e poem-as a secar, e abrem-se; e na carne dellas acham o *aljofar,* depois da carne ser seca, algum tanto; e acha-se em uma ostra, ora muitas, ora poucas, segundo a concha é; e não já uma só, como alguns diceram, em que acham mais de duzentos grãos: dizer que ha *aljofar* furado per natureza, foi querer fallar de graça, e fingir fabulas ao saber do seu pádar; e nas mézinhas uzam deste *aljofar* os Gentios algum tanto, porém os Mouros uzam

uzam muitos delles em todas as mézinhas cordeaes, assi como nós uzamos; e as melhores destas ostras pera dar os *aljofares* são umas ostras lisas e brancas, a que a gente da terra chama *cheripo;* e fazem dellas colheres e buzios para beber; e tambem nas nossas óstras, que comemos, ha *aljofar*, mas não é tão bom; e a maior *perola,* que se acha no cabo de Comorim, é do peso de cem grãos de trigo, e vi outras maiores vindas de Borneo, mas não de tão boa feição; e outra de cá, que pesava cento e vinte grãos de trigo, ou quarenta quilates, que é o mesmo. A de peso de cem grãos de trigo, que são vinte e cinco quilates, a que chamam *calanja,* vale mil e quinhentos cruzados. Nos mais preços vos não fallarei, porque melhor é ser philosopho, que mercador. O *aljofar* se joeira ou peneira, em umas peneiras de latão, e as que per um buraco saem, valem a tal preço a oitava; e as que não podem sair por elle, nem por outro mais grosso, valem a mais preço; e as que saem per outro buraco mais grosso valem a muito mais; e os mercadores desta terra tem estas joeiras, e per ellas fazem seus preços; e esta é uma conta muito sutil, que vosso irmão folgára de saber; porque tem umas regras muito artificiosas; e o *aljofar*, que é tão meudo, que se não pode furar, vendem-no pera botica, e pera o levar a Hespanha: vale uma onça menos de um vintem.

R.—Desfalece o *aljofar* per tempo no peso?

porque me dizem que sim, e porisso não era bom pera thesouro.

O.—Sim, desfalece; e porém não o experimentei; e o que se diz, e o que se tem por mais certo, é que o *aljofar* pescado em minguante da lua é o que falece per tempos, e o outro não, e isto se tem por muito averiguado.

R.—Se este *aljofar* não estiver tão limpo e polido, como faremos que tenha vivez e limpeza, e polimento? Dizei-me isto, se o sabeis, porque não sois tam philosopho, como mostrais, que tambem quereis ter perolas e pedras, como os outros.

O.—Sim sei, e dirvol-o-hei. Tomai arroz mal pisado e sal, e esfregai-o com elle muito, e ficará tão limpo, como o melhor do mundo.

R.—E o outro de que fazem as couzas, que chamamos de *madre perola,* é esse que chamais *cherípo?*

O.—Não, senão outro que chamam *chanco,* de que fazem cofres e mezas e contas; porque, ainda que por defóra seja tosco, pela parte de dentro é muito liso, e formoso. E este *chanco* mercadoria pera Bengala, e ganhavam n'outro tempo mais, que se ganha agora; e estes *chancos* grandes, a que nós chamamos buzios, que vão a Bengala, lavram-se lá muito formosamente; ficam muito lisos e brancos, e isto se gasta em pouca quantidade; porque o mais se gasta em manilhas, e em outras peças. E foi em Bengala até agora um costume, que nenhuma pessoa honrada e de preço, que fosse virgem, podesse ser corrompida, senão tendo manilhas de *chanco* postas nos braços:

e depois que vieram os Patanes se perdeu este costume algum tanto; por onde o *chanco* vale agora mais barato; e vedes aqui um taboleiro de tabolas e emxadrez, de que vos faço serviço, pera verdes o *chanco* á vossa vontade.

R.—Mercê muito grande é pera mim; e porém me dizei destas tabolas pretas do emxadrez de que são?

O.—De tartaruga; e tambem se fazem desta tartaruga couzas muito frescas; e não fallo nella, porque não é couza medicinal; porque fallámos ja muito nestas couzas, que não fazem cazo a physica.

COLLOQUIO XXXVI

DO MUNGO, MELÃO DA INDIA, A QUE CÁ CHAMAMOS PATECA

R.—Todas as couzas enfastiam, por saborosas que sejam, quando se come muito dellas; e assi me acontece a mim, que com simples medicinaes, quando me fallais muito delles, ainda que sejam couzas de notar, e por esta cauza é bem que sempre nas mezas haja couzas, que incitem o appetite, assim como *alcaparras,* e *azeitonas;* e eu fiquei tão gostoso das *mangas*, que tomaria agora que fallassemos em outra fructa alguma da India.

O.—Darvos-hei a comer *patecas* ou *melões da India.*

R.—Não sejam de uns *melões* que aqui vi, em casa, que me enganaram; porque me cheiram ao mais fino melão do mundo; e quando o provei achei-o de sa-

bor da lama, e a cauza foi uma vossa compradeira, que me enganou; perguntando-lhe eu, se era bom, dice-me que si; e eu porque vejo nesta terra pepinos, como os de Portugal, pareceu-me, que tambem haveria *melões* como os nossos.

O.—Ella fallou-vos segundo seu gosto, e como pessoa que não comera melões em Europa; e porém sei-vos dizer que em Dio ha melões, que se podem muito bem comer; porque são arrazoados no sabor, e no cheiro, como os de Portugal; e assi os ha em muitas partes do Balaguate; e os que ha em Ormuz são tão bons como os de Hespanha; mas não são estes os melões de que vos quero fallar; senão os outros que os Portuguezes de cá chamamos *patecas,* e é um melão grande e redondo, ou de feição oval, por melhor dizer; não se come cortado ao comprido, como nós comemos o melão, senão cortado ao largo: é redondo, tem a semente preta, quando é maduro, e quando é verde, branca; e posto que não é doce, como os nossos melões, é muito suave, e esfria muito, humedece, desfaz-se todo em agua, e é muito bom nos *causomés* (sic) e pera todas as febres colericas, e esquentamento do figado, e rins, segundo vemos cá por experiencia; provoca muito a orina, e os sãos o costumam cá tomar quatro horas depois de jantar, que é o tempo mais quente; e a mim parecia-me melhor começar por elle os jantares; a semente destes melões provoca somno, e são as melhores sementes frias que cá temos,

posto que não carecemos das outras; e em estes generos de melões não se pode duvidar da sua compleição ser fria e humida; porque nos nossos melões, por serem abstersivos ou alimpadores e doces, duvidam alguns na sua compleição ser fria; e porque vejaes tudo ao olho, e sejais testemunha de vista, assentai-vos a comer, e provareis deste melão chamado de nós *pateça*.—Moça, traze cá esse melão ou *pateca*.

Serva.—Melão vossa mercê não o soe comer: mas aqui estão *patecas* que vieram de Chaul, e outras melhores de Dabul. Eil-as aqui.

O.—Quero-vos fazer a salva, deitai as pevides fóra, e provai que boa está esta *pateca*.

R.—É uma das melhores fructas que vi em minha vida; e em certos tempos a queria antes que os nossos melões; porque não farão mais que alterar, e muita parte parece que ha de sair pela orina, e alguma por camaras; e não ficará lá couza sujeita a corrupção, como acontece nos melões, e pepinos e cogombros; e eu levarei estas sementes pera em Hespanha semear. Mas dizei-me o nome della em todas as linguas, e porque lhe chamais *pateca*.

O.—Segundo querem os Arabios e Persios esta fructa foi levada ás suas terras de cá da India; e por isto lhe chamam *batiec indi*, que quer dizer *melão da India;* e Avicena assi o chama em muitas partes; e *batiec*, somente quer dizer melão, e o nome da terra indiana é Calangari.

R.—E quem vos dice que se chamava *batiec indi*? Faz por ventura menção della algum Arabio escritor?

O.—O nome é commum; e assi lhe chamam os physicos, que sabem a lingua arabia, se lhe acertam o nome; e Serapio, se lhe escreveu outro nome, foi por se chamar assi em sua terra, ou estar a lettra corrupta; mas Avicena claramente lhe chama *batiec indi* no quarto livro, no capitulo da febre terçam pura: e ahi põe grandes louvores delle, os quaes vós sabeis melhor que eu, ainda que eu o tenho mais experimentado, que vós; e se Deos quizer que vades a Hespanha, e a lá semearem, vós achareis quam boa couza é pera as febres colericas, e pera outras muitas enfermidades.

R.—Ouvi dizer que havia em muitas partes de Castella uns melões muito finos, a que chamavam *budiecas*, os quaes pode ser sejam estas patecas, e, corrompendo-lhe o nome, lhe chamaram *budiecas* por *patecas*.

O.—Eu vi já estes melões em algumas partes de Castella, e chamavam-lhe *budiecas*, e outros lhe chamavam *sandias;* e provei-os, e é um pomo mui differente deste; por onde não se pode dizer da mesma especie, nem chamar *batiec indi;* e mais estas *patecas* não tem as folhas, como os melões, senão mui differentes destas *budiecas*, e mais é uma matta alta, e não estendida pelo chão, como as *budiecas;* e diceram-me que as havia em Africa, da mesma maneira destas da India: isto bem pode ser, mas eu não dou fé do que não vi.

R.—Vós, quando me dizeis que isto não é medicinal, então lhe acho eu mais medicina, e me dizeis couzas de que eu mais gosto, e eu mais estimo pera curar. E os physicos desta terra sabem deste melão da India?

O.—Nenhum soube isto, senão a quem o eu dice, e não porque elles não sejam homens mui bons lettrados, senão porque não se prezam de couzas tão baixas: mas eu pergunto estas couzas aos physicos grandes, Arabios e Gentios.

R.—E como lhe sabeis perguntar isto aos Arabios?

O.—Porque sei todas as enfermidades do terceiro e quarto de Avicena, e todos os simples do segundo em arabio; e isto me aproveitou muito curando áquelle rei meu amigo, e a seus filhos; posto que ao principio foi trabalho pera mim, e aproveitava-me pera isto o bem que me queria o rei, que elle me ensinava estes nomes das enfermidades e mézinhas em arabio, e eu lhas ensinava em latim, do que elle muito gostava; e per sua cauza m'o ensinavam tambem os physicos que elle tinha Arabios e Coraçones.

R.—E os gentios entendeis-vos com elles?

O.—Muito bem; porém elles são homens, que não curam senão per experiencia, e per costume; e é tão boa de enganar a gente Portugueza, que facilmente são enganados por elles, e o peior é que alguns Portuguezes, ou por contentar o povo, ou por se desocupar de curar os enfermos, e não querer trabalhar em especular

as curas, vão-se com o seu parecer delles; e porque ser aprazivel ao povo faz ao physico ganhar mais dinheiro, uzam logo em principio das suas mézinhas delles.

R.—Elles uzam das nossas?

O.—Muitas vezes; mas as mais dellas não ao preposito; porque dizem «sangre-se» e elles nunca uzaram sangria, senão des que nós somos nesta terra; bem que uzavam deitar ventosas, e sarrafar, e deitar sanguexugas: olham as aguas, segundo o que soube polos physicos do Sultão Badhur e do Nizamoxa, e nunca costumaram ver agoas, senão veem que o fazemos; e fazem-o como bugios, e daqui lhes acontece que se vêem a orina branca, sem nenhuma digestão, tem-a por boa, e se a vêem vermelha e grossa com digestão louvada, tem-a por má: estas e outras couzas muitas soube eu delles, tomando-os polo beiço, e porque não ha quem saiba tão pouco que não saiba algumas couzas boas, seivos dizer que curam bem as camaras, e polo pulso dizem se tem febre ou não, e se está fraco ou rijo, e qual é o humor que pecca, se é sangue ou colera, ou fleima ou melancolia, dão bom remedio pera as opilações.

R.—Dão xaropes ou agoas estiladas, e é costume antigo entre elles?

O.—Não, nem n'o uzam os do Balaguate, senão os que tratam aqui comnosco, que dizem logo: «Dai-lhe xarope violado»; «dai-lhe lambedor»; «dai-lhe agoa contra fluxo»; «dai-lhe agoa de chantagem ou cevada», ou talhadas cordeaes, ou assucar

rosado com agoa de almeirões»; e nenhuma destas couzas costumavam cá na India, antes que viessemos; somente sei que no Balaguate uzam os Mouros e Gentios de semente de *emdivia*, pisada, e bebida com agoa da fonte, isto em toda a maneira de febre: não costumavam, antes que viessemos, a estilar agoas, senão o costume seu proprio é dar a beber cozimentos de legumes e sementes, e sumos de hervas toscamente preparadas; andam per uma rua, e a todos curam com um frasco, que trazem.

R.—Não venha ahi Galeno, que mais pragueje de Tesalo; e segundo mostraes em vossas palavras, mal estaes com essa gente: hei medo que vos dêem peçonha.

O.—Antes todos estão bem comigo; porque, como eu não sam muito cubiçoso, ou por dizer mais verdade, sam preguiçoso, deixo-os curar quantas curas me tomam, e pergunto-lhes primeiro o que lhe hão de fazer, e se é mézinha que eu conheço ser boa, ou que não fará mal, digo-lhe que uzem della, se o paciente se quer curar com ella; e se é má, defendo-lh'a; e se é mézinha que não sei, se é boa ou má (como muitas vezes se acontece) tambem lh'a defendo. Erram tambem estes physicos nas graduações destas mézinhas, porque a *pimenta* e o *cardamomo* dizem ser frio, e o *opio* ser quente; de anatomia não sabem onde está o figado, nem onde está o baço, nem couza alguma.

R.—Vós não me confessais que tomais algumas couzas delles?

O.—Si, muitas; mas primeiro provo as mézinhas dos meus doutores, quando me não aproveitam tomo as dos Bramenes desta terra.

Serva.—Aquella moça, que trouxestes do Decanim, pede-me *mungo,* e diz que em sua terra lh'o davam a comer, tirada a casca, e cozido; dar-lho-hei assi?

O.—Dai-lho a comer, pois que o deseja; mas melhor fora pão e frangam cozido; pois é da terra onde comem pão, e não arroz; que é o Balaguate, que o tem pouco e em poucos cabos.

R.—Ha trigo nesse Balaguate e em Cambaia?

O.—Muito; posto que não fazem ás terras o estercar e lavrar, como nós fazemos, senão semeam-no á face da terra, muito pouco lavrada; e isto por novembro; e quando é meado de janeiro colhem-no muito, e muito bom; e ás vezes sem lhe chover couza alguma; somente com o orvalho e grossura da terra, que é muito boa pera isso.

R.—E que mézinha é essa, que vos falla essa moça?

O.—É uma semente verde; e quando é muito madura e preta, do tamanho de coentro seco; comem della os cavallos, e a gente ás vezes; e os Guzerates e Decanis uzam della em febres, e todo o homem que tem febres não come dez dias e ás vezes quinze, e ao cabo delles lhe dão a beber agua de cozimento de *mungo,* onde vai alguma sustancia delle; e depois lho dão a comer, tirada a corteza, e cozido, como arroz: pão de trigo lhe não dão a comer dahi a muitos

dias; e mais vos contarei o que me aconteceu. Caminhando com o Sultão Badur, em companhia do senhor Martim Affonso de Souza, adoeceu elle de febres, e chamou-me El-Rei, e perguntou-me, como havia de curar a Martim Affonso daquellas febres: eu lhe dice que o havia de sangrar, e o havia de xaropar com enxarope feito de sumo de limões, romans e assucar; e que o purgaria com uma pouca de manná e ruibarbo, que trazia comigo; pois outras mézinhas não havia no seu arraial de mim conhecidas. Elle me respondeu que os Portuguezes não sabiam tãobem curar febres como os Guzerates; porque os Guzerates não as curavam com outra couza, senão com não comer; e eu, por não aporfiar com elle, lhe dice que dizia bem, e que portanto havia tres dias que eu lhe não dava a comer couza alguma; e que já agora o queria xaropar, e dar-lhe a comer alguma dieta sutil. Elle me dice que quatro dias era muito pouco, e que havia mister ao menos estar vinte dias sem comer couza alguma. E que os Portuguezes elle me confessava serem muito bons physicos nas outras enfermidades, mas que nas febres não sabiam tanto, como os Guzerates. Eu não quiz aporfiar com elle, porque era voluntario e o maior rei que havia na Mourama; e mais por não ser lettrado, nem ter physicos, que o curassem pela nossa regra. E depois alguns annos me achei em Cambaiete, cidade muito principal do Guzerate,

onde um Mouro muito rico de Tripol de Berberia, que sabia fallar portuguez, residia; e chamando-me pera curar seu filho de febres, que as tinha havia quatro dias, o curei, dando-lhe a comer primeiro galinhas, porque havia quatro dias que não comia couza alguma; e depois o sangrei, e, sem o purgar, sarou das febres; e elle me allegava o modo de curar dos Guzerates, já acima dito. Eu lhe respondi, que o sapateiro não calçava a todos com uns sapatos; que aquelle curar era pera os gentios, que naquelle reino não comem couza de sangue; mas que seu filho e os mercadores ricos, que eram acostumados a comer muita carne e beber vinho, quando o tinham, haviam mister outro modo de curar. Pareceu-lhe bem o meu dito, e succedeu-lhe melhor; e dahi avante os dias, que ahi estive, todos os Mouros se queriam curar comigo.

R.—Peço-vos por mercê, que me digais, como se quer curar o Nizamoxa, vosso amigo; se desvaria muito da nossa maneira, e contai-me algum cazo, que vos aconteceu com elle, se vier ao proposito; porque esses cazos declaram muito os erros que acontecem no curar.

O.—Elle vontade tinha-se de curar á nossa maneira; mas o costume da terra está muito em contrario, e é mau de arrancar, em especial, porque os physicos lettrados, que elle tinha, folgariam de comprazer á gente da terra, e contradizer a mim; de modo, que estando eu presente o curava de uma

maneira, e ausente, de outra. E, se vos não enfadar, vos direi o que me aconteceu, curando ao seu principal herdeiro, que entonces era homem de trinta annos, muito forçoso, e bem acompleiçoado e comedor; e porque aprendia a lingua portugueza comigo, me perguntou em portuguez que faria a uma sarna que tinha grande com muito pruido: eu lhe dice que seria bom sangrar-se, e tomar algum soro com ruibarbo; elle me dice que lhe contentava o sangrar, porque aquelles dias passados havia deitado sangue polos narizes, e querendo-o fazer, lh'o estorvou um physico seu, que é senhor de muitas terras; e, posto que o pai e o filho eram meus amigos, folgaram de fazer o que lhe mandava o outro physico; porque lhe diceram que estava muito gastado de molheres, havendo-me o enfermo dito o contrario disto; mas aquillo foi feito por inveja dos physicos: e dahi a quinze dias adoeceu o mesmo de febres, e o meu voto foi que se sangrasse; e os physicos e o pai não consentiram nisso pola razão acima dita: e mais diziam que aquillo haviam de ser bexigas, a qual enfermidade é muito perigosa nesta terra: eu lhe dice que os signaes das bexigas não os havia ahi, e que se as houvesse, que entonces era melhor sangrar-se, nos tres primeiros dias, conforme ao seu Avicena[1], e dar-lhe alguma expressão de tamarinhos; e elles me diceram que era verdade que dizia aquillo Avicena, mas que o costume da terra

[1] Avicena, lib. IV, 1.

estava em contrario; e que tambem os Decanes tinham pera si, que os tamarinhos eram ruim couza pera as bexigas; de modo que nem texto nem razão me aproveitou com elles, de que bem pesou ao pai e mais ao filho; porque logo lhe começaram a dar agoa de cozimento de figos, e funcho e avenca, e assafrão, pera que saissem as bexigas, as quaes nunca sairam. E por elle estar em cabo muito quente, sairam-lhe somente umas borbulhas muito miudas polas costas, as quaes nem foram bexigas, nem sarampão; e elles me diziam que eram bexigas, e que por ali se havia de determinar a febre; e eram já passados os quatorze dias, e não se tirava a febre, nem havia mais signaes de bexigas, nem o queriam sangrar, nem purgar, nem lhe davam a comer, senão *mungo*, e agoa de expressão de arroz, e o peccador morria de fome; e queixava-se-me disso cada dia em portuguez. E per derradeiro aconselhei ao pai, que o mandasse sangrar, que melhor era tarde que nunca, e lhe desse a comer galinhas gordas, pois era tão comedor, e bebia vinho do nosso, quando era são. Pareceu bem ao pai o conselho, e ao filho melhor. Sangreio-o duas vezes copiosamente, e dei-lhe de comer muito bem, e disto não souberam nada os physicos, por conselho de El-Rei, até ver o successo; e acabados os vinte dias esteve são, sem febres nem borbulhas, estando seus physicos com este successo contentes, gabando-se em o modo de curar, lhe pediram alviçaras. Respondeu o pai que, por sua cura mereciam assados, que se eu

não fora, seu filho herdeiro fora morto. Então lhe contou a maneira que tivera eu em o curar depois dos quatorze dias passados, e elles, em ouvindo, metteram o dedo na boca, dizendo *ala quibir,* que quer dizer «Deos grande»; mas nem por isso ficaram envergonhados, nem corridos.

R.—Mercê vos faria o rei e o filho?

O.—Si, fizeram.

R.—E o *mungo* que chamaes, parece-me que não escreveram delle os Arabios, nem os Gregos, posto que é cá tão uzado.

O.—Na Palestina sei que o ha, segundo dice um Mouro, que dahi é; e tambem Avicena[1] escreve delle no segundo livro, cap. 489, e isto antes de o saber, me custou assaz trabalho, e chama-se *mesce,* e o Belunense emenda *mesmas.* Eu soube dos physicos e de outros lettrados que se ha de dizer *mex,* e a lettra do cabo ha de ser pronunciada com os dentes muito fechados; porque assi o pronunciam elles. E bem sei que isto não releva muito, nem é contra vós, as historias que vos contei, mas muitas vezes as conta Galeno, ao qual eu não sam digno de desatar as correas dos seus sapatos; portanto perdoai o sobejo, que, des que homem entra a palrar, desenfrea-se a palavra muito; mas vós podeis não escrever mais que o necessario disto.

R.—De mais vos guarde Deos, que de menos não hei de escrever, e dizei-me se falla em algum outro cabo Avicena deste *mex.*

O.—No primeiro livro, cap. 7.°, diz que não comam aves com *mex,* e diz bem, porque se digerem primeiro que o *mex,* e entonces penetra o *mex* indigesto.

[1] Avicena, II, 489.

COLLOQUIO XXXVII

DOS MIRABOLANOS

R.—Eu me conheço por muito descuidado, pois a principal couza porque havia de perguntar é os *mirabolanos,* tanto louvados de todos os Gregos e Arabios antigos, e modernos, e até ao presente não perguntei por isso.

O.—Tambem, se vos praz, são louvados dos Castelhanos; porque dizem: «*aquel hombre, que tanto vio, mirabolanos comio.*»

R.—Deixai-vos desses adagios ou proverbios; e dizei-me os nomes delles pola lingua da terra; e porque se chamaram *mirabolanos* acerca de nós; e como lhe chamam os Arabios e Indianos; e se os physicos desta terra uzam delles, e pera que enfermidades se servem delles.

O.—Claro está que os *mirabolanos* dos Gregos antigos não são estes; nem Dioscorides, nem Galeno, nem Plinio conheceram estes nossos *mirabolanos;* senão chamaram *mirabolanos* outra mézinha, de que faziam azeite; e *mirabolanos* quer tanto dizer em grego, como *noz* ou *bolota* cheirosa ou unguentaria. E porque estes nossos pareciam feição de *nozes* ou *bolotas,* por isso lhe chamaram assi a estes de que uzamos, aindaque mais verdadeiramente me parecem a mim *ameixas,* mas isto não é couza que faz ao cazo; e o que tresladou Avicena e Serapio d'arabio em latim, por lhe parecer melhor, lhe poz este nome; e onde Avicena lhe chamou *delegi,* poz elle *mirabolanos.*

R.—Pois Serapio lhe chama *aliligi,* sendo tão arabio como Avicena.

O.—Foi isso error do escritor, ou o tempo cor-

rompe estes nomes, mas os physicos arabios a que isto perguntei, me diceram estes nomes, s. *delegi* a todos, e os citrinos *azfar,* e os indios *açuat,* e os quebulos, *quebulgi,* e os belericos, *beleregi,* e os *emblicos, embelgi;* e daqui lhes tomamos nós os nomes.

R.—Os negros porque não fallastes nelles, nem dos de Seni, dos quaes faz menção Avicena?

O.—Os negros não os ha ahi, nem são outros, senão os indios; e porque são mais negros que todos, não havia necessidade de me perguntardes isto; pois muitos doutores modernos o escrevem, em especial os vossos frades italianos que os chamam negros, porque são mais negros, que todos, quando são maduros; e isto provam elles da ordem do texto de Serapio e Mesue; porque está muito claramente provado per elles, como podeis ver, não fallo mais nisso.

R.—Pois bem está isso, mas esses frades, que vós allegais, dizem que não ha mais que quatro especies; porque faltam os de Seni nomeados por Avicena; e já vos pedi que me desseis razão delles; e vós, dissimulando, não me respondestes a isto.

O.—Esses de Seni são os *emblicos,* os quaes conta Mesue e Avicena; e chamou-lhe *deseni,* e por esta maneira são cinco especies; porque os *belericos* não faz menção delles Avicena, e esta é a verdade; porque Serapio diz que tem a corteza sutil, e estes são os *emblicos,* porque a tem mais delgada que todos.

R.—Outra especie traz Serapio por autoridade de Mesarunge, e chama-lhe de *Damasco,* e diz que aproveitam pera a melancolia. Que respondeis a isto?

O.—Digo que em Damasco não ha *mirabolanos,* senão foram levados lá em conserva

alguns *mirabolanos indios;* e porque os achou ahi, lhe chamou *de Damasco,* e porque aproveitavam á melancolia, dice isto delles; mas elles não são outros, senão os que nós chamamos *indios.*

R.—Pois o mesmo Serapio diz, allegando a Mesue e Albasar, que os de Seni são de especie da *azeitona.*

O.—Não ha *azeitonas* em toda esta terra, senão porque os *emblicos* são uzados nesta terra a comer-se salgados, e per outra maneira com vinagre (a que chamam *achar)* lhe chamam *azeitonas:* mas elles mais se parecem com ameixas redondas, e nisto não releva muito enganar-se.

R.—Parece razão serem todos de uma arvore, e que uns serão maduros e outros não; e que quando uns forem secos, serão os outros verdes; e deste parecer são alguns, s. que os *quebulos* e *citrinos* ao menos, são de uma mesma arvore; verdade é que Matheolo Senense diz que nem aprova nem reprova isto: vós que o vistes, nos podeis desenganar a todos.

O.—Enganados estão todos os que dizem que são de uma arvore; porque são cinco arvores de cinco especies de *mirabolanos;* e, o de que mais vos maravilhareis, que uns ha em uma terra, e que outros sessenta leguas e cem della; porque em Goa e em Batecalá ha uns, e no Malavar e em Dabul e em toda a Cambaia ha as quatro feições de *mirabolanos,* e os *quebulos* ha em Bisnager e no Decam, no Guzevate e em Bengala, e pode ser que os haja em outras

partes; e essas arvores são todas montezes, e não cultivos; e os que levam a Portugal secos são pola mor parte havidos de Dabul até Cambaia; porque se acha per experiencia a terra mais chegada ao norte dar as fructas menos sujeitas a putrefacção; segundo que eu soube nesta ilha de Goa dos physicos gentios della: e achei que nella ha tres feições de *mirabolanos,* de que uzam pera purgar, onde o querem fazer sem trabalho, e em pouca quantidade; e chamam a estas tres feições ou maneiras, em linguagem da terra, *tinepala,* que quer dizer tres feições, s. a primeira chamam *arare* (e isto no povo, porque os physicos lhe chamam *aritiqui);* o estes são redondos, e purgam a colera, e nós chamamos-lhe *citrinos;* a outros chama a gente indiana *anvale,* e nós lhe chamamos *emblicos;* e a outros chamam *rezanvale,* e são os que chamam *indios;* ha outros que chamam *gotim,* e são redondos, e são os que nós chamamos *belericos;* e os *quebulos* que purgam a fleima (que os ha em Bisnager, e Cambaia, e Bengala) chamam-se *aretca;* e assi tendes ahi cinco maneiras; s. tres uzadas em Goa, e uma achada em Cambaia e Bengala e Bisnager; e porque hão de ser cinco maneiras, vos digo que o *mirabolano,* dito *anvale,* posto que é achado em Goa, porque não uzam delle em physica, não chamam em Goa mais que as tres maneiras ja ditas, e as de Bengala e Bisnager e

Cambaia; e a este que elles chamam *anvale,* e nós chamamos *emblicos,* uzam delle em cortimento de pelles, como *sumagre,* e em tinta, afóra comerem os verdes por apetite. E pois tendes as cinco maneiras, vede que quereis mais de mim, em que vos sirva; e eu quero de vós o que dizem os escritores do Perú, s. que em muitas terras ha *mirabolanos,* se é verdade ou não.

R.—Nunca os vi em Hespanha, senão os que de cá vão, e quero mais que me digais a feição de cada uma especie, e das arvores e das folhas.

O.—Digo que o *arare,* a que chamamos *citrino,* é redondo, e tem a folha como de sorveira; o *anvale,* que são os *emblicos,* tem a folha como feto, e a estes ja vos dice que lhe chamamos *emblicos:* o *rezanvale,* que são os *indios,* tem oito quinas, e a folha é como de salgueiro; os *belericos,* a que chamam *guti,* tem a folha como de louro, senão que é mais pardaça; os *quebulos,* a que elles chamam *aretca,* são grandes e redondos, e quando são maduros, alguma couza mais compridos, e tem quinas, e a folha da arvore é como de pecegueiro; e todas as arvores são do tamanho de ameixoeiras: e isto é o que pude saber, e ver da feição de todos e das suas arvores.

R.—Vós o tendes tão bem explicado, que não é necessario fallar mais nisso; mas agora quero que me satisfaçaes ás minhas duvidas, dizendo de que compleições os fazem os Indios, porque

todos confessam serem de compleição fria e seca, e Serapio, allegando a Xarach, diz que são quentes, todos universalmente: que dizeis a isto?

O.— Dizem que são frios e secos, aindaque o não diceram os Indios, os Arabios e os Latinos; porque o seu sabor é pontico, misturado com acetoso, que parece como sorvas verdes, senão que é mais azedo; e mais são pesados todos, e aquestas couzas todas arguem e declaram ser a compleição delles fria e seca.

R.—Do modo de preparação delles me dizei como os preparam os Indianos; porque Serapio manda-os preparar com *ameixas,* pera reprimir a ponticidade delles.

O.—Não se preparam cá, porque não os querem senão pera comprimir e reprimir; nem uzam delles pera purgar, senão em cozimento, e deitam muito mais quantidade do que nós deitamos em Portugal: uzam tambem delles em conserva, s. dos *quebulos* que tem em muito preço; estes fazem em Bisnager, e Bengala e Cambaia: e tambem uzam em conserva dos *citrinos* e *indios,* feitos em Batecalá, e Bengala; e, sem duvida nenhuma, que esta é uma mézinha, que elles muito louvam; e com o seu uzo nenhum physico é deshonrado; e quando embora fordes, levai estas tres especies em conserva, porque será pera Castella muito boa mercadoria; e eu vos farei serviço de duas jarras delles, que mándei trazer de Bengala, se embora vierem; e sabei que eu uzo tambem de mandar estilar a agua

de *mirabolanos* verdes pera dar a beber sobre alguma conserva pontica; e a mando misturar nos xaropes, quando é necessario; e sobre estes *mirabolanos* verdes sabe muito bem a agua, e eu uzo de *citrinos* e *belericos,* no principio de comer, em quem tem camaras ou estomago muito corredio; e é um comer bom e estitico, com ser azedo um pouco; e tambem do sumo destes *mirabolanos* uzo muito, nas camaras, quando são verdes; e ja provastes muitos destes em minha caza.

COLLOQUIO XXXVIII

DAS MANGOSTÃES

R. —Queixava-se comigo aquelle fidalgo, que andava fallando comvosco nas couzas de Malaca, dizendo que parecia que tinheis odio ás fructas de Malaca e dessas bandas; porque escassamente fallastes no *dorião,* sendo a mais louvada fructa, que ha na India: e nas cousas da China não fallastes cousa alguma, havendo lá muitas louvadas fructas, assi como são *lalixias,* e outras fructas muito boas, que lá ha.

O.—Eu nas couzas da China não fallei, porque a China é terra em que ha tanto que contar, que é nunca acabar: fallei de algumas mézinhas della, como é *galanga,* e o *pao da China,* porque eram medicinaes; e das outras fructas não faltará quem falle; e nos *doriões* de Malaca

não fallei mais que o geral, porque sei que é uma arvore grande, de tamanho como uma nogueira, e a folha é como loureiro, e a arvore tambem é assi em geral; e no geral sempre ouvi dizer, que eram as mais saborosas fructas do mundo as de Malaca.

R.— Gabaram-me uma fructa muito, que chamam *mangostães*; fallemos do que sabeis nellas.

O.— O que tenho sabida das *mangostães*, é que é uma das saborosas fructas que ha nestas terras; é um pomo tamanho como uma laranja pequena, a casca é separada do amago; a côr da casca é leonada, e clara, tirando-lhe a casca fóra; e o de dentro são amagos, assi como de laranjas pequenas; a arvore é tamanha como uma maceira, e não é muito grande: a folha, é como de louro; dá flores amarellas; dizem que o sabor desta fructa não é tão doce que faça fastio, e mais não sei a que vol-o compare, pois não o provei.

COLLOQUIO XXXIX

DO NEGUNDO OU SAMBALI

R.— Gabam muito estas vossas negras uma arvore, que dizem que nós lavamos aqui sempre os pés com o cozimento della, e dizem que aproveita pera tantas couzas que estou pasmado.

O.— Parece-me que nesta horta está: venha cá a negra que a gaba. — Moça?

Serva — Que manda vossa mercê?

O.— Que arvore é essa que gabas muito?

S.— É *negundo*.

O.— É uma arvore que tem mais propriedades e melhores, que pode ser; e quanto mais lhe tiram os ramos, tanto cresce mais; é mezinha muito resolutiva, e mitiga a dor em grande maneira, quando não ha chaga; s. o lavatorio de cozimento desta herva quente ou a mesma herva quente pisada, posta em cima ou frita em azeite, e verdadeiramente que deita a perder os physicos; porque não entraes em caza a curar couza alguma de dor, que não saiam logo de través alguma pessoa, que diga: «Ponde-lhe *negundo* cozido ou torrado, ou frito em azeite:» tambem dizem muitos homens que o puzeram em cima de chagas moido em tal maneira, e que em uma noite digeriam a materia de tal maneira, que ficava sem dor; e dahi por diante continuando, as folhas a modificavam em tal maneiras que sarava de todo o ponto; e isto contam muitas pessoas, e não uma só: as molheres o tem por muito bom pera preparar a madre pera conceber, e dizem que bebido faz este mesmo effeito: eu julgo-a por melhor mézinha, e mais forte que *marcela;* tem muito bom cheiro: mastigando queima um pouco, como *masturço;* por onde é manifesto ser de compleição quente: chama-se esta arvore commumente *negundo,* e alguns no

Balaguate o chamam *sambali*, e em Malavar lhe chamam *noche*, e uzam os Malavares disto em caril: a folha delle é semelhante á do sabugueiro, farpada como elle, e vellosa polas costas um pouco; e a arvore é tamanha como um pecegueiro; deita flores brancas e algum tanto pardas, e uma semente negra, tamanha como pimenta e alguma couza maior. Houve um boticario nesta India, homem velho em quem confiava muito um governador casto e virtuoso, e querendo reprimir os estimulos da carne, perguntou áquelle boticario se havia alguma couza pera isso; o boticario lhe dice que si: e que era uma arvore que chamavam *agnocasto;* e fez usar a este governedor deste *negundo,* o qual usou delle muitos dias, porque não faltou um physico que dice que era verdade, que aquella era a arvore chamada *agnocasto;* e quando me foi dito isto, olhei o cap. do *agnocasto,* e cotejei-o com a arvore chamada *negundo,* e achei-a tão differente, que não podia mais ser; entonces dice que não era *negundo agnocasto,* e não quiz affirmar isto sem ver o livro, porque eu não conheço *agnocasto;* nem havia boticario aqui, que o conhecesse; depois veio a esta terra um physico lettrado (o licenceado Dimas Bosque) e homem que falla verdade em seus ditos, e dice-me que em Portugal havia ao presente muitos *agnocastos,* e que eram bem differentes destes na folha, e em tudo.

COLLOQUIO XL

DO NIMBO

R.—Quero-vos alembrar a arvore com que curastes o vosso cavallo muito estimado, que me dicestes, que vol-o lembrasse.

O.—Tendes muita razão, porque certo é uma arvore muito proveitosa e medicinal acerca das gentes, que conheço, e em todas se chama *nimbo:* vim a conhecer sua bondade no Balaguate, porque vi curar com elle chagas de cavallos muito difficultosas de modificar e alimpar, e alimpar-se muito asinha as chagas, e o cavallo foi muito asinha são; e não foi com mais que com por-lhe as folhas desta arvore, pisadas, e postas em cima das chagas, misturadas com sumo de limão; e assi o fazem nas chagas dos homens; e dizem que milagrosamente saram com o sumo desta herva. E muitas pessoas m'a gabaram ja, e me diceram que no Malavar a uzavam muito pera o que ja dice; e o sumo destas folhas o uzavam pera lombrigas; e parece que tem razão, porque amarga algum tanto.

R.—Lembra-me que, quando me fallastes nisto da cura do cavallo, me dicestes que nesta cidade não sabeis mais que uma arvore destas, e que m'a querieis mostrar indo a S. Domingos a ouvir missa, o que eu vi, e é de tamanho de um freixo, e tem a folha como de oliveira, e ao redor é farpada toda, e verde de todas as bandas, não é parda nem vellosa, tem a ponta mais aguda que a de oliveira; é a arvore muito

cheia de muitas folhas: digo-vos isto, porque vejais se pinto bem a arvore, mas uma só couza não sei, e é se tem flor ou fructo.

O.—Muito bem pintastes a arvore; mas o melhor tendes por saber, que é dar fructo muito proveitoso, o qual é como *azeitonas* muito pequenas, das quaes fazem azeite muito medicinal pera os nervos, com que se muita gente acha bem, untando-se com elle quente: é muito uzado em Bisnager e no Malavar, e trazem-no aqui a Goa a vender per mercadoria em que ganham muito, e as flores são brancas, e desta arvore, até o presente, não sei mais, e como o souber eu vol-o escreverei de cá.

COLLOQUIO XLI

DO AMFIÃO, DITO ASSIM CORROMPIDAMENTE, PORQUE O SEU NOME É «OPIO»

R.—Queria saber a certeza do *amfião,* que é o que a gente desta terra uza, se é o que chamamos *opio;* e donde ha tanta quantidade, quanta se gasta, e quanto comem cada dia.

O.—O *amfião* é o *opio,* e por ser muito uzado em comer entre muitos, ainda que o comam em pouca quantidade, fica em mercadoria necessaria muito pera todolos cabos, onde se uza comer; porque, se o não uzam, correm perigo de morrer; e por esta cauza na terra onde faltou vale muito caro, e apetece-se bem muito sempre, para o ter (como quem guar-

da o trigo pera maio) faz os homens que o comem andar dormindo; e dizem que o tomam pera não sentir o trabalho.

R. — E não o tomam para a luxuria, como me dizem; porque isto é contra toda a medicina, e contra toda a razão, se pera obra de Venus aproveita.

O. — É muita verdade o que dizeis, porque pera isto não aproveita, mas antes damna; e assi os que o tomam pera isto não são reis, nem pessoas poderosas, nem mercadores ricos, que entendam bem a verdade; porque estes não o tomam senão em pouca quantidade, e pera outros effeitos; e os physicos todos lettradós, a nossa guisa, me affirmavam, que tornava os homens impotentes, e os fazia deixar a Venus mais cedo. E eu conheci no Balaguate um Portuguez que andava lá alevantado, o qual foi com uzo delle tornado impotente, e os Portuguezes que lá andavam m'o certificaram assi.

R. — Pois tanta gente uza isto pera deleitação carnal, não pode ser que todos se enganem.

O. — Eu vos direi pera que aproveita, se me derdes licença; porque a materia não é muito limpa, em especial dita em portuguez.

R. — Dizei, porque as couzas não são sujas, senão quando as dizem os sujos, e com não limpa intenção.

O. — A virtude imaginativa ajuda muito a deleitação carnal, e como ella seja superior da virtude expulsiva, obedece lhe a ella, a qual virtude imaginativa, quanto é mais forte, tanto mais asinha se acaba o acto de Venus, porque

manda a imaginativa virtude á expulsiva, que deite nos companhoes a semente genital, e quanto mais se imagina nisso, tanto mais asinha vem ao membro a semente; e porque os que comem este *amfião,* estão como fóra de si, acabam este acto venereo mais tarde; e porque muitas femeas não deitam a semente tão asinha, emquanto tarda o homem, exercita ella a obra de Venus mais tarde, e em um tempo juntamente se acaba o acto de conceber delles ambos, e pera isto ajuda o comer do *amfião,* s. pera acabar o acto venereo mais tarde; e mais o *amfião* aperta os caminhos por onde vem a semente genital do celebro, por cauza da sua frialdade, e vem a fazer-se a confeição de ambos juntamente; e bem sei que isto o entendeis muito bem, mas se o escreverdes em romance, não será pratica muito honesta.

R—Logo alguma razão tem elles, posto que não muito honesta; e porém me dizei, como lhe chamam *amfião,* e quem lhe chama assi.

O.—Todos lhe chamam *ofium,* s. os Mouros, donde o tomaram os Gentios, e nós mais corrompidamente lhe chamamos *amfiam;* e a cauza de os Mouros o chamaram *afiom* ou *ofiom,* é porque os Arabios tomaram muitos nomes da lingua grega, á qual elles chamam *jhunani* (quasi lingua jonica), e porque os Gregos lhe chamam *opium,* é porque acerca dos Arabios a lettra F e a lettra P são muito irmans, e poem-se muitas vezes uma por outra

chamarem-lhe elles *òfium* ou *afium*, e tambem á *peonia* chamam elles *faunia*, e assi outros muitos nomes, mudado o P por F.

R. — De quantas maneiras o ha?

O. — De muitas maneiras o ha, differençando-o polas terras e sinaes; o do Cairo (a que elles chamam *meceri*) é alvo, e vale muito dinheiro, e deve ser o que nós chamamos *tebaico*; o de Adem, e de outras partes vizinhas ao mar Roxo, é preto, e muito duro, e este em umas terras vale muito, e em outras pouco; e o de Cambaia e do Mandon, e do Chitor, que é mais molle, e mais louro, vale em muitas terras mais; porque se acostuma a comer ahi de modo que o acostumado a comer em cada terra vale mais nella; e este que digo de Cambaia vem a mais quantidade delle de uma terra, que se chama Malvi.

R. — Como se faz ou o que leva, porque cheira a *trovisco*?

O. — Não é mais que a goma das dormideiras; o que eu soube em Cambaiete; vendo na praça vender cascas de dormideiras, tão grandes que levaria cada uma canada, e tambem vi algumas pequenas como as nossas; e perguntando-lhe polo nome, me diceram que era *caxcax* (e é verdade que assi se chama em arabio) e diceram-me que destas dormideiras se fazia o *amfião*, dando cutiladas nas dormideiras, por onde corria o *amfião*: e quanto é ao *trovisco* não o ha em toda a Cambaia, nem ouvi dizer que o houvesse em toda a India, por onde podeis bem descançar que o não leva.

R. — Serão *dormideiras pretas*, pois diz Avicena[1]

[1] Avicena, lib. IV, cap. 1.

que quando tivermos necessidade de fazer algum estupor ou mortificamento em algum membro, não passemos de dormideiras brancas; porque ainda que fação estupor, são domesticas; e tambem Avicena[1] diz que o *opio* se faz de *dormideiras negras*.

O. — Antes não vi *dormideira preta* em Cambaia, nem ouvi dizer que a havia, por onde Avicena foi enganado nisso, ou nas outras terras se faz das dormideiras pretas.

R. — Muito me maravilho disto, sendo tão narcotico, e estupefativo, quanto é. E agora me dizei a quantidade que toma uma pessoa cada dia?

O. — O que tive por informação é de vinte até cincoenta grãos de trigo de peso; mas eu conheci um secretario do Nizamoxa, Coraçone de nação, que comia cada dia tres *tóllas*, que é peso de dez cruzados e meio; mas este Coraçone, posto que era bom lettrado e grande escrivão e notador, sempre tosconeiava ou dormitava; e porém mettendo-o em pratica, fallava como homem lettrado e discreto; e por aqui podeis ver quanto faz o costume.

COLLOQUIO XLII

DO PAO DA COBRA, E É DE TRES MANEIRAS

R. — Aqui em vossa caza vejo dar pera os meninos uma raiz ou pao, e chamam-lhe *pao da cobra;* dizem aproveitar pera as lombrigas: peço-vos por mercê, que em breves palavras digaes o que é, de que

[1] Avicena, liv. II, cap. 527.

terra vem, e se é abusão ou dito falso do povo, ou se aproveita pera alguma couza.

O. — Não é senão mézinha muito apropriada á peçonha das serpentes ou cobras; e disto ser experimentado pera as lombrigas, e pera as bexigas e sarampão, e colerica passio (chamada nestas partes *mordexi)* é fama commum da gente da terra, onde ha este pao: tambem dizem aproveitar pera as febres de difficil erradicação, segundo me dice um frade de S. Francisco, digno de fé, que a dera a um homem que padecia febres antigas; e que lh'a dera duas vezes moida, e deitada em agoa em quantidade de uma onça, e que ficou são, arrevesando muita colera; e por aqui se soube que aproveitava ás febres antigas.

R. — E como se sabe que é bom pera a mordedura das serpentes?

O. — Na formosa ilha de Ceilão, ainda que seja cheia de muitas fructas e boas, e caça e montaria, todavia ha muitas serpentes, a que chama o vulgo *cobras de capello;* e nós em latim as podemos chamar *regulus serpens;* e pera estas deu Deos nella este *pao da cobra;* e soube-se aproveitar pera a mordedura della, porque ha nesta ilha uns bichos, como furões, a que chamam *quil* (e outros lhe chamam *quirpele)* e pelejam com estas serpentes muitas vezes; e se sabe que ha de pelejar com ella, ou se teme disso, morde um pedaço desta raiz que está descoberto, e lambe-se com a mão, ou por melhor dizer unta-se com a

mão, que tem molhada com o sumo, e faz isto na cabeça e no corpo, e nas partes onde sabe que a cobra, com o seu salto, lhe ha de ir morder; e peleja com ella, até que a mata, mordendo-a, e arranhando-a; e senão acaba de a matar, ou ella tem mais força que elle, vai-se o bicho chamado *quil* ou *quirpele,* e esfrega-se na raiz, e torna a pelejar com ella, e assi acaba de matar ou vencer; e daqui tomaram occasião os Chingalas, e com esta experiencia viram que aproveitava esta raiz e pao pera as mordeduras das cobras; e os Portuguezes com isto creram os bens, que a gente desta terra lhe dizia deste pao; e per tempo viram algumas experiencias fundadas em razão; por onde souberam aproveitar pera a peçonha; e tambem souberam, e viram, polos seus olhos, esta peleja do bicho com a cobra ser verdadeira; e pera dardes mais fé a isto, se vos não enfadardes, vos contarei uma couza que viu este frade de S. Francisco, digno de fé e virtuoso, estando em Negapatão, que é uma terra firme, perto desta ilha de Ceilão.

R. — Antes me fareis muita mercê em m'a contar.

O. — Tem muitos homens Portuguezes em caza estes bichos domesticos e mansos, pera lhe matarem os ratos, e pera os fazer pelejar com as *cobras de capello,* que trazem os jogues, com que pedem á gente esmolas. E são estes jogues uns gentios, que andam pedindo per todas as terras, e andam enfarinhados com a cinza, e são venerados

de todo o povo gentio, e d'alguns mouros; e porque andam muitas terras, sabem muitas mézinhas, e experiencias, mentirosas e verdadeiras; e alguns exercitam o jogo de passa-passa, e trazem estas cobras, que dice, e embebedam-as, e mais lhe tiram os dentes, e prezas porque lhe não façam mal; e com isto, e com os beneficios que lhe fazem, as tratam com as mãos, e as cingem ao pescoço, e nos mettem em cabeça que são encantadas; mas eu o tenho por mentira; e o cazo foi, que chamou um Portuguez em Negapatão a um jogue, que trazia cobra, e dice-lhe, se queria pelejar a cobra com o seu bicho, e o jogue porque tinha tirado alguns dentes, donde tinha a força, não o quiz fazer até que lhe deu um cruzado; e veio o bicho pera a batalha apercebido, e andou primeiro mettendo-se debaixo dos assentos, buscando se cheirava algum páo ou raiz, que fosse do *páo da cobra,* e não a achando, com a sua propria saliva se molhou, e saiu pera pelejar com a cobra; a qual lhe saltou na cabeça, e o feriu mal duas ou tres vezes, e elle a ella outras tantas, até que se apartaram ambos mal feridos, porém ella peior que o bicho; e o jogue achando-se com o ganho da batalha, e com a cobra viva (porque sarou depois) trouxe outra cobra que não tinha os dentes tirados, e cometteu ao Portuguez se queria que tornassem á batalha os animaes, e porém que lhe havia de dar mais, porque a sua cobra estava perto da morte, e que por

isso trazia outra; e o Portuguez lhe deu outro tanto como antes lhe havia dado, e o jogue foi contente; porque a sua cobra vinha melhor armada, e o Portuguez com o seu bicho apercebido pera a luta ou guerra, o qual elle afagou primeiro, e lhe trouxe raizes, e elle as mordeu por um pouco espaço, e se untou com a mão molhada no que havia mordido; isto fez pola cabeça e lombos e pela barriga; e estando elle já apercebido, veio o jogue com a serpente, a qual se levantou em pé, quasi do meio pera cima, e deu um salto, e o bicho lhe furtou o corpo, saltando pera outro cabo, e assi se fizeram alguns comettimentos, tocando o bicho a cobra ás vezes, e outras vezes sendo mordido della: finalmente o bicho lhe saltou na cabeça, e um pouco mais atraz donde a mordeu, e apertou, e arranhou de tal maneira que, por andar cançada a matou, porque andava muito enfraquecida dos morsos primeiros; porque é veneno o bafo do bicho pera ella; e desta maneira foi a cobra do jogue morta e elle desesperado.

R. — Certamente que foi isso muito, e deve ser verdade; pois vol-o dixe esse religioso, digno de fé e credito; e peço-lhe que me diga se ha este pao em outros cabos mais que em Ceilão, e me descreva e pinte a feição delle.

O. — Ha este pao de tres maneiras em Ceilão, e chama-se este de raiz mais estimada, que vos contei, em Ceilão (terra dos Chingalas) *rannetul*,

e é um arbusto, e cresce até dois palmos, ou tres, deita poucas hasteas, s. até quatro ou cinco, e são muito delgadas; e a raiz é a de que se aproveita, e é delgada como a mais delgada vide nossa, e tem nós ou cabeças; e sempre alguma raiz deste pao está de fora da terra; e se a mordem ou arrincam por alguma parte, lança logo outras raizes, donde lhe tiraram a outra: a fructa que da este pao é como a do sabugo, tirando que esta é vermelha, e mais dura; nasce em cachos redondos, feitos como *madresilva,* e são mais pequenos os grãos vermelhos, e mais apertados, como dice; e a flor que deita é muito vermelha, e deita um cacho redondo, e apartado da folha, que é como de pecegueiro, e o verde della é mais escuro; e a côr da raiz é entre branco e pardo, e é muito macia ao tocar, por não ser molle, e amarga muito. Ha este pao em muitas partes, assi como em Goa, nas terras firmes: esta raiz se dá bebida em agua, e moida primeiro; e nós a damos em vinho ou em alguma agua cordeal, e faz muito prestes sua operação: e tambem se moe, como sandalo, e se põe no logar mordido; este chamam *baqueti avale* em Chingala, e assi m'o dice o embaixador. Ha em Ceilão outro pao ou raiz contra a peçonha uzado, como est'outro, e é uma arvore como romeira, e não maior, e as folhas são amarellas muito formosas, tem todo o pao espinhos, e os espinhos são rombos, e a casca é branca e grossa, e gretada e muito macissa

e amarga, mas não tanto, como a do primeiro pao. O pao e a raiz e a casca é o que se dá tudo misturado, mas a raiz dizem ser a melhor; e esta arvore, quando está só, cresce tanto como uma romeira, e se está com outras arvores ou matto, a que se arrime, lia-o todo a modo de abobreira; e assi os ramos mais altos da arvore os cinge todos: desta arvore mandei ja a enfermos, que fizessem copos, e estes enfermos haviam sido tocados de peçonha, que lhe foi dada; e creio que lhes aproveitara, porque as couzas continuadas aproveitam; e já pode ser que aproveitem estes vasos pera fazer a comprisão triacal, como alguns doutores nossos a ensinam fazer, que é pera lhe não fazer mal a peçonha. Este pao tambem dizem alguns que ha na ilha de Goa, mas eu ainda o não tenho experimentado. Quando o vice-rei D. Constantino foi a Jafanapatão, que é uma ilha, que parte com Ceilão, trouceram-lhe de presente uns feixes de um pao com suas raizes, por ser couza muito estimada contra a peçonha; e cheira esta raiz bem, e é delgada e dura e preta; e destas raizes e pao dizem que ha muita nestas terras firmes de Goa: a folha deste derradeiro pao que digo é como lentisco, e assi delgada e comprida, e malhada de branca e parda, com malhas brancas e pretas; não é verde, e os ramos são delgados, e estendem-se muito por terra, mais de quatro ou cinco covados; e as folhas são muito

poucas, e os ramos poucos e delgados, que se não podem sustentar direitos. Deste derradeiro pao me deu conta o licenceado Dimas Bosque, pessoa de muito boas lettras, e homem de muita verdade, e de muito gentil juizo nas curas que faz; e pois m'o elle gabou, e lá houve tantos doentes, elle o podia bem experimentar, e ao menos sei-vos dizer que me havia de dizer a verdade.

R.—Dizem-me que em as partes de Malaca tiram com umas frechas empeçonhentadas, e que ha uma raiz contra essa peçonha, muito experimentada; folgaria de saber que couza é.

O.—Por ser o matto cheio de tigres, e a gente pouco curiosa, nunca me souberam dizer a feição da arvore; e por isso vos não fallo aqui nella; somente me diceram algumas pessoas, que della vieram, ser o pao da cobra destas terras, e que assi lhe parecia, por serem as raizes de uma mesma feição; e tudo pode ser, mas não o affirmo, porque o não sei bem sabido.

COLLOQUIO XLIII

DA PEDRA DIAMÃO, DA PEDRA ARMENIA E DA PEDRA DE CEVAR

R.—Dizei da pedra diamão, que em latim é chamada *adamans,* o nós os Castelhanos lhe chamamos *diamantes,* e vós os Portuguezes *diamão;* e será bem, porque é rei das pedras, que fal-

lemos nella, pois tem a eminencia sobre todas, e logo as *perolas,* e logo as *esmeraldas,* e logo os *rubis,* se cremos a Plinio.

O.—Cá n'esta terra e em toda a do mundo, acerca dos lapidarios, se faz mais caso, e é de mais preço (se for em toda a perfeição, e tamanho por tamanho) da *esmeralda,* e depois do *rubi,* e logo do *diamão;* mas porque se não acham pedras em toda a perfeição, com boas agoas, tão grandes como *diamão,* acontece-se darem-se por mais dinheiro muitas vezes, e a valia das pedras não é por mais que por a vontade da gente e carencia dellas; porque maiores virtudes e mais experimentadas tem a *pedra de cevar,* e a que estanca o sangue, e vendem-se por *mãos* (que são em Cambaia, donde as ha, vinte e seis arrateis) e as *esmeraldas* se vendem por *ratis,* que são peso de tres grãos de trigo; e as outras pedras se vendem por quilates na Europa, que são quatro grãos, e na India por *mangelis,* que são cinco grãos; e portanto Plinio não fallou como mercador de pedras ou lapidario, no valor dellas.

R.—Dizei os nomes, e se é uzada na physica.

O.—Em arabio, ao qual imitam os Mouros todos onde quer que estão, se chama *almaz,* posto que Serapio o chama por outro nome, cap. 391, e o gentio todo, onde se acha a nascença destas pedras, as chama *irá,* e no Malaio, onde tambem as ha, se chama *itam,* e quanto é a physica não se costuma usar destes *diamães,* posto que

eu achei physicos gentios, que a davam pera quebrar a pedra, administrada per seringa; e per cima não a dando, porque caiu um erro no povo que era peçonha, isto por sua grande penetração, e que furava as tripas.

R.—E não é isso assi? Pois o Laguna com outros muitos a conta por peçonha, e o uzo commum assi o tem.

O.—Fallando a verdade comvosco não ha tal couza, porque já houve nestas terras negros de lapidarios, que engoliram diamães, e confessarão ao seu senhor (achando-os menos) que os engoliram, e esperou, e deitou os diamães por baixo, sem nenhum damno, e disto sam eu testemunha.

R.—A mim dizem-me, que feito em pó é veneno, e traz razão, porque, se achegará ás partes do estomago e das tripas, e fural-as-ha.

O.—Não será em pó veneno, porque a virtude attractiva das partes do estomago não o trará pera si, e elle correrá abaixo, como couza grave (pois é pedra); e mais eu conheci uma molher, que, tendo o marido enfermo de umas camaras antigas, e aborrecendo-lhe muito a doença comprida, lhe mandou comprar diamães moidos, e lh'os deu tantos dias (sem morrer) que se enfadou; e depois lh'os deixou de dar, porque lhe certificaram, que não podia escapar da enfermidade, e assi, sem os tomar mais dias, morreu muito tempo depois: isto soube eu da pessoa, que ia a comprar os diamães; assi que dizem que os diamães são

venenosos é abusão, e couza não escrita per doutores autenticos.

R. — Pois agora vos quero perguntar alguns erros, e isto será dizendo-vos o que os antigos diceram, em que tenho alguma duvida; dizem nascer nas mineiras de cristal, e posto que nasça perto da mineira de ferro, por ser chegado ao cristal, não o deixa ter côr do ferro, antes é mais claro que o cristal; e dizem mais que *adamans* quer dizer força não domavel; e assi dizem que posto em uma bigorna, não póde ser quebrada com força de martelos, antes os despreza, e bota a escama, de ferro fóra; e porém que, se for deitado o *diamão* primeiro em sangue de bode, amolece, principalmente se o bode como alguns dizem, primeiro comer aipo e outras couzas abridoras, e se beber vinho: dizem mais que, desta maneira se lavra, e d'outra maneira não; e assi dizem que nunca se achou maior que uma avelam. E porque não digaes que vos allego falso, diz Plinio, quando falla no sangue de bode, que é invenção do homem; e alguns dizem que Plinio está corrupto, e que ha de dizer que é invenção não de homem, como se dicesse, que isto do sangue de bode aconteceu por revelação, porque de outra maneira não se podia saber.

O. — Não passeis mais avante; porque não tenho memoria pera responder-lhe a tantas objecções, polas não chamar fabulas; e por tanto haveis de saber que em tres ou quatro cabos achamos

cá *diamães,* s. em Bisnager, em duas outras rocas que rendem muito a el-rei de Bisnager; e assi como em Hespanha dos atuns, que se pescam, tem el-rei grandes direitos, e se vem algum solho, é tomado para el-rei, assi nestas mineiras tem el-rei muito grande renda; e a pedra que é de trinta *mangelis* pera riba, é de el-rei; e sobre isso se poem grandes guardas em os cavadores; e se acham em algum tempo, que a tem alguma pessoa, é tomada com toda a sua fazenda, a que a tem: ha outra roca no Decam, perto da terra do Imadixa (a que nós chamamos Madre Maluco) uma terra de um senhor gentio, outra roca, e de melhores *diamães,* e não tão grandes; estes são chamados de *roca velha,* e vão-se vender a uma feira, muito nomeada, de uma cidade do Decam chamada Lispor, das terras do Madre Maluco; e ali a compram os Guzerates, que nol-a vem a vender aqui a Goa, e a levam a vender a Bisnager, onde tem muito preço estes *diamães da roca velha,* em especial os que chamam *naifes,* que são aquelles que a naturaleza lavrou, e fez perfeitos, sem irem á mó; e posto que acerca dos Portuguezos, valham mais os lavrados; mas dizem os Canaras que, assi como a molher virgem vale mais que a corrupta, assi vale mais o *diamão naife,* que o lavrado. Ha outra roca, no estreito de Tanjampur, nas bandas de Malaca, tambem de *roca velha;* são pequenos e muito bons, senão que tem uma tacha, que pesam muito;

couza que não é boa pera quem comprar, e é bom pera quem vender; e em nenhuma destas partes ha cristal, nem em toda a India; porque o cristal quer terras muito frias, assi como Allemanha; e porém cá na India ha *berilo,* que é assi como cristal; e ha-o em grandes pedaços; de que fazem jarros, e escudelas; e eu dava por um duzentos cruzados, e não m'o quizeram dar: porém este *berilo* não n'o ha em Bisnager, senão em poucas partes, e longe das rocas; mas ha muito deste *berilo* em Cambaia e em Martavam e em Pegú; per onde é mercadoria muito boa os diamães, polos lá não haver; e assi ha *berilo* em Ceilão (onde não ha diamães). E ao que dizeis, que é tão forte que despreza a bigorna de ferro, e os martelos que os quebra, a isto vos digo que, se tiverdes algum diamão de preço, não façais nelle a tal experiencia; porque quantos tiverdes tantos fareis em pedaços com um martello; e muito facilmente se quebram com uma mão de almofariz, e assi os fazem em pó pera lavrarem os outros, e eu vi isto em diamães pequenos; e em um grande o fizeram aqui lapidarios, do qual, per sua má feição, quizeram fazer dois ou tres, e assi o quebraram. Verdade é que os *diamães* não podem ser lavrados senão com outros *diamães* postos na roda; e não se podem furar, posto que um Doutor moderno diga que si: a maneira de conhecer os *diamães,* se é *diamão* ou não, é tocal-o com outra ponta de *diamão,* ou com uma

lasca, e se não for diamão, faz-se-lhe risco; posto que ha outros diamães tão fortes, que ferem a outro diamão, mas isto é resvalando, e não firmando nelle; porque diamão não consente ser verrumado, nem picado, nem o fogo lhe faz nojo; e com tudo vos sei dizer que o diamão é muito conhecido dos lapidarios, porque dizem que tem agoa viva; e o *topasio,* e a *safira de agoa* e o cristal tem as agoas mortas. E de amolecer-se com sangue de bode foi uma fabula tomada em verem que o sangue de bode quebra a pedra da bexiga e dos rins; mas já o experimentei, e é tanto como se lhe não deitasse couza alguma. E ao que dizeis que nenhum é maior que uma *avelam,* nisto não tem culpa Plinio, nem os outros escritores; porque fallaram do que viram, que muito maior diamão ha cá que quatro *avelãs,* e eu o maior que vi nesta terra foi de cento e quarenta *mangelis,* e outro de cento e vinte; e ouvi dizer que tinha um homem desta terra um de duzentos e cincoenta *mangelis.* Se o tem, faça-lhe muito boa pró, posto que elle o nega; mas muitos annos ha que ouvi dizer a um homem, digno de fé, que vira em Bisnaguer um, como um ovo pequeno de gallinha; e tudo póde ser: e do que mais me maravilho, é ver que couza tão forte havia de estar mettida muito dentro na mineira, e havia-se de crear-se em muitos annos, e vejo que se criam em dous ou tres annos; porque cavam a mineira este anno altura de um covado de medir, e dahi a dois annos tor-

nam a caval-a, e tiram diamães, como primeiro: isto dizem muitas pessoas em commum, porém outros me diceram que os diamães grandes não se criam na face da roca, senão muito dentro; porém assaz é que haja nisto duvida, e que se criem em tão pouco tempo alguns, ainda que sejam pequenos. E ao que me dizeis de ser vencido do chumbo por cauza do azougue, não traz razão, porque, pois o diamão vence o ferro, e a todolos outros metaes e pedras, não é bem dizer, que é vencido do chumbo, por cauza do azougue; porque assi o corta o diamão, como uma faca corta um nabo, e quem o escreve o sonhou, ou, por fallar mais claro, não fallou o que era. Eu vos dice já a resposta das vossas perguntas, perguntai mais avante as duvidas, que tiverdes; e se vos parecerem mal as minhas respostas, não vos maravilheis, porque quem falla contra o commum, é aborrecido.

R.—Escreve um chronista, chamado Francisco de Tamara[1], que ha diamães no Perú: dizei o que nisto passa.

O.—Eu nunca o ouvi dizer a pessoas que os vissem no Perú, vós o podeis melhor saber, pois estais em Hespanha. E porém eu vi nesse autor, que allegais, muitas fabulas acerca do tirar dos diamantes destas nossas terras, porque diz que vigiam as serpentes os diamães, porque os não tirem; e a gente que ha os diamães em sua mão deitando carne confeiçoada em certo modo pera que a comam as serpentes

[1] Talvez quizesse dizer Gomara. *(V.)*

estando ellas em outro cabo, tiram as pedras á sua vontade. Bem fora que pois Francisco de Tamara queria contar fabulas, que as contara das suas Indias, e não das nossas.

R. — Tambem escreve um frade dominico, chamado frei Domingos de Baltanas, que ha roca de diamães em Hespanha.

O. — Eu conheci esse frade em Salamanca, segundo me parece, e tenho-o por bom religioso: diria o que achou escrito por outros, porém eu nunca o ouvi dizer.

R. — Outro genero de diamães contam que ha na Arabia, que não é tão forte; porque se quebra sem sangue de bode, e que não tem igual resplandor a este; e assi é de menor preço.

O. — Eu nunca vi nem ouvi destas pedras criadas na Arabia, mas cá ha uns que chamamos *topasios*, que são almecegados em cor, e ha umas *safiras d'agoa* que parecem claramente diamães; mas não ouvi dizer que estes houvessem na Arabia; e mais estes não são diamães, senão chamam-lho pola semelhança que com elles tem; mas o que não tem a fortaleza indomavel não é diamão, e o que dizem que seria em Chipre, não o vi, nem ouvi que o lá houvesse, nem o de Macedonia; e parece-me que os Turcos não fariam tanto por elles, se em sua terra os houvesse, ou perto della: isto vos digo porque a maior parte destes diamães são levados dos Turcos.

R. — Dizem mais que todos trazem o ferro, e o de que mais me maravilho, é que dizem que a pedra de cevar, estando presente o diamão, não traz o ferro.

O. — Isso de trazer o diamão o ferro, logo vereis o contrario, quando o experimentar quizerdes; mas que a pedra de cevar não traga o ferro, presente o *diamão,* é grande fingimento; porque diante de muitos experimentei o contrario, assi em *diamães* de *roca velha,* como de *roca nova,* e diante de vós experimentarei, se mandardes. E das outras virtudes que delle escrevem, não é fora de razão serem verdadeiras; porque pedra que Deos criou, com ser tão invencivel, é bem que lhe dê os dotes, que dizem; posto que dizer que se se pozer debaixo da cabeça da molher, não o sabendo, e estando dormindo, que acordando ella abraçará o marido, se lhe é fiel, e se é o contrario, que foge delle; eu não o posso crer, ainda que me digam que o dizem escritores de autoridade: porque assi o dizem de algumas hervas, e sabemos ser abusão. Mas uma couza vos direi, que vi em *diamães* muito finos da *roca velha,* e eram pontas que, esfregando os um com outro, se pegavam, e estavam apegados sem se desapegar, e assi vi diamães esquentados trazer a palha, como alambres; e porque vi estas couzas, e vós as podeis ver, se quizerdes, dou fé dellas. E posto que algum escritor ensina a falsificar pedras, não vol-o quero fallar, porque não é obra de philosopho, e muito menos será de theologo, porque ensina este escritor a fazer da *safira d'agoa* diamão, mas não fica, senão *safira,* e não *diamão,* posto que o pareça.

R. — Porque não seja tudo fallar em couzas

alheias na physica, vos pergunto, se vistes nestas terras pedra armenia, porque carecemos della em Europa, aindaque temos *lapis lazuli* em muitos cabos.

O.—Mandar-vos-hei aqui trazer *pedra armenia* logo. Moça, dá cá aquella chave.

S.—Eil-a aqui.

O.—Tira o pano atado com pedras grandes.

S.—Eil-o aqui.

O.—Agora vede *pedra armenia*.

R.— Muitos signaes tem do que dizeis; porque com ser azul algum tanto, é verde claro; mas como sabeis que é *pedra armenia*?

O.—Os Mouros, grandes physicos, que curam o Nizamoxa, me deram estas pedras, e purgam com ellas melancolia, e chamam-lhe assi em arabio, s. *hager armini*, que é o mesmo que *pedra armenia;* perguntei-lhe donde havia estas pedras, diceram-me que em Ultabado, cidade muito conhecida do Balaguate; e perguntei-lhe, se a havia em Turquia ou na Persia, pois eram della, e diceram-me que ja a viram lá, mas que era em pouca quantidade; e que não sabiam se vinha da Armenia ou não; e comtudo sei-vos dizer que purga muito pouco esta mézinha, segundo experimentei; e ja perguntei a muitos Armenios, cá na India, se a havia em sua terra, e disso não me souberam dar razão.

R.—A *pedra de cevar* é couza muito commum, e com tudo vos quero perguntar o que sabeis della, porque Laguna e outros dizem ser veneno, e que faz o homem aluado.

O.—A *pedra de cevar* não faz o homem aluado, nem é veneno; porque tem-se acerca dos gentios, que comida em pouca quanti-

dade os faz não envelhecer, e os conserva em sua mocidade; e portanto El-Rei de Ceilão, velho, mandava fazer panellas desta pedra, pera lhe fazerem de comer nellas.

R.—Como sabeis isto?

O.—Alem de ser isto fama commum, m'o dice Isac do Cairo, que lh'as mandava fazer: e este Isac do Cairo é um judeu, que foi a Portugal levar as novas da morte do Soldão Badur.

R.—Diz Antonio Musa, que os Portuguezes que navegam pera Calecut, acham lá náos com pregos de páo, e que o fazem por cauza dos montes de *pedra de cevar*, que não tragam o ferro dos pregos pera si.

O.—Isto são fabulas; porque nunca Portuguez viu tal couza, e em Calecut e em toda essa costa ha mais navios de pregos de ferro que de páo; verdade é que, nas ilhas das Maldivas, ha navios com pregos de páo, como vos já dice: mas a cauza disto não é por mais senão por não gastar o dinheiro em ferro.

R.—Dizem tambem que a mina da *pedra de cevar* está junta com a mina do ferro, e que por isso traz o ferro pera si.

O.—Não ha tal cousa, porque em cabos differentes se criam, s. onde não ha ferro.

R.—Um philosopho Pariense diz, que a *pedra de cevar* move o ferro pera si, mediante a virtude que nelle imprimiu, pera que se mova a ella, e que por esta razão não pesa mais a *pedra de cevar* com muito ferro, que com pouco.

O.—O contrario disso experimentámos já, eu e algumas pessoas, porisso não vos maravilheis, porque não acertam em todas as couzas os homens.

COLLOQUIO XLIV

DAS PEDRAS PRECIOSAS, QUE SÃO, S. SAFIRA, JACINTO, GRANADA, RUBI, MEDICINAES

R.—Agora é bem que fallemos (pois é mais necessario a physica) das pedras preciosas, que entram nas composições e letuarios cordiaes.

O.—Não vos hei de dizer, senão das pedras medicinaes e das que ha na India, porque se dicesse de todas, seria nunca acabar. E das medicinaes sómente vos direi das que entram no letuario de *gemis*, que commumente são chamadas *fragmenta preciosa*.

R.—Dizei dessas, porque depois vol-o rogarei, e me direis de algumas outras.

O.—Direi em breves palavras. E porém dest'outras é mais necessario por vos aconselhar que leveis dez cruzados dellas, pera que deis aos boticarios de Castella, que daqui avante comprem as verdadeiras pedras; pois não são tão caras: a primeira é *safira*, que é uma pedra que merece valer muito, e compra-se por pouco dinheiro, o azul da qual é muito aprazivel na vista: ha-as de duas maneiras, s. umas muito escuras, e outras muito claras, o que chamamos *safira de agua*, e estas não são de tanto preço, e algumas vezes se engastam com alguma tinta, que lhe dão, e parecem diamães, com que alguns foram enganados. E assi umas como outras ha em Calecut, e Cananor, e em muitas partes dos reinos de Bisnagua; e porém as melhores de todas são de

Ceilão, e muito melhores as de Pegú. E com serem pedras tanto apraziveis aos olhos, nunca se achou alguma por grande e limpa, e de boas aguas que fosse, que escassamente chegasse a mil pardaos ou mil cruzados: isto digo, segundo o que ouvi nestas terras; quando embora fordes pera Cochim, podeis comprar em Calecut e em Cananor, dos pedaços que ficam quando as lavram, alguma quantidade, e tambem comprai dellas, assi inteiras, porque valem pouco dinheiro.

R.—Dizei dos *jacintos,* e *granadas.*

O.—Destes ha tanta quantidade, que não é necessario, senão com pouco dinheiro levardes um saco dellas: muitas achareis em Calecut e em Cananor, e as lavradas dão uma corja (que são vinte) por um vintem; e as por lavrar muito mais baratas; e as *granadas* não tão somente ha nas partes, que dice, mas em todas as terras firmes de Cambaia, e do Balagate se estão vendendo na praça por muito pouco preço.

R.—Segue-se da *sardonix.*

O.—Esta pedra não ha nesta terra; e se alguma ha, vem de fóra della; e alem disso ha muita differença em saber que pedra é; portanto do meu conselho deveis de deitar em seu logar, quando a não achasseis, *jacintos* ou *granadas,* os quaes *jacintos* ha tambem perto de Lisboa em um logar, que se chama Bellas; e assi as pode haver em muitos cabos de Hespanha, se as buscarem; e estas duas pedras, *jacintos* e *granadas,* querem alguns dizer que são especies de rubis.

R.—E dos *rubis* e do *carbunculo* que me dizeis?

O.—Digo que, debaixo deste nome de *rubi*, se contém muitas especies: e a mais principal se chama em grego *antrax*, e em Latim *carbuncolus*, que quer tanto dizer, como braza aceza.

R.—Essa queria eu ter pera mim, e não pera gastar na botica; porque ouvi dizer desta que alumiava de noite.

O.—Não creiais isto, que são ditos das velhas.

R.—E não vistes vós, ou ouvistes dizer, que a havia?

O.—Nunca a vi. Verdade é, que um lapidario me dice que contara em uma meza uns poucos de *rubis* muito finos, que vieram de Ceilão, muito meudos, a que chamamos *rubis de corja*, que é tanto dizer como comprados vinte a vinte, e diz que ficou um mettido entre as dobras da meza, e que de noite ás escuras parecia a meza que tinha uma faisca de fogo, e foi á meza com uma candea, e achou-se um rubi muito pequeno, que des que o tirou nunca mais apareceu a faisca na meza: se isto é verdade ou mentira, não sei. E sei que m'o contou este lapidario, o qual officio faz dizer ás vezes mentiras; e, postoque as dizem por seu proveito; porém ficam tão mal acostumados disto, que ás vezes as dizem por fallar á sua vontade maravilhas.

R.—Logo, quando o *rubi* for muito fino, em cor e aguas, quero dizer que seja de vinte e quatro quilates em cor, chamar-lhe-hemos carbunculo.

O.—Parece-me que si, e eu vi ja algum destes

a que chamam *toques,* e tem o preço segundo a grandura, e feição e aguas, e o mais caro que eu vi foi um que diziam valer vinte mil cruzados; e este tinha um grande senhor no Decam, que m'o mostrou por ser eu muito privado seu, e me tomou minha palavra que o não dicesse á gente daquella terra, nem ao Rei della; dice-me que lhe custara seis mãos de ouro, que são perto de cinco arrobas portuguezas.

R.—Essa era boa pera gastar na botica, segundo os boticarios são liberaes.

O.—Não, que para a botica achareis muitas tão baratas, como os *jacintos;* portanto tambem levai alguma quantidade a Castella. Ha outra especie, que chamam *balax,* que é algum tanto roxa, esta é de menos preço; ha outra a que chamam *espinhela,* esta é de cor mais chegada á braza, e tambem esta é de menos preço, porque não tem as aguas de verdadeiro rubi. Ha outros rubis brancos em muita maneira. Ha outros que tiram um pouco a encarnado, ou mais propriamente a cereja branca, que se quer fazer madura. Ha outros rubis que são ametade brancos, e ametade vermelhos, e outros que são ametade safiras, e ametade *rubis.* E de todas estas feições vi, e se vos relevar, vol-as mostrarei, antes que vos vades. E posto que ha outras muitas especies destes rubis, dellas vos não quero fallar, nem dos seus preços, porque não sei isto muito bem sabido, s. o dos preços.

R.—Não podeis escusar de me dizer a cauza da variação das cores desses rubis.

O.—O que ouvi dizer mais conforme á razão é, que o rubim na roca, quando é perto do seu nascimento, é branco, e em amadurecendo adquire aquella perfeição que é ser vermelho; e, porque esta perfeição não se pode adquirir subitamente, ás vezes o acham encarnado como dice, e outras vezes de uma das bandas vermelho, e d'outras branco. E porque a *safira* e *rubi* dizem ser de uma roca, portanto se acha em uma pedra um rubi meia *safira* e meio *rubi;* e ha outras pedras, que tem tão misturado o azul com o vermelho, que parece uma verdadeira composição de azul escuro e vermelho, e quasi como roxo: e a estas pedras chamam em algumas linguas desta terra *milacandi,* que quer tanto dizer, como *rubi* e *safira*.

R.—Os nomes destas pedras me dizei em arabio e na lingua da terra.

O.—O *rubi* chamam os Arabios e Persios *yacut,* e a gente desta terra *manica,* e os *jacintos* e *granadas* tem seus nomes particulares, como quem diz *rubi amarello* e *rubi preto;* a *granada* e a *safira* se chama *nilá*.

R.—A melhor pedra e a mais necessaria me não dicestes, que é a *esmeralda,* que entra no letuario de *gemis,* chamando-a *ferrugezi*.

O.—Não valem as esmeraldas tão baratas, que por esmeralda se haja de entender *ferrugezi:* porque as esmeraldas ha muito poucas, e de muito grande preço;

e não se sabe a propria roca dellas; de maneira que as que ficam donde as soem lavrar, não se pode achar tanta quantidade, que abaste, e quem diz que *ferrugezi* quer dizer *esmeralda* não sabe arabio; nem a intenção de Mesue foi entrar *esmeralda* nesta composição, postoque o contrario sentiu Cristofaro de Honestis, commentador de Mesue, e a cauza disto é, porqus *esmeralda* em persio e em lingua desta terra, se chama *pachec,* e em arabio *zamarrut;* e Serapio no capitulo da *Esmeralda*[1], onde diz *zabarget,* ha de estar *zamarrut;* nem ha de estar *tabarget,* como sente o Pandetario.

R.—Pois *ferrugezi* que quer dizer?

O.—Haveis de saber que P e F no arabio são lettras muito irmans (como ja outras vezes vos dice): por onde no Mesue em arabio está *perugezi,* que quer dizer *turqueza* ou da turqueza: porque *peruzá* em arabio quer dizer *turqueza,* das quaes ha muita quantidade em toda a Persia.

R.—Verdadeiramente que por este só ponto houvera de vir á India, e se vos não achára, porventura m'o não diceram cá; daqui em diante onde achar *ferrugezi* em Avicena ou em qualquer livro dos Arabios, entenderei *turqueza,* e não consentirei a boticario, que deite no letuario de *gemis* esmalte verde, nem outras pedras verdes; porque me lembra que o outro dia, vindo-vos aqui a vender uma joia, com muitas esmeraldas miudas, me dicestes que todas aquellas eram falsas,

[1] Serapio, cap. 384.

e que no Balaguate, e em Bisnager as faziam do vidro dos frascos, s. do mais grosso delles, e que era couza tão commum entre elles, que se não corriam disso; e porisso onde eu vir *esmeralda,* direi antes que o bote no letuario sem saber muito certo o que é, *aviride vitro libera nos Domine.* E mais as nossas *esmeraldas* do Perú, diz um escritor moderno, que são muito más pera o uzo da medicina.

O.—Digo que essas pedras do Perú chamadas *esmeraldas* vieram cá a esta terra; no principio valiam muito; e depois que cairam nellas, acharam ser falsas, e não dão dinheiro por ellas; portanto tambem dessas me parece que vos haveis de guardar.

R.—Dizei-me das *turquezas,* se são uzadas em physica ou não.

O.—Alguns me diceram que si, e outros que não, entre os Gentios; porque entre os Mouros todos os mais dizem que são uzadas na physica.

R.—Dizei-me da *crisolita* e *da amatista,* e do *berilo* (pois dizeis que cristal não ha nesta terra) e da *alaqueca,* e do *jaspe.*

O.—Do *jaspe* vos não direi, pois o ha mais nas vossas terras, e sabeis mais delle que eu; com tudo vos direi que ha cá porcelanas pequenas de jaspe, ou de pedras verdes, que parecem de *esmeraldas,* e já pode ser que a peça que está em Genoa, que dizem ser *esmeralda,* seja desta pedra, e amostral-a-hão por alcançar mais autoridade, e fallarem á sua vontade os Genoezes, porque a mim me davam no Balagate

uma porcelana por duzentos pardaos, e se fora *esmeralda*, a milesima parte della me não deram por elles, segundo a estima, que acerca delles está a *esmeralda*. Do *berilo* ja vos dice fallando no *diamão*, a muita quantidade que ha delles nas terras de Cambaia, de Bisnager, e de Ceilão, e em outros muitos cabos. A *crisolita* ha em Ceilão, e as *amatistas* tambem; e assi no Balagate do Nizamoxa ha estas pedras e outras muitas; e todo aquelle Balagate está cercado de muitos generos de pedras. A *alaqueca* chamada de nós (que em arabio é chamada *quequi*), vale um arratel desta pedra lavrada em peças meudas um real castelhano; e esta pedra tem a virtude mais clara que todas as outras; porque estanca o sangue mui de supito.

R.—Os *olhos de gato* me parecem muito bem; onde os ha?

O.—Os melhores ha em Ceilão, e valem mais cá, que em Portugal, porque eu vi um, levado pera Portugal, que valia cá seiscentos cruzados, e em Portugal não davam por elle mais que noventa; e tornou cá, e foi vendido por sua valia: é porisso não leveis de cá estas pedras pera Portugal por mercadoria.

R.—Que propriedade tem?

O.—Diz a gente desta terra, que tem a propriedade de conservar o homem nas riquezas que tem, e não diminuir dellas, e porém que se pode accrescentar mais nellas.

R.—Onde ha estes *rubis*, que m'o não dicestes?

O.—Alguns poucos ha em Ceilão, porem são muito

bons, outros vem de Pegú, e diz-se que vem ali ter das terras do Brama, que é muito longe. E isto são informações as mais certas que tenho: se nisso érro alguma couza, perdoai-me, que não sei inteiramente todas as couzas.

COLLOQUIO XLV

DA PEDRA BAZAR

O.—Muito me maravilho não me perguntardes pola pedra *bazar*, pois é tão louvada de todos os Arabios, e com muita razão.

O.—Não vos perguntei por ella, porque ja na pratica que tivemos sobre a colérica passio, a louvastes muito, e eu leixava de vos fallar nella, por me parecer couza falsificada pola maior parte; e não por ella não ser tão louvada, que as mézinhas que livram de peçonha, lhe chamamos *bezedaricas* per excellencia; portanto me fareis muita merce de me dizer em breves ditos de seu nascimento, e eleição, e falsificação, e o pera que se uza na gente desta terra, e se são estimadas em muito.

O.—Chama-se o carneiro (ou mais verdadeiramente bode), *pazam* em lingua da Persia, e ha este carneiro no Coraçone e na mesma Persia; e eu vi aqui em Goa um ruivo, e grande, e diceram-me que os havia outros mais pequenos e da mesma côr, e d'outra côr, e nos buchos destes bodes se cria esta pedra sobre uma muito delgada palha, que está no meio, e ahi se vai tecendo,

e fazendo casco, como de cebola; a qual é feita como uma columna redonda, e ás vezes não é de uma feição; e muitas vezes se acha esta palha na pedra, como eu ja vi; e outras vezes não lha acham, e por a maior parte é muito lisa, e a cor é como de bringela; e ha-as grandes e pequenas; e os senhores estimam em mais as muito grandes, porque dizem que no maior corpo consiste a maior virtude; e eu tive cá uma que pezava perto de cinco oitavas, e comtudo em Portugal foi estimada em pouco; e comtudo deu-se lá por trinta e dois mil reis, e cá custou por mais alguma couza, e senão fora por a diligencia que teve quem a vendeu, não se achara dinheiro por ella; porque trabalhou muito pola vender bem.

R.— Sabeis certo de como se gera?

O.—Si, porque desfazendo a pedra, achei-a feita sobre esta delgada palha; e homens dignos de fé me diceram, que assi eram todas em Ormuz; e depois me achei em uma armada, na ilha das Vacas (que é alem do cabo de Comorim) onde vi matar muitos bodes pera a armada, que eram muito grandes; e os bodes grandes, pola mór parte, tinham esta pedra no bucho; onde houve muitas pedras a gente que as quiz buscar; e depois ficou em costume aos que tomam aquella ilha de matarem muitos bodes; e tomaram aos de Benfiala aquella ilha, pera descarregar alguma parte do navio, por cauza dos baixos de Chilam, assi

que sempre trazem dahi muitas pedras do *bazar*.

R.—Logo não as ha somente na Persia.

O.—Tendes muita razão, porque tambem as ha aqui nesta ilha, que dice, e assi as ha em algumas partes de Malaca; porém tem-se por muito melhores as da Persia, e as do Coraçone; e conhecem os Mouros a differença que ha entre umas pedras e outras; e pera saber se são falsificadas, apertam-as na mão, e lhe assopram pera ver se lhe sae o vento; porque estas tem elles por contrafeitas. Chama-se esta pedra *pazar* do *pazão* (bode assi chamado), e assi quando vos cá pedem alguma mézinha contra a peçonha, lhe chamam *pazam,* e assi chamam o *locornio* e a *triaga* alguns. Este nome do *pazar* lhe chamam todos os Coraçones e Persios e Arabios; e nós os de Europa corruptamente lhe chamos *bezar,* e a gente da India mais corruptamente lhe chama *pedra de bazar;* que quer dizer *pedra da praça,* ou da feira; porque *bazar* quer dizer logar donde se vendem as couzas.

R.—E pera que uzam della, e quem uza mais della?

O.—A gente desta terra uza della, porque nos veem fazer o mesmo, pera a peçonha; e os Mouros de Ormuz e do Coraçone tomam até trinta grãos, quando muito; e assi uzam desta pedra pera todas as enfermidades melancolicas e venenosas, e todalas pessoas ricas se purgam duas vezes cada anno, uma per março, e outra per setembro, e depois de purgados tomam

por cinco manhãs dez grãos cada manhã, deitados em agoa rozada; e dizem que com isto se conserva a mocidade; e alguns me diceram a tomavam cada mez duas vezes, pera fortificar os membros principaes, e pera serem mais poderosos nos jogos de Venus; e eu sei-vos dizer que em muitas enfermidades velhas melancolicas uzo dellas, assi como são sarnas grossas, lepra, prurido antigo, empigens, pera as quaes me dice um Governador que se achara bem; e pera est'outras enfermidades uzei dellas, e me achei muito bem della, e por esta razão me parece que seria boa pera as quartans.

R.—E se um homem tomar muita quantidade della, fazer-lhe-ha mal?

O.—Posto que esta não seja mézinha venenosa, nem composta de veneno como *triaga*, eu acho que o mais seguro é tomar della pouca quantidade, e assi dão della em Ormuz muito pouca; e dizem que é mao tomar muita quantidade: e um feitor de Ormuz, meu amigo, diziam os physicos Mouros que morrera por lhe darem muita pedra *bazar;* e tem razão, porque as couzas que uzam per propriedade fazem suas obras em mais pequena quantidade, e certamente que me dice um homem de Ormuz, digno de fé, que fora lá feitor do capitão, e tinha muita conversação com esses Mouros honrados, que havia Mouros que estavam mui debilitados, e que para aquella fraqueza queriam tomar a pedra *pazar*, e que elle

os via tão fracos, que lhe parecia que não podiam escapar, e que elle dizia aos physicos que o seu parecer que era que não podiam escapar, e o physico lhe dizia que, depois que tomassem a pedra, que os olhasse, que os não conheceria; e que elle os olhava depois, e que os via muito rijos; por onde davam graças a Deos que tal pedra criara.

R. — Diz Matheolo Senense que, se toca a carne esta pedra, trazendo-a no braço, preserva ao que a traz de lhe fazer mal a peçonha; e diz tambem que deitada da banda de fóra, feita em pós sobre as chagas, que chupa o veneno, se é de mordedura de bicha ou de cão raivoso.

O. — O primeiro que diz, que posto da banda de fóra preserva tocando a carne, não está cá em uzo, nem se pratica: mas ás outras chagas venenosas, que diz, é verdade que aproveita, deitada em chagas feita em pó, se são venenosas, dizem muita verdade; porque eu sei, que nas chagas de todalas mordeduras venenosas aproveita, e nas apostemas da peste, quando estão abertas, aproveita muito; e dizem que preserva da peste, e que a cura; e porque nesta terra as bexigas e sarampão são mui venenosas, e matam, muito temos cá por uzo darlhe esta pedra *bazar* cada dia, em quantidade de um grão até dois, deitada em agoa rozada, e com isto é o veneno enfraquecido.

COLLOQUIO XLVI

DA PIMENTA PRETA, BRANCA E LONGA, E CANARIM, E DOS PECEGOS

R.—Não é fóra de razão, pois tantos trabalhos os Portuguezes levam por haver toda a *pimenta* á sua mão, comendo a menor parte, e as partes da Allemanha e Frandes gastando a mór parte della, que me digais onde é a força e a quantidade della maior, e como se chama nas terras donde nasce, e mais como se chama em arabio e como se colhe, e a feição da arvore, e se é cá uzada pera medicina.

O.—A mór parte desta *pimenta* ha em todo o Malavar, e ao longo desta costa, do principio do cabo de Comorim até Cananor: lá nas bandas de Malaca tambem ha alguma quantidade desta *pimenta,* ainda que não é tão boa, porque a acham mais vam; e colhe-se em algumas ilhas da Java, e na Sunda, e em Queda e em outros cabos, e gasta-se esta toda na China, e na propria terra, e tambem a levam a Pegú, e a Martavam; e a do Malavar tambem se gasta toda a mais na propria terra, porque, ainda que a terra do Malavar seja pequena, se gasta muita mais quantidade que em nenhuma outra terra; e alguma gasta a gente da fralda do mar, e outra levam para o Balaguate, carregada em bois; e muita quantidade levam os Mouros pera o mar Roxo, contra a defeza d'El-Rei porque nunca couza alguma pode ser tambem guardada, que se não furte muita quantidade pera as partes occidentaes por Mouros da terra; assi que estas são as partes donde

se colhe esta *pimenta,* ainda que haja algumas arvores de Cananor pera o norte, mas é tão pouca quantidade, que não fazemos cazo della, porque a gente da terra a gasta; porque estas arvores não se criam no sertão, nem em outras partes; e assi é mercadoria boa pera lá, porque eu vi muita quantidade, que se levava em bois pera lá.

R. — Dizei os nomes na terra onde a ha.

O. — Chama-se acerca dos Malavares, donde ha maior copia, *molanga;* e em as partes de Malaca, onde tambem se colhe (como dice já) *iada;* e em arabio se diz *filfil,* e assi a chamam todos os Arabios physicos e o vulgar, e se Aviçena[1] (segundo treslada o Belunense) a chama *fulful,* e *darfulful* á pimenta longa e *falfel,* e Serapio[2] que eram Arabios, todavia me parece que *filfil* é o mais certo nome, e não *fulful,* nem *falfel;* porque facilmente se podia corromper o nome escripto, e ficou na voz do povo: porque nisto vai pouco não me detenho mais, senão digo que o Guzerate e o Decanim diz pimenta *meriche,* e o Bengala *merois* e a pimenta longa *pepilini.*

R. — Da feição da arvore, e como cresce, e como se cria toda em uma arvore me dizei; pois nisto concordam os Gregos e Latinos e Arabios todos, e os novos escritores que hoje em dia escrevem.

O. — Todos a uma voz se concertaram a não dizer verdade, senão que Dioscorides[3] é digno de perdão, porque escreveu por falsa informação, e de

[1] Avicena, lib. II, cap. 575.
[2] Serapio, II, 367.
[3] Dioscorides, lib. II, cap. 153.

longas terras, e o mar não ser tão navegado, como agora é; e a este imitou Plinio[1], e Galeno[2] e Isidoro, e Avicena e todos os Arabios, e mais os que agora escrevem, como Antonio Musa, e os frades tem maior culpa, pois não fazem mais que dizer todos de uma maneira, sem fazer diligencia em couza tão sabida, como é a feição da arvore, e a fructa, e como madurece, e como se colhe.

R. — Como, todos esses que dizeis erraram?
O. — Si; se chamais errar a dizer o que não é.

R. — Ora pois isso é assi, dizei o que vistes e ouvistes a pessoas dignas de fé; e por derradeiro eu virei com minhas duvidas.

O. — A *pimenta,* s. a arvore ou planta é plantada ao pé de outra arvore; e pola mór parte a vejo sempre plantada ao pé de alguma *arequeira* ou *palmeira,* e tem a raiz pequena, e cresce tanto quanto é a arvore a que está arrimada, e encostada, abraçando-se com a arvore; a folha não é muita, nem muito grande, e é mais pequena que de larangeira, e verde, e aguda na ponta, e queima algum pouco, sabe quasi como o *bétele,* de que já fallei; nasce como as uvas em cachos, e não differe mais que serem os cachos da pimenta mais meudos nos grãos, que os das nossas uvas, e mais não são tão grandes os cachos em si como os das uvas, e sempre estão verdes até o tempo que se seque a *pimenta,* e estê em sua perfeição e força, que é até meado de janeiro; neste Malavar a planta é de duas maneiras,

[1] Plinio, liv. XII.
[2] Galeno, liv. VIII.

uma que dá *pimenta preta,* e outra *branca;* e, afora estas, ha outra em Bengala, que é da *longa.*

R. — Parece-me que destruis a todos os escritores antigos e modernos, por isso olhai o que fazeis; porque Dioscorides[1] diz, que a arvore da pimenta é baixa, e produz um fructo longo a modo de bainha, ao qual chamam *pimenta longa;* e dentro nesta bainha estão uns grãosinhos miudos semelhantes ao milho, e que estes hão de ser a *pimenta perfeita;* porque abrindo-se no proprio tempo as ditas bainhas, descobrem uns cachos pegados, e cheios d'aquelles grãos, que conhecemos, os quaes colhendo-se antes que se acabem de madurar, são agros, e estes são a *pimenta branca,* e misturam-se nas mézinhas que fazem pera os olhos, e é contra o veneno bebido, e mais das feras peçonhentas; a primeira é *pimenta longa,* e é fortemente mordificativa, e algum tanto amarga, por se haver colhido antes de tempo, e assi é proveitosa pera as couzas que dice; e a *pimenta negra* é mais suave e mais aguda, e mais agradavel ao gosto, por haver sido colhida em seu tempo, e mais aromatica, que a *branca;* e assi temperam os comeres, por ser mais proveitosa: a mais fraca de todas é a *branca,* por se colher antes de ser madura. E da *pimenta negra* a mais pesada é melhor, porque se acham entre ella alguns grãos vazios: chama esta pimenta a gente da terra *bracamasim,* isto é, o

[1] Dioscorides, liv. II, cap. 148.

que diz Dioscorides do ser della, porque das cousas pera que aproveita não é necessario fallar ao presente; e ao cabo do capitulo diz, que a raiz é semelhante ao *costo:* e Plinio diz que as arvores são semelhantes aos *juniperos,* e que nascem somente defronte do monte Caucaso, segundo alguns diceram, e que as sementes são semelhantes ás do *junipero,* e que se dividem ou apartam uma semente da outra em pequena parte da bainha, assi como os feijões. O preço della é dezeseis até dezoito libras, e o preço da *pimenta longa* é vinte e cinco libras, e o preço da *branca* é dezesete libras: conta-se por cada libra tres cruzados, e diz que a *pimenta* em sua terra é silvestre e não plantada, e que em Italia houve uma arvore destas, que parecia como murta. Tambem ha esta pimenta na parte da Arabia, chamada Trogoldita: chama-se esta *pimenta* na lingua da terra onde a ha *bracamasim;* todalas outras couzas mais de dizer pera que aproveita são tomadas de Dioscorides; portanto não as ponho aqui. Avicena faz dois capitulos, s. um de *fulful,* e outro de *darfulful* (que é *pimenta longa)* e assi elle como Galeno não dizem mais que contar com brevidade o que diz Dioscorides, e o mesmo faz Serapio, colligindo o que diceram Dioscorides e Galeno somente, e se ha alguma couza que dice Paulo Egineta não faz ao cazo: estas são as couzas que diceram os antigos, tirando Santo Isidoro que, com ser santo e de

muita autoridade, diz que quando a gente da terra sente que a *pimenta* é madura pera se colher, por medo das serpentes, pôem fogo ao matto, e fogem as serpentes, e a pimenta fica assi preta com o fogo, que puzeram ao matto; mas eu, fallando comvosco a verdade, tenho estas couzas por fabulosas, e que por taes as escreveu o primeiro que o dice; e que Santo Isidoro não fallou isto, porque o elle cresse, senão por relatar os ditos dos outros; assi que destas couzas não quero que me deis desculpa, pois as não creio; e por estas couzas vós digo que não sei com que razão reprehendeis a estes doutores tão antigos, e de tanta autoridade, sendo confirmados polos modernos, s. Matheus Silvatico, Sepulveda, Antonio Musa, e o Frade Hespanhol, os Frades Italianos, e quantos escreveram livros da Botica. Por isso requeiro-vos da parte de Deos, que não me digaes senão o que vistes ou ouvistes a pessoas muito dignas de fé, ajudando-vos com vossas razões, que as sabeis mui bem dar, e ao cabo veremos, como se uza na medicina polos physicos desta terra, e assi farei minhas perguntas necessarias: e perdoai, se fallei até aqui demasiadamente.

O. — Primeiramente saiba vossa mercê, que não nasce esta *pimenta* na raiz do monto Caucaso, ou defronte, como diz Plinio; pois nessas terras tem maior preço a *pimenta,* que em outras terras sabidas, e isto vós o sabeis, pois sabeis o monte

Caucaso onde está; e quão longe está do cabo de Comorim, e de Samatra (cabos onde ha maior quantidade de *pimenta):* nem é semelhante ao *junipero,* pois se planta arrimada, e d'outra maneira não, e o *junipero* é planta sobre si; nem nas folhas se parece com o *junipero,* e a feição da folha é como vos ja dice, e nascem cachos, como as nossas uvas, quando estão verdes, com os bagos distinctos, e desta maneira quando está em agraço se lança em vinagre e sal; e isto sei eu muito bem sabido, como testemunha de vista; e pela mesma maneira sei que ha arvore da *pimenta longa,* e mais a *pimenta longa* nasce em terra muito distante do Malavar, que o mais perto será quinhentas leguas, porque ha em Bengala e na Java; e esta *pimentu longa* valia em Cochim, que é a maior quantidade da *pimenta preta,* a cinco cruzados o quintal; e de quatro annos a este cabo, por se gastar mais a *pimenta longa* pera outros cabos, vale o quintal a quinze ou vinte cruzados. E vale em Cochim a *pimenta preta* uzual a dois cruzados e meio; a qual *pimenta* uzual vale em Bengala um quintal doze cruzados, e a longa, quando a compram lá em Bengala, vale um cruzado e meio: e isto vos abastava pera saberdes que não é uma mesma arvore a da *pimenta longa,* e da *pimenta* uzual, quanto mais que as couzas que homem vê polo olho não tem necessidade de a provar. A *pimenta branca* é outra arvore sobre

si, e fallando comvosco a verdade, não ha muitas arvores della nestas bandas do Malavar, senão poucas, e assi ha nas bandas de Malaca; e desta *pimenta branca* põem nas mezas dos senhores, como nós pomos nas nossas sal; e assi se faz no Malavar e em ambos cabos a tem por boa, pera a peçonha e pera os olhos; e prouvera a Deos que em tudo dicera Dioscorides tanta verdade, como em dizer que aproveitava pera a peçonha. E poraqui vereis como são differentes estas tres arvores, s. *pimenta longa,* e *preta,* e *branca;* a qual *pimenta longa* se chama em Bengala *pepiline,* e a arvore della não tem mais similhança com a da *preta,* do que tem as favas com os ovos: as outras duas arvores da *branca* e da *preta* são muito semelhantes uma com outra, e não se conhece, senão da gente da terra, assi como nós não conhecemos as videiras pretas das brancas, senão quando tem uvas; e se me não quereis crer, crede a estas tres somente, que ahi vão, uma é a *pimenta longa,* e outra *branca,* e outra *preta;* e quanto é chamar-se á *pimenta barcamamsi,* nunca tal nome eu ouvi em parte alguma destas terras, nem nome que se lhe parecesse em alguma couza.

R.—Verdadeiramente que eu me acho corrido, como eu não via e os outros isto, que está tão claro.

O.—Pois vedes aqui ha mais *pimenta verde* em cachos nascida, neste pao da arvore, e vedes aqui est'outra, que está feita em *achar,* de vinagre e sal, que não é differente de todas, se a provardes.

R.—Bem vejo tudo, e ja estou corrido de ver que nunca isto especularam bem os escritores novos: não me corraes mais; porque Laguna se queixa dos Portuguezes, porque lhe não dizem estas couzas, e diz que não tem mais cuidado que de roubar e esfolar os Indios.

O.—Verdade é, que os Portuguezes não são muito curiosos, nem bons escritores: são mais amigos de fazer, que de dizer: trabalham de adquirir per suas licitas mercadorias; porem não tratam mal os Indios; porque os Indios da paz são muito favorecidos dos governadores. E a raiz da *pimenta* não é semelhante á do *costo,* nem o *costo* é raiz, senão pao, como ja vos dice; e, porque vos não maravilheis da gente vulgar não saber bem estas couzas, vos contarei o que passei com um boticario no tempo de um governador, que era muito curioso de saber das mézinhas, ao qual eu fallei nas tres especies da *pimenta* ditas, e lhe dice os nomes dellas. E quanto é a *pimenta longa* ser outra arvore, confessou ser verdade; e quando lhe dice que a *preta* e *branca* eram arvores distintas, rindo-se de mim, me dice, como estava enganado; e pera isto contou ao governador, diante de mim, como estando elle invernando em Moçambique, se achou a sua náo fazer muita agua, e não estar pera navegar, e que porisso se descarregou a nao, e que elle por seu passa tempo olhava a *pimenta,* e que nella escolhera

alguma branca, por ser esfolada da casca, e que isso acontecia muitas vezes na *pimenta* velha, e muito bulida; e eu lhe dice que bem podia ser ter a muita quantidade da *pimenta* alguma *pimenta branca;* e mais que podia ser, pois se achava esta *pimenta* em Moçambique, muito melhor se acharia em Portugal na caza da India, onde a *pimenta* é mais velha, e mais bulida e baldeada; e porque o governador vio que o boticario me não queria crer, escreveu a el-rei de Cochim, que lhe mandasse dizer a verdade daquillo, o qual lhe mandou um saco de *pimenta branca;* e lhe escreveu que havia muitas arvores em sua terra da *branca;* entonces desistiu o boticario da sua porfia, por não ir contra um governador. E com isto faço fim aos ditos da *pimenta*; porque pera dizer o pera que aproveita é pratica muito uzada, e não ha couza nova ácerca dos Indios della, que nós não uzemos. E dizerem os Indios que é fria a *pimenta,* é couza mais para rir, que pera praticar; aos quaes eu digo muitas vezes que não lhe saberei provar ser o fogo quente, porque a via, por onde se havia de provar, era porque queimava.

R.—E os physicos desse rei vosso amigo, que dizem, pois dizeis que são lettrados?

O.—Dizem que é quente no terceiro gráo, como os Portuguezes; e pois que ja sabeis que são arvores diversas, não é necessario que em logar da *pimenta branca* ponham *preta,* porque isto não soube

Galeno nem Avicena, nem queiraes mais saber, que a *pimenta brauca* queima mais, e é mais aromatica; e quando se achar, que a ponhaes sempre, e quando não, fazer que deitem a *preta* antes, que a *longa*, porque é diversa planta; e não ponham em logar da *longa* alguma dellas, porque mais convem, entre si, a *branca* e a *preta*, que com a *longa*. E porque vos não fique alguma *pimenta* por saber, vedes aqui estas sementes vans, a que nesta terra chamam *pimenta canarim*, e uzam della para desfreimar, e pera os dentes, quando doem; é muito boa mézizinha, e assi a dão aos que tem *mordexi;* e não vos digo a feição da arvore, porque não vos é necessario, nem vai a Portugal. E bebamos sobre alguma conserva, pois não vos falecerá; pois que fallastes muito; e será sobre conserva de pecegos, que vem aqui muito bons de Ormuz.

R.—Bons estão e frescos, e não é de maravilhar; pois a semana passada vol-os deram, de maneira que devem ser deste anno; dizei-me se dizem cá que eram venenosos na Persia, e que transplantados em Egipto ficaram despojados do veneno.

O.—Estes, que comeis, são da Persia; porque della vem toda a fructa a Ormuz; e acerca delles nunca houve tal presumpção, nem se acha em memoria de homens serem algum tempo venenosos. Eu fallei com physicos da Persia sobre isto, e lhes dice que isto se devia entender pola fructa, que chama Dioscorides [1] *persea:* elles não me

[1] Dioscorides, liv. I, cap. 146.

souberam dar razão dessa fructa; nem os tem senão por muito bons, os quaes ha tambem no Balaguate, que veio a planta da Persia: por isso comei sem medo.

R.—Muito bem me soube a conserva; e porém melhor me soube o que me dicestes da *pimenta*, porque, fallando comvosco a verdade, ja um autor novo escreve o que dicestes, que são tres arvores distinctas; mas diz-lo a medo, como pessoa que lho dicera gente a quem não davam fé inteira.

COLLOQUIO XLVII

DA RAIZ DA CHINA

O.—Queria levar a Portugal alguma raiz ou *pao da China*, pois não é droga defesa; e pera isto queria que me dicesseis a feição della, e vosso parecer, e pera que aproveita; e me digais todos seus sinaes, e a maneira da administração nas enfermidades que se dá; e se uzarão em Portugal desta raiz, por ser a terra mais fria, e a mézinha ir de cá mais fraca; e como se conservará melhor esta raiz, pera ir mais fresca; e qual é melhor, se esta, se o *guaiacão* das nossas chamadas Indias; e não vos cegue afeição porque esta mézinha está mais perto, e será de vós mais uzada.

R.—Este *pao* ou raiz nasce na China, terra muito grande, e que se presume confinar com Moscovia, e se Laguna lhe chama Indias mais orientaes, não acerta nisso muito, senão se escusa com dizer que todas

as terras não sabidas se chamavam Indias; e não vos direi aqui as razões, por onde se presume confinar com Moscovia, por ser couza de pouco proveito, e não conforme á vossa intenção. E porque nestas terras todas, e na China e em Japão ha este *morbo napolitano,* quiz o misericordioso Deos darlhes por remedio esta raiz, da qual sabem lá bem curar os bons physicos; porque os maos em todo o cabo erram. E como elles curam lá com esta mézinha, acertaram acazo de trazer de lá esta raiz os Chins pera se curar cá no anno de 1535.

O.—E como soubestes o uzo deste *pao?* pois as naos da China não vinham mais que até Malaca, e os Portuguezes que iam á China não conversavam em terra com os Chins.

R.—Eu vim de Portugal um anno antes, e trouxe pouca fazenda (como se acontece a muitos), entre a qual trouce cinco quintaes de pao chamado *guaiacão,* o qual ao tempo de agasalhar, não foi bem alojado, e tomaram-me delle o que quizeram as pessoas que o queriam tomar; e chegando a esta terra, achei que pereciam muitas pessoas de *talparias,* e de outras chagas de *sarna castelhana,* e a muitas dellas não aproveitava o remedio das unturas. E chegando a esta terra, eu fui muito festejado por trazer este *pao,* porque ja cá se haviam curado com elle algumas pessoas, ás quaes havia succedido bem, e assi esperavam por elle de Portugal, e eu vendi o que trouxe por

mil cruzados; e quiz Deos isto, porque trazia pouca mercadoria, e afóra isto dei alguma de graça, e, como dice, muito me furtaram ao embarcar e desembarcar, e quiz Deos, que a todos que o tomaram se succedeu muito bem, e como logo se acabou o meu pao, compravam o pao, ja cozido, a cinco cruzados o arratel; e, porque custava tanto, queria Deos que aproveitasse. E nesse tempo vivia a gente esperando as naos, que haviam de vir do reino, pera ver se traziam pao, e veio muito pouco ou nenhum. E neste tempo foi curado um homem muito honrado e rico, o qual estando em Diu, contou a meu amo Martim Affonso de Souza, que lá estava tomando posse da fortaleza que lhe ahi deu o Sultão Badur, rei de Cambáia, como havia sido curado com o *páo da China*, com que se achára muito bem, e tivera inteira saude, e que não requeria dieta alguma, somente lhe vedava que não tomasse carne de vaca, nem de porco, nem peixe, nem fructas verdes; e ainda na China lhe concede o peixe; porque são os Chins muito comedores. E, como isto foi bem divulgado, dezejava a gente em grande maneira haver este pao; porque todos os homens são inclinados a comer, e muito mais os desta terra por sua ociosidade, e mais porque entonces tomavam o *guaiacão* com muita dieta; porque tambem assi se tomava em Hespanha; assi que vendo as naos de Malaca, valeu algum pouco desta raiz que nellas

veio a dez cruzados a *ganta* (que é pezo de vinte e quatro onças), e depois os outros annos valeu tão barato, que vale ás vezes a trinta reis a *ganta*. Desse tempo pera cá, foi degradado o pao das Indias de Castella, como Castelhano que vinha a matar de fome a gente, que cá habita; em tanta maneira que as naos que corresponderam ás em que eu vim, trouxeram grande somma de pao de Portugal, com a fama que levaram da minha boa venda, e não foi dado por dinheiro algum, e pouco a pouco se gastou nesta terra, queimando-se: ora olhai senhor, se tenho eu razão de estar melhor com este *guaiacão,* que com o *páo da China,* e certo que destoutro, dando-se pala maneira que se dá, s. dado, considerando primeiro a calidade e compleição do enfermo e a natura da enfermidade, e o tempo e região, se é fria, se quente, e o sexo, e a idade de quem o toma; e não vos maravilheis louval-o eu tanto, pois que ninguem houve que o louvasse; escrevendo tantos escritores cada dia louvando o *guaiacão;* porque entre elles um fidalgo Allemão escreveu um livro de seus louvores, em muito copioso estylo e mui puro latim, e podera ser escrito em uma folha de papel; e dest'outra *raiz da China* dizem Vesalio e Laguna muitos males, dizendo que é podre, e sem virtude esta *raiz da China,* e que custa muito dinheiro, e eu não tenho que ver com que custe muito, nem pouco, nem que seja cara, nem barata, antes me parece bem o que diz

Matheolo Senense, que abastaria pera esta raiz ser boa mézinha tomal-a o imperador Carlos V., e aproveitar-lhe; e certo que dado com as condições acima ditas, muito aproveita a todos.

R.—Quanta quantidade deste *pao* ou *raiz* cozem pera uma pessoa?

O.—Se o mal é muito grande, cozem uma onça desta raiz em quatro canadas de agua, e gasta ametade da agua; e a outra guardam-na em vidro ou barro vidrado; e tiram-lhe a escuma ao cozer, porque é boa pera deitar em algumas chagas; e ás vezes a deitamos sobre as chagas ou inchaços, e o bafo, quando está cozendo, é muito bom pera a dôr; e outras vezes fazemos fomentações com esta agua quente nos inchaços: e outras vezes pomos panos molhados em chagas, e é muito bom mondificativo. Os Chins costumam dar mais quantidade de pao, em suas terras; e algumas pessoas desta terra quizeram imitar os Chins, cozendo duas onças de pao ou onça e meia, e acharam-se mal com isto, porque os esquentou muito; e eu mesmo tomei este pao com suadoiro pera uma ciatica que tinha, sem suspeita do *morbo galico;* e porque tomei suadoiros, e bebia agua quente, como se costumava em principio, quando este pao veio, encheo-se-me o corpo de ersipella e leicenços, polo grande esquentamento que me fez no figado; e foi-me necessario sangrar-me, e beber agua de cevada, e assucar rozado, e pôr-me ao vento, e assi

fui restituido á saude; e de mim tomaram exemplo muitas pessoas depois, o não quizeram tomar mais agua quente, nem deitar tanta quantidade de pao, como deitam na China; porque a terra é lá fria em extremo, e esta muito quente. Somente a tomam cá, quando ha necessidade dos suadoiros, pela menhã quente, para suar, e quando ha necessidade dos suadoiros e as enfermidades são maiores, tomam suadoiro pola manham e á noite; e tambem, nos tempos muito quentes, não damos o pao a ninguem, quanto mais suadoires: esta é a maior quantidade, que costumamos a dar cá, s. uma onça cozida em quatro canadas de agua, e coza até que gaste a metade; e a outros dão mais pequena quantidade de pao, ou que tenha menos cozimento.

R.—E não a rectificais com algumas mézinhas?

O.—Senhor, si; porque a mandam rectificar, e quando o mal é mais pequeno, ou a compleição mais quente, damos uma onça de pao cozida em quatro canadas de agua, e que fique em duas e meia, e ás vezes em tres; e daqui passamos poucas vezes; e tambem trabalhamos que o pao seja bom e pesado, e que não tenha carunxo; e se, com estas condições, for branco é melhor que o vermelho; e quanto é a rectificação, costumam os Chins deitar raiz de aipo no cozimento e d'ali, e mais da razão em que se fundavam os Chins, acostumei eu não dar paos em rectificação: s. quando padece mais a cabeça ou os nervos,

deito rosmarinho, ou rosas, ou aipo, se o figado está opilado, ou raizes de *endivia,* se está quente, com alguma opilação; outras vezes o dou pera ulceras dos rins e bexiga, e lhe deito *alcaçuz;* e aqui houve um tisico, a quem o eu dei, misturado com outro tanto de cevada como era o pao, e com pouco cozimento, e hoje em dia está são.

R. — Que vos moveu a dar o pao, em enfermidade tão quente em membros espirituaes?

O. — Moveu-me vel-o paciente cheio de inchaços na cabeça, e em outros cabos, e escarrar materia, e não lhe aproveitarem os outros remedios, e ir-se consumindo, e como quer que foi, succedeu muito bem, e o homem ficou são; e depois o fizeram outros muitos, e acharam-se bem com isto; e já agora ninguem toma o pao, que o não tome rectificado com alguma mézinha; porém eu me quero gabar que fui o primeiro que isto uzei, e por meu exemplo o fizeram os outros.

R. — Dizei-me, se é bem purgar primeiro ao enfermo que tome este pao, e se tem alguns accidentes nelle os que o tomam, porque é bem sabel-os, para os remediar quando vierem; e quando aproveita mais este pão, se no principio das enfermidades ou no estado dellas; e se aproveita mais nas enfermidades grandes, ou nas pequenas.

O. — Regra geral é xaroparem-se e purgarem-se os homens antes que o tomem; e se o mal é muito grande, fazem os xaropes solutivos: e porque pola maior parte é este negocio

freima, accrescentamos-lhe *turbit,* ou *agarico;* e mando aguar os xaropes ás vezes com agoa do pao; e depois de purgado, com boa regra, lhe começamos a dar o pao, e aos quinze dias, se é necessario, lhe damos um menorativo, e ás vezes outro, ao cabo dos trinta dias; e se neste tempo não faz camara, cada dia o cristelizamos com agoa do pao e mel rozado, e oleo violado e *canafistula,* e isto segundo o que a necessidade requer; e estes menorativos, que lhe damos ás vezes, não são de mais que de *manná* e *canafistula,* e *ruibarbo* desatado em agoa do pao ou de *endivia,* ou de cozimento de *ameixas* ou de *alcaçuz,* ou agoa de cevada: e se o enfermo se esquenta muito, damos-lhe a agoa do pao em menos cozedura, ou misturamos-lhe agoa de *endivia* ou de *fumus terræ,* se a ha, ou de *lingoa de vaca,* se se acha; e se muito se esquenta o paciente, deixa o pao, e toma outra vez mais oportuna e conveniente pera isso: algumas vezes aproveita este pao aos vinte dias, e ás vezes mais tarde, e ás vezes mais cedo: mas o que commumente é crescerem as dores até os quinze dias, e dahi por diante vam em declinação; e porém eu vi um mancebo, que lhe cresceram as dores em grande maneira vinte e cinco dias, e aos trinta dias estava são de todo ponto: por onde digo que não desespere ninguem. Outros vi que o tomaram muitas vezes, e a derradeira lhe aproveitou, e as outras não: parece ser que eram os humores mais frios, e de meu

conselho havia vossa mercê de dar lá em Portugal o *pao da China,* levando-vos Deos lá a salvamento, accrescentando a quantidade que cá damos; porque a terra é mais fria, e fazer como cá fazemos, quando a necessidade é muita comer gallinha cozida com agoa do pao, e ás vezes o pão amassado com a mesma agoa, segundo que a necessidade houver.

R. — Bebem-no quente ou frio, ou comem-no temperado com sal ou não?

O. — Poucas vezes o mando dar quente, como se dava no principio, senão nos suadoiros. Pola manhã dou-lhes a comer gallinhas, frangãos, e carneiro temperado com sal e açafrão, e coentro seco, e ás vezes lh'o dou assado, segundo o que a enfermidade requer; sempre lhe tolho o vinho, senão quando dou o pao para as fraquezas do estomago de muitas freimas, e de não digerir; porque pera isto aproveita muito o pao com vinho, convem a saber, agoado com agoa do pao, porque tira o fastio, e procura boa digestão.

R. — Pera o *gaiacão,* de todo o ponto lhe tolhemos o sal, porque é inimigo dos humores adustos e das freimas salgadas, e muitos homens, que de cá foram, me diceram, que nesta terra tambem o tiravam; pera este pao não sei como vós quereis uzar do sal.

O. — Uzo do sal temperadamente, porque não é necessario ser muito escrupuloso na physica, senão deixar tudo ao bom juizo do physico: e por isto me parece que o comer temperado com pouco sal não póde fazer mal nem a humor adusto, nem as freimas salgadas, e eu com isto me

achei bem sempre, e espero em Deos de me achar sempre bem; e tambem os Chins uzam nesta cura de comer pão com mel.

R. — Vistes alguma pessoa que o tomasse muitas vezes, ou em muita quantidade?

O. — Conheci um meu amigo, que tomou unturas e fumos, e o pao *guiacão,* e esta raiz tambem, e cada vez se achava peior. E foi a Malaca, e achou-se muito enfermo lá, e curou-o um Chim, e dava-lhe a comer esta *raiz da China* na gallinha cozida, e ficou este homem muito são, e nunca mais adoeceu, porque este pao é melhor pera as doenças velhas, que pera as novas, e pera onde ha inchaços grandes, e chagas muito ruins. E portanto não vos maravilheis, se aproveitou mais ao cabo, porque «pera as ultimas enfermidades, as ultimas curas são poderosas»; e ainda que este aphorismo se entenda na dieta, tambem se póde allegar na cura, e comtudo olhe bem o que o dá, o que faz, porque já houve muitos que pereceram, e se consumiram de muita quentura.

R. — Está isso bem dito; e porém queria saber se ha outra maneira de tomar este pao ou raiz.

O. — Algumas pessoas vi no Balaguate, que tomavam o pao como acima dice, e mais misturavam na agoa quente, que pola manhã e á noite tomavam, cada vez uma dracma e meia de pao moido; e com isto diziam que se achavam bem, e diziam que o faziam por conselho de bons physicos, e outros tomam pola manhã uma boa talhada de conserva, feita do pó do pao

em mel (ou assucar, se a quentura for muita) e sobre ella bebem agoa do pao, e esta conserva leva o pó do pao, segundo o arbitro do bom physico: e esta conserva tambem póde ser rectificada, segundo a necessidade do paciente, o qual fareis melhor que eu, como vos nisso exercitardes. E logo se póde ver quanto pao é necessario entrar nesta conserva, pois que commumente se gasta em uma cura, pera agoa dos trinta dias, trinta onças: eu curei com isto duas pessoas que tinham os companhões muito inchados de muito tempo, e um sarou totalmente, e o outro lhe ficou muito pouco pera se resolver; e ficou pera sarar com os remedios locaes somente. E portanto vos aconselho que varieis os remedios, e mais vos diria, se vos não enfadasse.

R.—Daqui a mil annos folgarei de vos ouvir, portanto dizei.

O.—Na China comem este pao cozido com a carne, como nós os nabos; porque elle é muito tenro, quando é novo, e a mim me parece que seria muito boa couza tomar agoa estillada deste pao; e não sei se m'a quererão lá estillar, e trazer-m'a; porque agora a hei de mandar trazer, e pera isso mando lá alambique.

R.—Fundado em razão está, que será muito boa mézinha esta agoa estillada: e porém dizei pera que enfermidades o acharei proveitoso.

O. — Pera qualquer enfermidade onde ha *morbo napolitano,* e pera humor infeccionado delle, e por a parte lesa ser já tocada delle

e, ainda que não seja tocado desta enfermidade, é bom pera paraliticos, e que tem tremor; do qual eu curei ao Nizamoxa em pouco tempo: pera artetica, ciragra, podragra, ciatica, alporcas, e pera inchaços reduzidos a melancolia ou freima como gesso, pera indigestões do estomago, pera xaqueca velha, pera pedra, e ulceras da bexiga ás vezes, porque com este pao deitam a pedra, que antes não podiam deitar; e, pera que mais vos maravilheis, sabei que um physico bom lettrado, e pratico assaz experto, pera curar os outros, adoeceu sessenta legoas desta cidade, onde elle residia, e curava um honrado hospital em uma cidade d'El-Rei nosso senhor. Enfermou elle de uma latica, da qual foi doente quatro mezes; e elle, porque vio que não se tirava a febre, e por ser mais amigo seu que de outrem, tirou-se-lhe o bom conhecimento, e teve-se por ethico, e bebia leite de asnas, e trazia após de si uma asna, a qual o seguia já, e o consentia mamar; não se achava melhor, senão empeiorava com ter inflações no estomago; veio-se aqui curar comigo, e pousou em minha caza; eu o vi, e lhe senti alguma opilação no figado, e lhe senti excrecencias e principios na febre manifestos; e vendo-lhe as orinas o convenci que aquillo era latica, com alguma mistura de melancolia per adustão; o qual elle, lendo por os livros, me confessou, e me dice que certamente se fora curando outra pessoa não se enganára, mas

porque os homens, assi como se queriam mais, assi tinham as suas enfermidades por maiores. Eu curei este homem alguns dias, e ficou sem febre com uma inflacção e dor no estomago, e com umas ventosidades grossas nelle, pera o qual lhe dava conserva de gengivre, com que se achava melhor; e não poude este physico sarar, até que lhe dei o *pao da China*, retificando a agoa com uma pouca de agoa estillada de canela, e assi foi perfeitamente são.

R. — Certamente que me contastes muitas couzas de boa pratica de medicina, e não quizera que acabareis tão asinha. Portanto dizei o nome e a feição do *pao* ou *raiz da China*.

O. — Digo que é uma matta, do tamanho de tres ou quatro palmos de altura sobre a terra, e terá de raiz um palmo, pouco mais ou menos: é uma raiz grossa, e outra delgada, como cá vedes estas raizes, que é o que cá vem, tudo raizes; e quando se colhe esta raiz é muito tenra, e come-se a bocados, crua e cozida; e quando a comem, lança de si humidade, como cana de assucar mal doce, e saem desta raiz á flor da terra umas hasteas pequenas como penna de escrever, e segundo a raiz é, assi lança as hastes, e do pé destas vergonteas até o alto saem umas folhas raras de feição da larangeira nova: este pao ou matta se chama na China *lampatão:* e isto é o que pude saber desta matta e raiz, e já vi uma matta pequena nesta Goa, e secou-se antes que

crescesse. E porém antes que acabemos a historia do pao, vos direi o que me aconteceu nos tempos passados. Antes que este pao viesse á India, havia um mercador de pedras, a que cá chamamos *lapidarios*, e tambem lhe podiamos chamar *pedreiros*, senão chamamos-lhe o nome latino pera os mais honrar: este teve uma paralisia universal em todo o corpo e braços, e pernas e mãos, e pés em tanta maneira, que não podia bulir um anel pera o ver: havia já seis mezes que era doente sem nenhuma melhoria, pediu-me que o aconselhasse, se seria bom tomar o *guaiacão*, e lhe dice que ao menos não lhe faria mal. A este homem curei xaropando e purgando primeiro, e no meio menorando-o, ao fim tambem; e ficou muito são. E havendo-me elle pagado muito bem, per fim me deu um anel com um diamão, pelo qual me deram cinquenta cruzados, e assi me deu um relojo, com um mostrador muito bom, e me dice que lhe perdoasse, que bem sabia que me não pagava, senão que me dava aquillo por lembrança; e porém que me daria um conselho, e era que não mandasse a nenhum dos que curasse, que não dormisse com molher, senão que não a visse; porque elle, comendo por dia seis onças de pão e passas, sendo vinte e cinco dias do pao, tivera accesso com uma sua moça tres vezes (vede quanto póde o estimulo da carne!). E mais me dice que, quando o achava muito triste e elle me dizia que havia de morrer, que não era senão

com o pensamento de haver peccado contra Deos e contra sua saude. E dahi ávante sempre védo muito o coito aos que tomam esta raiz ou pao; porque, se com a dieta muito grande se acontece isto, que fará com a larga da *raiz da China?* E mais todos dizem que este pao ou raiz incita muito isto; e portanto vos requeiro que os que curardes, que não vejam mulheres, porque as não toquem. E o pao que houverdes de levar pera Portugal, seja mettido em *jarras martavans* de collo alto; porque são vidradas per dentro, e sustem muito o pao sem se damnar.

COLLOQUIO XLVIII

DO RUIBARBO

R.—Do *ruibarbo* queria saber a feição da arvore, e fruta que tem; e se esta raiz que a nós vem, se vem verdadeira ou falsificada: que certamente que por ver uma arvore destas daria muito agora.

O.—Muitos annos ha que vi no thesouro de Cochim um caixão da China cheio de *ruibarbo,* o qual estava muito podre, e todo se fazia em pó: e diceram-me em Cochim que os Chins coziam aquellas raizes ou as estilavam, e que se purgavam com aquella agua; e posto que isto me diceram muitas pessoas, nunca descansei, porque nenhuma era testemunha de vista, e porque nós

temos por certo que todo o *ruibarbo* que vem de Ormuz ter á India, vem ter a Ormuz primeiro da China, pela provincia de Usbeque, que é parte de Tartaria; e é fama que da China vem ahi ter por terra, e alguns dizem que o ha na mesma terra de Usbeque em uma cidade chamada Samarcandar; porem este é muito ruim, e de pouco peso, e purgam com elle os cavallos na Persia, e eu tambem os vi purgar no Balaguate, e a meu parecer este deve ser o *ruibarbo,* que nós chamamos em Europa *ravão turquino,* e não porque elle seja da Turquia nem perto della.

R.—E dos que vão á China não haverá algum que diga a verdade, perguntando-lho vós?

O.—Em extremo desejei saber isto, e dizem-me os mercadores, que lá vão, que não o ha no porto de Cantão, senão pola terra dentro; e trazem-no ahi a Cantão a vender, e dahi vem á China, e algum a esta India, donde vem ter tão damnado polo mar, que o não queremos cá gastar, por ser melhor o que vem pola via de Ormuz.

R.—Por tão certo tendes que não ha *ruibarbo* senão na China?

O.—Si, porque o que vem de Ormuz elles mesmos confessam que vem ter a Tartaria da China, e da Tartaria ou Usbeque vem a Ormuz, e a toda essa Persia, e porisso lhe chamam *ravão chini* e os Mouros muitos nesta terra lhe chamam somente *ravão,* mas todos confessam não haver outro, senão o da China que é assi, que não ha *ruibarbo* trazido de Berberia

nem *ravão indico,* senão o que se traz á India, ou Berberia hade vir primeiro da China á India, ou á Berberia.

R.—Fallando comvosco a verdade, melhor *ruibarbo* me parece o que vendem em Castella s. em Medina ou em Sevilha, que o que se vende em Portugal na caza da India; e assi vale mais caro muito.

O.—O *ruibarbo* que vem á Persia ou Usbeque, vai dahi ter a Veneza, donde vai a Hespanha, e este vai a Veneza pela via de Alexandria; e muito outro vai ter, pela via de Alepo, a Tripol de Suria, donde vai á mesma Veneza; e porque estes caminhos todos são poucos por mar, e muitos por terra, não damnam tanto o *ruibarbo;* porque tenho por averiguado que gasta mais e apodrece um mez de mar, que um anno de terra; e ja o *ruibarbo* que vem á India per maio, com estar nella até setembro, não é pera se gastar ja, e entonces vem outro de Ormuz melhor e mais novo; e o compram pera a India, e pera o levarem a Portugal; e o que invernou na India, deitam-no na praia, e isto não se entende no que inverna nas terras do sertão; porque não é terra sujeita a putrefação; e quem nesta terra o quizer bem guardar, mande-o a Bisnaguer ou a Balaguate. E peço-vos muito por mercê que me perdoeis por vos não fallar no *ruibarbo,* senão pouco ou nada; porque o não pude saber. E espero em Deos, que se saiba tudo muito bem sabido ainda, pois a China se conversa tanto ja com os Portuguezes.

COLLOQUIO XLIX

DE TRES MANEIRAS DE SANDALO

R.—É o *sandalo* muito necessario, por ser muito cordial, e com ser frio, cheira bem (couza que em poucas mézinhas se acontece); e por isto parece mal a Matheolo Senense o que dizem os Arabios da compleição do *sandalo*. E o *sandalo vermelho* dizem me nesta terra que é havido por mais frio, e a cauza disto é porque não tem cheiro, e por entender melhor isto, folgaria de saber o nome delle acerca das linguas da terra onde o ha, e da Arabia; e saber em que terra nasce, e saber se é em uzo de medicina acerca da gente desta terra.

O.—O *sandalo* nasce acerca de Timor, onde ha a maior quantidade; e é chamado *chundana:* com este nome se chama por todas as terras vizinhas a Malaca; e os Arabios, como pessoas que cheiravam o commercio destas terras, corrompendo o vocabulo, lhe chamaram *sandal*. Todo o Mouro de qualquer nação que seja o chama assi; e os Canarins e Decanes e Guzerates o chamam *cercandá*. Nascem e crescem as arvores do *sandalo* em Timor, donde é a maior quantidade; e são mattas que não se acabam de gastar, assi de uma banda da ilha como da outra.

R.—E todo o *sandalo* nasce nestas ilhas somente?

O.—Em outras partes nasce, como vos direi; e po-

rém em Timor não nasce este *sandalo vermelho,* senão em Tenasarim e na costa de Choromandel, s. em alguns cabos della. E a feição desta arvore do *sandalo vermelho,* até ao presente, não a pude saber; mas sei certo que vem dali todo o *sandalo vermelho,* o qual se gasta muito pouco nesta terra, porque não o gasta a gente mais que pera febres, e algum se leva pera Portugal e pera as bandas do ponente. E tambem se gasta cá o *vermelho* em pagodes ou idolos, e hão de ser os paos muito grandes; e por isso quanto o pao é maior, que entram mais poucos paos em um *bar* (que são quatro quintaes) tanto vale mais preço. E quanto é ao *sandalo branco* e *amarello,* muito grande quantidade se gasta em toda a India; porque toda a mais da gente, ora sejam Mouros ora Gentios, se untam com *sandalo* desfeito em agua, e pizado em pedras, que pera este mister tem feitas; e assi untam todo o corpo até que se seca pera estarem frios, e cheirarem bem; porque esta terra é muito quente, e a gente della muito amiga de cheiros.

R.—Diz Matheolo Senense que nasce em ambas as Indias, s. na que está primeiro que o Ganges, e na que está alem do Ganges.

O.—Não nasce o *sandalo vermelho* senão na India, que está antes do Ganges (o qual rio a gente da terra chama *Ganga*) e o outro *sandalo branco* e *amarello* nasce alem do Ganges.

R.—Como sabeis que este pao *vermelho* é *sandalo,*

e não *brazil*, pois que nenhum delles tem cheiro?

O.—Verdade é que nenhum cheira bem, mas o *brazil* é mais doce, e mais tinge; e o *sandalo* nem é doce, nem tinge. E deste modo perdeu um meu amigo mercador, porque trouxe *sandalo vermelho* por *brazil*, e os tintureiros lho compraram, e como viram que não tingia, tornaram-lho a engeitar, e assi ficou por vender a mercadoria.

R.—Não vale mais dinheiro o *sandalo vermelho*, que o *brazil*?

O.—Vale mais o *sandalo vermelho*, porém gasta-se pouco, e do *brazil* gasta-se muito; e por isto quando vem muito *sandalo* vale pouco. E tornando a dizer donde nasce o *sandalo branco* e *amarello*, digo que em Timor (a qual ilha tem muitos portos de uma banda e d'outra); e digo que o de Mena, que é um porto, é o melhor de todos, e tem menos *pao* que os outros: e Matomea, que é outro porto, tem um *sandalo amarello*, mas tem muito pao. E digo ter muito pao, ter pouco cerne, porque no cerne está o cheiro; e o outro porto dito Camanace tem ruim *sandalo*, porque é de muito pao e de pouco cerne, ou amago: e desta maneira é o *sandalo* de Serviago (outro porto assi chamado). E os mercadores experimentados vendo o *sandalo* logo dizem donde é, e se tem muito pao ou pouco. E tambem ha *sandalo* em Verbali (que é um porto da Java), e ha nelle *sandalo amarello* e *branco*, e tem muito forte cheiro, mas dura este *sandalo*

pouco; porque, se está um anno sem se vender, é necessario cortar-lhe o pao, e ficar mais no cerne. E tambem se achou em Macaça uma matta de *sandalo,* e gastou-se ja, ou por dizer mais verdade, era tão ruim que o não compravam, e por isso não foram lá por elle.

R.—Ha de duas maneiras o *sandalo* em Timor, ou é todo branco? E qual é mais estimado?

O.—O mais estimado e de melhor cheiro é o *amarello,* mas na parte onde o *sandalo* é melhor, que é em Timor, ha pouco do *amarello;* e vem entre cincoenta paos um. E se viesse muito, vender-se-hia sobre si, e valeria mais. E o outro *sandalo amarello,* que dice, é o somenos, e dura-lhe o cheiro mais pouco, o que não acontece ao de Timor (a esse pouco, que de lá vem); posto que fallando o outro dia com um mercador, que sabe bem essas terras, me dice, que na parte que é mais descoberta do sol ha muito *sandalo amarello,* e mais ambas as maneiras do *sandalo* tem as arvores semelhantes, que nós não conhecemos a differença que ha entre as arvores. E pode ser que conheça esta differença a gente da terra, que trata com estas arvores.

R.—Diga a feição da arvore, e se dá fruto ou não, e se dá flores.

O.—A arvore do *sandalo* é tamanha como uma nogueira, e a folha é muito verde; e é feita como de aroeira, deita flor azul escura, e dá uma fruta verde do tamanho de cereja, e cae asinha, e é primeiro verde, e depois preta e sem sabor.

R.—Agora quero eu dizer as duvidas, que tenho do que dizem os autores Arabios e Latinos, pois que os Gregos antigos o não conheceram; e dos Arabios, Rasis [1], posto que o conheceu, não diz que couza é, senão pera que aproveita. Serapio [2] prefere o *cetrino* a todos, e vós assi o affirmaes, e diz que o *vermelho* é apoz elle: e assi diz outras couzas em que não tenho duvida, sómente em dizer que se traz da Siria: e mais duvido em allegar Galeno, pois delle não escreveu.

O.—Em ambos esses ditos errou Serapio; e pois da India é mercadoria pera a Siria, não é muito dizer que se trazia della, não dizendo que nascia nella; e assi em allegar Galeno tambem erra, mas esta vez não é a primeira, porque assi o dizem muitas vezes os Arabios, porque não viam os livros de Galeno, e como ouviam algum Grego dizer que Galeno [3] fallava na mézinha, logo o criam: nem Avicena diz couza alguma do *sandalo,* em que haja duvida, que ja não tenhaes bem declarado, nem Averrois [4]: pois assi passa, fallai nos Latinos, e dizei alguma duvida se delle tendes.

R.—Antonio Musa diz que o *sandalo* aos Portuguezes o devemos; que o trazem do campo de Calecut, onde se colhe, e que Calecut é a principal feira que ha na India; e vós dizeis que o ha em Timor, e o *vermelho* em Tanasarim, terras confins de Malaca.

O.—Foi celebrada a cidade de Calecut

[1] Rasis. III trat., cap. 23.
[2] Serap. cap. 346.
[3] Gal. lib. II, cap. 656.
[4] Averrois, 50. Coliget.

em estas partes, onde se compravam e vendiam todas as mercadorias, e ali eram trazidas das outras partes, onde vinham os Chins com suas mercadorias, e com ellas traziam sandalo misturado, o qual vendiam ahi, e o levavam pera o ponente; e como ja vos dice outras vezes, a feitoria dos Chins, chamada *Chinacota,* hoje em dia permanece n'essa cidade, em a qual os Chins moravam: mas porque a gente da terra fez uma traição aos Portuguezes, quando em principio vieram a esta terra os Portuguezes, e se foram a Cochim, elles estruiram Calecut per muitas vezes; e assi pouco a pouco se foi estruindo, sendo primeiro cidade muito cheia de ricos Mouros (á mão dos quaes vinha toda esta fazenda); e por esta razão diz Antonio Musa que no campo de Calecut nascia o sandalo; e em Calecut não ha campo, senão serras e palmares ao longo da praia; e o que vem, os Portuguezes o trazem nas suas naos de Malaca em muita quantidade; donde vem ter a Cochim e a Goa; e destes portos se reparte pera o Malavar e o Canara, e Bengala, e pera o Decam, e pera o Guzerate; e a mais pequena parte vai pera Ormuz, e pera Arabia, e pera Portugal, como vos ja dice.

R.— Chamam commumente o *sandalo çetrino, machazari* ou *mahazari,* e per outros nomes a estes similhantes; e por essa cauza eu queria saber, que quer dizer este nome; porque dizem os Frades, que em alguns livros de synonimos

se diz *macharazi*, s. *odoliferi;* e que Serapio diz que, quando se nomea *sandalo* per excellencia, se entende do *cetrino;* e em outro cabo dizem os mesmos Frades, que não se acha em Europa *sandalo cetrino,* senão que dentro no miolo se acha em muitos paos; e outros autores dizem isto assi como Sepulveda; e diz mais este Sepulveda que melhor é deitar ametade do pó do vermelho, e ametade do pó do branco, e mais diz elle, louvando-se, que ja viu *sandalo amarello.* E de tudo isto me dai a resolução, como pessoa, que o vio; e pera isto não me deis mais razão, que a vossa vista.

O.—De ser mais cheiroso o *sandalo amarello* não ha duvida, e de ser de mais preço; e ha-o ahi em muitos cabos, e eu vi ja muito, e muitos outros o viram; e, porque se compra cá na India melhor que em Portugal, não o levam lá, e mais por o pouco cuidado dos boticarios Portuguezes, que o não pedem na caza da India, pera que o mandem trazer de cá, e tambem se hão de culpar os que fazem estas drogas a El-Rei em o não mandarem a Portugal. E quanto é ao nome de *machazari* ou *mahazari,* parece-me (salvo melhor juizo) que quer dizer *trazido de Malaca;* ou pode ser que estava escripto *mazafrani,* que quer dizer dos *amarellos* ou dos *açafroados.* E, como quer que seja, é noto ser melhor o *cetrino* que todos. E quanto é a deitar ametade do *vermelho,* e ametade

do *branco,* não é ser *cetrino;* antes é melhor deitado todo *branco,* porque o *branco* é mais chegado á natureza do *cetrino;* pois ambos se acham em uma mesma terra, e o *vermelho* é muito longe donde nasce o *branco.* E tambem quero que saibaes que esta arvore do *sandalo* se dá em outras partes, se o plantam; e eu ovi em Andanager, onde foi trazido pera se semear: e é este Andanager uma cidade do Decam, onde reside o Nizamoxa, cuja é, muitas vezes. E eu vi ahi, em uma caza de prazer onde ha muitos pomares, arvores de *sandalo;* e muitas das nossas: e algumas das nossas dão fruto; mas este pao de *sandalo* ou arvore não cheirava: e mais me diceram muitos, que o *sandalo* não cheira, senão des que está escascado e muito seco.

R.—Ha em outras partes *sandalo?*

O.—Na ilha de S. Lourenço, e em alguns cabos na costa de Melinde o ha, segundo dizem os negros da terra; mas depois soube que é um pao cheiroso, como ha muitos entre nós, e mais não tem os sinaes do sandalo. E tambem dizem os Malavares que ha na sua terra um pao cheiroso que parece ser *sandalo branco,* e untam-se com elle pera as febres, e chamam-lhe os Malavares *sambarane.*

COLLOQUIO L

DO SPIQUENARDO OU ESPIQUENARDO

R.—O *espiquenardo* foi de muito preço, e muito louvado antigamente; que diz no Evangelho que aquelle unguento podia ser vendido por mais de trezentos dinheiros; e trezentos dinheiros, contados segundo a conta de Budeu, são quarenta cruzados nossos, que pera aquelle tempo era gram valia a que custava aquelle unguento; posto que agora, pola muita abundancia de cheiros que ahi ha naturaes e peregrinos, não vale tanto ao presente; dos quaes cheiros fazem as suaves *pastilhas* e *caçoleas*, os delicados *pevites*, e *misturas de ambar* e *almiscar*, e *algalia*, e *linaloe*, e outros muitos cheiros. Assi, per esta razão, como por o uzo que delle ha na physica, é bem que façamos uma pratica delle, e mais, porque alguns escriptores dizem que carecemos do verdadeiro *espique*.

O.—Não carecemos do verdadeiro *espique*, antes temos mais mézinhas, das que nunca tivemos; e não são tão falsificadas como eram primeiro, pola muita abundancia que vai destas partes orientaes pera o ponente; porque, se olharmos o que diz Plinio [1] destas mézinhas, não nos maravilharemos de as falsificarem; porque o muito preço os constrangia a falsifical-as; mas agora que a navegação é mais descoberta, e com mais naos, assi pera Portugal como pera as outras bandas do ponente, não nos maravilharemos de valer tão barato, e haver

[1] Plinio, lib. XII, cap. 12.

tanto, sem ser falsificado. E mais compram estas mézinhas melhor aos da terra, e a terra as cria melhor agora; porque é mais cultivada e aparelhada pera as dar.

R.—Diga donde nasce, e como se chamam nessas terras acerca dos naturaes? E mais os Mouros como a chamam, porque os Gregos e Latinos bem sei o nome que lhe poem. E acabado isto examinaremos o que dizem os escritores que dellas escreveram.

O.—Chama-se o *espique* nas terras donde nasce acerca do Gentio *cahzçara,* e nasce no Mandou, e em Chitor, e em algumas partes de Bengala, perto do rio Ganges (a que os Indios chamam *Ganga):* é rio muito formoso, e havido por santo em tanta maneira que os Bengalas, quando querem morrer, se mandam deitar nelle, s. pondo os pés dentro na agoa, a qual agoa é muito boa, e eu a provei.

R.—E os outros Gentios das outras terras tem este rio em veneração?

O.—Sim, em muita; porque um rio que dizem ser ramo deste, que corre nordeste-sudueste tambem chamado *Ganga,* que é nas terras do Nizamoxa, todos os mais dos annos se vai lavar nelle toda a pessoa gentia das suas terras: e porque alguns são pobres, e não podem lá ir lavar-se, manda El-Rei, tiranicamente, que quem se quizer ir lavar, que se vá a lavar, e que toda a pessoa pague por isso 180 réis que é meio pardao d'ouro. E pera isto se faz conta na terra quantas pessoas, e os ricos pagam por os pobres, e assi se junta uma

somma de dinheiro; e disto sam eu testemunha, porque vi colher este dinheiro, e me pagaram delle os que o arrecadavam dividas que El-Rei me devia, e mercês que me fazia. E no rio *Ganga* de Bengala e Orixá (ou Uria, como elles dizem) ha certos pagodes, aos quaes vão em romaria os mercadores do Guzerate e do Decam, e vão lavar-se no rio de *Ganga;* e fazem grandes gastos e esmolas aos pagodes; e de lá vem lavados e rapados e tomados do diabo, a que elles chamam *santificados.*

R. — Nova maneira de tiranizar é essa; e porém dizei o nome em arabio, e se uzam em physica desta mézinha os Mouros e Gentios?

O. — Chama-lhe Avicena[1], e todos os Arabios que agora ha *cembul,* que quer dizer em arabio *espiga;* e assi chamam o *espiquenardo cembul indi,* assi como se dicessem *espiga da India;* e a que nós dizemos *espica celtica,* chamam elles *cembul rumin,* como se dicessem *espiga da terra dos Rumes,* e se Matheus Silvatico lhe chama *cenubel,* e *sobel,* é como pessoa que não sabia o arabio; ou se póde dizer que os nomes se foram corrompendo pouco e pouco. E quanto é o que perguntaes, se é do uzo da physica, digo que si, acerca dos Mouros e muito mais acerca dos Gentios.

R. — Agora é necessario que examinemos os escritores pera me tirardes as duvidas que ha nisso; e Dioscorides[2], mais antigo, diz que ha duas especies, s. uma *siria* e outra *indica,* e não porque se achem

[1] Avicena, lib. II, cap. 146.
[2] Dioscor., lib. I, cap. 6.

nestas regiões, senão porque nasce em um monte que tem duas faces, e uma dellas olha pera a Siria e outra pera a India; e depois, fallando na eleição, dizem que entre os nardos indicos ha o *ganjetico*, por nascer perto do rio Ganges, e que nasce em uma montanha, em a qual cresce esta mézinha; e que, posto que é maior e mais viçosa que a do alto do monte, é de menos virtude; e dizem que o cheiro della é como do *cypero*. Acerca destas couzas me diga o seu parecer.

O.—Eu não conheço outro *espiquenardo* nesta terra, senão o que vos já dice, e é o que vem do Chitor, e do Mandou, terras que confinam com o Deli, e com Bengala e com o Decam. E assi estas terras, como outras muito mais avante, tudo é India. E dizer que é uma espica *siria* e outra *indica*, não se póde entender senão dizer que este monte tem duas faces, uma do ponente e outra do levante; porque o monte ou os montes estão na India, e a Siria está da banda do ponente muito longe: e mais é de notar que não nasce todo neste monte, senão em muitos cabos desta região, onde o semeam; porque não nasce sem ser semeado, senão póde nascer sem se semear em muito pouca quantidade; e é uma raiz que cresce deitando uma haste curta sobre a terra, que a maior póde ser de tres palmos, e outras muito mais pequenas, e logo acima da raiz deita a espiga, e algumas espigas vai deitando pola haste acima, e assi o trazem a vender a

Cambaiete e a Surrate, e Guoga e a outros portos do mar, onde lh'o compram os mercadores Arabios e Persios (porque a menor parte gastamos nós). E tambem a gente da terra gasta muita quantidade, e eu o comprei já pera El-Rei nosso senhor em Dio: e algum delle é sujo, e cheio de pó feito dos cabellos do mesmo espique, e os mercadores que acima dice tudo compram, e dizem-me que com o pó lavam as mãos; nem achamos cá nesta terra ser um melhor que outro; nem os que vem a vender, dizem que o ha nos montes e nos valles, e que o dos montes é o melhor; nem as espigas que vem são muito mais grandes umas que outras; e todas as mais nascem perto da terra; isto é o que pola maior parte acontece. Uma couza vos posso certificar, que se Dioscorides vira este *espique,* que nos vem e lá o mandamos, dicera que era o verdadeiro *espiquenardo;* e certo que é de maravilhar destes escritores modernos que dizem que não ha *cinamomo* nem *cassia lignea,* confessando que vem da India, assi como *espique.* Muito melhor diceram que não é esta India a que elles dizem, senão que é outra que nós não sabemos, por estar escondida, e isto seria muito melhor; porque é certo haver muito das mézinhas e valerem muito pouco por cauza da descoberta na navegação os faz duvidar serem ellas.

R. — Não falleis com paixão; porque Mateolo Senense é de vosso parecer, reprehendendo a Menardo, e a Fucio, porque dizem que não ha verdadeiro *espique:* mas dizei-me

que direis a Plinio[1] que diz que é uma frutice pequena e negra, e fraca, e que um genero della, que nasce acerca do rio Ganges é de todo damnada; e depois diz que o preço della é de noventa libras, e se é quintal e de *espique* póde-se soffrer; porque vale em Dio a vinte e cinco e a trinta cruzados, não é muito valer a duzentos e setenta cruzados, que são noventa libras, e dizem que o que tem as folhas grandes vale a trinta; mas, nas Annotações de Plinio, diz Hermolao Barbaro que não são libras, senão dinheiros, porque tem esta nota como x feita, que vale dinheiro x, isto traz mais razão assi por o preço desta mézinha, como o da *pimenta,* e d'outras muitas drogas.

O.—Eu nesta terra não vi outro *espique* senão este, que levam pera o ponente, o qual vem todo perto do Gange, e desta só maneira uzam os physicos Indios e os Turcos, e Persios e Arabios, que della vem, e habitam nesta terra, curando os reis, e principes. E quanto é os preços serem grandes, não é maravilha, porque estes caminhos não eram sabidos. E assi que Plinio podia nisto dizer verdade, mas não em dizer que o espique do Gange era em todo condemnado; pois não ha outro senão este, e, se o ha em outras terras, é em tão pouca quantidade que não veio á minha noticia.

R.—Diz Laguna que o *espique* que se vende nas boticas não é *espiga,* senão raiz; e a isto não contradizem Dioscorides, senão dizendo

[1] Plin., lib. xii, cap. 12.

que parece espiga; e mais dizem que o *espique* é suspeitoso na India, porque delle se faz uma poção ou uma composição venenosa chamada *pisso,* o qual *pisso* dizem que mata não somente per dentro, senão applicado per fóra; e assim dizem que vem da Siria. Que respondeis a isto?

O.—Digo que a tal composição chamada *pisso* eu não a vi, nem della ouvi dizer; antes vos affirmo que, querendo o Nizamoxa provar um pouco do licornio meu, deu a um homem que estava preso por cazo de morte, *napello;* e parece ser que, se *pisso* fora mais venenoso, que lh'o dera a beber; assi que por isto e por nunca ouvir fallar neste *pisso,* nem em semelhante mézinha, applicada por fóra, me parece fabulosa couza, e por tal a julgo. E ao que dizem que vem da Siria, digo que vai de cá a Alepo, e de Alepo, que é a Siria, vai a Veneza alguma parte, que se gasta na Europa. E deste modo se entende o que diz Sepulveda, que o chama *espica aliep,* como se dicesse *espiga de Alepo;* porque sempre Alepo foi cabeça da Siria, e foi a principal escala da India pera o ponente, e agora o é muito mais. E diz Sepulveda que uma especie dita *satiech,* é *satiach,* e isto quer dizer *Satigam,* que é um porto mui celebrado em Bengala, onde entra o rio Ganges: e esta mézinha, posto que é muito celebrada, e gastada, não achamos falsificar-se: somente, a que é velha, perde o cheiro algum tanto; e per isto assi passar não temos necessidade de fallar no espiquenardo.

R. — Que cidade é Alepo? É por ventura Haram?

O. — O bispo D. Ambrosio, penitenciario que foi do papa Paulo, veio a esta terra pola Arabia e Turquia, commovido com zelo de nossa fé; e sabia muito bem o arabio, e lia-o muito bem. E conversando eu em S. Domingos, porque era religioso da mesma ordem, me dice que Abrahão, quando Deos o livrou de Ur, cidade dos Caldeos, veio ter a Alepo, cidade e cabeça da Suria, e tinha muitos gados em grande quantidade, e que dava o leite de beber a todos os necessitados e pobres, e que vinham a comer e beber o leite cada dia; e que estes quando vinham, perguntavam: *yalep?* que quer dizer *ordenharam ou mugiram já?* E que por isso lhe puzeram áquella terra este nome. E dizia o bispo que isto lhe diceram os antigos de Alepo, os quaes tem que Alepo foi habitado e senhoreado de Abrahão.

R. — Poderei eu fallar com esse bispo?

O. — Não, porque partindo pera Portugal, morreu em Cochim antes que se embarcasse.

R. — Certamente que folgára de conversar esse bispo.

COLLOQUIO LI

DO SPODIO OU ESPODIO

R. — Entra o *espodio* em tantas composições feitas pelos Arabios, tão doutos e experimentados, que nos faz duvidar poderem as composições que o levam, tomar-se pola boca o *espodio* dos antigos

Gregos, pois é metal; e pera isto vieram a uzar os Latinos de hoje de outro *espodio,* chamado assi dos Arabios. E por esta cauza queria saber de vós, que *espodio* é este que uzam os physicos.

O. — Não ha mais que um *espodio* no mundo, ou *pomfolix* ou *tutia;* e por falta deste tomavam outras mézinhas os Gregos, e chamavam-lhe *antiespodio,* que quer dizer *espodio falso,* ou contrafeito, mas os Arabios não fazem menção deste *espodio,* senão debaixo do nome da *tutia,* ou *pomfolix,* nem do *antiespodio* fazem alguma menção.

R. — Pois donde nasce esta distincção de chamar a uma mézinha *espodio dos Gregos,* e a outra *espodio dos Arabios?*

O. — De Davo Terenciano, que conturbava todas as couzas: e este Davo foi Gerardo Cremonense, que tresladou, em logar de *tabaxir, espodio,* não tendo semelhança com elle alguma, nem na obra um do outro, que não seja mais differente que é branco com o preto. E não tão somente errou elle nisto, mas todos os que tresladaram os livros de arabio em latim, dizem *tabaxir,* s. *espodio,* e aquella exposição não é do escritor, senão do traductor.

R. — E parece-vos mal, fallecendo um nome, fazerem imposição de outro nome em seu lugar?

O. — Não, se aquelle nome não significára outra couza muito differente no parecer e na obra, porque estas equivocações dão cauza a muitos erros, e porque os da physica são mais perigosos, são estes maiores erros.

R.—Pera isso dizei o que é o *tabaxir,* segundo os doutores e a gente desta terra.

O.—O que os Arabios chamam *tabaxir,* é nome tirado da lingua da Persia; e dahi o tomaram os Arabios, assi como Avicena e outros. E *tabaxir* quer dizer leite, ou sumo, ou humidade, que invernou ou demorou em alguma parte; e por este nome é conhecido de toda a Arabia e Turquia, e Persia.

R.—E se esta mézinha é da India, como se chama nestas partes?

O.—A gente, onde a ha, a chama *sacarmambum,* que quer dizer *assucar de mambum,* porque aquellas canas daquella arvore chamam os Indios, onde nasce, *mambu;* e porém ja lhe chama agora a gente da terra *tabaxir;* porque debaixo deste nome lh'o pedem os Mouros, que o vem comprar da Persia e da Arabia, e da Turquia, que se leva a estas regiões por mercadoria; e vale muito, quando falece, e pouco, quando vai muito a vender-se; que assi são todas as mercadorias; mas o preço ordinario na Persia e Arabia é a peso de prata.

R.—Como são as canas e as arvores, que as criam? E elle como se tira e é feito? E em que terras é a força e quantidade destas canas?

O.—Ha umas arvores grandes, e altas tanto como freixos, e outras mais pequenas, e isto ha em Bisnaguer, e suas terras, e no Malavar tambem; e tem os ramos direitos pola maior parte, senão alguns delles, que vem de boa feição,

que entortam e alcorcovam, pera fazer as canas dos palenquins e andores que na India se uzam. Tem entre nó e nó quantidade de um palmo, e a folha pouco mais comprida e larga que a da oliveira nossa; e estas canas, s. nos nós, se gera uma humidade que parece como o amidam, quando está muito coalhado; e assi é branca, e ás vezes é muita, e ás vezes pouca, como a que nasce dentro das canas de escrever, a quem os moços, em lingua portugueza, chamam *ladrão;* e por o que vos dice vereis quo não é raiz de canas nossas queimadas, como dizem alguns Arabios.

R.—Vistes ja este *tabaxir* nas canas? E como é algum delle? preto ou cinzento?

O.—Vi muitas vezes, posto que poucas canas o tem; e são as de Bisnaga e de Batecalá, e de algumas do Malavar; e a gente da terra, s. os carpinteiros, quando as lavram pera fazer algum madeiramento, se acham dentro este sumo basto ou miolo, poem-no logo polos lombos e rins, e na fronte se lhe dóe a cabeça, e se o senhor da madeira não lho toma: e se algum delle é preto e cinzento, não se tem por peior; porque é de estar muito na cana, e a humidade o fazer daquella côr. E ja tive por certo em algum tempo, que porque punham fogo ás canas, ficava daquella cor; mas depois soube a verdade, porque ás vezes não poem fogo ao matto das canas e muitas dellas o dão, que nunca viram fogo por onde

parece ser a verdade ser da muita humidade que corre a elle: e assi me foi dito a mim por os Indios da terra.

R.— Pois os Arabios e Latinos fallaram somente neste simples, pouco trabalho tereis de me fallar nisso, declarando o que dizem; e dizer onde dizem mal e onde bem.

O.— Rasis [1], posto que falla no *tabaxir*, não diz de que é feito, senão o pera que aproveita. Serapio [2] diz que é *satasir* ou mais direitamente *espodio;* e diz o peraque aproveita, allegando a Rasis, o qual Rasis allega a Galeno; e diz nisto bem, mas tal couza nunca escreveu Galeno, nem outro Grego algum. Mas isto não se pode tirar a Serapio, allegar a Galeno e a Dioscorides, onde nunca fallaram couza alguma; e tambem diz, allegando ao mesmo Galeno, que no sabor é amargo, no qual erra manifestamente, mas antes é doce; e por esta razão, como ja vos dice, lhe chamam os Indios *assucar de mambu*. E quanto é a não lhe chamar *tabaxir*, senão *satasir*, nisto não errou, porque Serapio *tabaxir* escreveu, e o tempo corrompeu o nome. E em dizer «ou mais direitamente *espodio*,» o erro que nisto se cometteu foi do tresladador, que poz aquillo de mais da sua caza. Avicena [3] diz que são raizes de canas queimadas, o qual vedes ser falso; e nem as canas são das nossas, e o Belunense diz que hade dizer *alcaná* por outra lettra, e que *alcaná* é a arvore das canas, de que se faz o *espodio*, e nisto faz

[1] Rasis, tract. III, cap. 36.
[2] Serapio, cap. 432.
[3] Avicena, lib. I, cap. 617.

no seu chamado *Vocabulario* uma descripção da arvore; mas eu nunca achei quem lhe chamasse este nome nesta terra. E quanto mais que nem as raizes das canas é o *tabaxir;* assi que em ambas traducções erra Avicena: Averrois [1] diz que é carvão dos nós das canas queimadas da India, donde parece que o não vio, pois couza tão branca chamou carvão.

R.—E que vos parece destes homens errarem?

O.—Parece-me que o trato e navegação não era tão uzada; por onde haviam as informações falsas e curtas. E diz Valerio Codro muito mal dos Arabios, porque fazem o *espodio* das raizes das canas, sendo *espodio* metal ou feito de metal. E nisto não diz hem, porque os Arabios como vos dice, não conheceram tal nome, senão *tutia*. E deste a escreveram, conforme aos Gregos. Antonio Musa diz que Avicena uzou de *espodio de canas,* porque não tinha o de metal (bem vedes que não falece *tutia* nem metaes, mas não uzaram della tomada por a boca) e mais diz que nós não haviamos de uzar deste *espodio,* pois é contrafeito e falso, e diz que não faltaram escritores modernos, como Menardo e outros, que diceram que de nenhuma couza se faz *espodio,* senão dos metaes. E nisto se enganou muito, porque Dioscorides ensina a fazer espodio no quinto livro; mas de todas estas couzas é livre Avicena; porque não fallou senão em *tabaxir,* e não sonhou que havia de ter falso traductor; e pois tra-

[1] Averrois, 5. Colliget.

balham todos na equivocação destes nomes, s. *espodio,* havendo de significar duas couzas. E ao fim diz que uzemos de *espodio* de canas de Avicena, ou de coraes queimados, ou de marfim queimado, ou de ossos de elefantes queimados. Vêde, senhor, quantos erros se podiam escusar, se olhassem estes homens a composição; e se for de Grego, uzae do *espodio* verdadeiro de mètal, e se for de Arabio uzareis deste *espodio,* que levareis da India, que eu vol-o haverei; e se for Latino o que receita a composição, vereis se é mézinha que se ha de tomar por dentro ou por fóra, e uzareis conforme a intenção do escritor, que fez a composição; porque logo se verá, se querem esfriar coração, ou cerebro, ou figado, ou rins, ou se querem restringir alguns fluxos; e se assi for bem é uzar do *tabaxir* da India. Muitos doutores simplicistas, e compiladores de mézinhas vos trataria sobre esta materia; mas quasi todos fallam de uma maneira; porque os que dizem que menos mal é tomar *espodio* feito das raizes das nossas canas, erram, porque isto não é mézinha cordial, como é o *espodio,* nem esfria, como o *tabaxir;* e dizer que o façam de coraes ou marfim queimado, se essa fora a intenção, bem o podera dizer Avicena e os outros. E os que dizem que se faz de ossos de elefante, eu sei certo qne não aproveitam pera couza alguma: e quando morre algum elefante, comem-lhe os gentios a carne, e deitam os ossos a longe:

pois como os haviam lá de levar á Europa a vender?

R.—Haveis dito muito bem: e por isso o levarei de cá; mas per fim queria saber de vós como uzam esta mézinha os physicos Indios, e os dos Reis, e os da Persia e Turquia; porque com isto ficarei satisfeito.

O.—A gente da terra, que sabe pbysica, gasta este *tabaxir* pera os esquentamentos interiores e exteriores, e pera as febres colericas, e pera as camaras: e os physicos, que tem o Nizamoxa, Arabios e Persios e Turcos, o uzam pera as mesmas couzas ditas, e muito mais pera os fluxos colericos, e fazem os nossos *trociscos* com semente de azedeiras. E deste modo curei, por conselho do Nizamoxa, a Franguexão Portuguez (chamado Sancho Pires, natural de Matosinhos); o qual era tão querido e privado seu, que o via cada dia, e lhe olhava as camaras; e não fiava a cura deste homem senão de mim, porque havia medo, que lho matassem os physicos, por ser privado seu.

R.—Muito lhe devia querer. E era mouro ou christão? E tinha muita renda?

O.—Ao que me dizia em secreto era christão, e comia comigo as couzas vedadas aos mouros, e rezava, e dizia mal delles; e não era circumciso, posto que todos cuidavam qui si; mas eu o vi e não o era: mas assaz de mal tinha, pois confessava ser mouro, e este morreu com seiscentos mil cruzados de renda. É verdade que desta renda pagava á gente com quem era obrigado a servir, e certo que se o

diabo o não levara primeiro em o combate de Calabarga, me tinha promettido de vir comigo; e eu já lhe tinha havido perdão do vice-rei D. Affonso de Noronha. E elle fazia muitas esmolas a Portuguezes, e a Misericordias, e a outras igrejas, de que eu sam testemunha.

COLLOQUIO LII

DO SQUINANTO OU ESQUINANTO

R.—Dizem em Portugal que o *esquinanto* (é mézinha nas boticas uzada) vem da India; e tambem em Castella dizem que vem de levante. Queria saber os nomes della, s. na terra onde nasce, e no arabio, porque o grego e o latino eu o sei, como vós, não tomeis trabalho em m'o dizer: e tambem me direis as terras onde sabeis que nasce, e se uzam muito os physicos Indianos.

O.—Asinha sereis nisso servido e despachado, se não vierdes com o vosso contraponto ao cabo.

R.—Isso não se escusa; portanto começai em hora boa.

O.—Nasce em Mascate e Calaiate (terras da Arabia) onde ha tanto, como a herva commum, que pascem as bestas em Hespanha; e ali lhe chamam *cachabar*, e alguns lhe chamam *haxiscaçule*, que quer dizer *herva pera lavar;* e em Persia, que confina com as ditas cidades, se chama *alaf*, que quer dizer *herva*, e pode-se chamar assi por excellencia: cá na India não tem mais nome que

herva de Mascate; em portuguez, em latim e grego ja o sabeis. E chamam-lhe em nossa terra *palha de Meca,* e não erram muito, porque esta terra, posto que por mar seja muito distante de Meca, indo por terra é muito perto; e vão lá os Arabios de Mascate e Calaiate em pouco tempo: tambem não erram muito em a chamar *palha* ou *pasto de camellos;* porque os ha na terra; mas não tantos que gastem a herva e a flor; mas ha muitas mulas, e asnos e cavallos, que cá chamamos arabios, de muito preço; e ha muitas vacas e cabras e ovelhas, e pascem esta herva, que he muita em toda a terra: vem á India pera mézinha encomendada dos boticarios, mas a mais della trazem nas naos os mercadores de cavallos pera lhe deitar aos pés, pera que não cheire mal a orina e esterco delles; e pera isto trazem fardos, porque como se molha e damna uma herva, deitam-na ao mar, e tornam a deitar outra aos pés dos cavallos. E tambem alguns marinheiros a trazem em fardos, pera vender cá; e eu houve muitos fardos em Dio, por pouco dinheiro, pera mandar ao reino, com outras drogas. E porque vos dice que se chamava *cachebar,* não nego ter outros nomes nas partes da Arabia, porque Avicena [1] a chama *adhar,* e Serapio [2] *adher*; e deste modo a chamam tambem os physicos Arabios e Persios, que ha na India; e á flor chamam *foca;* e desta flor vem pouca a esta terra ou nenhuma, porque eu não a vi, e na terra donde nasce

[1] Avicena, lib. II, cap. 589.
[2] Serapio, cap. 19.

não fazem cazo della, pola gente ser silvestre e de pouco saber; e se lhe chama Matheus Silvatico *azqchir* e *adcaram,* são nomes corruptos. Nesta terra, não uzam dessa mézinha os naturaes, senão nós e os Arabios e Persios; e na terra donde nasce é commum mézinha, pera se lavarem os homens e os animaes.

R. — Agora nos resta examinar os escritores. E começando por Dioscorides[1], por sua auctoridade, diz que o ha na Africa, s. na Arabia, parte della, e na região dos Nabateos, donde vem mais excellente; e diz que, logo após elle, é o arabio, chamado *babilonico* de alguns, e doutros *teuchites;* e o peior de todos é o que nasce em Africa, e a flor é mais em uzo na physica. Sabeis se o ha nestas partes?

O. — Sei que o ha nestas partes ditas, e que todas se nomeam Arabia. E quanto é a terra dos Nabateos, saber se o tem ou não, digo que é Nabatea provincia da Arabia perto da Judéa (dita assim de Nabatoch, neto de Ismael), e diceram-me physicos, que estiveram em Jerusalem e Galilea e nessas terras, que o que se gastava em ellas, vinha do Cairo; e perguntei-lhe se o havia no Cairo, ou se vinha da costa de Mascate, diceram-me que não o sabiam, mas que muitas vezes as hervas medicinaes não eram sabidas, pola gente da terra ser pouco curiosa, e por isto o não sabiam; e esta foi a cauza porque não perguntei se o havia em Babilonia: e póde ser que o haja nella, e pois Dioscorides diz que

[1] Dioscorides, lib. I, cap. 16.

o peior é o que nasce em Africa, não curemos de saber se o ha; pois não diz em que parte de Africa nasce. E ao que diz da flor, que é o que mais se uza, confesso ser verdade, mas não são os medicos curiosos pera a mandarem trazer. E eu me culpo nisso, porque por isto se perdeu o uzo della; e bem sei que *esquinanto* é vocabulo corrupto grego, que quer dizer flor, e per excellencia se chama assi acerca dos Gregos, como vós melhor sabeis.

R.—Outros o chamam *junco odorato,* ou quasi todos os Gregos, e Cornelio Celso *junco redondo.*

O.—Assi parece algum tanto *junco;* posto que não cresce tão alto, e chamar-lhe Celso *junco redondo,* é por fazer differença do *junco triangular,* e os outros *junco cheiroso,* por fazer differença de *junco commum,* de que uzamos. E tambem diz Avicena[1] que um é arabico, e que é de bom cheiro, e outro da terra do Agiami, e este é o de Damasco. E porém não sei se o ha nestas partes, como vos já dice.

R.—E tambem diz Avicena que o *esquinanto* tem fructo negro, allegando a Dioscorides. É falso, nem tal diz Dioscorides.

O.—Póde ser que seja depravado o livro, ou que o Dioscorides, por onde o leu estava errado.

R.—Serapio[2] diz, allegando a Bonifá, que *esquinanto* é uma herva que tem as raizes debaixo da terra, e que tem muitos ramos delgados e duros, que é assi como a raiz do *chulem,* senão que é mais larga, e tem

[1] Avicena, lib. II, cap. 598.
[2] Serapio 1, cap. 19.

menores nós, e que tem o fructo semelhante ás flores das canas, e que o mais sutil é menor; e diz que poucas vezes nasce só; que quando virdes uma planta destas apparecem muitas ao redor, e que nasce em ilhas e prados; e que quando se seca, fica branco.

O.—Digo que não é planta, senão herva, como elle diz mais abaixo, nem nasce em ilhas, nem cheira a rosa, mas tem bom cheiro; e isto quando é fresca a herva, senão as couzas que cheiram bem não fazem nellas a comparação muito certa, e mais parece-se tanto á raiz da *herva chulem* que alguns chamam assi ao *esquinanto,* como acima dice.

R.—Matheus Silvatico diz que se conserva por dez annos.

O.—Digo que nesta terra, ao longo do mar, dura pouco; e porém nas outras terras póde durar muito, por ser herva que não tem muita humidade; mas isto se entende não lhe ficando o cheiro.

R.—Antonio Musa diz que nasce na Apulha.

O.—Póde ser verdade, se o elle vio.

R.—Depois de fallar em os Frades, em dizer que não é flor, senão raiz e palha, e que aquella palha que nas boticas se vende por *esquinanto* não o é (como muitos doutos o tem), e que não é o de Dioscorides, olhando os sinaes que delle põe, e que muitos crêem que a raiz do *calamo aromatico* é a raiz do *esquinanto;* e tambem diz que outros tem que a raiz da *galanga* é a do *esquinanto,* e que *junco aromatico* e *calamo aromatico* não

devem ser muito differentes por a semelhança dos nomes.

O. — Bem póde ser que todos os sinaes de Dioscorides não quadrem ao *esquinanto,* mas o *esquinanto* é o mesmo que sempre foi; e assi lhe chamam physicos lettrados do Nizamoxa, e á flor *foca,* e confessam ser estes nomes gregos; e assi, polos nomes Gregos, o chamam *esquinanto;* e estes homens são Arabios de nação. Ora não sei que mais prova quereis; e mais Dioscorides não o havia de conhecer tão bem, como os de Mascate, e isto porque Mascate por terra não é muito longe de Meca. E ao que diz que é *calamo aromatico,* bem se parece *esquinanto* um com outro; porque este parece *junco,* e o *calamo aromatico* tem as folhas como *lirio,* e o *calamo* é muito mais quente, e tem a raiz muito maior; e o *esquinanto* nasce em Mascate, e o *calamo* na India, donde o levam por mercadoria pera a Arabia. E dizer que é *galanga* é peior dito, porque a *galanga* ha na China duas mil leguas de Mascate; e as raizes e folhas são muito differentes, porque aqui ha em Goa a *galanga* semeada. E mais o *esquinanto* é nascido na terra muito e sem se semear, e a *galanga* e *calamo* são sativos; ao menos sei-vos dizer que os que derem *calamo* e *galanga* por *esquinanto,* que vão enganados no preço, que custam mais estas mézinhas que o *esquinanto* duas mil vezes. E o que seria bom pera curarmos á vontade destes homens que escrevem, era

bem que fizessem uma pratica nova, por onde curassemos, e que não levasse nenhuma mézinha destas, em que Fucio tem duvida; mas eu vejo que os que escrevem agora, destes modernos, uzam das mézinhas na sua pratica dos Arabios, pondo tanta duvida nellas.

R.—Não tomeis tanta colera, que os homens hão de dizer o em que duvidam; e quando estão protervos e pertinaces, dando-lhe boas razões, entonces são de culpar. E portanto passai avante, e fallemos nos *tamarindos,* pois que são tanto medicinaes, e a gosto apraziveis.

COLLOQUIO LIII

DOS TAMARINDOS

R.—É tão aprazivel ao gosto o tamarindo, sendo tão medicinal, que não tem preço. É bem que saibamos o nome dos Indios e dos Arabios, e que me digaes a feição da arvore, e como se uza delle acerca dos physicos Indianos.

O.—Fruta medicinal é essa em que não ha engano, por ser muito conhecida de todos, e porque os ha em todos os cabos; e assi são nascidos no monte os melhores, e os que mais duram são os mais chegados ao norte, assi como os de Cambaiete e do Guzerate; chama-se no Malavar *puli* e no Guzerate *ambili,* e assi lhe chama toda a outra gente desta India; e o Arabio lhe chama *tamarindi,* porque *tamar,* como vós melhor sabeis, é *tamara* (a que os Castelhanos chamam *datil)*

assi que *tamarindi* são *tamaras da India;* e isto foi porque não lhe acham outro nome mais adequado os Arabios, por ter dentro caroços; e não porque a arvore o pareça, nem o fruto miudo. E a arvore é grande como freixo ou nogueira, ou castanho; e a madeira delles é rija, e não porosa ou fofa, e é muito cheia de folha, e como fetos crescida por todos os ramos; a corteza com que se cobre a arvore é verde, e des que se seca é parda, e facil de arrancar-se; tem dentro caroços, e deitados fóra, uzamos da medula, que é apegadiça. E são estes *tamarindos* a modo de um dedo feito á feição de arco: quando são verdes são muito azedos, mas não tanto que não tenham bom sabor. Eu uzo muito delles espurgados, comendo-os com assucar, e acho-me com elles melhor que com xarope acetoso. E tambem lhe digo que muitas vezes xaropo os meus doentes com infusão dos *tamarindos,* deitando quatro onças em agoa fria ou de *endivia,* e deitados ahi per tres horas, e feita a expressão lhe tiro os *tamarindos,* e lhe lanço um pouco de assucar, e com isto me acho muito bem, porque digere e evacua alguma parte do humor colerico, e incide e corta o freimatico. E a gente da terra toma purgas deste *tamarindo* com azeite de *coco,* que é o fruto da *palmeira,* e certo que é boa purga, e sem molestia e trabalho. E assim os physicos Indianos uzam das folhas pisadas

pera defensivo nas partes erisepeladas. E nós uzamos delle nos comeres, em logar de vinagre; porque é mais agradavel azedo, quando é maduro, e levam-o a Portugal com sal, e ás terras da Arabia e Persia, e Turquia, porque dizem que dura mais; mas eu o tenho em casa muitas vezes, com a sua bainha ou corteza e está muito fresco; e comtudo póde ser que não dure muito; e por isso a gente da terra o conserva com sal; e fazem deste *tamarindo* uma muito graciosa conserva com assucar, e é feita delle fresco e sem sal. E póde-me crer que é um digestivo e purgativo muito bom, e muito aprazivel ao gosto. Moça, traze cá *tamarindo* em conserva.

R.—Folgarei muito de o provar.

Serva.—Eis aqui o *tamarindo*.

R.—É muito gentil conserva, e sabe muito bem. Faça-me mercê de alguma pera levar, que a quero antes que assucar rozado de Alexandria. E eu não haveria por inconveniente, onde fosse necessaria, deitar-lhe *escamonea* rectificada.

O.—Pode ser; porém em seu tempo, e com conselho de bom physico. E mais eu mandei estilar os *tamarindos,* e uzava de agoa estilada, em logar de digestivo; mas não o faço tanto ja; porque acho esta agoa doce. E perdoai-me se vos enfadei em fallar nisto mais do necessario.

R.—Antes quizera que gastareis nisto mais uma hora; e posto que nenhuma couza pode ser tão bem dita, que aos ouvintes não ponha alguma duvida, quero propor algumas duvidas

pera a verdade ser mais manifesta. E porque os antigos Gregos não conheceram esta mézinha, examinal-a-hemos com os Arabios e Latinos. E o Messue, a quem tanto honram os imitadores dos Arabios, diz que são de *palmas silvestres* da India; e Avicena [1] não falla em dizer que couza é, senão na eleição, diz que melhores são os novos; e Serapio [2] allegando a Bonifá, diz que em Cesarea, nas terras do Amem, os ha, e que teem as folhas como salgueiro; e mais diz, por autoridade de Aben Mesuai, que o de fóra do tamarindo (s. o de que uzamos) vem da India; e que são fructos de cor vermelha. Que sabeis disto?

O.—Digo que em Cesarea não os ha, nem nas terras do Amem ou Janem, que é nas terras da Siria; e o primeiro que diz, verdade diz; porque diz que o de fora delle, que é a polpa, vem da India; e isto pera nos dizer que os caroços não são em uzo da physica. E o que diz Mesue, que são fructos de *palmeiras silvestres,* não soube o que dizia; porque em toda a India não ha fructo de palmeiras, antes as tamaras é mercadoria da Arabia pera a India; e gastam-se em muita quantidade estas tamaras secas; e as amassadas, sem caroços, se gastam muito em toda esta India, e algumas feitas da feição das que chamamos *datiles.* Verdade é que em Cambaia vi eu ja algumas palmeiras bravas; porem são muito differentes dos *tamarinheiros,* quanto mais que pera a Arabia se leva o *tamarindo* por mercadoria.

R.—Dioscorides porque não fallou nos *tamarindos,*

[1] Avicena, lib. II, cap. 699.
[2] Serapio, cap. 348.

diz o Laguna (traductor no vulgar castelhano), que se damos fé ao vocabulo arabigo, diremos que são uma especie de *datiles* que vem da India Oriental: e assi affirma que por esta razão lhe parece que os *tamarindos* não differem dos *datiles* thebaicos, visto que os trazem de levante, e tem a mesma força e virtude: e diz mais que, segundo alguns dizem, a arvore do *tamarindo* é uma especie de palmas silvestres, que tem as folhas longas e agudas nas pontas, semelhantes ás do salgueiro, e que ás vezes acham dentro uns caroços amarellos, de diversas formas; e tem-se por perfeitos aquelles que roxeam, sendo tenros, e frescos e grossos.

O.—Não é especie de *datiles*, nem tem a feição de *datiles*, senão em ter caroços, e não ha nesta terra palmeiras que deem fructo de *datiles;* e comtudo em o Guzerate ha palmeiras bravas, que não dão fructo algum ou *tamaras*, e os *datiles*, como vos dice, são mercadoria pera esta terra. E no que diz, que parecem aos *datiles* thebaicos, não me parece que tem razão; e parece-me que, se forem os veros *tamarindos*, que são levados desta terra pera lá: e quem os compra tem pera si serem da terra donde os compra, assi como acontece nas outras drogas; que chamam á *canela* boa, de Alepo, sendo levada da India. E os Arabios, que nesta terra trataram, porque lhe viram caroços, chamaram-as *tamaras* da India; e não porque pareça *tamaras*, nem a arvore que os dá produze as folhas

como elle diz, senão como vos eu ja dice; nem os caroços são amarellos, mas são lucidos e cor de terra; nem são de formas diversas, mas são como uma forma tamanha como tremoço, redonda, amassada por cima; nem hão de ser tenros, e grossos, senão como digo; e não porque façam ao cazo pera a physica, porque se não uza delles, senão porque os *tamarindos* vem amassados, trazem poucos caroços, e são mal conhecidos.

R.—Valerio Codro faz addições sobre Dioscorides, diz que o *xiferiix* é *tamarindo*, e *fenico balano* é diverso delle.

O.—Nisto pode ter razão, mas não em dizer que os ha, senão na India.

R.—Os Frades dizem que poucas vezes vem á Europa verdadeiros; e que os bons são *keirom*, segundo Mesue, que os escolhe na confeição *alifiracost*.

O.—Serem sofisticados os *tamarindos*, é falsidade suja e baixa; porque valem cá tão baratos que em Portugal se podem dar em muito bom preço; e os *tamarindos* que chama Mesue *alcairo*, quer dizer que os do Cairo são melhores. A cauza disto foi porque ao Cairo vinham ter da India; e dahi, per Alexandria, vem a Veneza; e não por os haver no Cairo.

R.—Que nome tinha o Cairo antigamente, e porque se chama assi agora? E pergunto isto, não sendo physica, porque é muito famosa e antiga esta cidade.

O.—O Cairo antigamente se chamava Memfis dos Gregos; onde estão hoje em dia aquellas tão famosas piramides, e onde foi captivo José, e

e agora apparecem as abobebas, donde guardou os mantimentos; e chama-se dos Mouros *Mecera*. E porque uma rainha ha pouco tempo, que accrescentou esta cidade em uma parte, e esta rainha se chamava *Alcaire* por isto chamam a toda a cidade o Cairo: a qual cidade, com o Turco estar em Constantinopla, sempre se despovoou em alguma maneira. E porque acabemos os *tamarindos*, vos digo o que diz Antonio Musa, que será bem desarrazoado quem não amar aos Arabios por os *tamarindos*. E verdadeiramente que tem razão, porque eu uzo delles, e não de *cana fistula*, nem *maná* nas febres muito colericas, e isto porque por serem doces, accrescentam a colera, e não carece isto de autoridade, pois que Averrois o manda assi. E este preceito uzam muito os physicos desta terra, que não querem dar assucar nas febres ardentes. E assi diz o mesmo Antonio Musa, que claro é não ser o *mirabolano* de Plinio, e de Dioscorides *tamarindo;* porque estes não teem caroços, e os *tamarindos* si; e tambem reprehende Menardo, porque reprehende a Mesue, e diz que o *fenico balano* tem virtude de restringir, e o *tamarindo* de purgar: e tambem não tinha muita razão de reprehender a Mesue em dizer, que era frio no segundo grao, porque Averrois[1] o põe no terceiro, porque isto podia ser error do escritor, e tambem alguns livros de Mesue dizem que é no terceiro. E com isto digo que ficam os *tamarindos* com sua honra.

1 Averrois, 5. Collig.

R. — Não se enfade, se lhe perguntar uma couza que me dice este vosso hortelão.

O. — Se dice que dormiam de noite acolhidos com as folhas, por cauza do frio, disse-vos verdade; porque de noite eu os vi ajuntados, e mettidos dentro nas folhas; e de dia se desencerram e abrem, e saem fora das folhas.

COLLOQUIO LIV

DO TURBIT

R. — O quantas vezes ouvi dizer, em cidades muito notaveis de Hespanha, que deixavam de fazer *diafenição* e outras confeições por falta de *turbit;* outros diziam que não era verdadeiro, por ser negro e não gomoso; outros diziam que o *turbit* dos Arabios é um, e o dos Gregos outro; e que o dos Arabios se chamava *turbit,* e o dos Gregos *tripolio.* E estes nomes dizem que os tiram de Dioscorides; e pera fazer a sua boa, emendam os textos antigos, castigam a Plinio, e dão a culpa destes errores a Theodoro Gaza. E certo que é uma piedade ver quanto trabalho levou Lioniceno doutissimo, e Menardo e outros em achar este *turbit* em Dioscorides, ou Plinio, o qual se não póde achar senão quando se achar o corno de Amalthea, ou a cidade de Platão.

Outros mais modernos querem concertar os Gregos com os Arabios, desejando elles mesmos serem entre si differentes. Peço-vos muito por mercê que me tireis deste trabalho, dizendo-me os nomes arabios, e os desta terra, onde a planta nasce. E se poder ser que o eu veja, seria pera mim couza de grande preço. E assi me haveis de dizer quanto se aproveitam delle os physicos desta terra, e se uzam muito ou pouco delle.

O. — Dizer-vos-hei, senhor, tudo o que sei, porque conheço muito bem este simple, e vi a frutice que o dá, quando é verde, e as flores; e por aqui vereis vós mesmo o que haveis de responder a estes modernos escritores, ou a quem vos com elles allegar, se é este o *turbit* dos Gregos ou não. E digo que ao que nós chamamos *turbit*, chamam com o mesmo nome os Arabios, e Persios e Turcos; posto que André Belunense, no texto emendado, o chama *terbet;* porém os physicos lettrados destas nações todos os mais o chamam *turbit*, e não *terbet*. E os Guzerates, onde ha o mais, o chamam *barcamam*. E os Canarins destas terras de Goa o chamam *tiguar*. E nasce na flor da terra, quero dizer que não tem a raiz profunda, e é pequena, e o tronco della é como um dedo de comprido, e ás vezes mais grosso, e jaz ao longo da terra deitado como hera; porque o principio do tronco ou ramo é o bom; e como se vai adelgaçando e se enche de folhas não tem a feição

de *turbit*, nem é bom, nem faz a goma senão perto da raiz, que é o proprio pao, e esta raiz vem ás vezes com o mesmo *turbit*. E as folhas e flores são como de *malva franceza*, e não se mudam as flores tres vezes no dia, como alguns diceram. O sabor do tronco, ramo e folhas é insipido, quando se colhe; e nasce nas terras maritimas, mas não muito perto do mar. Eu o vi duas leguas do mar e tres, em cabo onde a maré cheia lhe não chega, como alguns diceram que lhe havia de chegar. O mais delle nasce em Cambaiete, Surrate e Dio, e Baçaim com suas comarcas. Tambem ha algum em Goa, mas não o tem os physicos da terra por bom, nem querem uzar delle, senão do guzerate. E dali o levam em muita quantidade pera Persia, Arabia e Turquia, e pera Portugal alguma quantidade pouca; posto que eu mandei quarenta quintaes, quando fiz as drogas pera El-Rei, e houve-se por muita quantidade. E tambem mo pediram no Balaguate os physicos do Nizamoxa, que é sinal de o não haver nessa terra, ou de não ser bom. E já pode ser que em outras partes da India o haja, porque se não semea, e nasce per si; e pode ser que se a gente da terra fosse mais curiosa, que o acharia. E algumas pessoas me diceram que o havia em Bisnaguer (que é do Guzarate cento e cincoenta legoas); mas os physicos daqui de Goa me diceram uns que o levavam a Bisnaguer do Guzerate, e outros me diceram que o havia em Bisnaguer

porém que não era tão bom, posto que o havia, e que tambem o havia em Goa, mas que não era bom, nem se uzava, nem praticava acerca delles, senão o de Guzarate. É verdade que o que viram Mesue e Serapio e Avicena era do Guzarate; porque sempre as naos que vão pera o ponente o levaram por mercadoria. E vos digo que não tem o ramo diviso na parte alta, senão todo é cheio de folhas e flores, da maneira que vos dice.

R. — Antes que vos traga os ditos dos escritores Gregos, e Latinos modernos, quero que me digaes como soubestes isto que me dizeis; e não porque eu não dê inteira fé a vossos ditos, senão porque saiba dar razão de mim a quem vos não conhecer.

O. — Tendes razão no que dizeis; mas sabei que, quando aquelle invencivel capitão Martim Affonso de Souza foi com quarenta homens a Dio, por mandado do Soldão Badur (que era o mais poderoso rei da Mourama) e lhe deu com tanto risco e esforço, e saber seu a cidade de Dio, tão nomeada por todo o mundo, eu estava com elle; e desque tivemos o *praz-me* d'El-Rei de fazer a fortaleza, andava eu ocioso, vendo a opulencia e trato dessa cidade; e estando uma tarde no *bazar* (a que nós chamamos praça ou feira) assentado á porta de um mercador (aos quaes elles chamam Baneanes) passou por sua porta uma molher com um saco de *turbit* já seco, e lho vendia; e eu como conhecia

a mézinha, e havia ouvido dizer que dali o levavam pera as nossas naos, perguntei ao Baneane que era aquillo, e elle me dice que era *terumbu,* e que nós e os Mouros lhe chamavamos assi; mas que os Maratas (que são os Gentios) lhe chamavam *barcamam.* Eu lhe perguntei pera que o comprava, e pera que aproveitava: dice-me que aproveitava pora purgar o ventre, e que era havida por boa mézinha, a qual levavam pera Arabia, e pera Ormuz os mercadores nas suas naos. E elle me perguntou se lho queria comprar, e louvava-o muito, dizendo que o olhasse, e com isto me mostrava a gomosidade delle, e a brancura. E, porque eu sabia que os nossos o compravam, o comprei eu, s. cada mão por uma *tanga* (que são sessenta reaes), e uma mão vinte e sete arrateis. E elle pagou á molher muito pouco; segundo que eu depois soube de uns Baneanes, certo que dobrou duas vezes comigo o dinheiro.

R.—Eu sam contente de ser esse o *turbit,* que uzamos, e chamarem-lhe assi; mas como soubestes delles que os signaes da sua bondade era ser branco e gomoso, senão se o soubestes polos livros nossos.

O.—Digo que, polos nossos livros, soube aquillo mas não por mo dizer o Baneane; mas fallando comvosco a verdade vos affirmo, que não são estes sinaes, senão de ser *turbit,* e não porque não possa ser o *turbit* sem goma tão bom como o gomoso, porque a goma se cauza, porque o retorcem

ou o picam os que o colhem, quando é verde, pera que gomefique ou lance goma; porque sabem que é sinal por onde distinguimos o bom do mau. E isto soube eu depois; porque tinha um parente physico em Baçaim cidade nossa, que dista de Dio por cinquenta legoas por mar, e dice-me que fora colher com os Indianos muitas vezes, e que elles no principio o torciam ou cortavam ou picavam, e que dahi a alguns dias o colhiam, e o achavam cheio de goma, e que elle fez que não torcessem algum outro: e que depois não o achava com goma, e que a algum destes achava muito pouca.

R.—Logo tão bom é o gomoso, como o outro; pois é uma mesma planta.

O.—Tendes nisso muita razão; porque a goma lhe fica dentro; e tambem vos digo que algum *turbit* será gomoso sem lhe fazer as torceduras ou golpes nelle; mas gomefica mais facilmente; e mais a nossa eleição que nelle fazemos, deu aos Indianos occasião pera o torcer; e isto sem duvida é verdade.

R.—E como é o *preto* ruim e o *branco* bom, que é uma das condições da sua bondade?

O.—É costume dos boticarios da India (a quem chamam os Indios *guandis)* secal-o ao sol, porque dizem que secal-o á sombra o faz preto. E dahi o tomaram os nossos boticarios, e por experiencia se acha isto do modo de secar esta mezinha. E ja pode ser que o que for preto por ser seco com a sombra seja melhor, mas até ao presente não o experimentei.

R.—E uzam os physicos Indianos deste *turbit* pera purgar a freima?

O.—Senhor, si; e pera isto quero chamar o physico que nesta terra me parece melhor, pera diante de vossa mercê lho perguntar. Moça, chama a Malupa.

Serva.—Aqui vem todas as manhans a curar estas negras: e eil-o sóbe.

O.—Malupa, dizei aqui ao senhor doutor, se uzaes nestas terras do *turbit*? E pera que? E se lhe misturaes *gengivre*? E de qual terra é melhor.

Malupa.—Si: uzamos delle pera purgar a freima, e o *gengivre* ás vezes lho misturamos; e é quando não ha ahi febre; e isto do misturar do *gengivre* tambem o misturamos em outras mezinhas purgativas, mas outras vezes o damos sem o *gengivre*. E o melhor *turbit* é o de Cambaia, e de Cambaia o levam a algumas partes da India. E ja eu mostrei o *turbit* desta terra ao senhor doutor, que presente está: mas digo-vos que nós ás vezes curamos com o de Goa, e mais não o ha senão perto do mar; posto que ja me diceram que o havia em Bisnaguer, mas que não fazia boa obra.

O.—Diz-vos muita verdade; porque o Nizamoxa me pedia este *turbit* de Cambaia, e eu lho mandava do que de lá vinha; e comtudo pode ser que o haja dentro no sertão, e que se não ache pela pouca curiosidade da gente, que a *lingua de vacca*, de que carecemos, e a *fumus terrae*, vi eu em o Balaguate. E vós ide-vos com Deos, Malupa, e dizei a este senhor daqui em diante o que sabeis destas mezinhas.

M. — O doutor Orta as sabe melhor que nós todos, porque nós sabemos as dos Gentios somente, e elle sabe as dos Christãos e Mouros, e Gentios melhor que nós todos. E beijo as mãos de vossa mercê.

O. — Este Indio nos diz na rectificação verdade; porque Rasis[1] não o rectifica com *gengivre,* senão com oleo de *amendoas doces,* por temor da escoriação que pode fazer.

R. — Agora venhamos á examinação dos escritores. E começando por os Arabios, pois nisto fallaram mais certo, como vós dizeis, tendo os Gregos a sabedoria, e a invenção das boas lettras...

O. — Não vades mais avante, porque não digo mal dos Gregos, por serem inventores das boas lettras, como dizeis; mas tambem são inventores de muitas mentiras, e muito mal acostumados, e efeminados em seus costumes: e Roma, des que os recebeu em si, recebeu muitas más couzas. E comtudo não digo eu mal delles, no que escreveram que havia em suas terras, senão o que escreviam das ignotas a elles; porque ali encheram os livros á sua vontade; como se pode exemplificar nas couzas que da India escreveram, tão fabulosas; mas affirmo-vos que, n'estas terras da India, souberam mais os Arabios; e, por melhor dizer, erraram menos que os Gregos. E ora vinde com vossas contradições, pera que melhor se examine a verdade.

R. — Mesue diz que tem as folhas semelhantes ás

[1] Rasis, 8. Ad Almansorem.

da *ferula*[1], excepto que são mais pequenas, e que é das plantas que tem leite; e que o ha domestico e silvestre, grande e pequeno, e branco e preto, e cetrino; e que nasce nos logares mais secos por a grossura do seu leite; e que tem sete propriedades, branco, e vacuo, arundinoso, ou semelhante a cana, gomoso, e que tem a corteza côr de cinza, e que é plano, e que facilmente se quebra (s. novo), e que o grosso não é bom.

O.—O senhor Mesue fallou o melhor que lhe pareceu, e foi d'ouvida; e por isso não acertou em tudo; porque as folhas não são semelhantes ás da *ferula,* senão á *bismalva* (a que chamam os Portuguezes *malva franceza),* nem tem leite; nem o ha domestico, senão todo é silvestre; e ha-o grande e pequeno, como diz; branco e amarello e preto, mas não que o seja assi do seu nascimento, senão o que é mal curado não é branco, e nasce em cabos humidos e seeos, e mais humidos que secos; e não em secos, como elle diz por cauza do seu leite; e por ser branco e gomoso não é melhor, como antes vos dice; nem é feito como cana; nem a corteza é cinzenta, nem muito plana, senão encrespada ou frozida e parda; e o novo é bom, mas não é frangivel, senão depois de seco; e tambem diz que o grosso não é bom, e isto é dito sem razão; antes parece que terá mais virtude, senão for podre.

R.—E que vos parece Avicena[2], que diz que a sua

[1] Veja Mesue *Simpl.*, lib. II, cap. 2.—(*V.*)
[2] Avicena 709, cap. 2 Camonis.

rectificação toda que é esfregando-lhe a corteza, pera que não fique cinzenta, senão branca?

O. — Digo que isso é bom pera ò vender somente, e não pera mais.

R. — Serapio[1] diz, por autoridade de Dioscorides e de outros muitos, algumas couzas, s. que nasce na praia e nos logares que o mar cobre com a maré cheia somente, e não com a vazia, que com ella baixa não é tocado, e que tem a folha semelhante á planta chamada *arasidis,* e são mais grossas as folhas, e diz que tem o tronco longo dois palmos, e que se divide no mais alto, e que muda a flor tres vezes no dia (s. de manham o é branca, e ao meio dia é roxa, e á noite vermelha) e que a raiz é odorifera, e que quando se mastiga esquenta a lingua, e que aproveita contra a peçonha, assi como qualquer mézinha outra *bezedarica.* E estas couzas e outras traz autorizadas por Galeno, tresladado por Albataric e por outros Arabios muitos.

O. — Já vos dice que o *turbit,* que eu o vi nascer perto do mar; mas não tão perto que o toque o mar com maré vazia nem cheia, porque nasce ás vezes duas leguas do mar, onde não espraia o mar; nem tem a folha semelhante á folha da planta dita *arasentis;* nem a *ahisatis* dita como emenda e um moderno diz como *bismalva,* nem porque é como a dos *murtinhos* (como diz o Lioniceno); pois são tão differentes da *bismalva;* e o tronco, como diz, é de dois palmos, porém ás vezes menor, e outros ha de oito e de dez palmos; e porém a flor

[1] Serapio, cap. 330.

não se muda tres vezes no dia, senão sempre é misturada de branca e roxa, e ás vezes branca; e a raiz não é odorifera; nem mordica a lingua; nem nós uzamos da raiz, senão do pao que está com as folhas estendidas no chão, como a hera; nem a vi em algum tempo uzar contra o veneno; nem eu o experimentei, e o que vos dice vi com os olhos.

R. — Dioscorides[1] diz, fallando de *pitiusa,* que é uma especie dos *laticinios,* ou de hervas que deitam leite, que parece que é *turbit.* E assi o sentem alguns modernos; e tambem dizem que é *tripolio,* do qual falla Dioscorides[2], e é tresladado ao pé da lettra de Serapio. E Autuario, doutor grego, e de autoridade, diz tambem que *pitiusa* é *turbit,* s. que o ha *branco* e *preto;* e diz que falsamente uzam alguns, por *hesula, turbit preto,* e tambem é deste parecer Matheolo Senense. E assi diz o mesmo que *alipium* é *turbit,* e *alipia* é a semente delle. E que isto elle Matheolo não o crê, porque não tem semente o *turbit;* e mais porque o *alipio*[3] purga a melancolia, e o *turbit* purga a freima. E os Frades dizem o que os modernos e Antonio Musa; e têem porém que é verdade o que dizem do *tripolio* Dioscorides e Galeno, e Plinio[4]: e diz que tem o *turbit* de Serapio; e por isto que parece ser tudo um. E affirmam mais estes reverendos Padres, que o *turbit* que nas boticas se vende, não é o *turbit* de Mesue; e que os que o colheram com suas proprias mãos, lh'o diceram, porque não tinha as folhas

[1] Diosc., lib. IV, cap. 143.
[2] Diosc., lib. IV, cap. 124.
[3] Esta palavra falta no texto; mas deprehende-se do que se diz mais ao diante. — (*V.*)
[4] Plinio, lib. XXVI, cap. 7.

das beldroegas. E tambem concedem [1] que o *turbit* de Mesue não é a *tapsia,* e que, com seu damno o experimentou, porque alimpando-o e escarvando-o, se lhe incharam as mãos e a face. E portanto que não se ha de deitar por *turbit;* mas tambem dizem que o *turbit* que se traz d'Apulha é a verdadeira *tapsia,* e tem grandes raizes; e que se não ha de administrar, senão seis mezes depois de colhido, nem quando é comido do bicho. Estas couzas e outras muitas, que não fazem ao meu proposito, dizem muitos escritores modernos, e bem ornadas. As quaes, pois as ouvistes, respondei o que vos parecer; pois que é bem dar-vos fé, como a quem é testemunha de vista.

O. — Todas essas couzas que dizeis, e outras muitas li já; e o que a isso vos respondo é, que as hervas e plantas laticinaes são muitas, e todas as mais são venenosas. E das nossas e dess'outras muitas é cheia esta terra da India e a de Europa. E quiz Deos que a terra, por o peccado do primeiro padre, as desse, e comtudo, por a misericordia divina, ainda que sejam venenosas, aproveitam pera alguma couza algumas, e outras são puro veneno, sem lhe sabermos o pera que aproveita. E eu daria exemplo em muitas nesta terra, e em Portugal; e a que chamam *hesula* ou *alfebran* os Arabios e nós *hesula* é peçonhenta, que onde cae o seu sumo ou leite, incha muito, como eu vi já muitas vezes em

1 Levamos ao plural estes dois verbos porque, pelo que diz Orta mais adiante, são os padres os agentes. — (V.)

Portugal, e cá nestas partes ha umas plantas com que tapam e valam as hortas, que fazem o mesmo deitando leite de si; e o mesmo fazem uma especie de *mangas bravas*. E por esta razão os antigos escreveram sete especies de *laticinios*, e afóra estas havia outras muitas ignotas. Cá na India ha outras muitas, com que purgam os physicos da terra e curam algumas enfermidades; e uma destas é o *turbit*, pois não tem leite, e se tem algum, é muito pouco, e não é mézinha venenosa, e purga sem molestia nem trabalho; e tomam-o cá os Indios em caldo de frangam, ou em agua em maior quantidade que o nós tomamos, nem em Portugal nem cá, e não incha as mãos, e o rosto tocando-o como fez o *turbit*, que, por autoridade dos Frades dicestes; se não seria essa especie de laticinio, como *hesula*, e daqui tomareis que não é *hesula* este *turbit*, nem *tripolio*, nem *pitiusa*, nem *hisiatis*, nem *alipium*, nem *alipia* sua semente, pois o *turbit* não tem semente; e porque não tem as folhas semelhantes á *ferula*, nem á *beldroega*, nem ao *murtinho*, nem nasce tão perto do mar, que o cubra a onda, nem muda a flor e a côr tres vezes no dia, como dizem esses Gregos. Assi que por essas, e por outras muitas cauzas, não é *turbit* dos Gregos, nem o dos Arabios propriamente; senão estes Arabios viram usar de *turbit* á sua gente, trazido da India, e quizeram buscar em os Gregos alguma mézinha, que se lhe parecesse

porque davam tanta autoridade aos escritores Gregos, como isso; e a cauza era por serem os primeiros escritores nas couzas humanas, porque nas divinas primeiro escreveram os Hebreos. Esta, que digo, foi a cauza por onde Serapio tresladou ao pé da lettra o capitulo do *tripolio* de Dioscorides, porque lhe pareceu que não podia haver mézinha que a deixassem de escrever os Gregos; e certo que melhor fizera elle de me fazer um capitulo do que delle sabia somente, e o demais o tempo o fôra descobrindo, como agora o faz, mostrando ser mézinha propria desta terra. E elle dicera que o *tripolio* e as outras mézinhas era uma especie de laticinio a elle não conhecida, ou conhecida, se a sabia; porque nem Dioscorides soube tudo, porque elle diz muitas vezes, «como é fama».

R.—Laguna tem que *petiusa* é *turbit preto,* e *alipio* é *turbit branco* e bom.

O.—Já vos dice que nenhuma destas mézinhas é *turbit branco* nem *preto;* nem é *hesula,* porque é muito forte laxativo, o que o *turbit* não é; nem é *alipio,* porque *alipio* purga melancolias e o *turbit* purga somente a freima; nem é raiz cheirosa, nem mordica a lingua o *turbit,* nem é semelhante á *ferula,* nem á *beldroega,* nem ao *murtinho,* nem se levanta do chão covado e meio, senão está ao longo da terra estendido, como hera; assi que por estas razões e outras muitas não é nenhuma destas mézinhas apontadas polos modernos.

R. — E o *turbit* que se traz d'Apulha não é *turbit?*

O. — Não, senão algum laticinio; e alguns dizem ser a verdadeira *tapsia,* porque tem raizes grandes; e o *turbit,* que uzamos nestas terras, tem as raizes muito pequenas, e do pao uzamos somente.

R. — Dizem estes reverendos Padres Boticarios que se não ha de uzar, senão seis mezes depois de colhido, e tambem que se não ha de uzar quando está comido da traça ou bicho.

O. — O derradeiro é claro ser verdade, porque esta terra é sujeita a putrefacção em tanta maneira, que não se póde o *ruibarbo* nem outras mézinhas suster os quatro mezes do anno, que é inverno, que são junho, julho, agosto e setembro. No outro que diz que ha de estar seis mezes sem se uzar delle, não diz bem, porque elle colhe-se em novembro, dezembro e janeiro; e, se estivesse mais de seis mezes, corromper-se-hia. Verdade é que nas terras que estão dentro no sertão, não se corrompem as mézinhas, como nestas que estão na fralda do mar, e levae deste simples pera vós que os Gregos totalmente o não conheceram, e que nem lhe diceram menos mal, ou erraram menos que os modernos, que dizem que não sabem conhecer a raiz, que em nossos tempos se vende por *turbit;* posto que isto em parte é verdade; porque não é raiz, senão pao; e daqui em diante não lhe chamamos *turpetum,* senão *turbit,* ainda que lhe chameis

barbaro, porque o *turbit* com seu nome proprio se contenta. E cavalguemos, que hoje é sabbado, e hemos de ir á Madre de Deos.

R.—Muitas couzas me deixais de dizer, por serem muito notas; e, se fossem contadas em minha terra, seriam apraziveis pera ouvir: por isso dessas cidades e terras, donde nasce o *turbit* me dizei, s. de Baçaim, e Dio, pois são terras de El-Rei de Portugal.

O.—Dio é uma ilha, que em si contem uma cidade de um bom porto, e muito fermoso e de grande trato, e concurso de muitos homens mercadores, Venezianos e Gregos, e Rumes e Persios, e Turcos e Arabios, a qual deu o grão Soldão Badhur a Martim Affonso de Souza, sendo capitão mór do mar da India; e houve delle que fizesse ali fortaleza em uma parte de Dio, qual elle quizesse, a qual elle fez, ou aceitou em parte que estivesse fortificada por mar e por terra. E depois, por muitas traições, que nos fizeram, perderam a cidade e a ilha toda, da qual estamos de posse, muitos annos ha. É muito grande escala e forte cidade, a qual defendemos ao poder do Gram Turco, no anno de 1539, com grande esforço de poucos, que estavam dentro cercados. E depois, no anno de 1546, estando de cerco sete ou oito mezes, e sendo arrazados os muros, e muito poucos Portuguezes dentro e doentes, a defenderam animosamente, até que o governador D. João de Castro

veio, e entrou a ilha e cidade, e deitou fóra todos os Mouros, matando grande numero delles, e tornou a edificar outra maior fortaleza. E porque as couzas que neste cerco aconteceram são muito bem escritas em latim e em portuguez, não escrevo mais dellas, porque, como digo, são escritas em melhor estilo. Uma só couza direi: que D. João Mascarenhas, que era capitão desta fortaleza, fez neste cerco couzas de muito esforçado capitão, e uzou de muita industria, saber e esforço, e manhas, tendo paciencia onde foi necessario; e merece tanto ser louvado, que eu não me estrevo a fallar nesta materia mais.

R.— Fallai de Baçaim, pois é couza mais grossa, ainda que não é tão nomeada.

O.— É Baçaim uma cidade muito grande, e debaixo de seu senhorio contem muitas terras e cidades, e rende a El-Rei mais de cento e sessenta mil cruzados com umas terras e fortalezas, que deram depois a Francisco Barreto, as quaes terras chamam Manorá.

Tem em uma parte uma ilha chamada Salsete, onde estão dois pagodes ou cazas de idolatria debaixo da terra; um delles está debaixo de uma serra muito alta de pedra, e será maior quantidade, que a fortaleza de Dio, a qual se pode comparar em Portugal a uma cidade de quatrocentos vizinhos cercados; tem esta serra uma subida grande, e chegado á serra está uma caza grande de pagode, feita e talhada dentro na pedra,

onde depois edificaram os frades de S. Francisco uma igreja, chamada de S. Miguel, ha muitos pagodes do pedra, subindo pera a serra; e subindo mais acima tem outras cazas feitas de pedra, e dentro com suas camaras; e subindo mais acima tem outra ordem de cazas feitas dentro na pedra, e nessa caza tem um tanque ou cisterna de agoa, e tem canos por onde lhe vem agua da chuva e mais acima vai outra ordem de cazas pola mesma maneira feitas. Serão por todas até trezentas cazas, todas tem idolos esculpidos nas pedras; comtudo isso são mui carregadas, e mal assombradas, como couzas que foram feitas pera o diabo ser venerado.

Tem outro pagode em outra parte da ilha, que chamam Maljaz; o qual é uma caza muito grande, tambem feita dentro na pedra; e tem dentro muitos pagodes, e muito mal assombrados; e todos os que entram nestas cazas dizem que se lhe arrepiam as carnes, que são muito medonhas.

Outro pagode melhor que todos ha em uma ilha chamada Pori, e nós chamamos a ilha do Elefante, e está nella uma serra, e no mais alto della tem uma caza debaixo da terra, lavrada em uma pedra viva, e a caza é tão grande como um mosteiro, e dentro tem pateos e cisternas de muita agua muito boa, e polas paredes ao redor ha grandes imagens esculpidas de elefantes, leões, tigres, e outras muitas imagens

humanas, assi como são Amazonas, e de outras muitas feições bem figuradas. E certo que é couza muito de ver, e parece que o diabo poz ahi todas as suas forças e saber pera enganar a gentilidade com sua adoração. E alguns dizem que fizeram isto os Chins, quando navegavam por esta terra. E bem pode isto ser verdade, segundo vai tão bem fabricado, e segundo os Chins são sutis. Verdade é que agora está mui damnificado este pagode com gado que lhe entra dentro, e no anno de trinta e quatro, que eu vim de Portugal, estava couza muito pera ver; e eu o vi, estando Baçaim de guerra comnosco, e logo o deu El-Rei de Cambaia a Nuno da Cunha.

R.—De que pessoas é habitada essa terra de Baçaim?

O.—Os Mouros a senhoreavam primeiro, e agora ha poucos nella, somente alguns que tratam polo mar, chamados Naitias, como se dicessemos mestiços e feitos primeiramente de Mouros, que vieram de fóra, e se misturaram com os Gentios desta terra. E os Gentios são de muitas maneiras, s. os que lavram e semeam a terra para o arroz e outros legumes; estes chamam elles *Curumbins* e nós lavradores; e os que nós chamamos hortelãos, que são os que cultivam as hortas e pomares, chamam elles *Malis:* ha outros escrivães e contadores (a que elles chamam *Parus)* que arrecadam as rendas d'El-Rei, e de homens, e as fazendas, e são grandes negociadores: ha outros

piães d'armas; ha outros a que chamam Baneanes, que são os que guardam o costume de Pythagoras mui inteiramente. E ha em cada povoação uma gente desprezada e aborrecida de todos, e não se tocam com outros; estes comem tudo, e as couzas mortas: a estes dá de comer cada povoação do commum, sem se tocar com elles; o seu cuidado é limpar as sujidades das cazas e ruas; estes são chamados *Deres* ou *Farazes,* e servem tambem estes de algozes; ha outros mercadores de boticas, que per nome são chamados *Coaris,* e no reino de Cambaiete lhe chamam *Esparcis,* e nós os Portuguezes lhe chamamos Judeus, mas não são, senão Gentios, que vieram da Persia, e tem propria lettra sua, e tem muitas superstições vans, que quando morrem os tiram por outra porta, e não pola que se servem; tem jazigos, onde se deitam quando morrem, e nelles estão assentados até que se desfazem; olham pera o levante; não se circumcidam, nem lhe é vedado comer porco, e é-lhe vedado comer vaca. E por estas cauzas vereis que não são Judeus. Nem os Judeus que ha nas terras do Nizamaluco que confinam com estas, os tem por Judeus; fazem estranhos juramentos, que, porque não fazem ao cazo, vos não conto.

R. — Não me leixeis suspenso, e dizei-mo brevemente.

O. — Toma uma vaca o que faz o juramento, e põe no chão de uma banda da vaca agua, e da outra fogo,

e toma um cutelo na mão, e diz certas palavras, que querem dizer, que assi como elle mata aquella vaca com ferro, e está cercado de agoa e ferro, assi estê elle, e assi padeça, se jura falso. Uma couza ha de notar, assi nestes homens como em outros, que nenhum muda o officio do seu pai, e todos os de casta de sapateiros o são.

COLLOQUIO LV

DO THURE (QUE É INCENSO) E DA MIRRA

R. — Porque escrevem que ha duas maneiras de *insenso,* s. uma da Arabia e outra da India; é necessario sabermos da arvore delles, como se chama na terra donde o ha, e saber se é mézinha uzada nesta terra.

O. — Nesta terra não ha *insenso,* mas mandam-o a El-Rei de Portugal de çá, pera que faça esmolas a muitas cazas de religiosos da Christandade; mas na India não o ha, senão trazido da Arabia, onde o chamam *lovam,* corrompendo o vocabulo grego, que é *olibano,* de que elles muito uzam, e elles o chamam *conder,* s. Avicena[1], porque *conder* ou *condrés* quer dizer *resina,* e *samac* quer dizer goma em arabio; e por isto chamam á goma arabica *samac arabi.* Verdade é que Serapio[2] o chama *ronder;* mas o nome é corrupto; porque fallei com muitos Arabios já, e todos me diceram que poucos lhe chamavam

[1] Avicena, lib. II, cap. 533.
[2] Serapio, cap. 178.

conder, e todos os mais *lovam;* mas que nenhum o chamava *ronder,* nem na propria terra da Arabia, onde nasce. E perguntei a Portuguezes, que nessa terra delle residiram muito tempo, e todos me diceram que não tinha outros nomes; e que a arvore se chamava tambem *lovam;* e estes homens me diceram que o melhor é o das serras muito fragosas, e o dos campos é ruim, e que vem misturado com outras resinas de arvores, e que uzavam delle pera brear as naos, assi como nós uzamos do breu; e que estas arvores são do proprio rei; que nenhuma pessoa o podia colher sem licença d'El-Rei; e que vinham os mercadores de Adem e Xael e de outras partes da Arabia, e contratavam-se com El-Rei na quantidade que haviam de colher, e no preço que haviam de dar por o incenso, sendo bom, a que nós chamamos *incenso macho;* e o preço não é grande, sendo que o melhor trazido da Arabia e posto cá na India vale um quintal dois cruzados.

R. — E chamam-lhe elles *macho?*

O. — Não, mas chamam ao bom na Arabia *melato;* e o mao, que é preto, tem outro nome, e é nascido no campo e não na serra, e ás vezes misturam um com outro pera o vender cá na India, e vale muito menos; e este vem misturado com as cascas da arvore, e a razão porque lhe nós chamamos *macho,* s. porque parece aos testiculos, não aceitam os Arabios esta semelhança; e a arvore donde se

cria esta goma, não é muito grande, e as folhas e a feição são de folhas de aroeira; e nesta terra da India não o sophisticam ou falsificam; nem ganhariam muito em o falsificar, polo pouco preço delle. Uzam muito os physicos Indianos do *incenso* pera unguentos e perfumes, e comido pera muitas enfermidades da cabeça e pera camaras. Mas a maior quantidade de todo o que se gasta é levando-o á China, pera lá o venderem, e gastam muito delle. E se acerta ir uma vez pouco, ganham os que de cá o levam muito nelle, assi como perdem se da India vai muito, porque tambem o gastam pera outras partes confins a Malaca; assi como gastam a *mirra* (que na India chamamos *bolla*).

R. — Dioscorides, Avicena e outros muitos dizem havel-o na India, e este é o *negro;* não sei como dizeis, que não ha na India *incenso*.

O. — Este nome *Indo* tomam muitas vezes por negro, como Mesue o diz nos *mirabolanos* indos que são os *negros,* como já vos dice, fallando nelles.

R. — E pois fallastes na *mirra,* e me dicestes tão poucas couzas novas no *incenso,* será couza justa que me digais donde ha a *mirra* e como é feita.

O. — Muita vem á India da Arabia e da terra do Abexim, que é a Ethiopia; mas nunca pude saber desta goma ou resina a verdade, e como a arvore é feita; somente um mercador que tratava de Melinde pera Moçambique

me dice que os Bedoins a traziam a Brava, e a Magadaxo por terra, e que vinham, segundo elles diziam, da Caldéa, assi chamada por estes Bedoins. E são estes homens gente montez, e fallam o arabio puro, que dizem ser mais chegado á lingua caldéa ou da Suria antiga. E isto me dice um sacerdote Abexim, e um bispo Armenio. E porque Pico Mirandolano diz na sua *Apologia*, que *mago* em lingua caldéa quer dizer *sabedor*, perguntei-lhe, pois que elle dizia que a escritura sagrada estava escrita ácerca delles em lingua caldéa, que me dicesse que queria dizer *mago:* elle me dice que *magoxi* queria dizer naquella lingua caldea *lettrado e sabedor,* e que destes eram os *magos,* que vieram adorar a Nosso Senhor. E assi me dice que não eram reis estes homens, senão lettrados grandes, assi nas estrellas, como nas outras couzas naturaes. E mais me dice este bispo que a estrella que guiava a estes magos não era de natureza celestial, senão elemental; assim como dizemos cometa: dizei-me o que vos nisto parece, porque eu não tenho nenhuma couza destas por boa, até que o digam os que regem a Santa Madre Igreja de Roma.

R.—E a mim com essa condição me parece bem o que dizeis, e folgára que me dicesseis mais couzas do incenso, porque os nossos Castelhanos lá dizem que o ha nas Indias Ocidentaes do nosso Rei.

O.—Eu não digo as couzas senão que sei bem sa-

bidas, ou ditas por pessoas dignas de fé. E isto que dizeis dos escritores das Indias Ocidentaes ja o li, mas como o não vi, não sei dizer se é verdade ou não. Vós o podeis saber em Castella e escrevel-o cá, se vos Deos levar; porque isto não releva muito.

COLLOQUIO LVI

DA TUTIA

R.—Levam de cá da India *tutia* pera Portugal, segundo me diceram lá; e tambem Avicena[1] diz que na India ha *tutia,* e Serapio[2] pola mesma maneira diz que uma especie de *tutia* é da India. Ora pois isto assi passa, com razão me direis o que é esta *tutia;* e em que parte da India nasce ou se colhe.

O.—Nas partes que sabemos indianas não ha *tutia* nem *espodio,* como dizem os Gregos, nem cobre nem outros metaes, de que se faz esta *tutia;* mas se mo quizerdes crer, vos direi qual é a *tutia* que uzam na India, e em Portugal e Hespanha; a qual não é mineral, senão o *antespodio* de que faz menção Dioscorides, ou outro semelhante ao mesmo que elle diz.

R.—E donde vem esta *tutia,* e como é feita e pera onde vai?

O.—Um mercador rico destas terras, e muito curioso, posto que é homem leigo, me dice que soubera por muito certo de mercadores naturaes da terra da Persia, que se fazia em Guirmon, terra da Persia

[1] Avicena, lib. 703.
[2] Serapio, cap. 442.

(visinha das terras de Ormuz) e faz-se da cinza de um pao que se chama *goan;* e que esta arvore dá uma fruta, que se chama tambem *goan,* que tem casca e codea ou corteza; e come-se-lhe a codea, e o miolo, e a casca não; e desta arvore, que dá esta fruta, se faz esta *tutia,* s. da cinza desta arvore. E esta cidade de Guirmon é muito celebrada por ter os melhores cominhos, que ha na Persia; e esta é levada a Ormuz e ás outras partes da Arabia, donde vai ter a Alexandria, e esta é a que levam a Portugal, e em muitas naos, que se tomaram de preza, acharam desta *tutia,* que vinha por mercadoria; e eu a vi mandar a Portugal pera El-Rei. E segundo me dice um boticario Portuguez, que esta *tutia* é a que se gasta em Hespanha e França, e é chamada *alexandrina,* e não por se fazer ahi, senão porque se leva ahi da Persia, e este é um dos *antespodios* dos Gregos.

R.—Não me maravilho destas couzas contrafeitas; porque vi que vos trouxe um physico uma pouca de *caparrosa* contrafeita, e dice-vos que uzavam della os çurgiães Indianos, e que lhe achavam bons effeitos porque era bom caustico.

O.—Nas couzas dos metaes sabem os Indios medicos fazer obras; porque, queimando e pulverisando os metaes, eu vi aço e ferro queimado, e pulverisado, e azougue; e a El-Rei de Cranganor no Malavar deram-lhe muito tempo a beber azougue pulverisado, e fez-se-lhe

uma previa disposição pera lepra, de que o curei eu, e está muito melhor agora, e cura-se ao modo dos Portuguezes ja.

COLLOQUIO LVII

DA ZEDOARIA E DO ZERUMBETE

R.—Bem sabeis quanta duvida ha em o que se chama *zedoaria,* e o que se chama *zerumbet;* porque Avicena faz dois capitulos, e Serapio um só de *zerumbet,* e Rasis faz um capitulo de ambos: declarai-me isto, dizendo-me os nomes, e se a uzam a gente da terra.

O.—A mesma duvida, que vós tendes, tive eu muito tempo; e assentei que, por a *zedoaria* ser mais famosa, era o que chamamos *zerumba,* droga uzada pera Ormuz e dahi levada pera a Turquia e Veneza; e que o *zerumbet* era o que chamamos *açafrão da terra,* que na feição sua se parece com a *ruiva seca* nossa, de que ja vos fallei acima no *croco indiano.* E depois que muito cuidei nisso e o inqueri, soube que estava enganado, por os effeitos e obras diversas que o *açafrão da terra* faz das que escrevem da *zedoaria* e *zerumbet,* assi chamado de nós; porque da *zedoaria* faz capitulo Avicena[1] e de *zerumbet;* e isto que chamamos *zedoaria,* chama Avicena *geiduar,* e o outro nome lhe não sei; porque o não ha senão nas terras confins á China, e este *geiduar* é uma

[1] Avicena, lib. II, cap. 743.

mézinha de muito preço, e não achada senão nas mãos dos que os Gentios chamam jogues, ou outros a quem os Mouros chamam calandares; e todos estes são peregrinos, que vivem mendigando e peregrinando, e visitando as suas cazas de idolatrias; e destes vos fallei ja, dos quaes hão os reis e grandes pessoas este *geiduar*, a que nós corruptamente chamamos *zedoaria*.

R. — E como soubestes isto, que tão ousadamente fallais?

O. — Os physicos do Nizamoxa m'o diceram, querendo-a dar a um homem, no arraial do Nizamoxa contra a mordedura de uma bicha, a mandaram pedir; aos quaes eu dice, que os boticarios a tinham, e lh'a mostrei; elles responderam, que isso que lhe eu mostrava era *zerumba*, e não o *geiduar*; e dando-a contra a mordedura da bicha, se achou o trabalhador bem, e lhe tornou o pulso, e se lhe esforçou a virtude.

R. — E de que feição era essa *zedoaria*?

O. — Tamanha como uma bolota, e quasi dessa feição, e a cor era lucida; pedi a El-Rei um arratel dessa mézinha; e dice-me que não me podia dar tanta, e deu-me um pedaço, que pesaria meia onça; a qual mostrei aos boticarios de Chaul e de Goa, e todos me diceram que não conheciam aquella mézinha, e que não uzariam della. E esta mandei a Portugal com uma pedra armenia, e tudo se perdeu, e a nao em que ia, Deos seja louvado. E depois achei na mão de um jogue uma pouca,

e não lh'a comprei, porque a não conhecia bem. E se tivera algum physico ahi, eu lha comprara, e vol-a mostrara agora.

R. — Aproveita pera outras couzas este *geiduar?*

O. — Dice-me o Mula Ucem (e este era um physico lettrado, que eu conversei, estando em Juner curando os filhos do Nizamoxa) e me dice que aproveitava pera trinta e seis couzas; e elle me dice muitas dellas, e eu lha vi aplicar em um giolho, que estava com dor um mercador. E ao menos podeis crer que é mézinha que se estima em muito, e o principal é contra a peçonha.

R. — Pois Avicena não faz tanto cazo della.

O. — Avicena não a conheceu, e foi muito duvidoso nesta mézinha; porque nas couzas de dúvida faz Avicena dois capitulos, e assi fez nesta, porque no capitulo 752 diz: *Geiduar quid ist?* E diz que estima que será *algeiduar;* e Dioscorides nunca fallou nisto. E por aqui vereis que Avicena tinha nesta mézinha dúvida. E o Belunensis, na exposição dos nomes arabios, parece que cheirou isto; porque faz menção de *zeduar* e de *zedoaria,* e de *zerumbat.* E por aqui sabereis que é *zedoaria* nome corrupto, e *geiduar* verdadeiro. E agora vos direi o que é *zerumbet,* e vós ao cabo vireis com vossas contradições, como acostumaes; mas eu hei de ficar em pé, porque a verdade tem pés, e anda, e nunca morre. E digo que o *zerumbet* se chama dos Arabios e Persios e Turcos *zeruba,* e dos Guzerates e Decanis e Canarins *cachorá,* e dos

Malavares *çua*. A maior quantidade della é no Malavar, s. em Calecut e Cananor; e nasce no matto, e se a plantam ou semeam, nasce em muitas partes, e em todo cabo. Chamam-lhe muitos *gengivre do matto,* e tem razão; porque na folha é semelhante ao *gengivre,* senão que a folha é mais larga da *zerumba,* e mais aberta, e a raiz da *zerumba* é mais grande; e des que é colhida a secam em talhadas, e a levam a Ormuz por mercadoria, e á Arabia e Persia; donde vai a Alexandria e a Gida, e dahi a Veneza e a outras partes; e ganha-se nella dinheiro, levando-a por mercadoria pera lá, e tambem a fazem em conserva de assucar, e é melhor que *gengivre*. E isto é noto a todos, e por aqui vereis que não é arvore, como alguns falsamente diceram.

R. — Já é necessario que venhamos ás duvidas que disto nascem. E digo que Avicena[1] diz que a *zedoaria* são umas talhadas semelhantes ás da *aristologia,* e que aquella planta é melhor, que nasce perto do *napelo* ou rabaça de Pero Jogral, porque tira ao *napelo* a virtude venefica ou mortifera, e que é triaga dos venenos, em especial da bicha e do *napelo;* e no capitulo 745 diz do *zerumber* que é herva semelhante ao *cipero,* ou *junça avelanada,* senão que é menos odorifera, e em outra lettra diz que é arvore: no pera que aproveita diz que presta pera as couzas, que Serapio diz da *zedoaria*. Serapio capitulo 172 diz que *zerumbet* que é *zedoaria,*

[1] A traducção de Andreas; porque uma lettra diz *herva* e outra *lignum*.

por autoridade de Isac Aben Amarani; que *zerumbet* são raizes redondas, semelhantes á *aristologia*, e são semelhantes na cor e no sabor ao *gengivre*; e que se trazem de Seni. Ora veja isto, e diga-me o que lhe parece.

O.—Avicena não vio senão a *zerumba* ou *zerumbet*, como nós dizemos; e porque uma dellas vai ao estreito de Meca, feita em talhadas redondas, e outras compridas, póde ser que dahi tomou occasião de cuidar que eram de duas maneiras, s. *zedoaria* e *zerumba*. E porque nunca vio as folhas, não a pintou, senão como a levam da India, s. as raizes como as do *gengivre*. E ainda agora tem diversos preços a *zerumba* redonda da comprida; e tambem o *gengivre* pequeno vale menos, que o grande. E o que diz que a que nasce vizinha do *napelo* é a melhor, isto é muito fabuloso, porque de *napelo* ha pouco, e a *zerumba* nasce em todo o cabo que a semeam; posto que a maior quantidade é no Malavar, no matto; e a que semeam nestas terras é muito pouca, e o matto não é apparelhado a crear o *napelo;* e sei o nome do *napelo* na lingua desta terra, e nunca me diceram os de Malavar que nascia vizinha ao *napelo*. E do *zerumbet* diz o mesmo Avicena que a herva é semelhante á junça, e outra lettra emendada diz que é *lignum* ou arvore; por onde vereis que o não conheceu Avicena; pois não é arvore, senão um legume.

E no Serapio não está escrita aquella dicção expositiva, s. *zedoaria:* que é isto acrescentado do tresladador, que não conheceu a differença de *zodoaria* a *zerumbet;* e porém diz ao cabo que se trazem estas raizes de Seni. E na India não nascem estas raizes, senão na China; e acham-se poucas na India, trazidas da China, como ja vos dice; assi que a *zerumba* ha na India, e a *zedoaria* na China.

R.—E como sabeis que China quer dizer Seni?

O.—Por muitas razões cá o podeis saber. Mas por agora vos abaste saber que *raban Seni* quer dizer *raiz da China;* e assi o é, porque o bom *ruibarbo* não o ha senão na China; assi que nisto não tendes que duvidar.

R.—Antonio Musa, recopilando os ditos de todos, diz uma grande deshonra da *zedoaria* chamando-a barbara; e o nome de ser barbaro é que não lhe pode dizer maior praga; e porque Serapio, fallando de *zerumba,* entendeu a *zedoaria,* porque o que diz della Simão Genuense mostra serem diversas mézinhas, porque Mesue, descrevendo o letuario de gemis, faz menção da *zedoaria* em certo peso, e mais abaixo falla do *zerumbet* em outro peso, e diz mais que alguns outros diceram que *zedoaria* era *arnabo,* ou *zarnabo,* que acerca de Paulo e Aecio é *arnabo,* e que é do genero de cheiros, e allega outros, e aos que dizem ser *bem album* e *rubeum,* e outros *carpesio;* e assi que não sei o que se possa nisso dizer.

O.—O *carpesio* claro é não ser nenhuma destas mézinhas, e assi *bem album;* item *rubeum,* porque nesta terra não ha tal mézinha, senão a que vem do Estreito, que se cá vende bem. E de est'outra muita ha nesta terra, e é muito differente. E o *carpesio* claro é não o ser; pois um é raiz, e outro é grãos. E *zarnabo* não pode ser, porque é arvore grande, como diz Avicena, e mais é pouco cheirosa, e *zarnabo* ou *arnabo* é arvore muito grande, e a *zedoaria,* ou *zerumba* é legume. E com isto respondereis a Fuchsio e Matheolo, e Ruelio, e aos Frades, que dizem quasi uma couza.

COLLOQUIO LVIII

QUE TRATA DE ALGUMAS COUZAS, QUE VIERAM Á NOTICIA DO AUTOR, DAS MÉZINHAS DITAS ATRAZ; E ASSI SE ACCRESCENTAM OUTRAS ALGUMAS MÉZINHAS OU FRUTAS; E FALLA DE UMA MANEIRA DE ARROZ QUE TEM MANTEIGA EM SI; E DO BETRE, E DA CIDADE DE BADAJOZ, E DA CANA FISTULA, E DOS SIRIFOLES, MÉZINHA LOUVADA PERA AS CAMARAS; E DA CIDADE DE CHITOR, E DO MARFIM, E DAS MANGOSTANS, E DAS PATECAS, E DO PAO DA CHINA, E DE UMA PEDRA MUITO LOUVADA CONTRA A PEÇONHA, QUE É ACHADA NO FEL DO PORCO ESPINHO.

Dimas Bosque.—Dos amigos todalas couzas são communs; e assi tem os amigos licença pera emendar as couzas dos que o forem seus: quanto mais que vós me rogastes, que vos dicesse as couzas que por fóra soubesse pera as praticarmos ambos, e ver se podiamos desencovar a verdade não sabida de todos: e ja antes me tinheis dado licença para emendar o que me

parecesse, e por isso venho agora alembrar-vos algumas couzas: é necessario que de novo me deis licença pera isto.

O.—Vós a tendes ja, escusado é pedil-a de novo, porque antes me fazeis grande mercê nisso.

D.—Do arroz que comemos, vos quero dizer que vem de Java a Malaca um arroz que chamam *pulot,* o qual cozendo-se somente com o bafo da agua, apega-se tanto ás mãos e é tão humido, que parece ser cozido com manteiga.

O.—Do primeiro effeito me não maravilho, que é de ser cozido com o bafo, como o *cuscuz,* porque dest'outro arroz acontece o mesmo aos que vão a Portugal, cozendo-o da mesma maneira com agua salgada, por falta da doce: mas ess'outro, que é de ser manteigoso e humido nunca o experimentei, porque não sam muito amigo d'arroz.

D.—Pois perguntai a toda a gente de vossa caza, e dirvol-o-hão; quanto mais que eu o experimentei ja, e podeis-me dar nisto fé.

O.—Em tudo vol-a dou; e dizei-me o que vos diceram os hortelãos da vossa ilha, do *betre,* se vos diceram mais alguma couza nova?

D.—Nunca pude saber mais que dizerem-me que se quer muito mimoso, e que assi quando se colhe não é bom ser tocado muito com a mão; sei que não quer muita quentura, nem muita frialdade.

O.—Parece-me que tendes razão, porque este *betre* não se dá no sertão, e de cá da fralda do mar é levado pera o

Balaguate; e mais sei que não se dá na China por ser terra muito fria; nem em Moçambique, nem Sofala, por ser terra muito quente, e em todas estas terras fazem muito por elle.

D.—Tambem achei escrito em um vosso colloquio, dito acaso, que a cidade de Badajoz dita assi dos Castelhanos, se havia de chamar Guadajoz, que quer dizer *Rio de nozes:* e achei escripto eu em um escritor moderno muito lido, e muito douto e curioso, chamado Gaspar Barreiros, que diz que os Mouros lhe corromperam o nome, porque se chamava primeiro *Pax Augusta,* e porque os Mouros não tem P, e poem o B em seu lugar, lhe chamaram Bagus.

O.—Eu achei isto escrito, e parece-me o autor homem de muito bom juizo e muito lido; mas certamente que a derivação me parece muito torta, e parece-me melhor o que eu digo. E mais confessando isto os mesmos Mouros, e ser a fama commum. E ja pode ser que me engane eu, porque a todolos mais dos homens parecem melhor as suas couzas, que as alheas; e quanto é ao que diz que os Mouros não tem P, verdade é que não tem o proprio caracter do P; mas servem-se por P pondo no B dois pontinhos, e entonces pronunciam P.

D.—Do que me encomendastes da *cana fistula,* se agora havia em Malaca, soube que ha muita em Malaca, e em Sião, e em todas essas partes. E tambem ainda que estas couzas não relevam muito, porque não são mais

que curiosidades, vos alembro que fallaes muitas vezes na cidade de Chitor, e não sei se sabeis que quer dizer *Sombreiro;* porque assi o escreve um chronista da India, e não fôra mao metterdes isto ahi, porque folga a gente de ouvir couzas novas.

O.—As derivações dos nomes são mui más de acertar nas proprias regiões onde nascemos, e onde sabemos tão bem as linguas; que será nas estranhas, onde escassamente sabemos um vocabulo, quanto mais saber a derivação delle? E por tanto vos digo que *cetri* quer dizer sombreiro, e alguns lhe chamam *chatri*. E fallando com alguns Guzerates sobre isto, me diceram que *chitor* queria dizer um passaro assi chamado, e mais propriamente queria dizer debuxo ou pintura; e esta derivação me parece que lhe quadra mais: mas como nisto vai pouco, seja como vossa mercê mandar; mas verdadeiramente a cidade é um debuxo ou pintura, segundo dizem os que a viram, porque eu não a vi.

Dimas.—Estas couzas que até aqui vos dice, são floreos de esgrimidores; mas esta que agora vos direi é de uma mézinha muito boa pera as camaras. E ja sabeis que uma das principaes curas, que havemos de exercitar nesta terra, são as camaras; porque aindaque haja muitas mézinhas pera cural-as, ás vezes achaes algumas camaras antigas, que per nenhuma maneira se podem arrancar: e vem depois uma velha, e arranca-as com uma mézinha simples: e por isso trago a mézinha aqui pera vol-a mostrar.

R.—Diga-nol-o vossa mercê, e tambem nos dirá, se a experimentou ja.

D.—Nunca ouvistes dizer *marmelos de Bengala?*

O.—Si ouvi; e algumas vezes os vi em conserva, e parece-me couza muito estitica, e os physicos Guzerates uzam desta fruta, sendo elles novos e tenros, em conserva de vinagre (a que elles chamam *achar)* e em conserva de assucar, como nós uzamos; e sempre aquelle sabor estitico lhe dura por mais maduro que seja.

R.—Já que concordaes ambos em ser couza estitica e boa pera camaras, será bem que diga o doutor primeiro os nomes e feições desta fruta ou arvore.

O.—A esta fruta lhe foi chamado o nome de *marmelos de Bengala*, porque em um navio meu se trouxe esta conserva, e veio de mistura com outras, que me de lá vieram. E ja veio com nome de ser boa pera as camaras. E gabando-a eu muito a um meu amigo, homem de muito bom saber, que muitas vezes andava á caça no matto, me dice que não se havia de chamar este pomo *marmelos de Bengala,* pois havia muitas arvores nas terras firmes desta ilha, na qual ilha havia alguns. E pois quereis saber o nome desta fruta, digo-vos que em Bengala, e em todos os cabos se chamam *cirifoles* e *belas.* E porque eu sabia que se chamam *beli* em Baçaim, perguntei a estes physicos da terra qual era o seu propio nome; se *cirifole* ou *beli:* e elles me diceram que

cirifole era o nome vulgar, e porém que *beli* era o nome dos physicos, e que elles o tinham em suas escrituras. É a arvore do tamanho de uma oliveira, a que é maior: as folhas são como de pecegueiro, e o cheiro tambem é de pecegos; dá pouca flor, e dura-lhe pouco; são em principio tenros, e a cor é verde escura, e a casca é delgada neste principio, e depois se vai engrossando, fazendo-se seca, até quando é madura a fruta, porque entonces tem a casca quasi tão dura como a do coco; e no principio é do tamanho de uma laranja pequena, e vem a crescer tanto, que muitas vezes é maior que um grande marmelo; do qual tiram a medula (que quando é maduro é ja muito teso) e a fazem em talhadas grandes, e depois em conserva de assucar, como ja dice; e quando são mais tenros e novos, os comem em *achar* ou salgados, e isto é o que sei desta fruta ou mézinha. Agora pode dizer o senhor Licenceado a experiencia que tem desta mézinha, e o que com ella lhe aconteceu; porque elle tambem é do numero dos physicos amadores da verdade.

D.—Estando o vice-rei D. Constantino em Jafanapatão, com os continuos trabalhos de guerra, e muitas aguas, em que sempre os homens andavam mettidos, e falta de mantimentos, adoeceu muita gente de camaras, a cura dos quaes toda passou por minha mão, por não haver outro physico na armada; e

como as medicinas, que de cá se levaram, eram já gastadas na ilha de Manar, com os doentes de duas naos do reino, que a ella vieram ter tão mal tratados que em espaço de quarenta dias curei passante de trezentos homens; e não havendo depois com que acudir ás camaras, que tanto trabalho davam ao exercito, foi-me necessario e forçado experimentar o que destes *marmelos* a gente da terra tinha ouvido; e com elles curei a muitas pessoas, mandando fazer mivas e emplastos pera o estomago e barriga. Mandei tambem fazer marmelada, a qual não sabia mal, antes tinha um azedo de muito gosto; mandava aos doentes que os comessem assados com assucar; e mandei tambem fazer, no tempo que duravam estas camaras, clisteres do cozimento das suas cascas, e faziam o effeito não muito differente das *balaustias* e couzas estiticas, que cá uzamos: de modo que, com estes chamados de nós *marmelos,* foi remediada á falta de outras mézinhas. Uma couza não posso deixar de vos contar, que com estes *marmelos* me aconteceu. Tinha Agostinho Nunes, filho de Leonardo Nunes, physico-mór destes reinos, muitos dos seus soldados doentes; e eu mandei assar dois *marmelos* a um seu negro, pera dar a um soldado enfermo; e arrebentando no fogo estes *marmelos,* queimou o miolo delles o negro que os assava, de maneira que parecia ser queimado com panella de polvora,

porque nos peitos e rosto, e braços não deixou couza que não abrazasse: parece-me que este fogo obrou mais, porque a materia em que se fundou, foi mais estitica e ajuntada; porque o fogo queima mais posto em ferro ou em pedra, que em estopa. E isto é o que vi desta mézinha, e o que della posso testemunhar.

O.—Alem de o vossa mercê dizer, traz isto muita razão; porque aquelle miolo de dentro, quando o fruto não é muito seco, é tão glutinoso e pegadiço, que aos que o comem, não se pode desapegar das mãos.

R.—Eu levarei alguma jarra da conserva destes marmelos, se os poder achar.

O.—Buscal-os-hemos, e fazer-vos-hei della serviço. E emtanto me dizei se vos trouxe algumas cartas de Malaca aquelle catur que hontem chegou de Cochim, porque traz novas que ficam ja ahi as naos de Malaca.

D.—Traz-me cartas e novas da minha fazenda. Folgo de achar aqui o senhor doutor Ruano, porque veja a feição dos *doriões* e *mangustães*, antes que se vá pera o reino, porque me vem aqui de cada um seu pomo feito de cera.

R.—Posto que este anno me não vou ja pera o reino, e inverna cá a nao, folgarei muito de ver esses pomos.

O.—Muito formoso pomo é, porque é tamanho como uma muito grande pinha, e é da mesma feição da pinha, senão que tem os bicos mais delgados, e são como os do ouriço cacheiro, animal conhecido.

D. — A minha carta diz que ha outros mais grandes que estes, a que elles soem chamar *cabeça de elefante:* tem estes dentro de quatro camaras para cima (a que elles chamam *peitacas);* a folha é como de uma lança pequena, dividida polo meio com dois fios, e outros que se tecem pera as ilhargas; é muito verde a arvore, e muito grande e bem copada, e dizem que não dá fruto, senão de quarenta annos: o pomo quando é maduro tem o verde mais claro.

O. — Um homem cazado de Malaca me dice que dava fruto aos quatro annos, e que elle o vio.

D. — Seja o que for, que a verdade não se pode saber tão distintamente. E assi me escreve do *dorião,* que o miolo de dentro é como nata. E vedes aqui a *magostam:* tambem é verde escura; e do tamanho como uma laranja pequena.

O. — Pois aqui estão plantadas, assi darão fruto; e veremos por experiencia a como se sabem, se Deos nos der dias de vida.

D. — Tambem me lembra que, lendo o vosso capitulo do *marfim,* vi que não fallaes ahi no *marfim mineral,* do qual falla André Laguna. Uma de duas couzas me parece nisto: ou que não vistes este autor, lendo todo o capitulo, que escreveu, ou que deve ser algum vosso amigo, e não o quereis reprehender. E ja pode ser que não lhe lestes o titulo, pois que lhe erraes o nome, e lhe chamaes Laguna, chamando-se elle Andreas Laguna.

O. — Falla esse Laguna uma couza tão fóra de ra-

zão, que houve vergonha de reprehender isto, pois de si é tão visto ser falso; e mais elle não allega, autor algum que o diga; assi que pois só quer dizer a falsidade, com elle fique o erro. E quanto é a dizer que lhe errei o nome, não me ponhais culpa; porque não li bem o titulo, e mais porque conheci em Alcalá a ouvir Medicina um, que se chamava Tordelaguna, o qual havia sido boticario, e sabia algum pouco de arabio, e era grande hervolario, e por isso me pareceu que devia ser esse; mas folgo de o não ser; porque o outro era meu amigo, e não havia de folgar de errar de tal maneira, como este errou.

R. — Se andamos a accusar erros, Leonardo Fuchsio, homem doutor, diz que não ha marfim verdadeiro no mundo.

O. — Ha umas mentiras tão grossas, que não é bem, nem merecem ser reprehendidas, senão leixadas passar ávante, até que dêem doze badaladas, como relogio de meio dia. Esse homem ha muitos annos que escreve, e eu não acostumo nomeal-o polo seu nome; porque ainda que soube na physica bem, soube muito pouco em condemnar sua alma, e ser hereje condemnado por lutherano; porque, alem dos seus livros virem no catalogo condemnados, um religioso da ordem dos Prégadores me dice que o conhecia de Alemanha, e que praticara muitas vezes com elle, e que nunca o poude convencer; e por esta cauza me vieram aborrecer suas obras; e ainda que a Medicina

não é sciencia de religião christam, com tudo me aborreceu o autor, e foi muito desenvergonhado em dizer que não havia *marfim* verdadeiro, havendo tantos elefantes em todalas bandas da India, e da Ethiopia, e serem levados a Portugal. Parece que os Lutheros devem ter no inferno algum *marfim,* que seja guardado pera elles.

R.—Parece-me que se podera escusar Andreas de Laguna; porque me mostrastes aqui, ha poucos dias, córnos, que criavam raizes no chão, e eu os vi com muito grandes raizes.

O. —É verdade que vos mostrei isto, e ha muito nesta terra, por ser humida; mas o *marfim* não se enterra, nem ha maneira disso.

D.—Haveis de escrever destas frutas, que chamam *ananaz;* porque certo que é rei das frutas no sabor, e muito mais no cheiro.

O.—Escreve desta fruta Oviedo, o que escreveu das Indias occidentaes, como de fruta propria dessa terra; por onde não é necessario escrever eu cá dellas, havendo-as lá. E ha na provincia de Santa Cruz, chamada de nós o Brazil (que é terra que está muito perto de Hespanha), onde saberão melhor escrever dellas.

D.—Lendo das *patecas* achei escrito, que não eram ellas as *belancias* de Africa, e parece-me que nisto vos enganaes, porque aqui me diceram homens nascidos e creados em Azamor, e outros em Tanger e Arzila, que são as mesmas as *belancias* da Africa, como as *patecas* da India.

O.—Eu não dice que era differente uma fruta da outra, porque pera julgar isto, havia de conhecer ambas as frutas, e eu nunca vi a de Portugal; mas dice que se podiam enganar nisso, porque a matta destas *patecas* é muito differente da que dá os melões de Portugal, e tambem das *albudiecas*, e *sandias* de Castella são differentes das *patecas* da India; eu me remetto ás pessoas que viram umas e outras.

D.—Tambem haveis de accrescentar mais no *pao da China* o que me della escreveram; e é que se dá onde o semeam arrimado a arvores, assi como a hera.

O.—Eu creio isto, pois que vol-o escrevem testemunhas de vista.

D.—Esta mézinha, que vos quero dizer agora, é muito necessaria, porque é contra a peçonha, e tral-a das bandas de Malaca um homem lettrado, vosso amigo, que vós mui bem conheceis.

O.—Se é o homem com quem fallaveis o outro dia, quando fomos visitar aquelle fidalgo, bem sei que mézinha é. E porém não ousarei escrever della, sem vós primeiro me dizerdes o que tendes nella visto, e o que ouvistes dizer della; porque se formos duas testemunhas, ajuntadas com a publica voz e fama que dessa mezinha ha nas bandas de Malaca, dar-lhe-hemos autoridade.

D.—Ja sei que vistes isso, polos signaes que daes.

O.—Eu não a vi, mas seu dono me dice que era uma pedra contra a peçonha, e que estava em vossa mão, e que como fosse á sua, nol-a mostraria, e mais

me dice a feição da pedra, e que lhe foi dada em Malaca em grande estima; a qual pedra se acha em Pam (terra confim e achegada a Malaca) e acha-se mettida no fel do porco espinho, e a gente da terra a tem em grande estima.

D.—Sabeis em quanta estima; que outra que se achou irmam desta foi mandada dessas terras ao Conde do Redondo, vice-rei da India; e nesta terra de Pam onde se acha a pedra *bazar* em muita quantidade, ou ao menos em mais quantidade que esta, é, como digo, mais estimada que a pedra *bazar* de que antes escrevestes?

O.—Eu não me lembro haver lido desta *pedra do fel do porco* alguma couza, e por isso queria saber della alguma experiencia.

D.—Pois eu vos darei razão e experiencia.

O.—Muito me prometteis.

D.—Pois sabei que ja me dicestes, praticando na pedra *bazar,* que diziam os Mouros da Persia, que em tres cabos se achava a pedra *bazar,* convem a saber, no Coraçone, e na ilha das Vacas (perto do cabo de Comorim) e em Pam, que é visinho de Malaca, e que a herva que pasce o gado nestas partes é toda de uma maneira; e que por esta cauza os carneiros e os bodes criam no estomago esta pedra, que vale contra a peçonha: ora pois nesta terra se acha esta pedra no fel do porco espino, e a gente da terra conhece a virtude della, é conforme á razão que se não enganem, e quanto é

á experiencia, eu a dei a duas pessoas, ás quaes haviam dado peçonha; e estando muito mal della, dando-lhe a agua desta pedra se acharam muito bem. Ora vedes como cumpri comvosco, e vos dei a razão de a pedra ser contra peçonha, e a experiencia, como a experimentei.

O.—A isso não ha que dizer, senão está tudo muito bem dito; e dando-me Deos dias de vida, eu a experimentarei muitas vezes, porque a peçonha é acostumada muito nesta terra.

D.—Agora a quero mostrar ao doutor Ruano, e vedel-a aqui.

R.—A côr della é vermelho-claro, e acho-a amargosa no gosto, e ao tocar é como sabão francez, e assi é languida; é necessario que nos digaes, como a experimentastes, se foi em sustancia, se em virtude.

D.—Deitei-a em agua, onde esteve um pouco, e dei-lha a beber; os quaes confessavam que lhe amargava aquella agua, e porém que ficavam com o estomago rijo e confortado.

O.—Tudo isso é verdade, porque o homem cuja é esta pedra me dice, que elle provou a agua della, e que lhe amargou, e porém que ficou muito contente do estomago, e não fôra mao que dereis esta pedra em alguma agua cordial.

D.—Não havia ahi outra agua apparelhada tão asinha, e havia perigo na tardança.

O.—Eu sam muito satisfeito desta pedra, e se viver, saberei della mais.

R. — E eu queria haver uma, pera a levar a Portugal.

O. — Se me vier á mão, eu vol-a darei, mas não me parece que ha tantas, como isso; porém o tempo que descobre tudo, a descobrirá; e certamente que vos devem muito os physicos desta terra, pois a experimentastes: porque, por mais mézinhas que haja contra a peçonha, mais são necessarias, e tambem parece ser que em Roma teria esta pedra muita valia.

ADDITAMENTO[1]

EM QUE SE EMENDAM ALGUMAS FALTAS DE TODA A OBRA

Ruano.—Emtanto me dizei algumas couzas, que vos esqueceram, ou tem necessidade de declaração.

Orta.—No capitulo do *aloes* digo, que o *aloes* e outras muitas mézinhas de cá da India vão a Ormuz, e dahi a Adem e ao Cairo: ha-se de emendar, que este caminho não é de bom piloto, senão ha de dizer, que o que vai a Ormuz, vai dahi a Baçorá, e ao Cairo; e o que vai a Adem, vai dahi ao Cairo e Alexandria, e não o de Ormuz; porque é andar o caminho duas vezes. E portanto eu fallei isto, sem o considerar bem. E tambem me lembra que a *arvore triste,* que estilam a agua della, molhando os pannos nella, é boa pera os olhos.

R.—Dizem-me que ha muita *canela,* e muito boa na ilha de Mindanao.

[1] Na primeira edição acha-se este additamento depois do colloquio do *Betre,* que por esquecido só foi impresso no fim da obra; e que n'esta edição vai restituido á ordem alphabetica, em virtude da propria recommendação do autor.—(V.)

O.—É muita verdade; e tambem n'a ha nas ilhas d'Aynão, que confinam com a China, que é donde vai *areca* e *betre* á China: portanto podeis accrescentar isto no capitulo da *canela*.

R.—Sabem-me tão bem as couzas da *jaca*, que queria que me dicesseis se aproveita pera alguma couza mais.

O.—Sei-vos dizer, que aproveitam as castanhas da *jaca* pera estancar as camaras; e em mim e em outras pessoas o tenho experimentado. E não é muito, considerando a feição do sabor dellas; podeis-lo accrescentar no capitulo dellas; e assi podeis accrescentar, onde fallo na torre de Babilonia, e digo que não é Bagadá nem Baçorá: tenho por informação muito certa que a torre de Babilonia, acerca da gente da terra era em um monte perto della; mas neste monte não apparece pedra nem ladrilho, nem couza alguma, somente a fama é que foi ali; e ainda que estas couzas não relevam muito, o podeis accrescentar. E onde fallo de *morbo gallico*, que os Persios lhe chamam *bade frangi*, que na nossa lingua quer dizer mal francez.

R.—E esses homens da Persia não vos dizem alguma couza mais da pedra *bazar*?

O.—Dizem que é agora muito guardada nas terras onde a ha, e que fazem muitas diligencias pera que todas vão ter á mão d'El-Rei, e que se fazem coutadas della, assi como ha em Hespanha, e em toda a

christandade se fazem; e da pedra de Malaca me não perguntеis, porque cada dia acho novas de mais louvores della, e hei de escrever isto, se me Deos der dias de vida.

R.—E tambem, pois me parece tão galante este *olho de gato,* que me destes, que haveis de dizer alguma virtude delle.

O.—Posto em cima delle um panno apertado de modo que chegue ao *olho de gato,* não se queima com fogo algum, e eu o experimentei com uma candea, e achei que é muita verdade; podeis experimental-o, ou credel-o.

R.—Tudo farei; e mais vos peço que comamos aquelle *pavão,* que agora vos trouxeram, porque dizem que é carne, que não apodrece. E isto não é fabula, porque alem de o dizerem Plinio e outros historiadores, o diz Santo Agostinho; e é em tanta maneira isto verdade que alguns doutores, no regimento da peste, louvam muito a carne do *pavão,* por não ser apparelhada á putrefação.

O.—É verdade que tudo isso passa assi; porém é esta terra (como muitas vezes vos tenho dito) tão sujeita á putrefação que não dura o *pavão* mais sem apodrecer do que dura a *perdiz,* e isto tenho eu experimentado muitas vezes.

R.—Será isto nesta fralda do mar, mas não dentro na terra firme, que não é tão humida como esta, e é mais fria nos tempos frios, segundo m'o todos dizem.

O.—Antes lá no Balaguate comi mais *pavões* que em nenhum cabo, em especial na cidade de Juner, que é cercada de serras e é terra fria; e de industria quiz experimentar isto, e achei que apodreciam mais, que cá em Goa; e portanto podeis crer, que essas propriedades que lhe lá acham, não lhas achamos cá; e os que escreveram isso de lá dessa Europa, diceram verdade; e nós dizemos verdade, fallando nesta terra do que conhecemos.

R.—Lendo hontem em uma Chronica, que me mostrou este moço d'El-Rei de Portugal, achei no cabo um tratado de muitas misturas de couzas, que em seu tempo vio este escriptor; e achei ahi que no reino Dely havia uma raiz muito peçonhenta que matava, e tinha uma fruta, que dava saude a todo o homem empeçonhentado, e que era muito saborosa: a raiz se chama *baçaraga*, e a fruta se diz *mirabixi*. Muito me maravilho de vós não escreverdes disto.

O.—Esse reino Dely é muito pouco conversado de nós outros; pois pera fallar de ouvida tratamos com uma gente, que chamam jogues, que o que hoje dizem, ámanhã o negam, e é gente que vive pedindo esmola, como ja vos dice; e isto nunca o ouvi, e conversei com muitos, e nunca me tal diceram; mas parece-me isso contra toda a boa philosophia, porque da raiz se mantem o tronco, e do tronco se mantem os ramos, e dos ramos se

mantem a fruta; de modo que do primeiro até ao derradeiro a fruta que é contra a peçonha se mantem da raiz, que é peçonhenta a respeito do mesmo homem: e sendo assi a raiz como a fruta mézinhas simples, é contra razão, dizermos que é retificada a fruta. Isto que dice foi porque a triaga, sendo o seu principal fundamento vibora peçonhenta, é retificada com outras sessenta e tres mézinhas, e está muito tempo an'es que seja retificada, mas est'outra não traz caminho por onde possa ser.

R.—Se andaes per philosophias, cada dia achamos plantas e sementes, que tem em diversas partes compreições contrarias; assi como é a *zargatoa*. E de algumas arvores se diz cá na India, que a raiz distilada é a agua muito fria, e a casca e a semente muito quente. E tambem me diceram homens de Malaca que a herva que mata, untada nas frechas, é de uma banda de uma arvore que olha o levante confeiçoada; e contra-herva me diceram que se fazia da mesma arvore, da banda que olha o ponente.

O.—Estas materias dos simples não se querem tratar com tanta subtileza, não é necessario pera ellas tantas philosophias, porque tudo tem resposta; que não é muito uma planta ser na raiz fria, e nas folhas e fruta quente; pois em nenhum cabo delles tem a qualidade em summo gráo; mas que seja uma couza na raiz venenosa, e na fruta cibo

ou comer, e comprehendido debaixo do genero, que se pode chamar nutritivo, e o veneno é totalmente contrario a isto; porque o veneno em si não tem razão de nutrir, senão de matar. E ao que dizeis que a contra-herva de Malaca, e a herva com que são empeçonhentadas as frechas, são ambas de uma arvore, é muito falso. Isto porque a herva é uma raiz, e não herva; e isto é muito sabido. E portanto deixemos isto pera quem o melhor souber; porque eu vos prometto que hei de tirar grandes inquirições, como me topar com esses jogues do reino Dely. E crede que, se Deos me der dias de vida, vos hei de fallar verdade, ou ao menos será ella bem examinada.

R.—Pois tendes, pola via de Ormuz, conversação com os Mouros da Persia, dizei-me destas *rozas persicas*, que assi as chama Avicena, e nós lhe chamamos *assucar rozado* de Alexandria; e se tem cá os da Persia estas *rozas* por solutivas, pois nós achamos ser assi, s. das que lá foram levadas e plantadas.

O.—Mézinha é muito uzada acerca dos moradores da Persia e de Ormuz, e pera um homem se purgar levemente, tomam rozas em boa quantidader e cozem-nas muito, e deste cozimento dão a beber dez onças com um pouco de assucar, e fazem cinco ou seis camaras, e outros dez e doze. E um fidalgo muito honrado me dice que fazia mais de doze, e é este fidalgo

tão dureiro, que anda um mez sem fazer camara. Mas fallando a verdade, os homens a quem dei esta mézinha per minorativo, nunca os vi passar de seis camaras.

R.—Folgo muito de saber isso que me contaes; e porém duvido em uma couza, que é cozerem-se muito as rozas tendo a virtude muito superficial, como a tem todas as outras flores.

O.—Já ao menos temos experiencia, nas rozas, em contrario; quanto mais que as rozas são estiticas, e purgam comprimendo; por onde não é de maravilhar soffrerem as rozas muito cozimento, como todas as outras couzas estiticas.

TABÔA DOS COLLOQUIOS

	PAG.
Colloquio I—Preambulo	1
Colloquio II—Do aloes	2
Colloquio III—Do ambre	10 v
Colloquio IV—Do amomo	14 v
Colloquio V—Do anacardo	16 v
Colloquio VI—Da arvore triste	17 v
Colloquio VII—Do altiht, anjuden, assafetida e doce e odorata, anil	19
Colloquio VIII—Do bangue	26
Colloquio IX—Do benjuy	28
Colloquio X—Do ber, que são as maçãs que cá usamos, e dos brindões; dos nomes e appellidos dos reis e senhores d'estas terras; do enxadrez e de suas peças; e do betre	32 v
Colloquio X *bis*—Do betre	37
Colloquio XI—Do calamo aromatico e das caceras	37 v
Colloquio XII—De duas maneiras de canfora e das carambolas	41
Colloquio XIII—De duas maneiras de cardamomo e carandas	47
Colloquio XIV—Da cassia fistula	54
Colloquio XV—Da canella, e da cassa lignea e do cinamomo, que tudo é uma couza	56 v
Colloquio XVI—Do coco commum, e do das Maldivas	66

PAG.

Colloquio XVII—Do costo e da collerica passio... 71 v
Colloquio XVIII—Da crisocola e croco indiaco (que é açafrão da India) e das curcas..... 78
Colloquio XIX—Das cubebas..... 80
Colloquio XX—Da datura e dos doriões..... 83
Colloquio XXI—Do ebur ou marfim e do elefante.. 85
Colloquio XXII—Do faufel e dos figos da India... 91
Colloquio XXIII—Do folio indio ou folha da India. 95
Colloquio XXIV—De duas maneiras de galanga... 98 v
Colloquio XXV—Do cravo..... 100 v
Colloquio XXVI—Do gengivre..... 105 v
Colloquio XXVII—De duas maneiras de hervas contra as camaras, os nomes das quaes se dirão n'este colloquio, e de uma herva que não se leixa tocar sem se fazer murcha..... 107 v
Colloquio XXVIII—Da jaca, e dos jambolões, e dos jambos e das jamgomas..... 111
Colloquio XXIX—Do lacre..... 112 v
Colloquio XXX—De linhaloes..... 118 v
Colloquio XXXI—Do pao chamado *cate* do vulgo; e diz-se n'elle couzas proveitosas..... 125
Colloquio XXXII—Da maça e noz..... 129
Colloquio XXXIII—Da manná purgativa, onde se falla d'outras muitas couzas, que são menos medicinaes, e são de historia, e boas pera as saberem algumas pessoas..... 131 v
Colloquio XXXIV—Das mangas..... 133 v
Colloquio XXXV—Da margarita ou aljofar, e do chanco; donde se faz o que chamamos madreperola 138 v
Colloquio XXXVI—Do mungo, melão da India, a que cá chamamos pateca..... 141 v
Colloquio XXXVII—Dos mirabolanos..... 148
Colloquio XXXVIII—Dos mangostões..... 151
Colloquio XXXIX—Do negundo ou sambali..... 151 v
Colloquio XL—Do nimbo..... 153
Colloquio XLI—Do amfião, dito assim corrompidamente, porque o seu nome é *opio*..... 153 v
Colloquio XLII—Do pao da cobra, e é de tres maneiras..... 155 v
Colloquio XLIII—Da pedra diamão, da pedra armenia e da pedra de cevar..... 159
Colloquio XLIV—Das pedras preciosas, que são, s. safira, jacinto, granada, rubi, medicinaes..... 165

PAG.

Colloquio XLV—Da pedra bazar,..... 169
Colloquio XLVI—Da pimenta preta, branca e longa, e canarim, e dos pecegos..... 171 ½
Colloquio XLVI—Da raiz da China..... 177
Colloquio XLVIII—Do ruibarbo..... 184
Colloquio XLIX—De tres maneiras de sandalo.... 185 ½
Colloquio L—Do spiquenardo ou espiquenardo.... 189 ½
Colloquio LI—Do spodio ou espodio..... 193
Colloquio LII—Do squinanto ou esquinanto..... 197
Colloquio LIII—Dos tamarindos..... 200
Colloquio LIV—Do turbit..... 203 ½
Colloquio LV—Do thure (que é incenso) e da mirra 213 ½
Colloquio LVI—Da tutia..... 215 ½
Colloquio LVII—Da zedoaria e do zerumbete..... 216 ½
Colloquio LVIII—Que trata de algumas couzas, que vieram á noticia do autor, das mézinhas ditas atraz; e assi se accrescentam outras algumas mézinhas ou frutas; e falla de uma maneira de arroz que tem manteiga em si; e do betre, e da cidade de Badajoz, e da cana fistula, e dos sirifoles, mézinha louvada pera as camaras; e da cidade de Chitor, e do marfim, e das mangostans, e das patecas, e do pao da China, e de uma pedra muito louvada contra a peçonha, que é achada no fel do porco espinho..... 219 ½
Additamento em que se emendam algumas faltas de toda a obra..... 227

Taboada do conteudo neste livro polo A B C, s. das couzas de notar

PAG.

Açafrão chamado na India açafrão da terra, e é mézinha uzada dos physicos desta terra, e prova-se que escrevem della Avicena e os outros Arabios ..... 78 ŷ e 79

Allaqueca ha muita quantidade della em o Guzarate, e é mercadoria pera as partes do ponente 168 ŷ

Aloes tem nome em todas as linguas, e o melhor é de Socotorá acerca de todos, e não é melhor o de cima, que o de baixo, se se faz limpamente; nem se falsifica com acacia e goma arabica, e diz-se a maneira de se conhecer, e diz-se como não o ha em Alexandria, pera delle se fazer cazo, e dá-se a razão porque se chama cabalino o ruim, e é mézinha muito uzada de tôdos os Indianos; e a herva do aloes tambem uzam della pera purgar, e pera as chagas dos rins e bexiga, e pera quebraduras .... 3 a 5

—— A herva do aloes amarga muito em todas estas partes, e quanto se ha de tardar o cibo sobre elle; e porque se mudaram as pirolas de Rufo e as de Rasis; e porque o aloes misturado com mel purga

PAG.

menos; e porque por dentro é solutivo, e por fora restringe ..... 8 e 8v
—— Aloes metalico não ha em Jerusalem como alguns escrevem 9

Aljofre e **perolas** tem nomes em todas as linguas, e da-se razão porque se chamou aljofar, e porque se chamou perolas orientaes; e como esta pescaria das Indias é decorada com os padres e irmãos da companhia de Jesus; e como as perolas das Indias occidentaes valem cá mais que em Hespanha; e como não ha perolas furadas cá, nem verdes, como dizem que as ha em Peru ..... 139 e 140

Algarves que quer dizer, e onde são 21

Apellidos dos reis e senhores desta terra, e o que querem dizer, e como foram os reis expellidos, e como ficou a casta delles ..... 36 a 37

Arabis são uns Mouros, e Magarabis outros, e o que querem dizer estes nomes 19v

Ambre se chama assi em todas as linguas, ou varia muito pouco. Dizem-se as opiniões, que ha do seu nascimento, e conta-se uma muito conforme á razão: diz-se dos grandes pedaços, que delle se acharam, e o grande preço em que é tido na China ..... 10v a 14

Amomo, se diz donde vem a esta terra, e como o estimam em muito os reis, pera fazer o metridato, de que uzam ..... 15 e 16

Anacardo ha muito nesta terra, e é muito uzado na physica, e presume-se ser diverso do de Sezilia, e uza-se pera muitas enfermidades na India .... 16v a 17

Arvore que se chama *triste* não dá flores, senão de noite, e cheira muito, e contam-se della algumas fabulas graciosas ..... 17 a 19

Anil que couza é, e donde ha a mór quantidade

PAG.

delle, e assi se falla dos ambares, que é uma fruta azeda..... 25 ½ a 26

Assa fetida de quantas maneiras seja; e assa doce não é alcaçuz, e serve nesta terra pera temperar os comeres, e é um cibo muito medicinal nestas partes, e muito uzado..... 19 ½ a 23

Alepo é cabeça da Suria 57
—— foi senhoreado de Abraham, e põe-se a derivação delle 193

Avicena donde foi e em que lingua escreveu .. 20 a 20 ½

Babilonia a antiga não é o que agora chamamos Baçorá, nem o que chamamos Bagadá..... 133

Baçaim cidade de El-Rei, tem em si couzas de notar ..... 211 ½ e 212

Badajoz cidade de Castella, se ha de chamar Guadajoz 131

Bancanes são os genosofistas, que guardam o costume de Pithagoras, e tem hospital dos passaros pera os curar..... 136 e 136 ½

Bangue que couza é, e como não é amfião, nem linho alcanave, e pera que se toma, e como se faz..... 26 a 27

Benjuy tem nomes em diversas partes, e donde o ha, e pera onde o levam, e da feição da arvore, e de quantas maneiras ha, e como se mistura um com o outro ..... 28 a 32

Brindões s. a sua casca aproveita pera tingir, e pera fazer vinagre..... 33

Balagate o que quer dizer, e como o Gate é uma serra differente das outras..... 34 ½ e 35

Berilo ha muita quantidade em Cambaia, e Pegu e Ceilão, e fazem-se delle grandes peças ..... 168 ½

PAG.

Boubas quando vieram á Europa 138

Caucamo é anime 117

Calamo aromatico não o ha, senão na India; é mézinha muito uzada dos Indianos pera os homens, e pera cavallos: não se chama aromatico, por ser cheiroso, e se trata tambem das caceras 37 a 40

Cam é vocabulo corrupto, porque ha de dizer ham, que quer dizer rei acerca dos Mogores 36

Canfora é de duas maneiras: de Borneo e da China, e de mui differentes preços; e como se falsifica ás vezes, e dos nomes que tem, e da sua compleição e ahi se trata das carambolas, fruta indiana ..... 41 a 46

Choaris são uns gentios, que vieram da Persia, e tem diversa superstição, da que tem o gentio de Baçaim 213

Canela, e cassia lignea e cinamomo tudo é uma couza, e não differe em mais, senão em ser boa ou má: não a conheceram os Gregos, nem a ha na Ethiopia, e tem nomes em diversas linguas, e foi levada pelos Chins pera o ponente: põe-se a derivação dos seus nomes, e como não ha cinamomo alipitino ..... 56 a 65

Cassia fistula ha em todalas partes da India, e tem nomes acerca de todalas linguas, e as vacas não a pascem; por onde é falso dizer que as camaras da India vem por sua cauza, pois as arvores são tão altas ..... 54 a 56

Carbunculo é toque dos rubins 166

Cardamomo ha maior e menor na India, e diz-se como se semea, e qual é melhor, se o maior, se o menor; e como o autor descobriu esta mézinha, com algumas historias do que nisso o autor passou; se trata da feição das carandas ..... 47 a 54

Cravo, conta-se delle o nascimento, e como não o

PAG.

ha senão em Maluco: não é mézinha muito conhecida dos Gregos, ao menos de Galeno, e conta-se de outra fruta redonda, que ha na ilha de S. Lourenço, que cheira como cravo, e assi conta-se como veio a ser conhecida dos Malucos..... 101 a 105

Ceilão é uma das melhores ilhas do mundo ..... 64 a 66

Chins são muito subtis e lettrados, e uzam muito de justiça; davam as leis a esta terra; dão-se lá gráos; e a arte de impressão, foi lá sempre..... 74 e 74 ŷ
—— Dos Chins ficou uma pedra em Cochim, que levou el-rei de Calecut, e pol-a em Repelim, onde se coroava, a qual tomou Martim Affonso per guerra, e a poz em Cochim..... 58 ŷ e 59

Cheiros são muito gastados na India, porque a gente da India é muito inclinada a elles, que o deixam de comer, polo gastar em cheiros..... 18 ŷ

Coles foram primeiro senhores de muita parte do Balagate, agora vivem de roubos..... 34

Çofi ou **Sofi** não é o Xatamaz, nem o Xaismael, senão foi o seu capitão principal 27

Collerica passio chama-se na India morxi: mata em vinte e quatro horas: põe-se os sinaes della, e a maneira de curar dos Indios e nossa, e cazos que aconteceram ao autor..... 74 ŷ a 77

Crisocola ou **tincal** vem de Chitor, ou do Mandou..... 78

Crisolita pedra, ha no Balagate e em Ceilão, e na costa de Choromandel..... 178

Costo ha sómente na India, e não em outro cabo; vem de Chitor, é a principal mercadoria pera a China e Malaca, e pera as partes do ponente em pouca quantidade; não ha costo doce e amargo se não for corrupto, nem é verdadeiro costo o que não for trazido da India ..... 71 ŷ a 74

PAG.

Coco tem nomes em todas as linguas; põe-se os sinaes da arvore, e muitas couzas pera que aproveita; e como as cascas não aproveitam pera os paraliticos, como alguns diceram: do oleo do coco pera que aproveita, e como escreveram desta mézinha os Arabios, e dos erros que tiveram outros escritores nelle..... 66 a 71

Cairo se chamou assi por cauza de uma rainha assi chamada..... 203

Cubebas não foram conhecidas dos Gregos, nem é carpesio, nem mirto silvestre, e são muito uzadas dos Mouros em physica, e cozem-nas na Jaoa; porque não se dão em outro cabo..... 81 a 83

Curcas são uns inhames pequenos, e prova-se escreverem dellas os Arabios, e diz-se os nomes que tem..... 79 a 80

Diamam é precedido da esmeralda e do rubim em igual quantidade e bondade, porque as pedras preciosas não tem o preço, somente pola virtude, senão pola falta e bom parecer dellas; e é uzado em a physica acerca dos Gentios; e não é peçonha o pó delle, nem nasce na mineira do cristal, porque o cristal não o ha cá..... 159 e 160

—— O diamam se quebra não tamsomente na bigorna mas com um martello pequeno; e o sangue do bode não o faz mais brando, que é falso dizer que o quebra; e acha-se maior muito, que uma avelã e não são vigiados das serpentes, nem ha mister carne confeiçoada pera lhes dar..... 161 a 163

—— Os diamães não tem roca em Hespanha, nem em Arabia, nem em Chipre, como dizem alguns autores; e a pedra de cevar traz o ferro presente, estando qualquer diamam, e posto debaixo da cabeceira da molher, não dá sinal da sua bondade e malicia, e os diamães muito finos, esfregando-os, se apegam um ao outro, e trazem a palha como os alambres.....

Dio foi entregue a Martim Affonso de Souza, estando

PAG.

lá com pouca gente, e depois foi defendido duas vezes por nós com muito esforço 211

Doriões é uma fruta muito gabada nas bandas de Malaca, e põe-se a feição della e da arvore... 84 e 84 ½

Datura é uma mézinha venenosa, que cauza rizo e prazer, e põe-se a feição della, e a cura e os sinaes ..... 83 a 84

Elefante (do) não se uza em physica mais que dos dentes, porque os outros ossos e as unhas se deitam por ahi, contra Paulo Egineta, e contam-se historias verdadeiras, e muito graciosas dos elefantes, e os nomes que tem nas terras donde os ha, e em nenhuma se chama baro, contra Simão Genues.. 85 a 90 ½
——Gasta-se cada anno na India passante de 6:000 quintaes de marfim, e conta-se uma superstição, que tem os Baneanes de Cambaia, por onde se gasta tanto marfim..... 86
——Conta-se as enfermidades dos elefantes, e como se curam, e como tomam bem as lingoas, e assi se conta o ajuntamento do macho com a femea, e como differem pouco da dos outros quadrupedes; e põe-se a maneira de os amansar, e prova-se terem memoria, porque se lembram das injurias recebidas 87 a 90

Esmeralda não entra no letuario de gemis, senão a turqueza, prova-se isto evidentemente .... 167 e 167 ½
——Esmeraldas ha muitas contrafeitas de vidro, e ha outras, que não são verdadeiras, nem as do Peru tem cá por verdadeiras..... 168

Espiquenardo tem nomes diversos, e não vale tanto como valia antigamente, e por isso se não falsifica, e nasce o espique perto do rio Ganges, e nelle se lava todo o gentio, e paga por isso meio pardao; e o verdadeiro nasce na India, e não na Siria, e dá-se a razão, porque se enganavam nisso..... 189 ½ a 192

Espique não é suspeitoso, por fazerem delle pisso, que é peçonha, nem ha tal couza..... 192 ½

PAG.

Espique aliep é o espique, que vai de Alepo, havendo vindo primeiro da India..... 192 v

Espique satiech é espique de Satigão, porto famoso de Bengala..... ibid.

Espodio não se ha de chamar assi, senão *tabaxir*, por escusar a equivocação, que foi causa de muitos erros..... 193 v

—— O espodio não se faz das canas semelhantes ás nossas, nem o cinzento é peior..... 195

Esquinanto pasce todo o gado em Calaiate e Mascate, terras da Arabia perto de Meca por terra..... 197 v

—— Esquinanto tem pouca flor, e essa que ha não vem á India, nem o ha na terra dos Nabateus, nem em Jerusalem, nem é calamo aromatico, nem galanga..... 198

Faufel, que é areca ou avelam da India, comem a gente misturado com o betre, e é rectificativo delle, e conforta o estomago, e aperta as gengivas, e dizem-se os nomes della nas terras donde a ha.. 91 a 92 v

Figos da India são escriptos pelos Arabios, e cada anno se plantam de si mesmos: ha-os em muitas partes todo o anno..... 93 a 95 v

Frangue quer dizer christão do ponente, e franquistam quer dizer a christandade, e fringui quer dizer boubas, e tudo isto se prova..... 137 v a 139 v

Galanga não foi conhecida dos Gregos, e ha de duas maneiras, s. na China, e na Java, e ambas se dão em Goa, e nenhuma é o acoro, nem a raiz do esquinanto..... 99 a 100 v

Guadalupe se ha de interpretar rio do amor, e não rio de lobos..... 131 v

Guaiacão (pao) foi degradado da India, porque matava os homens com fome..... 178 v

PAG.

Gengivre tem nomes nesta terra, e da-se a razão, porque em verde não é tão quente; e porque se cobre com barro; e como se faz em conserva, e de que terra é melhor ..... 105 a 107 v

Granadas ha no Balagate, e na costa do Malavar, e Choramandel, e é rubim preto..... 165 v

Herva contra as camaras, chamada herva do Malavar, da-se razão porque se chama assi, e diz-se como se faz e qual aproveita mais, e de que compreisão é, e qual é mais forte mézinha; e de outra maneira de curar camaras, segundo os da Arabia, e dizem-se outras couzas, o pera que aproveita, e uma historia, que aconteceu ao autor com um physico Malavar; e assi se conta de outra herva, que se não deixa tocar ..... 108 a 110 v

Jambos, jambolões, jacas, jangomas são fructas da India boas para ver ..... 111 a 112 v

Jacintos ha no Balagate em muita quantidade, e na costa do Malavar..... 165 v

Indias chamadas occidentaes não são propriamente Indias: e da-se a razão porque esta terra é chamada India..... 177

Lacre tem nomes em arabio e persio, e nas terras onde nasce, e a razão porque se chamou locsumutri; e como é falso o dizer que as formigas o criam na vasa em paos pequenos, que lhe antes punham, porque antes se cria em uma certa arvore, onde as formigas ás vezes lavram, a qual não é semelhante á murta, antes é uma arvore grande..... 112 v a 116 v

——O lacre não foi conhecido de Avicena, nem tem a virtude do carabe, nem é o caucamo de Dioscorides, e em muitos cabos estão os nomes corruptos, nem a arvore onde se cria é nespereira ou sorveira ..... 114 e 114 v

——Ha verdadeiro lacre na India, e verdadeiro caucamo, e não é da arvore do benjoim ..... 116 e 116 v

——O lacre vale muito menos do que valia, porque se

PAG

achou nas terras do Turco outras tintas semelhantes..... 118
——O lacre não o ha em Ceilão que é um breu pera calafetar navios, e diz-se porque se mudou os nomes dos Pegus, que eram tres..... 117

Linaloes, se sabe delle a arvore, ainda que com perigo dos que vão buscal-a, por cauza dos muitos tigres; e Galeno não o conheceu, nem o ha na Arabia, nem é bom dizer que se gasta por falta de incenso; declara-se os nomes das terras, donde dizem que nasce, e descobre-se a cauza dos errores donde nasceu, nem no ha em Cantam, nem em toda a China, nem o cozem nas terras donde nasce, como dizem commumente..... 119 a 120
——Não vem do Paraizo terreal, e ha muito nestas terras, posto que o bom e grande vale muito, e não vem pelos rios abaixo, senão muito pouca quantidade, nem é falsificado com a camelea, pois a não ha nestas terras..... 122
——O linaloes é sujeito a putrefação, mas não tanto, segundo o amago, e os Portuguezes não cortam as arvores (como dizem), nem ha tanta quantidade delle; e o mais fino chama-se calambac.... 123 ½ a 124 ½

Licium que chamam em Europa, chamam na India cate: é mézinha muito uzada dos Indios; faz-se de um pao muito pesado; é mercadoria pera Malaca e pera a China, e é melhor o da India, que o da Licia; e põe-se a maneira como se faz, e as maneiras de fazer este licium nas outras terras não são tão faciles de ver como levando de cá da India, e por falta do Indiano se ha de gastar o de Licia; e não pelo contrario como dizem..... 125 a 128

Maça como é feita, e a que se parece a arvore que a dá, e como em cima della ha outra casca, de que não fazem caso, senão pera conserva de assucar; e Galeno, nem os Gregos conheceram esta mézinha..... 129 e 130

Mangostaens é fruta muito saborosa, feitas como laranjas pequenas, e é das bandas de Malaca 151 e 151 ½

PAG.

Mangas podem competir com as melhores frutas da Europa, e as frutas de espinho da India excedem as da Europa; são de compreisão fria e humida contra o povo Indiano, e os caroços aproveitam pera os fluxos ..... 133 ½ a 136

Manná ha de tres especies, e uma dellas se parece com a de Calabria, e a que chamam tiriamjabim se corrompe muito nesta terra 32

Mirabolanos é nome inventado polos trasladadores, e não porque seja o mirabolano dos Gregos: põe-se as especies dos mirabolanos e os nomes, e a cauza de tudo; e não são todos de uma arvore, como alguns diceram, senão de cinco: servem de tingir, e de cortir pelles, como sumagre, e não são cá retificados pelos physicos, como em Portugal.. 148 a 150

Mirra se diz della alguma pouca couza; donde vem, porque vem da Caldea, da qual lingua ha nota 214 e 215

Mungo é semente muito conhecida nesta terra, e é cibo medicinal, chamado por Avicena e pelos outros Arabios mex: ha-o tambem na Palestina, e conta-se uma historia, que o autor passou com o Sultão Badur sobre a cura de Martim Affonso de Souza, e outra que passou com o Nizamoxa sobre a cura de seu filho, e declara-se um dito de Avicena..... 145 a 147 ½

Negundo é uma mézinha indiana resolutiva e mitigativa de dor: tem outro nome em Decanim, e outro em Malavar: é boa pera chagas e inchaços, não é agno casto, como alguns cuidaram... 151 ½ a 152 ½

Nimbo é uma arvore grande, cujas folhas pisadas são muito experimentadas, e é modificativo pera as chagas das bestas e dos homens: tem uma fruta, de que se faz um azeite muito medicinal .... 153 e 153 ½

Noz é fruta de uma arvore nascida em Banda, põe-se ao que se parece: é mézinha não conhecida dos Gregos ..... 129 e 130

PAG.

Odres de rinocerotes nem de camelos não os ha nesta terra, e põe-se onde ha o rinocerote, e outro animal que parece unicornio, e diz-se como este rinocerote foi levado a Portugal..... 128 e 129

Olho de gato o melhor é o de Ceilão, e dizem-se delle duas propriedades, e vale cá mais, que em Portugal..... 168 v

Opio se chama na India amfião, faz os homens impotentes, e por outra maneira aproveita pera dilatar o jogo de Venus; o melhor é o do Cairo (que é o thebaico) e o mais uzado é o de Cambaia, e de Adem; faz-se de semente de dormideiras, e não leva trovisco, nesta terra, nem o ha na terra donde se faz..... 153 a a 155 v

Ostras que dão as perolas, são de outra feição, do que são as ostras que comemos..... 140
——As ostras e buzios, que chamamos madre-perola se uza muito dellas em couzas de policia, e assi se uza da tartaruga..... 141

Pao da cobra aproveita pera as mordeduras peçonhentas, e pera as lombrigas, bexigas, e sarampam; e pera a collerica pasio, e pera as febres de difficultoza erradiação; e diz-se como isto se veio a saber, em que se conta uma historia verdadeira: e diz-se como este pao ha em muitos cabos, e outro de semelhante virtude em Janafapatão ..... 155 v a 159

Patecas é o que Avicena chama melão da India..... 141 v e 143

Peixe e leite tudo misturado não é tão defeso na India, como Avicena diz..... 137

Pecegos nunca foram venenosos na Persia, nem agora o são..... 176 v

Pedra bazar é creada no estomago de um carneiro ou bode, que ha no Coraçone, e no cabo de Comori e em Pam; e cria-se sobre uma palha, e

PAG.

falsifica-se algumas vezes, e aproveita pera todalas enfermidades venenosas, e pera a collerica pasio, e pera lepra, e quartans; e tomam-a os Mouros ricos e honrados duas vezes no anno pera esforçar a natureza, e aproveita pera muitas couzas..... 169 a 171

Pedra armenia ha em Ultabado, cidade do Decam, e purga pouco 164

Pedra safira não passa de mil cruzados, e as melhores de todas são as de Pegu..... 165

Pedra de cevar faz o homem ser mais moço, comendo-a em pouca quantidade, ou feito panelas della e fazer o comer nellas. E os que dizem que os que navegam de Calecut pera o Ceilão levam pregos de pao nas naos, porque não tragam os montes de pedras de cevar pera si as naos, é fabuloso; e assi dizer que a pedra de cevar não peza mais com muito ferro, que com muito pouco 164 e 164 ½

Pedra creada no porco espinho, aproveita muito contra a peçonha ..... 225 e 225 ½

Physicos indianos tem enganos e cautelas em suas maneiras de curar com os enfermos... 143 ½ a 144 ½

Pimenta não se cria, senão ao longo do mar, e a maior quantidade de todas ha no Malavar, e na Sunda; e a arvore da pimenta se planta arrimada a outra arvore, como a hera; e cresce tanto, como a arvore a que está arrimada; e nasce em caxos, como uvas, senão são mais meudas..... 171 ½ a 172 ½

—— Da pimenta ha tres arvores distintas, e uma é da pimenta preta, e outra da branca, e outra da longa; e assi nascem em terras distintas, e não em uma só arvore, porque as terras, donde se dá a pimenta preta, são mui longe daquellas, donde se dá a pimenta longa, e a pimenta longa não nasce na raiz do monte Caucaso: põe-se os nomes della em todas as linguas, e em nenhuma se chama barcamasim, e os physicos da India tambem erram na graduação da pimenta, que a chamam fria; nem

PAG.

põem fogo ao matto para afugentar as serpentes, que a guardam..... 172 ½ a 176 ½

Raiz da China como se soube..... 178
—— A quantidade que na China se dá desta raiz, e que não se dê sem ser rectificada, e toma-se pera as chagas dos rins, e da bexiga, e pera os tisicos..... 179 e 180
—— A raiz da China se toma nesta terra muitas vezes, e muitos homens no Balagate mesturam dragma e meia desta raiz moida, e com mel mesturada..... 181 ½
—— Na China comem esta raiz cozida com carne, e aproveita pera os paraliticos, e pera todas as enfermidades dos nervos e junturas, s. e pera alporcas, e aproveitou pera uma febre latica.... 182 e 183

Ruibarbo vem da China todo, e algum vem da provincia de Usbeque, e este é o que chamamos Ravanturquino..... 184 e 184 ½
—— O ruibarbo que vai a Hespanha pela via de Veneza é melhor, que o que vai da India por mar, porque apodrece; e gasta mais um mez de mar, que um anno da terra, e se damna muito nas terras que estão perto; e com o ruibarbo se curam os cavallos da Persia, e cá na India, e é muito boa mézinha..... 184 e 185

Rubins tem mineira e roca conhecida ..... 166 e 167

Rumes differem dos Turcos..... 7

Sabores nesta terra não ha mais que tres sabores, doce, azedo, e amargo, e todo o sabor que lhe não sabe bem chamam amargoz..... 61 a 61 ½

Sandalo branco, e vermelho e amarello, em que terras o ha, e o sandalo vermelho em que differe do do Brazil; e a feição da arvore do sandalo, e a fruta e a flor que dão; e como não o ha, senão na India, nem o ha em Calecut, senão o que é trazido de Timor, e das outras partes..... 185 ½ a 187

Sandalo amarello é todo um pao, e não feito

PAG.

de branco e vermelho, e sandalo macharazi quer dizer sandalo amarello..... 183 v

Sandalo chamado assi na ilha de S. Lourenço, não é verdadeiro sandalo, nem o sambaran é do Malavar, posto que as arvores do sandalo se dão em muitas partes, mas não cheiro..... 189

Tamarindo, põe-se como é feita a arvore do tamarindo, e como se faz em conserva, e como não é de palmeira silvestre, nem os ha nas terras do Jamem, nem são dateles thebaicos, nem tem a feição delles; e os caroços do tamarindo não aproveitam pera couza alguma, nem os ha em o Cairo, nem são o feni cobolano dos Gregos, nem se falsificam os tamarindos da India..... 200 a 203 v

Turbith dos Arabios nunca foi conhecido dos Gregos, senão dos Arabios sómente; e é pao e não raiz, e não ha mister que o toque o mar, e nasce per si, sem ser semeado; e por ter goma não é melhor, porque a tem, por ser picado ou torcido; nem por ser preto é peior, senão for podre; nem se mestura com gengivre por necessidade..... 204 a 207

—— O turbith não tem a folha semelhante á da ferula, senão a da malva francez, nem á planta chamada aristis; nem é raiz cheirosa, nem esquenta, quando a comem; nem vale contra a peçonha, nem muda a flor tres vezes no dia; nem é semelhante á planta dita arasentis, nem á hisiatis, nem aos murtinhos..... 208 a 210

—— O turbith não é especie de esula, nem é alipium, nem alipia, nem empola as mãos nem o rosto, quando se colhe..... 209 a 210

—— Turbit não é pituisa, nem esula nem tapsia 210 e 210 v

Thure ou **incenso** não o ha na India, senão todo vem da Arabia; nem ao bom chamam macho, nem a gente da terra aceita a comparação que lhe damos dos testichos; e tem a feição das folhas da aroeira, e todo o mais se gasta na China... 213 v e 214 v

Tutia da que uzam em Hespanha e como é levada

PAG.

da provincia de Tartaria, e faz-se da cinza de uma certa arvore..... 215 ½ e 216

Turcos são differentes dos Rumes, porque os Turcos são da Asia menor e da provincia de Natolia, e os Rumes são de Constantinopla e do seu imperio 7

Usbeque é a provincia da Tartaria, e confina com a China..... 132 ½ e 133

Xa quer dizer rei no persio, e xeque é differente de xa, e o Xaismael e Xatamas, se chamam xa, que quer dizer rei por excellencia, e os reis seus sujeitos se chamam pacha, que quer dizer pé de rei..... 133 e 133 ½

Zangue zingui quer dizer, em persio e em arabio, Cafre ou Ethiopio, e Zingir quer dizer a terra dos Cafres.....

POST EDITUM: FÉ D'ERRATAS

Deveres imprevistos obrigaram o editor a ausentar-se temporariamente do seu posto, nesta Vienna d'Austria, quando apenas havia revisto as provas das folhas de texto de 1 a 5, e (ainda a granel) as das paginas precedentes, sem exceptuar a do rosto, onde ficára já estampado o anno de 1872, como obrigando á conclusão da impressão neste anno.

A circumstancia da viagem tornou desde logo dificil, para não dizer impossivel, a remessa das provas: á vista do quê, foi resolvido em Lisboa que o trabalho proseguisse, independentemente dessa revisão, — por ventura julgada ja menos essencial; tanto, por se considerarem fixadas, para os typographos e para o revisor do estabelecimento, as regras orthographicas que se deviam seguir, como por que se facilitou o recurso de consultar-se a primeira edição, em um exemplar (incompleto) della, que a direcção da Bibliotheca Nacional de Lisboa se prestára, patrioticamente, a confiar para semelhante revisão, depois que o proprio editor, achando-se em Lisboa em Julho deste anno, havia alcançado que, dos dois exemplares imperfeitos que a Bibliotheca possuia, completasse de todo um á custa deste ou-

tro; que só então poude ser emprestado; e que, tal como está, poderá acaso ainda, com o tempo, servir a concertar mais algum exemplar, desses poucos que, mais ou menos estropiados, existem todavia neste mundo.

Para semelhante resolução, de proseguir-se com a impressão, nem se quer houve occasião de ser ouvido o editor; sem dúvida por que se não sabía que, ao conferir e ponctuar a cópia manuscripta, que fizera tirar, havia elle confiado ainda n'alguns retoques de *ultimatum*, que, segundo costuma, reservára para as provas; sendo constante que nestas já limpas, como em uma pagina bem impressa, se advertem melhor certos defeitos, que escapam n'um manuscripto emendado ou de má lettra, ou em uma pagina toscamente impressa. Além de quê, no empenho de fazer a reproducção pagina por pagina, havia tambem o mesmo editor reservado para as provas o ajuntar, naquellas em que houvesse sufficiente campo, algumas notas, etc.

Porém entenda-se. Estas explicações não implicam nenhuma queixa: envolvem só satisfações e desculpas. O menor vislumbre de queixa equivaleria a uma flagrante ingratidão da parte não só do editor, como até do publico, que á mencionada resolução deve o possuir já esta edição, embora um pouco mais imperfeita. Tal como sae poderá entretanto ella concorrer a que appareçam ao diante importantes estudos acerca da obra e do seu autor, completando-se assim a empreza que hoje apenas encetâmos. A facilitar taes estudos não deixará de concorrer muito o systema que adoptámos na presente edição, começando pela particularidade de ser feita página por página proximamente.

Confessamos que não foi sem um certo estremecimento e temor que, ao regressar da Russia, tivemos a primeira notícia de que a impressão proseguira, recebendo logo com essa notícia, a um tempo, muitas folhas já impressas!... Cheios de curiosidade e quasi de soffreguidão, lançamo-nos á leitura, que effectuámos toda seguida, e concluimos já alta noite; e cumpre-nos dizer que, desde logo, com a lembrança do muito que a edição adiantára, nos resignámos ao sentimento que experimentámos encontrando várias erratas, parte das quaes houveram sem dúvida desapparecido com a presença de um revisor mais.

No número das correcções que por certo nos não teriam escapado, contamos duas respectivas ás notas que vão a folhas 85 e 162 ℣.; as quaes tinhamos *in mente* supprimir de todo, quando nos chegassem as provas; pois já haviamos averiguado que o escriptor citado na f. 162 ℣. é o mesmo já antes nomeado na f. 64; por conseguinte não Gomara, mas o proprio Francisco Tamara, quo, traduzindo ou compilando a Boemus, publicára em 1556, em Anvers um livro castelhano acerca dos costumes dos povos. E igualmente tinhamos verificado que os famosos *durições* (não menos elogiados pelo nosso autor, na f. 85, do que por Castanheda, Barros e Goes) não são nenhuma *anona;* e que menos ainda são *artocarpus,* como se devêra deprehender da asserção de Moraes no vocabulo *jaca.*

Tambem, teriamos tratado de evitar, em parte, ao menos, as faltas procedentes de irregularidades typographicas no emprego das maisculas, e das palavras em gripho; em conformidade com a recommendação que fôra reiterada ao revisor; depois de

haverem sido menos attendidas nas duas primeiras folhas, certas regras previamente transmittidas.— Igualmente teriamos tratado de corrigir sempre a orthographia no appellido do célebre medico senense, ou de Senna, ou senez (como diz tambem o nosso autor), traductor e commentador dos seis livros de materia medica de Dioscorides, Pedro André Mathiolo; appellido este algumas vezes escripto Matheolo, Meteolo, etc. E bem assim corrigiriamos Manardo (tratando-se do Ferrariense) o nome que por vezes passou impresso Menardo ou Monardo: embora, por excepção, alguma vez nos escapasse; como succedeu a respeito do Pandectario (na f. 37 k), nome que, apezar de tantas vezes (f. 81 v., 99 v. e 114) impresso correctamente, escapou uma vez (f. 73 v.) com minuscula, e outra (f. 83) com i em vez de e.

Em todo o caso houveramos preferido deixar antes com maiscula, como outras vezes se lê, a palavra Frades, referindo-se (f. 82 v., 115 v., 148 v. e 172 v.) aos famosos commentadores. Outro tanto dizemos a respeito do nome do Mar Ruivo (f. 64) para designar o Vermelho. Finalmente cremos que todos nos farão a justiça de acreditar, depois de lerem o que dizemos no Prologo pag. XIII), que dificilmente nos escaparia (f. 147 lin. 2) a palavra «*tamarinhos* por *tamarindos*», e duas vezes (f. 65 v. lin. 26 e f. 162 v. lin. 25) *dimantes* em vez de *diamães;* palavra esta que, menos regularmente, deixou de ir varias vezes em grypho.

Devemos ainda acrescentar que (se tivessemos revisto as provas) teriamos posto uma nota, na f. 65 v., propondo que, em vez de «graso», se lêa, na lin. 13, «gráos»; pois que Ceilão está proximamente entre os 6° e 9° de latitude sul ahi designados pelo au-

tor; e outra nota haveriamos posto na f. 135, para advertir que na lin. 20 parece haver o caixista de Goa saltado duas palavras, devendo provavelmente ler-se «que *vem para S. S.ª*» etc. Acaso haveriamos tambem, na f. 91 v., advertido que parece haver erro na primeira lettra da palavra Mombaim (sic na 1.ª ed.), quando das f. 91 v. e 112 se deduz que a quinta do doutor era na ilha de Bombaim.

Cabe-nos tambem aqui deixar declarado que preferimos (f. 119 v.) que se lêa Cuama por Encuama, e (f. 103, lin. 9) «desse Maluco», onde se diz «de Semaluco», escripto na 1.ª edição «deçemaluco».

Propomos tambem a adopção de uma só orthographia para o nome que se acha escripto primeiro (f. 62 v.) *mosselitico* e logo (f. 64 v.) *musilitico;* bem como para outro que se diz primeiro *bracamasim* (f. 173), e logo *barcamansi* (f. 175).—O mesmo dizemos do *caismanis* (f. 60), logo (f. 60 v.) escripto *caismão;* bem como (f. 208) *do arasidis* e logo *arasentis.*

Nas folhas de 60 e 60 v. devem entender-se unidas as duas syllabas nas palavras *querfá* e *querfé*, que saíram um pouco separadas.

Haviamos ainda reservado para quando viessem as provas o acrescentar, em notas, a várias das paginas certas rectificações accidentalmente feitas de certos nomes de simplices ou drogas empregados por autores classicos e citados com alguma adulteração pelo illustre doutor, proprietario emfatiota da ilha de Bombaim. E dizemos *accidentalmente feitas,* porque, segundo exposemos, não nos propunhamos a ser commentadores de Garcia de Orta; entendendo que, para o ser hoje em dia, tão conscienciosamente como nos cumpria e como, graças

a Deus, fomos de Gabriel Soares, necessitáramos de receber por algum milagre vida nova, e não nos crermos na obrigação de votal-a, como a presente, toda ao paiz natal, para ter tempo de começar a estudar a immensidade de obras publicadas acerca das cousas da India, especialmente desde o seculo passado, não só em inglez, como em várias linguas orientaes.

Nessas notas preferimos já agora não nos envolvermos. Correspondiam ellas aos logares em que o nosso autor, principalmente nas orthographias, (talvez por citar de cór) se afasta dos proprios textos, que adduz, de Avicenna, de Silvatico, Serapio e outros, escrevendo v. g. (f. 119 v.) *xylaoles, almudilum* e *alseusi* [1]) por *xylaloes, almudilium* e *alsanci*; *alçuz* (f. 42) por *alzeid,* alem de muitos outros.

E aproveitâmos a occasião para igualmente advertir que o nome que o autor diz dado por Serapio ao Mesue antigo se encontra irregularmente escripto; e que se deve sempre lêr *Mesarugie,* e não *Mansarunge* nem *Mensarunge,* como v. gr. a f. 5, 69 e 148 v. Tambem julgamos que o Albasar de f. 149 é nome adulterado. Em Serapio lemos Atabari.

Encontramos ainda algumas citações que nem tratamos de conciliar; tal como, na f. 81, uma referencia a Matheus Silvatico, cuja passagem (no nosso exemplar) corresponde ao cap. 378; e não ao 288, como se lê tambem na 1.ª edição. Ao autor deixamos tambem a responsabilidade do uso da palavra *letuario* por *electario* ou *electuario,* como está mais em uso. E por nossa conta aproveitamos a occasião para rectificar a nota que pozemos á pa-

[1] *Aleusi* escapou nesta edição: deve corrigir-se.

lavra *temiama*, a f. 7, que não pode significar *mirra*, quando este ingrediente já está mencionado entre os da receita. A verdadeira significação achámol-a depois em Matheus Silvatico [1], que diz assim: «*Timiama* est omnis confectio odorifera ad fumigandum facta.... sed nos communiter vocamus *timiamis coçum coçumbrum* confictam. 1. *coçumbrum, caucamon* et est *fex storacis liquida*.

Além destas advertencias, cumpre-nos ainda rogar aos leitores, que, nos competentes logares, corrijam as erratas que passamos a registrar, indicando as paginas e linhas de cada uma; a saber:

4—18 Nixamoxa **lêa-se** Nizamoxa || 13—27 e 13—14 genis **l.** gemis || 37 ✝.—8 *galama* **l.** *galamga* || 42—18 *adepanzor* **l.** a de Panzor || 54—8; *alcaparras* é **l.** *alcaparras* e || 67 ✝.—3 alcarchofa **l.** alcachofa || 68 ✝.—10 a lagar **l.** em alagar || 73—10 avia **l.** havia || 74 ✝.—9 quo **l.** que || 83 ✝.—penúlt. Vizamoxá **l.** Nizamoxa || 84 ✝.—4 tam bem **l.** tão bem || 89 ✝. 27 faridas **l.** feridas || 94 ✝.—1 *chicapalões* **l.** *chîcapalões* || 105—17 tambem **l.** tãobem || 108—6 enfermidades **l.** enfermidade || 115—9 Sac 1. *laca* **l.** *sac* s. *laca* || ib—13 Isae **l.** Isaac (é o mesmo de f. 121; i. é. Isaac Eben Amran) || ib.—18 do **l.** de || 116—16 dia **l.** *dia* || 116 ✝.—1 aprofumar **l.** aprufumar || 118 ✝.—2 grama **l.** gram || 119 ✝. *alberideito* **l.** *alberi* dicto || 122—antepen. Benevide Boninas **l.** *benjuy de boninas* || 128 ✝. antepen. rinocerontes **l.** rinocerotes || 134 antepen. al-

[1] «*Opus Pandectarum*» etc. Citamos o texto pela edição de Veneza de 1507, que é a que possuimos.

bucorques **l.** albocorques || 147 ℣. — 16 mesmas. Eu **l.** Mês. Mas eu || 148 ℣. — 25 de seni **l.** de Seni || 165 — 14 e em **l.** e || 170 — 17 chamos **l.** chamamos || 171 — antep. tambem **l.** tão bem || 174 — 25 monto **l.** monte || 176 ℣. — 2 *brauca* **l.** branca || 181 — 21 *gaiacão* **l.** *guaiacão* || 203 ℣. — 12 *diafenição* **l.** *diafinicã* || 204 ℣. — 14 guzerate **l.** Guzarate || 212 — 3 do **l.** de || 213 ℣. — 3 e ferro **l.** e fogo (?) || 217 ℣. — 17 *ist?* **l.** *est?* || 223 ℣. — 27 Laguna **l.** Tordelaguna[1] || 229 ℣. — 24 quantidader **l.** quantidade, || 232 — 1 pag. 71 ℣. **l.** pag. 74 ℣.

Cumpre-nos acrescentar que esta lista se extenderia, sem dúvida, muito mais se, desde o principio, o nosso laborioso e prestante amigo Sr. Innocencio F. da Silva não se houvesse, a rogo nosso, encarregado de rever pelo menos uma prova de cada folha do texto; serviço que muito lhe agradecemos, e que tanto honra o seu patriotismo e amor ás lettras.

VIENNA, Novembro de 1872.

O Editor.

[1] Veja-se a nota 1.ª de fol. 3 ℣.

L'exemplaire original de ce beau livre imprimé à Goa se trouve à la Bibl^que Nationale de Paris sous le N°

S 889.

Antoine Colin, maistre apothicaire de Lyon, est le premier qui ait trad. du latin de Ch. Clusius, l'habile naturaliste qu'il appelle Garcie du Jardin, il a pub. son livre des Drogues, espiceries &^a, à Lyon, 1611, in 8

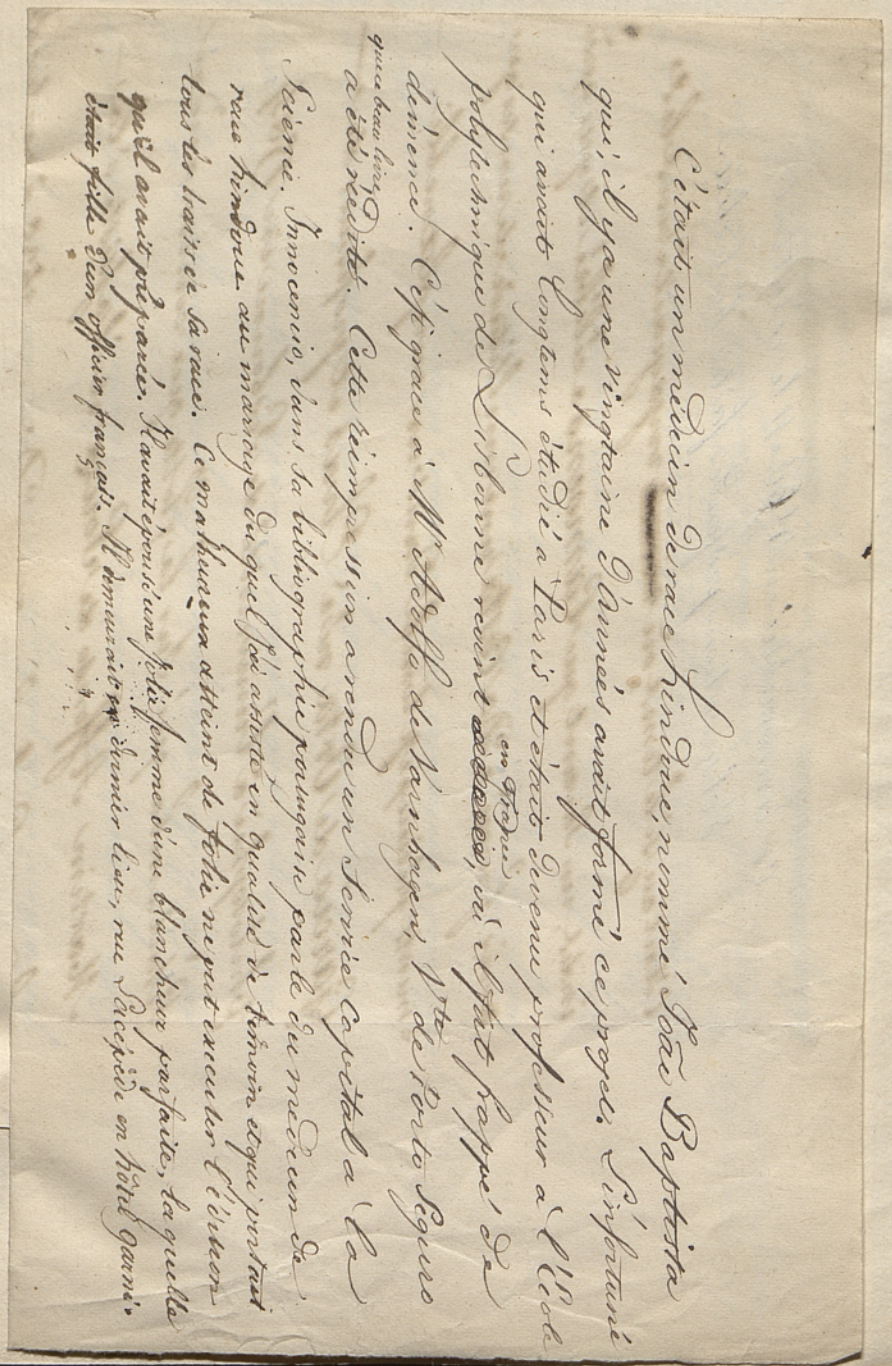
S. A 1103.

BIBLIOTHÈQUE SAINTE GENEVIÈVE

Mais à la place de Jean de Barros, on vit le D^r Garcia d'Orta écrire ce qu'on a pu dire. Il l'a fait même avec une louange singulière et des livres sur cette matière sont singulièrement estimés. Ils ont été traduits en langue latine par Ch. Clusius imprimeur d'Anvers, en l'année 1573. Depuis un autre Disciple du même Garcia d'Orta, appelé Christophe da Costa, né dans une de nos colonies d'Afrique suivant cette même version plus largement dans le traité qu'il a donné en Castillan sur le même sujet a omis ce qu'on sait sur les drogues de l'Orient, en donnant les figures des plantes. C'est là du Asie que dans son traité touchant l'Eléphant il dit qu'il avait écrit un autre livre consacré aux oiseaux et aux autres animaux de l'Asie.

Voy. Manoel Severim de Faria. Discursos varios politicos. Evora, 1624, pet. in 4° p. 50.

Voir comme complément de certains passages de ce précieux traité, l'ouvrage suivant publié en Anglais:
Ainslie's Materia medica of hindaustan. Madras, 1813, pet. in 4°.



Ce livre publié en 1563 est le résultat d'observations profondes faites sur les lieux. C'était aussi le tems où [redacted] engageait dans les Indes, un Savant que Camoens a célébré et qui, après avoir fourni à Da Costa une multitude de renseignements précieux, est tombé dans un complet oubli. — Garcia de Orta né à Elvas, et professeur de philosophie à l'université de Lisbonne en 1534, s'était embarqué sur la flotte que commandait Martim Affonso de Souza, et il assista à la fondation de la forteresse de Diu en 1535. à partir de cette époque, il commença à tourner ses investigations du côté de la botanique, et l'on peut dire qu'il est le premier qui ait exploré les vastes régions de l'Inde sous le rapport scientifique. Il avait aussi des connaissances éminentes en médecine, et un prince de l'Inde lui fit des offres brillantes pour l'attacher à sa personne. il publia à Goa en 1563. un ouvrage intitulé: Coloquios dos Simples e cousas medicinaes da India. Ce livre précieux extrait en français par Colin en a été traduit en latin par Clusius a du être pendant longtems* [redacted] réimprimé en Portugal. il fut toujours rarissime en France.

* Le seul guide que l'on eut sur la flore des Indes.

C'était un médecin de race hindoue, nommé Joäo Baptista qui, il y a une vingtaine d'années avait formé ce projet. L'infortuné qui avait longtems étudié à Paris et était devenu professeur à l'Ecole polytechnique de Lisbonne revint en France, où il fut frappé de démence. C'est grace à Mr Adolfe de Varnhagen, Vte de Porto Seguro que beaucoup de ce livre a été recueilli. Cette réimpression a rendu un service capital à la Science. Innocencio, dans sa bibliographie portugaise parle du médecin de race hindoue au mariage duquel il a assisté en qualité de témoin et qui portait tous les traits de sa race. Ce malheureux atteint de folie ne put exécuter l'édition qu'il avait préparée. Il avait épousé une jolie femme d'une blancheur parfaite, la quelle était fille d'un officier français. Il demeurait en dernier lieu, rue Pacépède en hôtel garni.

Note sur la 1ère trad.on du livre de
de Orta.

C'est un devoir de Gratitude d'avouer
ceux par le moyen des quels on a profité; il est donc
raisonnable que l'homme leur en rende. Garcie
(Amy Lecteur) Maistre Garcie du Jardin qui par
l'espace de trente ans fut médecin du Vice Roy de
Portugal, est le premier qui ait entrepris, a
frayé le sentier de la Connaissance des médica
-ments és Indes Orientales.

Ant. Colin. maistre apothicaire de Lyon, traduit
du latin de Ch. Clusius en langage Français
Garcie du Jardin et pub. son histt. des Drogues et spi
ceries &c a Lyon, 1619, in 8.

S + 1103

Ouvrages de ~~Don~~ Garcia de Horta, qui sont à la Bibliothèque de Ste Geneviève.

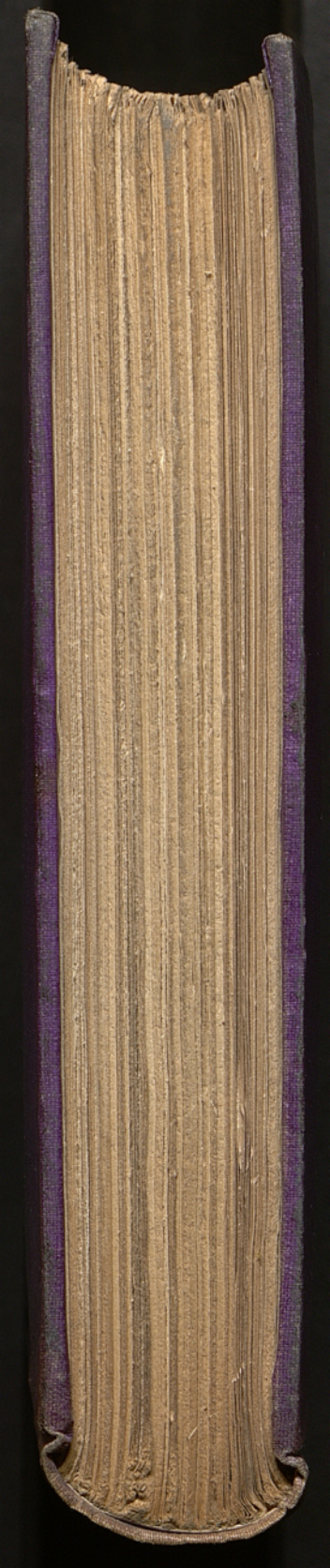
1°- Aromatum et simplicium et aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia (autore Garcia ab Horto). Antuerpiæ Christ. Plantin, 1567, in-12. T, 1442.

2° Histoire des simples et des aromates, et autres plantes des Indes orientales, à l'usage de la médecine, en quatre livres; et plusieurs relations diverses avec des figures, et un traité de la neige et du boire frais de A. Monardes; le tout en italien. Venise, heredi di Girolamo Scotto, 1577, in-8. T, 76.

3° De aromatibus et simplicibus medicamentis apud indos nascentibus: lusitanicâ linguâ conscriptum, opus a D. Garcia ab horto, deinde in latinam translatum et illustratum a Clusio. Antuerp. Plantin.

Et in eodem vol. suivent deux autres ouvrages, un de Monardes et l'autre de Christ. Acosta.

1593, un vol. in-8. T, 1442.

4°- Voir in-8, S, 341: Aromatum historiam.

La 1ère visite aux ruines d'Elephanta par Orta
est retracée d'une façon positive par le Cte de Ficalho page
90 de son livre à propos du Chapitre consacré au Curbit.
Garcia nous fait l'aveu que la seconde fois qu'il visita ces
ruines imposantes, il vit que d'ignobles troupeaux en obs-
truait l'intérieur.
Malheureusement, Garcia était pour son temps un
bon naturaliste; ce n'était pas un Archéologue et en bonne
foi on ne pouvait pas lui demander l'aptitude nécessaire
pour se livrer avec quelque succès à ce genre d'étude.
Nos vieux voyageurs, même ceux du XVIIme siècle nous en
fournissent la preuve.
Il était tout naturel que Garcia de Orta dit tout simple-
ment comme je l'ai fait remarquer dans mon article de la biogra-
phie Didot, dès l'année 1864 que, c'était sur le toit du temple
du Paganisme.
ce que l'on nomma dans ces temples souterrains de Salsette
ce furent les Statues grandioses des Elephants.
Les Archéologues du temps d'Alexandre le grand
n'auraient pas pu [illegible] nous en dire davantage....